

Armas da sedução

série HOMENS MARCADOS
Rome

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES & USA TODAY

JAY CROWNOVER

V&R

Armas da sedução

Armas da sedução

série HOMENS MARCADOS
Rome

JAY CROWNOVER

V&R EDITORAS

Edição: Paolla Oliver
Editora-assistente: Natália Chagas Máximo
Tradução: Cassandra Gutiérrez
Preparação: Luciana Soares da Silva
Revisão: Luciana Araujo
Capa e design/ePub: Pamella Destefi
Imagem de capa: © momentimages/Tetra Images/Corbis

Título original: *Rome*

© 2014 Jennifer M. Voorhees.
© 2015 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 – Vila Mariana
CEP 04020-041 – São Paulo – SP
Tel./ Fax: (+5511) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

eISBN 978-85-7683-919-4

1ª edição, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Crownover, Jay
Armas da sedução [livro eletrônico] / Jay Crownover; [tradução Cassandra Gutiérrez]. – São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2015. – (Série homens marcados; v. 3)
905 Kb; ePUB

Título original: Rome.
ISBN 978-85-7683-919-4

1. Ficção erótica 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

15-06367 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura norte-americana 813

Este livro é dedicado a todos os homens e todas as mulheres que serviram aos Estados Unidos em qualquer atividade das Forças Armadas. Obrigada por seus serviços.

E também a todas as famílias, aos amigos e aos entes queridos que amam e apoiam seus soldados enquanto eles estão perto, longe ou no meio do caminho.

INTRODUÇÃO

ANTES DE QUALQUER COISA, gostaria de dizer que só posso sentir respeito e admiração pelos homens e mulheres das Forças Armadas dos Estados Unidos. Acho incrível escolher prestar serviço militar pelo bem dos outros. É um ato altruísta, heroico e extremamente louvável.

Moro perto do Forte Carson, em uma cidadezinha cheia de homens e mulheres da ativa. Como meu avô era do exército, minha mãe pôde conhecer o mundo todo quando era jovem. Meu primo também foi do exército, serviu no exterior, e é um jovem encantador e maravilhoso de verdade. Ele voltou para casa afetado por essa experiência. Meu emprego mais recente foi em um bar perto de uma universidade, aqui onde moro, o ponto de encontro extraoficial de um grupo de ex-soldados que voltaram a estudar em razão da Lei de Reintegração dos Soldados Norte-americanos, que prevê benefícios para os militares reformados poderem reconstruir suas vidas depois de servir ao país. Ouvi muitas histórias, algumas boas, outras ruins. Vi os altos e baixos de quem sai do serviço militar. Dito isso, *Armas da sedução* não pretende, de forma alguma, ser um retrato generalizado ou verdadeiro da vida que esses homens e mulheres levam.

Rome é um herói em jornada, como todos nós, e está apenas tentando fazer o melhor que pode. Todas as liberdades que tomei em relação à verdade são invenções minhas, com o único objetivo de desenvolver esse personagem e contar a história dele.

Obrigada a todos e boa leitura!!!

Jay

CAPÍTULO 1

Cora, no dia 4 de julho

O QUE EU MAIS GOSTO NESTE MUNDO é de ter todas as pessoas que amo reunidas em um só lugar. E se for em um dia de folga, com cerveja gelada, churrasco e fogos de artifício, eu sou a pessoa mais feliz do mundo.

E eu teria entrado em êxtase se não fosse por uma tempestade, em forma de homem, determinada a acabar com a minha festa.

Foi em um fim de semana de feriado prolongado pelo Dia da Independência dos Estados Unidos. Os meninos que trabalham comigo no estúdio de tatuagem, mais o Jet, o Asa e as meninas, estavam no quintal da casa nova do Rule e da Shaw. Foi um *open house* com churrasco. Era para ser divertido e relaxante. Todo mundo estava com uma cerveja na mão, o Rule e o Jet comandavam a churrasqueira – de um jeito meio ridículo –, mas, mesmo assim, era para ser uma coisa legal. Só que alguém não foi avisado.

Eu estava rolando a minha lata de cerveja suada entre as mãos e me esforçando muito para ficar de boca fechada, porque em poucos minutos cheguei à conclusão de que esse Rome Archer é a pessoa menos divertida que já conheci. Tudo bem, o sujeito acabou de voltar de uma guerra e estava enfrentando um drama familiar bem sério, mas isso não é razão para ficar de cara amarrada e fazer questão de contaminar o clima da festa com aquele péssimo humor.

Desde a hora em que ele entrou pelo portão, ficou debochando e atacando todos que passavam perto daquela fúria descontrolada. Como o mala usava uns óculos modelo aviador espelhado, não dava para ver a expressão dos olhos dele, mas eu quase conseguia sentir o recalque e a insatisfação borbulharem naquele corpo imenso. Nunca tinha conhecido um homem tão parecido com o Incrível Hulk. E, igual ao monstro verde, o Rome tinha um temperamento que deixa

todo mundo morrendo de medo. Eu já estava ficando de saco cheio de ver meus amigos pisarem em ovos perto dele para tentar aplacar sua fúria.

Caramba, ele devia estar pulando de alegria porque aquele putanheiro do irmão dele tinha tomado rumo na vida e engrenado um relacionamento sério com alguém. Devia estar feliz pelo Rule ter encontrado sua alma gêmea e se tornado um homem melhor por causa disso. Mas não. O Capitão Sem Graça só conseguia bufar ou dar uma risadinha sarcástica a quem tentasse puxar conversa com ele.

Não. Eu tinha certeza de que não ia mesmo com a cara do Rome Archer, de jeito nenhum. Ele até podia ser um herói de guerra, um irmão mais velho muito querido, um sujeito que os outros juravam ser legal. Mas, na minha opinião, estava fazendo de tudo para ser um grande idiota e deixar todo mundo se sentindo arrasado como ele.

Os meninos que cresceram com ele e até mesmo a minha amiga Shaw ficam repetindo aquela lenga-lenga de que o ex-soldado é uma pessoa muito legal, que apenas está sofrendo desde que voltou para casa. Eu não acredito muito nisso, porque nada do que vi até agora indica que ele é outra coisa além de um mal-humorado, meio louco, que gosta de humilhar os outros. Uma pena, porque ele é muito gato, daqueles que doem de tão gatos. Todo mundo na família Archer tem uns genes arrasadores. O Rule, que trabalha comigo e é meu melhor amigo, tem aquele jeito meio perturbado, *bad boy* e estiloso, mas o Rome é a mais perfeita expressão da masculinidade.

É alto, muito mais alto do que todos os meninos, o que significa muita coisa, porque não dá para dizer que nenhum dos meninos é baixinho. E é grande, corpulento, cheio de músculos que parecem ter sido usados para sobrevivência, não só para aparecer. Tem cabelo preto, bem curtinho, quase raspado, e, por trás daqueles óculos espelhados, não tem como não notar uma cicatriz branca que atravessa a sobrancelha e acaba perto do olho. Aquele rosto tem uma expressão tão intensa que faz dele um tipo estupidamente gato, mesmo se ele não tivesse aquele corpo feito para fazer o sexo oposto perder a cabeça. Aposto que, se o Rome se desse ao trabalho de sorrir de vez em quando, mulheres do país todo iam ficar molhadinhas.

Eu dei uma olhada para outro colega meu, o Nash Donovan, que estava de pé atrás de mim, com as mãos apoiadas nos meus ombros. O Nash é o melhor amigo do Rule e, naquele momento, estava morando com aquela montanha feita de trevas e tristeza sentada do meu lado, no gramado. A cadeira de praia onde o sujeito estava sentado parecia que ia arrebentar a qualquer momento com aquele peso todo. Não consigo nem imaginar alguém tão calmo e fofo como o Nash morando com uma pessoa tão amarga e ranzinza. Mas, considerando que ele e o Rule praticamente idolatram o Rome, achei melhor não me meter.

– E aí, Tink?

Era uma pergunta simples, mas com muitas segundas intenções. Descobri recentemente que o meu primeiro amor, o responsável por despedaçar meu jovem coraçãozinho em um milhão de pedaços, ia casar no final do verão. Isso era difícil para mim, e todos os meninos do estúdio estavam preocupados comigo, porque costumo ser inabalável.

– Ah, o de sempre: ainda estou procurando meu par perfeito.

Essa era a minha resposta-padrão. Para não cair no mesmo erro, entregar meu coração tão sem cuidado, eu estava decidida a esperar pela pessoa que ia entrar de cabeça em um relacionamento comigo. Não vou me contentar com nada menos do que a perfeição, mesmo que tenha que esperar até o fim dos meus dias. Só de pensar em me comprometer e acabar toda perdida e arrasada como fiquei quando eu e o Jimmy terminamos, fico apavorada.

– Tink?

A voz do Rome era mal-humorada e dura, como aquele rostinho maravilhoso dele.

O Nash abafou o riso e foi se sentar do lado do mais velho dos irmãos Archer.

– Tinker Bell. Ela parece uma versão *punk* da fadinha.

Uma sobrancelha preta levantou por trás daqueles óculos de sol, e sorri para ele, com toda minha doçura. Pareço mesmo uma fada dos quadrinhos. Sou baixinha, tenho cabelo loiro espetado que meio que fica todo desarrumado, e meus olhos são de cores diferentes. Tenho o braço esquerdo fechado com uma

tatuagem bem irada de flores e filigranas, que começa no meu ombro e termina no pulso. É demais, bem alegre. Adoro as cores vibrantes e, vira e mexe, troco o *piercing* da minha sobrancelha para combinar com uma delas. O apelido me cai bem e até gosto quando os meninos me chamam assim, porque é sinal de que eles me amam tanto quanto eu os amo.

O Rome arrancou os óculos de sol e esfregou as mãos nos olhos. Quando terminou, pude ver que os olhos dele não só são do azul-claro mais lindo que já vi, mas também têm umas olheiras enormes e estavam com uns raios vermelhos. Definitivamente, ele é um gato, mas estava com uma cara horrível.

– Eu não devia ter vindo. Isso tudo está errado. Está todo mundo fingindo que é muito legal o Rule e a Shaw brincarem de casinha. Isso vai explodir, e eles vão acabar se destruindo, e eu é que vou ter que segurar a onda.

Primeiro, achei que não tinha ouvido direito, mas percebi que o Nash se encolheu todo, e que Rowdy, meu outro colega lá do estúdio, ficou tenso. Até agora, parece que ele era o único nessa festinha que não tinha sofrido lavagem cerebral e entrado para o fã-clube do Rome Archer. Que bom, porque o Rowdy provavelmente é o único homem que poderia dar de dez a zero no soldado no quesito força física, caso ele resolvesse causar problemas.

– Amigão, relaxa. Fica feliz pelo Rule e pela Shaw. Eles são a sua família – disse o Nash.

Ele sempre foi o mais pragmático dos meninos, mas eu percebi uma tensão naquela voz.

Arranquei o lacre da minha latinha de cerveja e espremi os olhos. Não ia deixar o sujeito estragar a festa do meu amigo, mesmo que ele estivesse determinado a fazer isso. Aqueles olhos eram mesmo bonitos demais para estar em um rosto tão amargo, que fazia careta para o Nash. Literalmente consegui sentir o calor daquela raiva gratuita saindo dos ombros largos dele. Até agora, eu tinha ficado de boca fechada, só observando e avaliando a situação. Fiquei bebendo a minha cerveja quieta no meu canto e deixei todo mundo tentar fazer esse mala relaxar. Eu estava ali para me divertir, para curtir a reunião com os meus amigos, para comemorar que duas pessoas que eu adoro decidiram morar juntas e também a felicidade de outras duas pessoas recém-casadas que eu amo

e considero minhas amigas. Minha turma estava se arranjando rápido e, para mim, isso era motivo de comemoração. Sei o quanto é difícil encontrar o par perfeito e amo quando as pessoas de que eu gosto conseguem. Era bom o Capitão Sem Graça entrar no clima já, ou a coisa ia ficar feia para o lado dele.

– Isso não faz bem a ninguém. Sei lá o que eu estou fazendo aqui. Isso tudo é uma grande piada. Vocês aí nem sabem o que estão fazendo nem como é o mundo de verdade.

Percebi que o Nash piscou, surpreso. Vi o Rowdy ficar de pé, e meu instinto me disse que ele não ia atrás do Rome, mas de outra pessoa.

Espremi os meus olhos quando aqueles outros, azuis-bebê, passaram por mim. Vai ver o sujeito pensou que tudo bem dizer isso para mim porque bato no peito dele. Vai ver achou que sou boazinha porque estava com uma frente única cor-de-rosa e um shortinho branco e tinha cara de quem era modesta e nada ameaçadora. Vai ver achou que sou paciente e submissa porque não me dei ao trabalho de dizer nada desde que ele entrou causando e começou a estragar o meu lindo feriado. Levantei a sobrancelha que tinha o cristal cor-de-rosa e olhei bem no olho dele.

Sei lá o que o Rome estava pensando, mas fiz questão de mostrar que estava errado, levantando com toda a calma, me inclinando na direção dele e acabando com o resto de cerveja ao praticamente esmagar a lata na cabeça do imbecil. A cerveja escorreu em câmara lenta pelo rosto dele, e eu cheguei tão perto que nossos narizes quase encostaram.

– Você é um bosta, sabia?

Eu sabia que o volume da minha voz tinha alcançado todo o pátio, e ouvi barulho de pés correndo na nossa direção. Aqueles olhos elétricos piscaram para mim, e posso jurar que vi alguma coisa se soltar naquela tempestade que se escondia ali. Já ia mandar um discurso sobre boas maneiras, respeito e ser um idiota só por gosto, mas um braço pesado me agarrou pela cintura e me puxou para um peito musculoso.

O grandalhão ficou de pé mas, antes que pudesse fazer qualquer movimento na minha direção, o Rowdy se enfiou na frente dele, e o Nash me carregou na direção do deque, para longe daquele gigante carrancudo e encharcado de

cerveja.

Apontei na direção dele e fiquei observando o sujeito piscar os olhos na tentativa de se livrar daquela meleca de bebida.

– A gente não precisa de toda essa energia negativa, Capitão Sem Graça. Por que você não vai espalhar suas trevas e sua tristeza em outra freguesia? Por mim, pode levar essa droga toda de volta para o deserto, porra! A gente está muito bem sem você. Só porque não encontra nada que o faça feliz não quer dizer que precise estragar o que estamos tentando fazer aqui hoje.

Xinguei o Nash quando ele me deu um apertão nada suave para me avisar que eu tinha que baixar a bola e retribuí a gentileza dando uma cotovelada nas costelas dele. Meu amigo rosnou e me pôs no chão do deque, no lugar que a Shaw tinha acabado de vagar. Todo mundo ficou olhando em silêncio o Rule pôr o dedo na cara do irmão. Quis gritar para a Shaw não se meter entre os dois, mas, se o Rule pirasse, ela era a única que poderia apagar aquele incêndio. Fiquei me sentindo meio mal de ter posto lenha na fogueira, até porque eu nem conhecia o sujeito tão bem.

Dava para ouvir os homens falarem alto, usando palavras pesadas, e a gente ficou sem ar quando o Rule deu um empurrão no Rome, derrubando a cadeira. O Rowdy tirou a Shaw do caminho, e senti uma pontada de culpa por ter começado aquela cena justo em um dia que deveria ser de comemoração.

Os irmãos tinham quase a mesma altura, mas eu sabia que o Rule dava de dez a zero no irmão no quesito marra. Só que o Rome é inegavelmente mais alto e musculoso, parece um animal selvagem. Se quisesse mesmo machucar o Rule, a briga ia ser feia, e os meninos iam ter que apartar os dois. Mordi o lábio e tentei me soltar do Nash, mas ele me apertou ainda mais.

– Você cutucou a onça com vara curta, Tink. Agora é melhor torcer para alguém conseguir colocar ela de volta na jaula.

Fiquei sem ar e me segurei para não cobrir os olhos quando o Rome simplesmente jogou o Rule no chão, com a mão espalmada no peito dele. Baixou a voz e disse algo que a gente, no deque, não conseguiu ouvir, mas a Shaw caiu no choro e grudou no peito do Rowdy. Juro que aqueles olhos azuis procuraram os meus antes de ele se virar girando os coturnos pretos pesados e

sair correndo do pátio. O portão ficou batendo, e o ronco do motor da moto dele encobriu qualquer outro som. O Rule ficou de pé e abraçou a namorada, que estava chorando.

O Nash me deu um último apertão e finalmente me soltou.

– Você não consegue mesmo se controlar, né, Cora?

Cruzei os braços em cima do peito, em um gesto de provocação, e fui sentar ao lado do único integrante do nosso grupinho que não se apavorou com aquele dramalhão todo. Provavelmente, por estar com a perna toda engessada e ter várias costelas quebradas, machucados e galos por causa de uma briga épica. O Asa Cross é um enigma e tem seus próprios dramas. Perto dos problemas dele, aquela cena deve ter parecido boba e bem desinteressante.

– Ele é um cuzão.

Meu amigo sacudiu a cabeça para mim e me lançou um olhar de grande reprovação.

– Não é, não. Não sei o que está rolando, mas desde que saiu do exército e voltou para cá o Rome anda meio estranho. Ele é legal. Você sabe que não defendo ninguém em quem não acredito.

Revirei os olhos e retruquei:

– Ele está sendo horrível com o Rule e a Shaw, e eu não vou ficar sentada, olhando.

– Isso é um assunto de família. O Rule sabe se defender e não vai deixar nada de ruim acontecer com a Shaw. Relaxa, tá? Está tudo certo. O Rome não é... sei lá o que você acha que ele é, tá bom?

Dei um suspiro e peguei a fatia de melancia que aquele gatinho de olhos dourados que foi morar na minha casa no mês passado me ofereceu. Dei uma piscadinha para o Asa e fiz sinal para o Nash cair fora.

– Eu amo vocês. E esse sujeito tem que aprender a mexer com alguém do tamanho dele.

Meu cabelo estava todo bagunçado quando o Nash saiu do deque e foi ver como é que estava o amigo dele.

– Tipo você?

– Por acaso isso é uma piada de baixinho?

Ele nem respondeu, saiu correndo escada abaixo, mas deu uma risada profunda. Fiz outra careta porque o Jet e a Ayden, os dois recém-casados que moram comigo, além do irmão rebelde da Ayden, me pegaram olhando para eles. Os dois estavam se beijando e eram fofos demais para serem ignorados.

– Viu só? Eu sempre disse que vocês foram feitos um para o outro. É isso que eu quero pra mim.

Sabia que o que eu tinha dito era meio deprê, mas não conseguia disfarçar na minha voz o tom de desejo daquele tipo de amor, de conexão. Já achei que tinha encontrado isso uma vez e, quando descobri que não, quase morri.

– Eu vivo te falando para não ter grandes expectativas.

O Jet tentou ser atencioso, mas não sabia nada sobre o meu noivado cancelado nem que o meu ex-noivo planejava se casar no fim do verão.

– O amor não é perfeito. Dá muito trabalho e, às vezes, dá mais trabalho amar do que sair correndo. Se você continuar buscando a perfeição, vai deixar o amor de verdade passar batido.

Balancei a mão, demonstrando que não queria ouvir, porque sabia que ele falava por experiência própria. Até conseguir ficar com a Ayden, meu amigo tinha feito várias paradas na terra da idiotice, mas os dois tinham conseguido se acertar, e eu só podia ter esperança de um dia conseguir um resultado lindo desses. Fui sentar de novo perto do Asa e pude jurar que ele estava analisando todo mundo. As engrenagens por trás daqueles olhos dourados estão sempre maquinando.

– Quando eu encontrar, vou saber.

Falei isso para o Jet, mas na verdade estava tentando convencer a mim mesma de que era verdade. Não vou mais ser enganada por um rostinho bonito e por promessas de amor eterno. Não vou mais ser motivo de piada para ninguém nem ser descartada nunca mais. O fato de tantos amigos meus estarem entrando de cabeça no mundo do felizes para sempre trazia uma esperança ao meu coraçãozinho cansado: não vai demorar muito para isso acontecer comigo também.

Quando recebi o convite de casamento que o Jimmy teve a crueldade de me mandar por e-mail, acordei para a vida. Tinha amado com todo o meu coração

um homem que me traía, mentia para mim e me fazia de trouxa na frente de todo mundo. Eu queria passar o resto da minha vida com ele, abrir um negócio e ter filhos. Queria tudo com o Jimmy. E ele, por sua vez, queria trepar com as clientes que tatuava e ir me empurrando com a barriga o maior tempo possível. Se eu não tivesse voltado para o estúdio uma noite, porque tinha esquecido uma coisa, e pegado o Jimmy no flagra com uma menina que mal tinha saído da adolescência, era bem possível estar casada com aquele rato maldito até hoje.

O que mais me dói é que todo mundo sabia. As pessoas que eu considerava minhas amigas, meus colegas de trabalho, que eu considerava minha família, todos eles sabiam e nunca me disseram nada. Me deixaram bancar a idiota, deixaram o Jimmy pôr minha saúde em risco, me usar e me humilhar, sem darem nem um pio. Foi horrível. Se o Phil, um velho amigo do meu pai, não tivesse vindo para Denver visitá-lo quando o mundo estava caindo na minha cabeça, nem sei onde eu estaria agora. Os meninos do estúdio me salvaram.

– A Ayd e o Jet acabaram de sair de fininho pelo portão lateral. Pelo jeito, você é que vai ter que levar o aleijadinho para casa.

Olhei para o Asa e depois para o portão, que ainda balançava. Fiz um comentário engraçadinho sobre recém-casados, mas não fui muito adiante no papo, porque a Shaw sentou do meu lado e secou as bochechas molhadas com as costas da mão. Os outros meninos vieram atrás, carregando os restos torrados do churrasco que o Rule estava fazendo.

Estiquei o braço para dar um tapinha na perna da minha amiga. A Shaw é uma mulher linda. Tem aquele tipo de beleza etérea, de ser do outro mundo, que leva um tempo até você se acostumar. Senti uma pontada no coração de ver os grandes olhos verdes dela com uma expressão tão triste. Ninguém quer fazer a Shaw chorar. É como dar um chute na bunda de uma princesa dos contos de fada que já está caída no chão.

Os meninos ficaram em volta da comida e começaram mais uma rodada de cerveja. Pelo jeito, iam lidar com aquela situação do velho e bom modo masculino: ignorando solenemente. Não posso culpá-los. Nenhum deles parecia muito a fim de pedir para o Rome parar com aquele comportamento ridículo, e conheço cada um deles muito bem para saber que "cabeça-dura" é um

eufemismo quando encasquetam com alguma coisa.

– Você está bem?

A Shaw piscou para mim e me deu um sorriso sem graça. Ela é assim, sempre quer ver todo mundo bem.

– Vou sobreviver. Por um lado, acho que os dois deviam se cobrir de porrada para resolver sei lá o que está rolando entre eles. Mas também acho que o Rule não tem noção de quando parar, e o Rome pode acabar matando o irmão se perder o controle. Sei lá o que aconteceu com ele nessa última missão, mas esse não é o Rome que eu conheço desde pequeno.

Levantei a sobrancelha do *piercing* e peguei o prato que o Rowdy me ofereceu quando sentou na minha frente e pôs os pés no braço da minha cadeira. Fiz uma careta, mas acabei perdoando, porque ele me trouxe uma cerveja.

– Sabe, todo mundo fica falando, mas eu vi o irmão mais velho do Rule umas duas ou três vezes e nunca achei que ele fosse, assim, um saco de risadas. O sujeito está sempre tenso pra caramba.

A Shaw pegou o prato que o Rule trouxe e chegou mais perto de mim dando lugar para o namorado sentar no banco. À primeira vista, os dois formam um casal estranho. Mas o amor deles é algo tangível, e tive que me segurar para não ficar com inveja.

– Rola muito mais coisa além do lance do Remy.

A voz profunda do Rule era de mau humor, e dava para ver que ele estava ruminando a última briga com o irmão.

Eu abri minha cerveja e pus mais lenha na fogueira.

– E daí que rola muito mais coisa? O sujeito fica de cara amarrada sem ter motivo nenhum. Ele que se foda.

O Rowdy sacudiu a cabeça, me reprovando, e a Shaw e o Rule reviraram os olhos. Como sempre, o Nash teve que ser a voz do bom senso.

– A gente não risca do caderninho as pessoas de que a gente gosta, Cora. Você sabe muito bem disso.

Sei mesmo. Essa turma é super leal e honesta, e é por isso que eu amo tanto todos eles. Só que odeio ver uma pessoa causar tanto sofrimento a tanta gente

maravilhosa.

– Preciso dizer que fico feliz de ele não ter o teu temperamento, Rule. Acho que, se ele te desse um golpe com aquele mãozão, você ia acabar que nem o Asa.

O Rowdy apontou para o *playboy* do sul com a cerveja.

O Asa tinha apanhado tanto que passou várias semanas em coma. Foi um verdadeiro milagre ter saído dessa sem grandes sequelas.

O Rule resmungou e pôs o braço em volta da Shaw, que se encostou no namorado. Os dois são tão fofos que fico sem palavras. Tive que segurar um suspiro de inveja. O Rule olhou para o portão, por onde o Rome tinha acabado de sair, e disse:

– Ele nunca foi muito brigão. Tipo, quando a gente era mais novo, ele até entrava nas confusões em que eu me metia com o Nash, mas nunca foi do tipo que começa a briga. É por isso que não entendo o que está acontecendo com ele ultimamente. Mas estou ficando de saco cheio.

O Nash abafou uma risada e apontou para mim com o garfo.

– Para ser justo, foi a Tink que começou. Precisava mesmo ter derramado cerveja nele?

Tentei fazer cara de inocente. Não era muito o meu forte, então dei um sorriso que não adiantou muita coisa.

– Eu podia ter dado um soco no nariz dele, mas não tinha uma escada por perto.

Todo mundo deu risada, porque sou mesmo minúscula perto do mais velho dos irmãos Archer. O riso deu uma levantada no astral pesado que ele trouxe. A gente terminou de comer, tomou mais umas cervejas... Os meninos, pelo menos, tomaram. Eu tinha que levar o Asa para casa e não ia me arriscar a ser pega no teste do bafômetro em um feriado que já tinha sido tão "agradável". Os meninos esperaram escurecer e foram para o gramado acender fogos de artifício, porque, para falar a verdade, não passam de uns criançõe cheios de tatuagem.

Fiquei de novo sozinha com a Shaw no deque e percebi que, apesar da tristeza momentânea naquele rostinho lindo, ela praticamente emanava

felicidade. Passei o braço pelo ombro da minha amiga e encostei minha cabeça na dela. Sou uns anos mais velha do que a Shaw, mas a pobrezinha passou por tanta coisa nesses últimos anos... Sei que merece cada gota de felicidade que tem neste momento.

– Você se deu bem, gata. Pegou o homem de jeito, a casa é simplesmente incrível, e tudo isso é muito bom. Não se preocupa com mais nada. Você e o Rule têm que viver este momento e esquecer do resto.

Ela deu risada e apertou a minha mão que estava em cima do ombro dela. Um monte de cores diferentes iluminou o céu, e dava para ouvir o riso dos garotos lá no gramado.

– Às vezes, me sinto meio egoísta. Consegui tudo o que eu sempre quis, e nem tudo é perfeito, mas tenho mais dias bons que ruins. Sinto que não tenho direito de querer mais – ela suspirou tão fundo que até eu senti. – Só que o Rome acha que é tudo uma piada, e isso me magoa. Não sei por que ele está tão puto da vida. Sempre amei o Rome como se fosse meu irmão, e isso me machuca tanto...

– As coisas vão se resolver, você vai ver.

E eu ficaria feliz em ajudar se fosse preciso.

A Shaw não falou nada por um tempão, e a gente ficou só olhando aquelas pequenas explosões e sorrindo para os meninos, que estavam se divertindo muito, óbvio. Talvez uma de nós duas devesse ter dito que combinar bebida e fogos de artifício não era lá uma grande ideia, mas o Capitão Sem Graça já tinha ido embora, e eu é que não ia bancar a desmancha-prazeres.

– Já disse que você é a pessoa mais inteligente que conheço, Cora?

A Shaw falou baixinho, e considerei um elogio, já que vinha de uma garota que estava estudando medicina.

– Eu só digo o que eu vejo.

E é mesmo. Sou da Costa Leste, do bairro nova-iorquino do Brooklyn, para ser mais exata, filha única de um marinheiro que não sabia o que fazer com a filha rebelde. Amo meu pai, ele é meu único parente, e sei que ele também me ama, mas a gente não se dá bem. Por isso aprendi desde cedo a falar sem rodeios e a não ter medo de partir para a briga. Era o único jeito de conseguir me

comunicar com ele. Ou seja: se precisarem de alguém para pegar o Rome Archer e falar para ele deixar de ser idiota, estou super a fim. Não idolatro o sujeito nem tenho medo dele. Pode até ser gigante, mas eu é que não vou ficar parada, só olhando ele causar tanto sofrimento às pessoas de quem gosto tanto.

CAPÍTULO 2

Rome

NÃO ACREDITEI QUE AQUELA DUENDE MALUCA teve coragem de jogar cerveja na minha cabeça. Para começar, ela mal bate no meu ombro. Além disso, parece uma bala falante e ambulante. Tudo nessa garota é tão colorido que quase dói só de olhar.

Eu devia estar furioso, mas ela tem razão. Sou um bosta. Não tinha motivo para falar um monte de merda para o Nash nem sair na mão com o Rule. Só estava procurando um alvo em que despejar minhas frustrações, e essas são as pessoas mais próximas de mim. Talvez seja mais fácil descarregar minha irritação neles, porque sei que vão me perdoar. Precisava encontrar um lugar para beber e tentar pôr minha cabeça em ordem. Um lugar escuro e tranquilo, sem ninguém que espere que eu seja ou aja de determinado jeito. Estou cansado de não corresponder às expectativas dos outros. Não sou um sujeito paradão. Estou acostumado a partir para a ação, a estar no comando e liderar. Mas, desde que voltei para Denver, só consigo deixar todo mundo que conheço puto e encher a cara de vodca. Estou descendo o morro de um jeito que isso vai acabar comigo, mas não tenho forças para parar. E o que aconteceu no churrasco foi só uma prova disso.

Parei no primeiro bar que vi e achei que ele ia dar conta do mau humor em que eu estava. Dia da Independência o caralho. Estava de saco cheio de gente animada e gritando. Queria me enfiar em um buraco e voltar no tempo, para a época em que me sentia à vontade e sabia o que estava fazendo. Odeio me sentir como uma visita na minha própria vida. E, por mais que tente me convencer de algo diferente todas as manhãs, não consigo me livrar da impressão de que, depois que saí do exército, voltei para a vida de outra pessoa. Não me sinto bem com a minha família. Também não me sinto bem com a

nova dinâmica do meu relacionamento com o Rule. E não me sinto bem tentando me acostumar a ver a Shaw sendo cuidada pelo folgado e irresponsável do meu irmão mais novo. Não me sinto bem morando na casa do Nash enquanto tento dar um jeito nesse monte de lixo. E o que mais me faz sentir mal é não ter nenhum trabalho em vista nem como me sustentar sem ser entrando em uma guerra.

O bar era escuro, nada a ver com o tipo de lugar que as pessoas procuram para beber e se divertir no feriado de 4 de julho. No fundo, em volta de umas mesas de bilhar bem detonadas, tinha uns homens com roupa de motoqueiro, com distintivo de gangue e tudo, com jeito de que levavam aquilo muito a sério. Mais para a frente, tinha vários homens mais velhos que pareciam não levantar nunca daqueles bancos de bar, nem para ir em casa tomar banho. Tocava Neil Young bem alto, mas ninguém ali estava com cara de que ia cantar esse clássico do *rock*. Não era o tipo de lugar que os urbanoides descolados que lotam os bares do bairro Capitol Hill quando o tempo melhora frequentam. Sentei no balcão e esperei o garçom me atender.

Ele era quase do meu tamanho, o que é bem raro, só que devia ter uns trinta anos a mais. Tinha uma barba que parecia o ninho de uma família inteira de esquilos, olhos cor de carvão e a fisionomia sombria que só os homens que presenciaram o pior que o mundo tem a oferecer e sobreviveram para contar a história têm. Quando ficou na minha frente e jogou um porta-copos gasto no balcão, não me surpreendi nem um pouco com a tatuagem dos fuzileiros navais que vi naquele antebraço musculoso. Notei que ele ficou me medindo, mas estou acostumado com isso. Sou um homem grande, e os outros grandalhões como eu gostam de avaliar se vão conseguir dar conta se eu resolver causar problemas.

– Amigo, você está fedendo mais que uma fábrica de cerveja. Tem certeza de que precisa tomar mais uma?

Fiz careta até que me lembrei daquela baixinha loira que jogou cerveja na minha cabeça. Ela bem que poderia ter demonstrado sua opinião de um jeito melhor, em vez de ensopar minha camiseta. Não sei o que pensar dessa Cora Lewis. A garota está sempre por perto. A gente nunca conversou direito. Ela fala

muito alto e tende a ser meio dramática, haja visto o banho de cerveja que eu tinha acabado de levar. Ficar perto dessa garota me dá dor de cabeça, e não gosto do jeito que ela tem de ficar me encarando, com aqueles olhos um de cada cor, parece que quer me dissecar.

Tirei os óculos de sol da cabeça e pendurei na gola da camiseta.

– Briguei com a fadinha errada, e ela derrubou bebida na minha cabeça. Estou sóbrio – respondi.

O sujeito me olhou de cima a baixo e deve ter concluído que sou boa gente, porque, sem eu pedir, colocou uma torre de cerveja na minha frente, mais uma dose de alguma coisa forte e cor de âmbar. Normalmente, bebo vodca. Mas, quando aquele grandalhão serviu uma dose para ele mesmo e foi lá se sentar do meu lado, não ousei reclamar.

Levantou a sobrancelha gigante e bateu o copo dele no meu.

– Você é do exército? – perguntou.

Balancei a cabeça e virei a dose. Desceu queimando. Se não me engano, era uísque.

– Era. Acabei de sair fora.

– Quanto tempo você serviu?

Passei a mão no cabelo, que ainda estava bem curto. Depois de raspar a cabeça por tanto tempo, não sei o que fazer com ele.

– Entrei com dezoito anos e vou fazer 28. Quase uma década.

– E o que você fez?

Não costumo responder a essa pergunta porque, para ser sincero, a resposta é longa, e quem não esteve no exército simplesmente não entende.

– Fui chefe de operações de campo.

Aquele homem, que mais parecia um urso, assoviou e perguntou:

– Operações especiais?

Respondi que sim com um grunhido e peguei a cerveja.

– Aposto que seus companheiros ficaram tristes quando você decidiu vir embora.

Na verdade, quem ficou triste fui eu. Não me consideraram mais apto para ficar na ativa. Machuquei feio o ombro quando passamos por cima de uma

bomba de fabricação caseira, na minha última missão. Além disso, não consigo mais me concentrar com aquele monte de merda que fica martelando na minha cabeça. Podia ter ficado em um cargo administrativo, claro, sair da linha de fogo e treinar a próxima geração de soldados. Mas não sou bom professor, e ficar sentado em uma mesa, para mim, é a mesma coisa que me aposentar. Então saí e não faço a menor ideia do que fazer da vida, droga!

– E você? – perguntei, apontando para a tatuagem no braço dele. – Serviu quanto tempo?

– Muito tempo, filho. Tempo demais. E por que você veio aqui hoje? Não é um dos meus fregueses regulares.

Olhei em volta e dei de ombros. Até ali, aquele lugar combinava perfeitamente com meu estado de espírito.

– Só saí para tomar um drinque em honra aos Estados Unidos, como todo bom patriota.

– Como todos nós.

– É isso aí.

Eu tive que me esforçar para não enxugar a cerveja e pedir para o sujeito não parar de mandar mais.

– Meu nome é Brite, sou o dono desse bar. Acabei aqui porque, quando saí da marinha, comecei a passar mais tempo no bar do que em casa. Já sobrevivi a três mulheres e a três pontes de safena. E o bar continua fiel.

Levantei a sobrancelha que tem uma cicatriz e dei um sorrisinho.

– Brite?

Ele parecia um lenhador gigante ou um integrante da gangue de motoqueiros Hell's Angels. Aquele nome não combinava nada com ele.

Um sorriso apareceu no meio daquela barba imensa. Os dentes perfeitamente brancos daquele homem eram a única coisa clara naquele bar.

– Brighton Walker, mas pode me chamar de Brite – ele esticou a mão, que apertei sem pensar.

– Rome Archer.

O sujeito sacudiu a cabeça um pouquinho e voltou ao bar, para atender outro freguês.

– Bom nome para um guerreiro – disse.

Fechei os olhos por um momento e tentei lembrar como era ser um guerreiro de verdade. Parecia algo muito distante de mim, daquele banco de bar. Começou a tocar o rock pesado do AC/DC, e resolvi que esse ia ser meu bar preferido daqui para a frente.

Eu estava com minha Harley e sabia que tinha que maneirar na bebida. Ser pego dirigindo embriagado ia ser a cereja do bolo de merda que como todos os dias. Mas, quando a cerveja se misturou com aquele uísque forte, tudo isso perdeu a importância.

Em algum momento da noite, eu tomei outra dose com o Brite. O banco do meu lado, onde um velho grisalho tinha passado a última hora reclamando da mulher e da namorada, ficou vago. Logo uma ruiva com maquiagem demais e roupa de menos sentou ali. Se eu tivesse tomado umas três cervejas a menos, teria percebido que era encrenca. O Brite mandou a garota sair fora, e ela simplesmente ignorou. Era bonitinha, de um jeito "me leva para casa que sou pura diversão", e eu nem lembrava da última vez em que peguei uma mulher qualquer em um bar. Lá no Afeganistão, tinha uma agente da inteligência que era minha foda amiga, quando dávamos a sorte de servir no mesmo lugar ao mesmo tempo. Mas fazia meses que eu não a via. Quem sabe uma trepadinha rápida e sórdida era o que eu precisava para dispersar essa nuvem carregada que paira em cima de mim desde que voltei para os Estados Unidos.

– Como é que você se chama, docinho? – ela perguntou.

Ela tinha uma voz aguda, que me dava dor de cabeça, mas eu estava bêbado ao ponto de conseguir ignorar.

– Rome – respondi.

Percebi que aqueles olhos cheios de maquiagem foram parar em algum outro ponto do bar, e essa devia ter sido a primeira deixa de que a noite não ia acabar em diversão coisa nenhuma.

– Que nome diferente. Eu sou a Abbie. Agora que a gente é amigo, por que não sai daqui e se conhece melhor?

Aí passou as unhas pintadas pelos músculos do meu braço, e, por algum motivo, o vermelho cor de sangue daquele esmalte fez outras imagens

aparecerem diante dos meus olhos, que já estavam embaçados.

Comecei a me afastar, a tentar tirar de cima de mim aquelas mãos que faziam mal ao meu cérebro confuso, mas aí senti uma mão pesada segurando meu ombro por trás. Sou um soldado treinado e, mais do que isso, sou irmão de um sujeito que sempre se meteu em problemas. Sei reconhecer uma encrenca a quilômetros de distância. Sei qual a sensação, como ela se movimenta, que som tem. Mas, mesmo assim, continuei bebendo e ignorando todos os sinais à minha volta. Pelo canto do olho, vi o Brite franzir a testa para quem estava atrás de mim. Mesmo naquele estupor de uísque e cerveja, me dei conta de que aquilo não ia acabar bem.

Dei um suspiro disfarçado e me soltei das garras que me fizeram enxergar sangue saindo da garganta de um jovem soldado e molhando a areia do deserto. Me virei e encostei no balcão, apoiando-me nos cotovelos. Não deveria ter ficado surpreso quando vi que todos aqueles motoqueiros que jogavam sinuca estavam ao meu redor. O sujeito com a mão no meu ombro era um homenzinho mirrado. Meu cérebro embriagado registrou que ele não tinha o distintivo da gangue, o que significava que ou ele só saía com aqueles sujeitos de vez em quando ou estava tentando entrar para o grupo. E eu era o sortudo que ele escolheu para provar aos amigos que era digno de fazer parte da gangue deles. Às vezes é uma merda ser grande.

– Pois não? – perguntei.

A ruiva já tinha sumido há muito tempo, e o Brite dava a volta no balcão. Os velhos ficaram lá sentados, ignorando a confusão como só bêbados profissionais conseguem fazer.

– Você está dando em cima da minha mulher, soldado?

Era tudo tão chato e previsível que fui obrigado a revirar os olhos. Já estive em um monte de lugares no mundo todo e sei que uma briga de bar é só uma briga de bar. Mas se um sujeito que quer entrar em uma gangue de motoqueiro está na parada, a coisa pode ficar bem feia.

– Não. Eu estava me embriagando, e ela me interrompeu.

Acho que o sujeito não esperava por essa, porque a gangue toda deu risada. O Mirradinho estufou o peito e me cutucou. Costumo ser bem razoável. Não

entro em briga a menos que seja por um motivo no qual realmente acredito ou para defender alguém que eu amo. Só que ele escolheu o dia errado para me testar.

Afastei a mão dele com um tapa e dei uma olhada rápida no lugar. Não vi nenhuma arma, mas motoqueiros têm a manha de esconder facas. Além do mais, o Brite parece ser legal, e eu não queria acabar com o bar dele.

– Olha, amigo. Você não quer fazer isso, e eu não quero *mesmo* fazer isso. Você sabe tão bem quanto eu que mandou aquela vadia até aqui para começar uma briga, então vamos parar agora. Vou cair fora, e você e seus amiguinhos podem continuar fumando e jogando sinuca. Ninguém precisa sangrar nem passar por imbecil. Ok?

Pensando bem, tentar conversar amigavelmente com um monte de motoqueiros quando se está bêbado não deve ser uma estratégia muito boa. Em um piscar de olhos, o sujeito quebrou uma garrafa na minha cabeça e me deu uma chave de braço. Parecia que o Mirradinho estava a fim de me matar, e o resto da gangue ficou lá atrás, esperando para ver o que ele ia conseguir fazer. Não queria machucar o sujeito de verdade, mas a garrafa tinha arrancado um bom pedaço da minha pele, e um rio vermelho não parava de correr pelos meus olhos. A visão do meu próprio sangue me levou a outro momento, a outro lugar, igualzinho ao que aconteceu quando vi o esmalte vermelho na unha daquela vagabunda. E aí eu não estava mais brigando com um idiota de um motoqueiro exibido, mas lutava pela minha própria vida, pela liberdade, pela segurança da minha família e dos meus amigos. E, simples assim, o coitado tomou uma que nem conseguiu ver de onde veio.

O sujeito já estava em desvantagem por causa do meu tamanho. Além disso, sou um soldado endurecido pelo campo de batalha e treinado pelos melhores militares dos Estados Unidos. Logo a coisa ficou feia e sangrenta. Nem liguei que ele estava com a turma, e eu, sozinho. Ia fazer de tudo para sair inteiro daquele bar.

Bancos foram quebrados, copos saíram voando. Cabeças bateram no chão. Acho que, em determinado momento, ouvi alguém chorando. Quando tudo terminou, eu fiquei encolhido, com as mãos nos joelhos. O sangue não pingava

só da minha cabeça, mas também das minhas mãos e de uma facada funda que tomei na altura das costelas. A maioria dos motoqueiros tinha caído fora, e não me surpreendi ao ver o Brite segurando um taco de beisebol e olhando feio para mim.

– Que merda foi essa? – perguntou.

Eu teria dado risada, mas acho que a facada que levei era pior do que eu imaginava.

– Um "obrigado por seus serviços" muito ruim?

O velho não gostou do meu toque de humor, me xingou e me obrigou a ficar de pé, por maior que fosse a minha dor.

– Acho que aquele merda não vai entrar para a gangue tão cedo.

O Brite me olhou de novo de cima a baixo e soltou um suspiro.

– Você precisa ir para o hospital.

Não foi uma pergunta.

Tentei limpar o sangue do meu rosto com as costas da mão, mas acabei espalhando tudo mais ainda, e o corte nas minhas costelas não parava de pingar no chão.

– Estou de moto. Acho que não vou conseguir dirigir – falei.

O dono do bar só sacudiu a cabeça, pôs dois dedos na boca e deu um assovio de furar os tímpanos.

– Vocês aí, virem essa bebida e caiam fora. É o último aviso.

Alguns bêbados mais insistentes resmungaram, mas só levou cinco minutos para o Brite trancar a porta da frente, me carregar pela porta dos fundos e me enfiar na cabine de uma picape velha e detonada.

Eu encostei a cabeça no banco, dei um sorriso sem graça para aquele velho senhor e falei:

– Vou pagar todos os prejuízos do bar. Me desculpa.

Ele fungou, me olhou feio e respondeu:

– Tenta não perder todo o seu sangue antes de a gente chegar na emergência, filho.

Até parece que eu tinha escolha.

– Os Filhos do Sofrimento estão sempre lá no bar. Os da antiga são legais.

Como vários são ex-miltares e entendem qual é a proposta do lugar, não costumo reclamar quando vêm. São os moleques mais novos que aprontam esse tipo de merda, para se exibir. Não foi a primeira vez que derramaram sangue no meu chão e duvido que será a última. Vem falar comigo quando já estiver sóbrio e costurado que a gente conversa sobre o que pode fazer para me pagar. Preciso te dizer que você é um lutador e tanto, filho.

Eu teria encolhido os ombros, mas o corte nas minhas costelas começava a arder, e estava difícil ignorar o sangue quente e grudento que saía do meio dos meus dedos. Só soltei um grunhido.

– Não sou, não. Odeio brigar. Ganhei a vida com isso por muitos anos, e o único jeito de sair vivo dessa é ser melhor que o oponente.

Fechei os olhos e rezei para a gente não pegar mais nenhum sinal vermelho. Estava começando a ver bolinhas pretas.

Paramos no estacionamento do pronto-socorro, e o Brite disse, com aquela voz rouca:

– Que pena, filho.

Nem respondi, porque ele tinha razão: era uma pena mesmo.

Não fui atendido logo. Acho que uma facada e uma cabeça cortada não eram prioridade no dia 4 de julho, quando muita gente aparece com os dedos explodidos pelos fogos de artifício. Não queria fazer o Brite esperar, então liguei para o Nash e deixei uma mensagem confusa, dizendo que, em algum momento da noite, alguém ia ter que vir me buscar e me levar para casa. Sei que deveria ter ligado para o Rule ou para a Shaw, mas não estava a fim de lidar com essa dor de cabeça naquele momento e sabia que o Nash viria sem fazer grandes perguntas, apesar de eu ter agido como o maior idiota no churrasco.

– Preciso deixar minha moto no seu bar esta noite. Agradeço se puder ficar de olho nela, caso o Mirradinho seja mau perdedor.

O Brite balançou a cabeça de novo, e vi aquele risco branco dos dentes dele escondido embaixo da barba imensa.

– Bom, poderia dizer que foi um prazer te conhecer, Rome Archer. Só que posso ser muita coisa nessa vida, mas mentiroso eu não sou.

A gente se despediu com um aperto de mão, e prometi que ia lá falar com

ele assim que estivesse em condições.

Tive que esperar mais do que eu gostaria para ser atendido. Na hora em que me chamaram para entrar na salinha esterilizada e puxaram a cortina em volta da cama, tive certeza de que ainda estava consciente só por pura força de vontade. Quando tirava minha camiseta destruída, a cortina se abriu e entrou uma enfermeira muito linda, segurando um prontuário. Ela estava com a cabeça abaixada, lendo alguma coisa, e deu para eu reparar bem nela. Tinha cabelo castanho, meio avermelhado, e comprido, com uma trança que realçava um rosto maravilhoso. Parecia ser uns anos mais nova do que eu, e não pude deixar de reparar que tinha curvas muito sensacionais por baixo daqueles jalecos que todos os profissionais da saúde usam.

– Oi – falei.

Ao ouvir minha voz, olhou para cima e piscou aqueles olhos grandes e cinzentos para mim. Fez uma cara apreensiva, mas não sei se foi porque viu meu peito nu ou porque, àquela altura, eu já estava coberto de sangue da cabeça até a cintura.

– Olá, sr. Archer. Parece que o senhor teve uma noite difícil.

– Com certeza já estive melhor.

Ela pôs umas luvas de borracha e chegou mais perto da cama.

– Nós vamos dar uma olhada na encrenca em que o senhor se meteu, tudo bem?

Aí ela começou a mexer na minha cabeça, e tentei não olhar para os peitos dela. Ela era gata mesmo. Isso tornava menos aguda a dor de ela apertar as minhas novas feridas de batalha.

– Como você se chama? – perguntei.

Não que eu precisasse saber. Provavelmente, nunca mais vou ver essa garota de novo depois de levar uns pontos. Mas os olhos dela eram tão doces e lindos que não consegui me controlar.

Ela me deu um sorriso amigável e tinha uma expressão de quem ia responder. Mas aí a cortina fininha se abriu, e o Nash entrou. Aqueles olhos azuis, cor de lavanda, me fuzilavam com uma mistura de raiva e preocupação. As chamas tatuadas do lado da cabeça dele pareciam ainda mais ardentes,

porque a veia debaixo delas estava pulsando sem parar, de pura irritação.

– Você tem ideia de quanto o Rule vai me encher o saco se descobrir? Caramba, Rome! Qual é o seu problema?

Eu ia responder, mas ele se distraiu com a enfermeira linda, que o estava encarando com o queixo levemente caído. Já tinha me acostumado com a figura dramática do Nash, com a sua presença imponente. Ele e o Rule sempre chamam muita atenção, e isso nunca me incomodou. Mas aquela enfermeira gatinha, de uma hora para outra, ficou com cara de quem tinha acabado de ver um fantasma. E parecia que o Nash estava tentando descobrir de onde a conhecia.

– Só preciso levar uns pontos. Aí você pode gritar comigo o quanto quiser no caminho de casa.

A enfermeira limpou a garganta, jogou as luvas sujas de sangue no lixo e disse:

– Provavelmente essa laceração na cabeça vai precisar de sutura. Está bem feia e é mais funda do que parece. Já o corte das costelas está bem limpo, então acho que você se safa só com a cola cirúrgica. O médico já vem.

Ela mudou completamente de atitude quando o Nash entrou ali. E dava para perceber que meu amigo também notou alguma coisa estranha com a garota. Enrugou o nariz e ficou encarando a enfermeira até ela se sentir obrigada a olhar para ele.

– A gente se conhece? – perguntou.

A garota sacudiu a cabeça com tanta força que a caneta que ela tinha atrás da orelha caiu.

– Não. Acho que não.

O Nash coçou o queixo, apertou os olhos e insistiu:

– Tem certeza? Porque acho que te conheço de algum lugar.

A enfermeira encolheu os ombros e ficou mexendo no estetoscópio pendurado em seu pescoço. Era muito gata e, se eu tivesse disposição naquele momento, poderia ter inventado umas fantasias bem legais, com ela como protagonista.

– Todo mundo me diz isso. Devo ter um rosto comum. Preciso ir. A coisa

aqui vai longe.

Aí a enfermeira me deu um sorrisinho sem graça e sumiu. Nós ficamos só acompanhando ela com os olhos. Eu, por puro prazer de macho. E o Nash, abismado.

– Juro que conheço essa mulher de algum lugar.

– Será que você já comeu ela?

– Não. Quem sabe o Rule, antes de ficar com a Shaw.

Eu bufei e fiquei olhando para o teto. Minha cabeça continuava ardendo.

– Ela parece ser inteligente demais para dar uma dessas.

– Pode ser. Mas vou ficar louco até conseguir descobrir. Que merda aconteceu hoje, hein? Brigar com o Rule já não estava de bom tamanho? Tinha que acabar com um bar de motoqueiros também?

– Viva a América! – falei, e ri amargamente da minha péssima piada.

O Nash fez cara feia e se sentou na cadeira de rodinhas do médico. Perto dele, a coisa era minúscula.

– Sério, Rome. Você tem que parar com essa droga.

Não respondi, porque o médico chegou bem na hora. Devia ter uns cinquenta anos e, pelo jeito, estava terminando de dar um plantão bem longo, porque não perdeu tempo e foi logo me costurando. Me deu uns pontos para poder ir embora, e eu também. Quando acabou, olhou bem sério para mim e disse que era melhor eu dar um tempo na bebida, porque, pelos exames, o nível de álcool estava tão alto que dava para começar um incêndio. Depois dessa, só pude concordar com ele em silêncio.

Rabiscou uma receita de remédio para dor forte, que eu esperava não precisar tomar porque já estava tendo dificuldade com outra substância perigosa, e disse que a enfermeira ia voltar para me dar os papéis da alta. Fiquei todo animado com a oportunidade de dar em cima dela de novo. Mas, quando a garota chegou, deixou bem claro que aquilo era estritamente profissional e que tudo que ela mais queria era que a gente fosse embora.

– Se cuide, sr. Archer, e obrigada por servir ao nosso país.

Ela se virou para sair, e de repente o Nash ficou de pé e estalou os dedos. A enfermeira se encolheu toda, e eu fiz careta.

– Eu sabia que te conhecia! A gente estudou no mesmo colégio. Você é a Santa Ford, não é?

O silêncio foi tão grande que daria para ouvir um alfinete cair no chão. A enfermeira olhou para o meu amigo como se ele tivesse acabado de sair do esgoto.

– Sou, sim. Estou surpresa por você ter me reconhecido. A maioria das pessoas não me reconhece.

O Nash inclinou a cabeça para o lado, olhou bem para aquela mulher e perguntou:

– Por que você disse que não me conhecia, então?

A garota limpou a garganta e ficou mexendo na ponta da trança. Deu para ver que estava bem incomodada com aquela conversa.

– Porque terminei o Ensino Médio há um milhão de anos e tinha uns cinquenta quilos a mais. Não tenho lembranças muito boas daquele tempo. Para falar a verdade, prefiro fingir que nada daquilo aconteceu. Não sei se alguém como você consegue entender isso. Boa noite, e tente ficar longe dos motoqueiros armados de faca, sr. Archer.

Aí saiu da salinha com um ar de arrogância, deixando eu e o meu amigo de queixo caído e sem reação.

– Uau! Você aprontou com ela no colégio? A garota foi bem hostil, considerando que isso foi há tanto tempo.

O Nash encolheu os ombros e me ajudou a levantar. Fiquei um pouco tonto por causa da mistura de álcool e perda de sangue, e ele não me soltou até eu conseguir me equilibrar.

– Provavelmente. O Rule, o Jet e eu éramos uns imbecis. O Remy é que era o sujeito legal.

– Como assim, *eram*? Vocês deviam zoar com a menina porque ela era gorda.

Ao menos o Nash teve o bom senso de fazer cara de envergonhado.

– É bem possível. Eu também não estava lá muito bem na época do colégio. Tinha tanta coisa rolando com a minha mãe e aquele imbecil com que ela se casou que eu não ligava para nada nem para ninguém. Nossa, que saco. A Santa

é muito gata agora.

Nem pensei em vestir minha camiseta empapada de sangue e saí mancando do pronto-socorro.

– É mesmo.

A gente foi até o Dodge Charger 73 dele e me joguei no banco. Aquele não tinha sido o pior Dia da Independência da minha vida, mas também não estava entre os melhores. Tudo o que eu mais queria era ir para a cama e esquecer de tudo, não que isso estivesse funcionando muito nesses últimos tempos.

– Escuta, amigo. Desculpa por tudo o que aconteceu hoje. Vou falar com o Rule e acertar as coisas. Só estou meio confuso.

Aquele motor potente roncou tão alto que me deu dor de cabeça.

– Todo mundo entende isso. Só que você não está dando chance de ninguém te ajudar a resolver essas paradas.

– Vou maneirar. Não sei direito como é que vou fazer isso, mas sei que preciso fazer. Pode dizer para a fadinha raivosa se acalmar.

Ele deu risada.

– Aí já não vai ser possível. A Cora é como um *pitbull*. Quando enfia os dentes em alguma coisa ou em alguém, não larga mais. Você pode tentar pedir desculpas. Ela só quer cuidar da gente e faz isso muito bem.

Fechei os olhos, encostei a cabeça no banco e respondi:

– Teve um tempo em que eu é que cuidava de todo mundo.

Um silêncio pesado pairou no carro, e achei que o Nash não ia falar nada. Mas, depois de uns minutos, ele murmurou:

– Você foi lá para o Afeganistão salvar o mundo todo, Rome. A gente só tentou fazer o melhor que pôde enquanto você estava fora.

Ser grandalhão tem suas desvantagens, e ser um herói para todos também tem suas armadilhas, bem perigosas. Me acostumei a todo mundo precisar de mim, contar comigo. E, agora que ninguém mais precisa, simplesmente não sei o que fazer. Para ser sincero, isso me assusta muito mais do que uma zona de guerra ou uma briga de bar com um bando de motoqueiros armados.

CAPÍTULO 3

Cora

No verão, o estúdio sempre fica mais lotado. Na terça-feira depois daquele churrasco infame, as vadias da tatuagem estavam à solta com tudo. O tempo bom e a falta de roupas levavam as pessoas a querer pôr todo tipo de enfeite no corpo, em lugares bem interessantes e visíveis. Juro por Deus que, desde que o Rule saiu oficialmente da pista, o número de meninas que vêm ser tatuadas por ele dobrou. Nunca vou entender qual é a graça de querer algo que você nunca vai ter, mas tenho que admitir que era demais ficar assistindo às garotas tentarem.

O Trio Terrível estava com a agenda lotada para as próximas seis semanas, assim como os outros tatuadores que completam a equipe do Marcados. Minha agenda não estava tão lotada, porque tenho que encaixar meus clientes depois de cumprir minhas outras funções no estúdio. Naquele dia, um carinha chegou falando um monte, dizendo que queria colocar um *piercing* no freio do pênis, mas nem chegou a tirar a calça e a cueca e me deixar tocar no material. Como isso acontece muito, acabo tendo uma hora livre para perseguir o Jimmy nas redes sociais.

Nos últimos cinco anos, só pensava no Jimmy quando alguma coisa ou alguém me faziam lembrar dele. Mas, desde que aquele convite de casamento apareceu na minha caixa de e-mail, fiquei obcecada. É como se toda minha antiga mágoa e a vergonha daqueles tempos tivessem ficado fresquinhas na minha cabeça, e como se todas as feridas que ele me causou estivessem abertas e sangrando de novo. Sério, se vir esse imbecil outra vez, vou dar um chute no saco dele. Odeio admitir que a garota com quem meu ex vai se casar é uma graça, e que os dois parecem felizes juntos. Só que aí lembro que nós também parecíamos felizes em algum momento do passado, e que isso não o impediu de

me trair.

Os meninos do estúdio estavam ouvindo *punk rock* bem alto. Eu não prestava muita atenção, porque estava perdida no meio das minhas lembranças. Quando dei por mim, tinha alguém encostado no balcão. A sala de espera estava cheia de gente aguardando amigos ou familiares terminarem o que tinham ido fazer, mas não ouvi a campainha anunciar que alguém mais tinha entrado. Achei que era um cliente querendo marcar uma hora. Foi só quando levantei os olhos bem alto que me dei conta de quem era. Alguém que não fiquei nada feliz em ver. Meus sentimentos devem ter ficado estampados na minha cara, porque aquela boca, que eu estava acostumada a ver fazendo careta, estava diferente, dando um sorriso de canto que transformava todo o rosto do Rome.

Não tem como negar que os meninos da família Archer ganharam a loteria genética. A beleza do Rule é camuflada pelos *piercings*, pelas tatuagens e pelo visual alternativo, mas o Rome não tem nada disso. É impossível para o meu lado mulherzinha não reparar nele. Se o exército quiser convencer qualquer mulher fracote de 45 quilos do Colorado até o Brooklyn a se recrutar, só precisa estampar o Rome Archer nos cartazes da campanha. Ele emana aquele ar impetuoso de quem resolve as paradas, e eu não devia achar isso atraente, mas acho, e muito. Ele é tão gato quanto irritante.

Limpei a garganta e fechei a janela do site.

– Você está com uma cara péssima – falei.

E estava mesmo. Ele usava um boné preto com o logo dos Broncos, o time de futebol americano de Denver, mas, mesmo com a sombra da aba, dava para ver que um dos olhos estava machucado. Os nós dos dedos das mãos que encostou no balcão estavam esfolados e cheios de feridas. Fora isso, aqueles ainda eram os olhos mais azuis que já vi, e aquele sorrisinho de nada fazia ele parecer um ser humano de verdade, mais do que se estivesse dando um sorriso de orelha a orelha.

A sobrancelha que tinha uma cicatriz estava repuxando um pouco. Ele tamborilou os dedos no mármore do balcão que nos separava.

– Você tem olhos muito bonitos – disse.

Pisquei de surpresa porque não esperava por essa. Até então, esse garoto só

tinha se mostrado capaz de amargura e tensão. O elogio me pareceu sem propósito.

– Hum. Obrigada?

Meus olhos têm cores diferentes. O esquerdo é azul-turquesa bem claro, bem bonito mesmo. O direito é castanho e flutua entre cor de chocolate quente e de café expresso. Ouço muitos comentários sobre meus olhos, mas nunca pensei que o Rome seria uma dessas pessoas. Para dizer a verdade, acho que essa foi a primeira vez em que ele falou diretamente comigo. Sou boa com as palavras, então não curti ficar sem saber o que dizer só porque ele foi gentil comigo.

– Será que você pode chamar o meu irmão? Preciso falar com ele bem rapidinho. Tenho todo um roteiro de arrependimento pós Dia da Independência que preciso cumprir hoje.

Fiquei olhando para o Rome supresa. Até onde eu sei, ex-soldados grandalhões e mal-humorados não costumam assumir que fizeram merda. Não sabia direito o que pensar disso, nem dele. Mas sabia que aquela presença imponente e aqueles olhos azuis demais estavam me deixando sem graça. Só que não de um jeito "esse sujeito é um cuzão". Estava mais para "preciso muito vê-lo sem camisa".

Limpei a garganta de novo e olhei para trás. O Rule estava limpando a meleca transparente que usa para proteger a pele de quem acabou de ser tatuado. Estava fazendo careta e observando minha interação com o Rome. Percebi que o Nash e o Rowdy também estavam com uma cara parecida. Não sabia se aquelas caras feias eram para mim ou para o Rome, mas não gostei e olhei feio para todos eles. Girei na cadeira e olhei de novo para o irmão do meu amigo. Ele me encarava com um ar de curiosidade, e quase me deu vontade de conhecer o sujeito melhor, só para saber o que significava aquela expressão.

– Ele vai ficar livre em quinze minutos, se você quiser esperar. Só que ele tem um cliente logo em seguida. Então, tenta manter o caos e a pancadaria no nível mínimo.

O Rome bufou e se afastou do balcão. Odeio admitir, mas não conseguia parar de olhar para aqueles músculos definidos, aqueles bíceps enormes, visíveis

por baixo das mangas da camiseta preta. Não sou o tipo de garota que se sente atraída por saradões, por um físico de pedra. Pelo menos nunca pensei que era até o dia em que não consegui tirar os olhos daquele monte de tendões e músculos chamado Rome Archer. Ele é grande demais, incrível demais e americano demais para me deixar arrepiada daquele jeito.

– Não sei muito bem por que, mas acho que devo pedir desculpas para você também. Apesar de ter sido eu quem acabou ensopado de cerveja da cabeça aos pés.

Me encolhi um pouco e me esforcei para não me retorcer toda com o exame minucioso daqueles olhos inquisidores. Fiquei puxando minha orelha e olhei para o outro lado. Passei várias vezes o dedo na superfície lisa do alargador que tenho no lóbulo.

– Tenho uma tendência a reações exageradas, e você estava sendo insusportável. Todas aquelas pessoas que estavam lá te amam e se preocuparam com você por todos os anos em que esteve morando fora. O mínimo que você pode fazer é retribuir o carinho delas.

Ele pelo menos teve o bom senso de se mostrar envergonhado, e, quando tirou o boné para passar a mão naquele cabelo curto, percebi que um corte feio enfeitava o lado da cabeça dele.

– Meu Deus! O que aconteceu com você?

O Rome ficou com uma cara confusa, até que passou os dedos pelo lugar raspado e pelos minúsculos pontos metálicos da sutura.

Pôs logo o boné de volta, e o sorrisinho desapareceu.

– Estava no lugar errado na hora errada. É um talento que eu tenho.

Não consigo entender como é que um sujeito que tem tudo a seu favor (beleza, uma família amorosa, hordas de pessoas que gostam dele, uma carreira bem-sucedida e, obviamente, um senso rígido de honra e dever) podia se preocupar tão pouco com a própria vida e com o impacto que produz nas pessoas à sua volta.

Inclinei a cabeça e fiquei olhando para ele com toda a atenção. Não conheço o Rome mais do que conheço qualquer um da rua, mas ele tem uma coisa, uma coisa forte e magnética a que eu não estava conseguindo resistir. Minha vontade

era de entender qual era a dele. Vai ver eu só queria me distrair do meu sofrimento, que ficava cada vez maior à medida que o casamento do Jimmy se aproximava. Vai ver é porque o Rome é tão importante na vida de todo mundo de que eu gosto. Vai ver é porque ele é tão imponente que fica impossível ignorar sua presença. Mas, quanto mais a gente se encarava, mais eu ficava curiosa.

Eu já ia dizer para ele ter mais cuidado, só que senti uma mão pesada apertar o meu pescoço. Conheço o Rule muito bem para saber o que isso significava: não se meta. O Rome não precisa que eu o desmonte para depois montar do jeito certo. É um homem adulto e vai se acertar sozinho.

A cliente do Rule olhava de olhos arregalados para os dois irmãos e depois para mim, como se eu pudesse explicar por que o clima do lugar ficou tão hostil de uma hora para outra. Tão tenso que estava quase impossível de respirar. Dei um sorriso forçado para ela e desci da cadeira.

– Vou fechar a sua conta para você poder pagar. Por que vocês dois não levam todo esse amor fraternal lá para fora antes que todos os clientes saiam correndo de medo?

O Rule me deu mais um apertão no pescoço e foi para o lado do balcão em que o Rome estava. Os dois ficaram se encarando, e meu amigo abriu a porta de vidro sem dizer uma palavra para o irmão mais velho. O clima entre os dois era pesado, uma pena. Eles já tinham sofrido com a perda de um irmão, deviam estar felizes com o fato de ainda terem um ao outro. Não conseguia entender como o segredo do Remy tinha separado mais aqueles dois do que sua própria morte.

O Rome deu uma última olhada para mim, uma que eu não consegui decifrar, e disse:

– Esses moleques têm muita sorte de terem você.

Eu pensava a mesma coisa o tempo todo, mas era esquisito ouvir o Rome dizer isso com um tom tão vazio, como se não entendesse algo muito fundamental.

– Bom, eu também tenho sorte de ter esses garotos. E o senhor também, Capitão Sem Graça.

Ele arregalou aqueles olhos azuis, depois piscou para mim. E deu de novo aquele sorrisinho que o transformava de um sujeito bonito em alguém que fazia meu coração bater mais rápido.

– Do que foi que você me chamou?

– Capitão Sem Graça.

Ele soltou uma risadinha que parecia enferrujada por falta de uso e sacudiu a cabeça para mim.

– Sargento Sem Graça é mais apropriado.

Eu soltei um suspiro de surpresa porque não esperava que, por baixo de todos aqueles músculos e daquele ar taciturno, houvesse algum senso de humor.

– Eu chamo meu pai de Almirante Mala, mas ele não acha muita graça desse apelido.

Aquela cicatriz na testa dele repuxou de novo.

– O seu pai era da marinha?

– Ah, era. Total Popeye.

– E ele era almirante mesmo? – perguntou, com certo tom de respeito.

– Ãhn-han. Dá para imaginar como ele ficava feliz em tentar me controlar quando eu era mais nova.

O Rome deu mais uma risadinha e, dessa vez, pareceu doer um pouco menos. Quando ele abriu a porta, seus olhos brilharam para mim. Então ele foi atrás do Rule, aproveitar o sol do Colorado.

– Não sei não, Peso Pena, algo me diz que controlar você deve ser muito divertido.

Senti as palavras morrerem na minha garganta, e me ocorreu que aquilo era uma azaração descarada com um sujeito em quem eu tinha jogado cerveja há apenas dois dias. Sem dizer que ele não faz meu tipo e estava tão distante do meu ideal de homem perfeito que chegava a ser ridículo.

Voltei a dar atenção para a cliente do Rule, que ainda estava esperando para pagar a tatuagem de pavão que tinha feito nas costelas. Ela me olhava com uma cara que só posso descrever como de inveja, então dei uma tossidinha e tentei me concentrar no trabalho. Enquanto eu passava o cartão de crédito na

máquina e falava sobre os cuidados que ela precisava ter com a tatuagem, meu olhar continuava a se dirigir para os painéis de vidro que davam para a avenida Colfax e a região de Capitol Hill, no centro de Denver. O Rome estava de costas para o vidro e era possível ver o Rule gesticular com uma cara séria e intensa. Parecia que os dois finalmente estavam tendo o embate de que precisavam há tanto tempo.

– Pronto – falei.

Dei o recibo do cartão para a menina assinar e não fiquei nada supresa quando ela deu uma gorjeta de 35% e, ainda por cima, escreveu o número do telefone atrás do papel. Eu teria olhado com reprovação ou feito algum comentário maldoso, mas ela acabou comigo.

Jogou o cabelo para o lado, me deu um sorrisinho perverso e disse:

– Você tem a melhor vista de toda a cidade de Denver. Cada vez que venho aqui está melhor. Vi que ele tatuou o nome da namorada na mão. Se não quiser meu telefone, passa para o grandão. Não sou exigente, e parece que ele está precisando se divertir um pouco.

A menina saiu do estúdio e me deixou com um misto de irritação e algo mais que eu não sabia direito o que era. Era uma sensação gosmenta e escorregadia e, seja lá o que fosse, não gostei nada. Sou muito possessiva com os meus amigos, verdade seja dita, mas o Rome não é um deles. Então não tenho como justificar que o fato de a garota querer passar o telefone para ele tenha me dado vontade de arrancar os cabelos dela fio a fio.

O Rome e o Rule ainda discutiam quando o cliente seguinte chegou, então o atendi e o fiz preencher toda a papelada. O Rule só precisaria fazer o *transfer* e começar a tatuar. Quando voltei para o balcão, o Nash tinha despachado o cliente dele e tomado conta da minha cadeira. Ele me observava com aqueles olhos que são mais lilases do que azuis. Cruzei os braços em cima do peito, encostei o quadril na mesa e o encarei também.

– Que foi? – perguntei.

Meu amigo passou o dedão no canto da boca, suspirou e respondeu:

– Estou precisando de um cigarro.

– Achei que você estava tentando parar.

– "Tentando" é o verbo principal dessa frase.

– Masque um chiclete ou algo assim.

Ele resmungou e se espichou na cadeira, entrelaçando os dedos atrás da cabeça. O Nash é bonito mesmo, só que levamos um minuto para perceber isso por causa daquela cabeça tatuada agressiva e da argolinha que ele tem no meio do nariz.

– Nem tente chegar perto do Rome, Cora.

Tentei controlar o repuxão dos meus olhos e a careta da minha boca. Conheço o Nash há muito tempo e não tinha como fingir que eu não sabia do que ele estava falando.

– Todo mundo fala que o Rome é legal. Por que não quer me deixar tentar trazer ele de volta para vocês?

– Por que nem todo mundo precisa do tipo de ajuda que você tem a oferecer. O Rome vai se encontrar sozinho, todo mundo acredita nisso, e eu estava falando daquele olhar derretido que vocês dois estavam trocando. Acho que nem ele nem você precisam entrar nessa. Vai dar merda.

Não gosto que ninguém me diga o que fazer, mesmo sabendo que o Nash fazia aquilo com a melhor das intenções.

– De qualquer modo, o Capitão América nunca foi meu tipo. Não precisa se preocupar – empurrei a cadeira com o pé, para ele girar para o outro lado. – Além disso, você sabe que eu estou me guardando para o Príncipe Encantado, e este aí está tão longe disso que não tem ponte nesse mundo que o faça chegar lá.

O Nash pôs os pés no chão, se levantou e ficou bem na minha frente. Então se abaixou, ficando bem perto de mim, quase encostando o nariz no meu, para eu não conseguir me desviar daquele olhar intenso e de cor tão bonita.

– *Não existe* Príncipe Encantado, Tink. Não sei como conseguiu, mas você fez ele rir. Não vejo o Rome rir desde que ele voltou para cá. Tome cuidado, porque nenhuma cidade pode ter dois reis, e vocês dois são do tipo que não abre mão de controlar as coisas.

Queria dar risada, ignorar esse aviso bobo e despropositado, mas não conseguia ignorar o fato de que o Rome Archer era enigmático e que fazia tempo que eu não conhecia ninguém tão interessante. Isso sem falar que queria

muito saber como ele fica sem camisa, o que é muito importante, porque minha libido não se manifesta há muito mais tempo do que estou disposta a admitir. Ai! Isso tem tudo para ficar complicado e enrolado se eu não desencanar logo.

Sentei no mesmo instante em que o Rule passou pela porta. Ele não me pareceu muito chateado, mas também não estava com uma cara feliz. Ia perguntar se estava tudo bem, mas ele fez sinal para deixá-lo em paz e resmungou que não queria que o cliente esperasse ainda mais. Como esse foi um chega para lá válido, deixei passar e voltei a tomar conta do estúdio.

Sei que às vezes fica meio difícil de acreditar, já que eu sou bocuda e tenho um visual fora do comum, mas tenho uma puta cabeça para os negócios e poderia estar terminando um MBA. Tenho uma relação difícil e tumultuada com o meu pai, mas sempre quis que ele tivesse orgulho de mim, e ele me deu todas as ferramentas e oportunidades para eu ser a melhor pessoa que posso ser. Minha mãe chegou à conclusão de que ter uma filha e ser casada com alguém que ficava o tempo todo em missão militar não tinha graça. Por isso, eu pulava de base naval em base naval e passava um monte de tempo com babás, parentes distantes e, às vezes, com as namoradas do meu pai ou com companheiras que moravam na nossa casa. Até conhecer o Jimmy, quando eu tinha dezessete anos. Resolvi na mesma hora que ele ia ser tudo para mim.

Meu pai, depois de muitas brigas feias, me deixou ir morar com o Jimmy, desde que eu terminasse o Ensino Médio e entrasse na faculdade. Para mim, não tinha problema nenhum fazer essas duas coisas e, quando eu era caloura na faculdade, o Jimmy abriu um estúdio no Brooklyn. Eu fazia a mesma coisa que faço agora, só que ganhava muito menos. Sempre me interessei por modificações corporais e, como não sei desenhar nem homem-palito, foi meio natural aprender a fazer *piercings* e implantes dérmicos com o responsável por isso no estúdio do Jimmy. Ele foi um mentor sensacional, e eu gostei de ter uma habilidade que poderia usar naquele mundo em que eu vivia. Além disso, é divertido enfiar agulhas nos outros. Que que eu posso dizer? Sou esquisita.

Quando as coisas com o Jimmy chegaram ao fim, minha motivação e minha ambição acompanharam o meu relacionamento até o fundo do poço. Mal terminei o ano de estudos, e o estrago teve um efeito duradouro no meu

desempenho acadêmico. Até poderia voltar a estudar e terminar a faculdade. Só que, neste ponto da minha carreira, ganho bem no Marcados, tenho uma vida boa, geralmente feliz, com exceção do fato de não ter uma conexão mágica com alguém. Faz muito tempo que estou sozinha.

Vira e mexe, voltava a pensar no Rome e no sentimento estranho e sufocante que tomou conta do meu peito quando aquela menina me pediu para passar o telefone dela para ele. A gente não se conhece, tenho quase certeza de que nem gosto muito dele, mas não há dúvida: naquele dia, quando estávamos juntos, o Rome mexeu comigo. Ainda não sei muito bem o que pensar sobre isso. O último sujeito por quem senti algo parecido destruiu meu mundo quando chegou à conclusão de que não era a mim que ele queria. Não fiquei nada bem, parecia uma folha seca. Preciso de raízes, de um alicerce para me segurar, e, quando meu homem perfeito aparecer, vai estar tão bem fincado no chão que só um furacão vai conseguir tirar ele dali.

O resto do dia foi corrido, e eu tinha mais dois clientes para atender. Perdi a noção do tempo. Estava entretida limpando a minha sala e gritando para os meninos desligarem as luzes quando ouvi a campainha tocar. Como tinha trancado a porta do estúdio depois do meu último cliente, sabia que só podia ser o Phil. Pus a cabeça para fora da porta da minha sala e falei que já ia sair, tentando lembrar se tinha deixado o envelope de depósito pronto para ele levar ao banco.

O Phil é o exato oposto do meu pai, que é todo certinho e moralista. Mais parece um motoqueiro do que um empresário de sucesso. Os dois serviram juntos quando eram bem jovens. O Phil só ficou quatro anos na marinha, o meu pai tranformou isso em uma carreira para a vida toda. Nunca entendi como conseguiram manter uma amizade tão próxima, porque os dois discordam em tudo. O Phil é como um segundo pai para mim, e o trato do mesmo jeito que trato meu pai de verdade. Saí da minha sala tirando as luvas de látex e fiz uma careta ao vê-lo sentado na minha cadeira da recepção com as mãos na cabeça.

O Phil parece muito uma versão mais velha do Nash: os dois têm a mesma pele morena, os mesmos olhos lilases e o mesmo corpo troncudo. O Phil tem um cabelão bem comprido para um homem da idade dele. Mas, com os braços

fechados de tatuagem e aquela barbicha perfeitamente aparada, até que é bem gato, apesar dos quase cinquenta anos.

– Que que está pegando, chefe?

Normalmente, ele é animado, cheio de energia. Vive ligado no 220 e está sempre acolhendo almas perdidas. Na minha opinião, a missão dele neste mundo é salvar todos os rebeldes sem causa de si mesmos.

Quando olhou para mim, fiquei supresa de ver quanto ele estava cansado e acabado. Tinha bolsas debaixo dos olhos, e aquelas bochechas, que costumam ser cheinhas, estavam meio magras e caídas. Parecia que não comia direito há semanas. Ele esfregou os olhos, piscou para mim e disse:

– Só estou cansado. Estava pensando em abrir outro estúdio no Ba-Tro, mas isso está dando muito mais trabalho do que eu imaginava.

Até a voz do Phil parecia cansada.

– Não sabia que você ia abrir outro estúdio.

– Vocês são a melhor equipe do mundo, mas tem muitos talentos à solta por aí. Tenho visto muita tatuagem ruim, muito trabalho porco feito por outros estúdios nesta cidade. Tenho os recursos para isso e, para ser sincero, acho que Denver está precisando.

Fui até o cofre e peguei o envelope do depósito. Com certeza, um segundo estúdio ia dar lucro. Só fiquei surpresa de não ter ouvido nada a respeito até aquele momento.

– Você já contou para os meninos?

O Phil pegou o envelope da minha mão. Fiz uma careta quando percebi que os dedos dele estavam tremendo. Tinha alguma coisa errada, e eu não estava com um bom pressentimento. Meu segundo pai sacudiu um pouquinho a cabeça e se levantou da cadeira. Esse ato tão simples pareceu ter sido um esforço muito grande.

– Não, o Rule estava ocupado procurando uma casa para comprar e se acertando com a garota dele. O Nash ia fazer perguntas demais, ia querer se envolver demais, e eu ainda não tomei nenhuma decisão séria a respeito disso. O Jet fugiu e se casou, então a gente sabe por onde anda a cabeça dele. E o Rowdy... – ele deu um sorrisinho que fez a barbicha espichar – ... o Rowdy vai

atrás dos outros. Os meninos não vão ser afetados por isso, então acho que ninguém precisa dar pitaco enquanto eu não tiver certeza do que estou fazendo.

Fiquei com a nítida impressão de que a gente estava falando de outra coisa, não de um segundo estúdio de tatuagem. Mas, como não tinha a menor noção do que poderia ser, fiquei só olhando para o Phil, na esperança de que ele me desse alguma pista. Como isso não aconteceu, passei a mão no meu cabelo curto. Resolvi mudar de assunto.

– Você conhece bem o Rome? – perguntei.

Ele me olhou estranho e disse:

– Que pergunta mais esquisita, Cora. Por que você quer saber?

Tentei encolher os ombros para me fazer de desentendida, mas acho que não consegui disfarçar.

– Agora que voltou do Afeganistão, o Rome está sempre com a gente. Não me dou muito bem com esse sujeito. Joguei uma cerveja na cabeça dele no churrasco de 4 de julho. Achei que ele ia ficar puto comigo para sempre, mas aí ele apareceu aqui hoje todo envergonhado, se desculpando. Só estou tentando entender qual é a dele.

O Phil ia me responder, mas começou a tossir tão forte e seco que achei que seu pulmão ia sair pela boca. Resolvi dar uns tapinhas nas costas dele, mas ele me afastou.

– Pode parar. Estou bem.

– Parece justamente o contrário.

– Acho que só estou ficando resfriado ou algo do gênero – aí limpou a garganta e esfregou o peito, como se estivesse doendo. – Não conheço o Rome tão bem quanto o resto dos meninos. As coisas eram fáceis para ele em casa, o relacionamento dele com os pais não era difícil como era para o Rule. Sei que amava os irmãos e cuidava deles como se tivesse recebido essa missão diretamente das mãos de Deus. Os três eram inseparáveis, e fiquei feliz quando ele acolheu o Nash na turma. Não fiquei surpreso quando o Rome resolveu entrar para o exército. Nem que as coisas tenham ficado feias quando os pais contaram a verdade sobre o Remy. O Rome sempre fez de tudo para bancar o herói para os irmãos menores. Acho que ficou mordido ao se dar conta de que

um dos dois o protegeu esse tempo todo.

– Não consigo entender. Por que alguém ia se importar com o fato de o Remy ser gay, se todo mundo o amava tanto?

– Não foi por causa disso. O Rome enfrentaria qualquer um para proteger o Remy, não teria tolerado ninguém falar mal do irmão, mesmo que o Remy não precisasse de ajuda nenhuma. Acho que o Remy tentou proteger o Rome de si mesmo não contando a verdade, mas descobrir que alguém que você ama tão profundamente escondeu um segredo tão sério de você é difícil. Você sabe disso, Tink.

Sei mesmo, mas estou tão acostumada a lutar sozinha que não consigo nem pensar que alguém possa me amar desse jeito, incondicionalmente. Tipo, meu pai me ama, mas não necessariamente me protege. Sei que meus amigos morreriam por mim, me protegeriam de tudo e de todos que quisessem me fazer mal, mas eu sempre fui aquela que mergulha de cabeça nas situações, sem pensar nas consequências. Tem horas que eu me pergunto como é que eles me aguentam.

– Ele me parece ser uma pessoa muito intensa.

– O Rome passou muito tempo no campo de batalha. Com certeza isso deixa cicatrizes.

Pensei na cicatriz que atravessa a testa dele. Não deixa de ser um belo exemplo de perfeição masculina. Acho que as cicatrizes que o modo de vida dele deixou não são apenas internas.

O Phil começou a tossir de novo, e fiz a cara mais feia que pude para ele saber que eu falava sério.

– Você tem que ir ao médico. Isso aí está me parecendo péssimo.

– Tá, tá, vou assim que tiver tempo. É só uma tosse.

– Não é, não. Parece que você está com a peste – falei.

Ele sacudiu a cabeça e se inclinou para dar um beijo carinhoso na minha bochecha.

– Você se preocupa demais – disse. – Cuida desses meninos, que de mim cuido eu – levantou a sobrancelha e continuou: – Enquanto isso, por que você não encontra alguém para cuidar de você? Isso deixaria este seu velho feliz pra

caramba.

Bufei e fui pegar minha bolsa e o celular que deixo na gaveta enquanto trabalho. Eu estava tentando, mas não dava certo com ninguém. É difícil confiar em um homem ao ponto de deixá-lo fazer parte da minha vida quando não tenho certeza de que ele deveria estar lá.

– Ninguém se encaixa no meu perfil. Todo mundo fica me falando que minhas expectativas são muito altas.

– E não são?

Fomos até a porta, e desliguei as últimas luzes. O Phil me abraçou, e me encolhi perto dele. Tentei controlar a onda de pânico que me invadiu quando percebi que dava para sentir suas costelas por baixo da camiseta. Ele sempre foi forte. Aquilo não era nada bom.

– Minhas expectativas são o que são. Nunca mais vou me meter em uma situação parecida com a que eu tinha com o Jimmy de novo.

– Ah, minha querida. Você precisa se livrar desse peso. Já faz tanto tempo. Essa ferida já deveria ter cicatrizado, e tem um monte de garotos legais, para não dizer incríveis, dando sopa por aí. Nenhum vai ser perfeito.

– Minhas expectativas são altas porque mereço muito.

– Merece, sim, Tink. Mas também precisa ficar de olhos abertos, se não o homem certo vai passar batido porque você estava distraída procurando a baleia branca, que nem o Capitão Ahab de *Moby Dick*.

De novo comecei a pensar no Rome Archer contra a minha vontade. Falei para o Nash que o sujeito estava muito longe de ser meu ideal de perfeição, e não menti. É mal-humorado, imprevisível, e tenho a impressão de que tem uns traumas que não vou ser capaz de ajudar ele a entender. Mesmo assim, ele é tão leal que chega a ser um defeito, não abre mão da honra, e eu tinha acabado de ter uma prova de que é sincero e direto em relação aos próprios sentimentos. Não tem como não ficar imaginando o que o grandão pensa sobre você, e isso é muito atraente.

O Jimmy é alto, não tão alto quanto o Rome, mas bem mais alto do que eu. É tatuado do pescoço aos dedos do pé e tem *piercings* em todos os lugares interessantes. Não é maravilhoso como o Rowdy, não é inesquecível como o

Rule, nem mesmo bonito como o Nash, nem faz o tipo roqueiro *sexy* como o Jet. É só um sujeito normal, e eu o amei sem medida. Mas agora, pensando bem, estou começando a achar que me contentei com pouco, porque o Rome é o homem mais atraente que já vi, e ele disse que meus olhos são bonitos. O Jimmy nunca disse que nada meu é bonito. O Rome me parece perigoso e excitante ao mesmo tempo, mesmo que esteja longe de ser perfeito. Me deixa toda arrepiada, e isso é muito mais do que qualquer um me fez sentir desde que o Jimmy partiu meu coração.

CAPÍTULO 4

Rome

Quando finalmente me afastei da Cora e saí do estúdio, o Rule parecia bem puto. Eu não estava muito a fim de ter aquela conversa com o meu irmão, e dar em cima da loirinha foi uma ótima distração. Enquanto ela mexia no computador distraída, entrei pela porta e a observei por um tempo, sem ela perceber. A Cora não faz meu tipo. Não costumo me sentir atraído por mulheres tão pequenas. Gosto das grandes, que conseguem dar conta de tudo o que tenho a oferecer. Também não sou muito fã de tatuagens e *piercings*. Estou acostumado com isso por causa do meu irmão e admito que gosto dos flocos de neve que a Shaw tem no pescoço e nos ombros, mas não é a minha praia. Tenho um monte de marcas permanentes na pele que nunca quis ter e não fiquei feliz com o novo enfeite que ganhei na cabeça. Ainda mais que, como uso o cabelo bem curto, o pedaço careca de cicatriz vai ser bem visível.

A Cora é diferente. Não parece delicada, mesmo que bata na altura do meu peito. Tem uns olhos incríveis. Nunca vi nada parecido. O fato de serem de cores diferentes já é único, mas o jeito como os sentimentos dela passam de uma cor para outra é fascinante. Nunca conheci uma mulher que fosse tão direta e transparente em relação aos próprios sentimentos. É como se ela tivesse capacidade zero de disfarce. E ela também é muito bonita. Não é linda nem estonteante, mas é mais bonita do que qualquer garota que tenha esse tanto de marra tem o direito de ser. Por algum motivo, parece que ela nasceu com aquele buquê de flores de todos os tipos tatuado no braço. Não deixa de ser gatinha nem com o *piercing* cor-de-rosa na sobrancelha e os alargadores na orelha.

Tive que me concentrar no meu irmão. Dava para sentir o calor da raiva dele apesar da distância que nos separava. Aqueles olhos gélidos estavam sérios,

e eu sabia que um pedido de desculpas geral não ia resolver a situação.

– Rule, desculpe – falei, tirando o boné e passando a mão na nuca. – Estou, tipo, fora de controle neste momento e não quero que as minhas merdas sobrem para você.

– Bom, pois sobrou. E o pior: sobrou para a Shaw, e eu não estou nada feliz com isso.

Me encolhi todo e repeti:

– Desculpa.

– Desculpa pelo quê? Por acabar com o meu churrasco? Por fazer a Shaw chorar sem motivo? Por falar que o meu relacionamento é um erro? Por passar o tempo todo enchendo a cara e fazendo merda? Por ignorar o pai e a mãe? Por levar uma surra de um bando de motoqueiros e ligar para o Nash ir te ajudar, em vez de ligar para mim? Dá uma especificada, caralho. Você está me pedindo desculpas pelo que, Rome?

Caramba, aquele não era o meu irmão desencanado, que nunca liga para porra nenhuma. Era um rapaz que falava muito sério, que tinha o direito de estar puto, e puto comigo. Soltei um suspiro e baixei a cabeça. Desde que os gêmeos aprenderam a andar, sentia que era meu dever protegê-los, orientá-los no caminho certo e ajudá-los a se tornar homens de bem. Não sei se me preocupava tanto com eles porque o Rule vivia aprontando e estava sempre pulando de catástrofe em catástrofe, ou porque o Remy era tão mimado, tão bebezão, que corria o risco de se tornar um cuzão. Mas, seja qual for o motivo, o bem-estar dos meus irmãos sempre foi minha prioridade, e agora eu achava que tinha decepcionado os dois.

– Por tudo isso. Desculpe por tudo isso. Tem sido difícil me adaptar à vida de civil, e só estou fazendo merda. Não devia descontar em vocês, eu sei. Mas não consigo me controlar.

– A gente te ama, meu irmão. Só que, eu juro por Deus, se me fizer escolher entre você e a Shaw, ela vai sair ganhando. Sempre, de dez a zero. Fique sabendo.

Depois dessa, fiquei sem saber o que dizer. Desde que o Remy morreu, eu e o Rule ficamos inseparáveis. Ele não é só meu irmão mais novo, é também meu

melhor amigo. Nunca consegui imaginar uma situação em que alguém fosse mais importante para ele do que eu. Meio que amo e odeio o fato de a Shaw ser essa pessoa. Também me custa admitir que fiquei muito orgulhoso porque o Rule me enfrentou.

– As coisas não vão chegar a esse ponto. Não posso me dar ao luxo de perder outro irmão. Vou pedir desculpas para a Shaw. Com o pai e a mãe, pode demorar um pouco mais, mas vou tomar jeito, juro.

Ainda não estou preparado para admitir os verdadeiros motivos – além da desonestidade deles – que tornam impossível para mim lidar com os meus pais nesta conjuntura.

Como o Rule parecia não acreditar muito, enfiei as mãos nos bolsos e tentei me explicar:

– Amo a Shaw como se ela fosse minha irmã. Sempre cuidei de vocês dois e do Remy. É uma merda a Shaw não ter nos contado o lance do Remy. Mas o nosso irmão ter usado a menina, e ela ter deixado passar batido, é uma merda maior ainda. Estou puto com o Remy e estava puto com a Shaw. Não sabia o que pensar, então acabou sobrando para ela porque, afinal de contas, eu ia embora de novo mesmo. Somos uma família, todos nós, e não deveria existir esse tipo de segredo entre a gente. Senti que tinha lutado pelas causas erradas esse tempo todo, defendendo pessoas que nem conheço direito.

– O Remy fez as escolhas dele. É uma bosta ele não ter nos contado, não ter acreditado que a gente o deixaria ter a vida que quisesse. Só que o Remy se foi, e a Shaw continua aqui e é minha mulher. Vou protegê-la de qualquer um que tentar fazer mal para ela, e isso inclui você. Também estou puto com o nosso irmão, mas prefiro me apegar às lembranças boas que tenho dele. É isso que eu tento fazer todos os dias.

O Rule tinha razão, mas não entendia que eu estava lutando contra uma coisa muito maior e mais difícil de processar do que aceitar que o Remy e os nossos pais tinham mentido. Nos meus sonhos, aparecem tantas mortes e tanto sangue que meu irmão nunca vai ser capaz de entender. Ninguém vai.

Soltei um suspiro profundo e pus o boné de novo. O tecido raspou na minha nova ferida, e me encolhi todo.

– Queria que as coisas fossem fáceis assim para mim – estiquei o braço e dei um soquinho no ombro do meu irmão. – Sério, vou falar com a Shaw e tentar deixar meu mau humor de lado. Ser o Capitão Sem Graça não tem graça nenhuma.

O Rule revirou aqueles olhos cor de inverno e pôs a mão na maçaneta da porta de vidro.

– Ignore a Cora. A gente faz isso o tempo todo. Ela não é nada fácil.

Ela parece mesmo não ser nada fácil de lidar, mas acho que o Rule não ia gostar se eu dissesse isso. E eu não sabia direito por que estava pensando assim.

– Desculpe mesmo pelo lance do hospital. Eu estava muito bêbado e tinha perdido um monte de sangue. E, além do mais, senti vergonha. Não devia ter levado a pior de um sujeito mirrado metido a motoqueiro. Falando nisso, preciso passar lá no bar para acertar as coisas. O dono cuidou da minha moto e, quando fui lá buscar, não aceitou um centavo para pagar o estrago que causei. Disse para eu passar lá hoje que a gente ia dar outro jeito. É um homem super honesto, preciso me acertar com ele também.

– Legal. Mas, da próxima vez em que você ficar todo cortado, ligue para mim. Grave o número do estúdio nos teus contatos para falar comigo durante o dia. Não atendo o celular quando estou com cliente. A Cora pode me chamar se você precisar de mim.

Gravei o número no meu celular, olhei bem sério para o meu irmão e perguntei:

– Tudo certo entre a gente, então?

Os olhos do meu irmão são tão mais frios que os meus, tão mais reservados, que não consegui ter certeza de que ele tinha me perdoado.

– Por enquanto, sim.

Por essa resposta, parecia que o Rule não acreditava muito que eu ia tomar jeito. Não gostei nada daquilo. Ele me falou que precisava atender um cliente, e a gente se despediu. Quando me dei conta, eu estava olhando pela porta de vidro para espiar uma última vez aquela loira tão intrigante. Pena que ela estava de costas, levando um papo sério com o Nash. Me virei e fui pegar minha moto para ir ao bar do Brite.

Quando fui buscar a moto depois do feriado, perguntei qual era o nome do bar, e o Brite me respondeu que eu podia dar o nome que quisesse. O bar não tem um nome oficial, nem placa nem nada. Ele disse que a maioria dos fregueses chama o lugar apenas de "O Bar". Por mim tudo bem, combina com o ambiente simples e sem frescura. Assim como o *rock* clássico que o Brite sempre deixa tocando no último volume no aparelho de som velho atrás do balcão. Além disso, ele me contou que a maioria dos fregueses apenas resmunga para as mulheres (putas da vida) que está indo ao Bar, e isso dá um respiro. As esposas raivosas têm que ligar para todos os bares da cidade se quiserem descobrir onde os maridos estão.

Ao chegar lá, fiquei surpreso de ver que já tinha um monte de homens mais velhos sentados no balcão. Eu ia ter que me esforçar muito para não entrar em uma garrafa todas as noites. Aqueles fregueses eram uma visão clara do que eu poderia me tornar se não tomasse jeito logo. Não quero ser um desses homens que sentam sozinhos em um bar antes do meio-dia, sem ninguém que se preocupe com meu paradeiro e bem-estar, sem lugar melhor para ir ou coisa melhor para fazer, só com o copo para me servir de consolo. Também não deixei de perceber que boa parte dos fregueses do Brite, os homens que vi ali todas as vezes em que entrei lá desde aquele feriado, eram ex-militares. A última coisa que eu quero é ser mais um... qualquer coisa.

O grandalhão atrás do balcão cruzou o olhar com o meu e fez sinal para eu chegar mais perto. Tentei não me encolher todo ao passar pela bela mancha cor de ferrugem espalhada pelo chão velho de madeira, minha obra-prima. Tirei o boné para cumprimentá-lo porque, apesar de a gente ser de dois braços diferentes das Forças Armadas e de a minha patente ser maior do que a dele, o Brite impõe respeito. Não sei se são os olhos, tão escuros e sérios, ou aquela barba de proporções épicas... Servi ao exército por muito tempo para saber direitinho quando demonstrar consideração por um colega.

Me encostei no final do balcão. Achei que isso ia me impedir de olhar aqueles sujeitos lamentáveis prostrados ali, já na terceira ou na quarta rodada.

– Valeu mesmo por ter cuidado da minha moto e por ter me levado ao pronto-socorro. Agradeço de coração. Queria que você me deixasse pagar o

estrago que causei.

Tenho mais dinheiro guardado do que posso gastar. Não sou casado, não tenho namorada, não tenho filhos, nem casa nem cachorro. Quando estava em missão, eu só tinha gasto com a minha Harley e a minha picape. Estou longe de ser milionário mas, enquanto não resolvo o que vou fazer da vida, tenho uma boa grana guardada para viver bem. Poderia consertar todo o estrago do bar do Brite sem nenhum esforço. Só que ele sacudiu aquela cabeça desgrenhada, e aquele sorriso sério apareceu no meio da barba imensa.

– Não preciso do seu dinheiro, filho.

Levantei a sobrancelha em que tenho a cicatriz. É a única que consigo movimentar de modo independente, por isso faço muito esse sinal.

– Não? Então o que você quis dizer quando falou que a gente ia dar um jeito de se acertar?

Tive que esperar, porque o Brite foi chamado por um freguês na outra ponta do balcão. Fiquei espantado ao perceber que o sujeito era só uns cinco anos mais velho do que eu. Reconheci o símbolo dos Rangers, um grupo de elite do exército, tatuado no bíceps dele e senti um arrepio de apreensão percorrer minha espinha. Não queria me identificar com aqueles homens, com aquele lugar, mas estava ficando cada vez mais difícil evitar isso.

Quando o Brite voltou, já tinha desistido de lutar e sentado em um dos bancos. Meus pensamentos tinham percorrido um caminho sombrio, e eu estava me concentrando muito para permanecer no presente. Será que tudo isso estava estampado na minha cara? Eu achava que conseguia esconder muito bem o turbilhão de emoções que toda hora ameaça transbordar de dentro de mim. Mas, depois da confusão com o Rule, e pelo jeito como o Brite me olhava enquanto caminhava na minha direção, não tinha mais tanta certeza. Limpei a garganta e, quando ele se encostou do outro lado do balcão, apoiado naqueles braços pesados, me obriguei a olhar bem em seus olhos cor de carvão.

– Por acaso você sabe consertar coisas?

Inclinei a cabeça e fiquei olhando para ele, sem saber o que dizer.

– Como assim, consertar coisas?

Bom, eu levo poucos segundos para desmontar e remontar qualquer arma

que puserem na minha mão e sair atirando, sei fazer curativos em vários tipos de ferimento no campo de batalha, sei mexer no motor da minha Harley e, provavelmente, consigo fazer uns consertos básicos em várias coisas se eu precisar.

O Brite me deu aquele sorriso, e comecei a pensar que ele tinha alguma carta escondida na manga.

– Você tem tempo de sobra, e eu tenho um bar que precisa muito de uma reforma. Já passei bastante tempo aqui e, na minha idade, não tenho a menor vontade de ficar lixando piso e polindo balcão. Você sangrou em cima dele, pode consertá-lo.

A gente ficou se encarando por um tempão. Rolou um silêncio tenso. Eu estava tentando entender se o Brite falava sério, e acho que ele estava esperando para ver se eu ia amarelar ou não. Finalmente, precisei piscar. Fui para trás do banco e soltei um suspiro.

– Tem certeza de que você não quer que eu venha todos os dias, tipo ficar de segurança na porta por algumas semanas? Aí ninguém ia sangrar no chão.

Ele deu uma risada que me fez encolher todo.

– Sem querer ofender, filho, mas, na última vez que você se meteu em uma briga aqui, foi você que teve que ir arrastado para o hospital.

Fiz careta e tentei impedir que essa verdade fizesse meu orgulho ferido doer ainda mais.

– Eu estava bêbado, e eles estavam em turma.

– Não interessa. Não preciso de leão de chácara. Preciso de alguém que me ajude, em quem eu possa confiar. E alguém que possa ficar aqui sem julgar os outros porque, talvez, quem sabe, veja um pouco de si mesmo nos meus fregueses.

Precisei usar cada gota do meu autocontrole para não demonstrar nenhuma reação a essa interpretação tão direta dos meus sentimentos. Eu tive que me esforçar para não me mexer, para ficar quieto, sentado, tentando pensar em uma desculpa para não fazer o que ele estava me pedindo. Só que nada veio à minha cabeça, e as trevas que me rondavam ficaram maiores ainda.

Há menos de seis meses eu era responsável por mais de cem soldados.

Planejava missões secretas, era o homem que todo mundo procurava para resolver quaisquer problemas. E nenhum desses problemas tinha a ver com experiência de emprego no mundo real. Eu tinha mesmo muito tempo livre e nada para fazer no futuro próximo. Minha cabeça começou a doer, e meu coração começou a bater mais rápido. Limpei a garganta e agradeci quando o Brite me deu um copo de água.

– Tem certeza de que você não quer que eu te faça um cheque?

Ele sacudiu a cabeça e deu de novo aquele sorriso que já estava me deixando desconfiado.

– Tenho. Não preciso do seu dinheiro, preciso de você.

Como me dei conta de que não ia ter jeito mesmo e queria me encaixar no mundo normal, simplesmente balancei a cabeça. Queria mostrar para aquele homem franco, que eu respeitava sem fazer maiores perguntas porque achava que a gente tinha a alma parecida, que eu até podia não saber o que estava fazendo nem o que ia fazer da vida, mas que ainda tinha honra de sobra.

– Tudo bem. Posso fazer o que você precisa que eu faça. Quanto tempo acha que vai levar para consertar tudo?

O Brite deu uma gargalhada longa, que durou tanto que alguns dos fregueses olharam para nós com ar curioso. Não entendia por que a minha pergunta era engraçada, mas fiquei de boca fechada.

– O tempo que precisar, meu filho.

Achei a resposta meio vaga. Mas, antes que eu conseguisse arrancar um cronograma mais preciso, ele bateu aquelas mãos grossas no balcão e se inclinou para frente, me olhando bem nos olhos. Ter aqueles olhos tão escuros olhando tão fundo nos meus me deixou nervoso, mas entendi na mesma hora que, seja lá o que o Brite fosse me dizer, era para eu levar a sério. Sem sombra de dúvida, aquela era a cara de "estou falando muito sério" do Brite.

– Nada de beber durante o serviço. Estou falando sério.

Franzi um pouco a testa e falei:

– Ok.

– Sério, Rome. Sei por experiência própria como é fácil perder a noção de como é viver sem uma garrafa por perto. O que você faz no seu tempo livre não

é da minha conta. Se quiser fazer uma conserva do seu fígado, problema seu. Mas, enquanto estiver aqui, não vou ficar parado, só olhando outro homem se perder.

– Não foi você que me serviu doses de uísque sem parar naquela noite?

Prefiro ter todos os meus dentes arrancados com um alicate enferrujado do que admitir por quantas vezes uma garrafa de vodca me pôs na cama nesses últimos tempos.

– Era 4 de julho. Todo soldado tem o direito de comemorar, porque abriu mão de muita coisa para lutar pela liberdade. Não importa quanto tempo faz que conquistou essa vitória.

Fiquei pensando no que ele disse, e não tive como argumentar. Só encolhi os ombros e falei:

– Tudo bem, acho que isso não vai ser problema.

– Não vai ser um problema.

Jesus, esse sujeito parecia o sargento da tropa em que entrei logo que me alistei.

– Ok, Brite. Não vai ser nenhum problema.

Seus dentes apareceram no meio daquela maçaroca de pelos de novo, e ele bateu no balcão com as palmas das mãos.

– Ótimo. Você vai acabar conhecendo o resto da turma. Os Filhos do Sofrimento ainda não deram as caras. Mas, se aparecerem, vou ter uma conversa com o presidente regional para ele saber que é melhor fazer os futuros integrantes do grupo andarem na linha. Não me importo se os caras saem na mão de vez em quando, dá um certo charme ao bar, deixa as coisas mais interessantes. Mas tenho por lei que, aqui dentro, ninguém, ninguém mesmo, encosta em militar, seja homem ou mulher. Todo mundo sabe disso.

Dei risada e fiquei de pé.

– Parece a Legião Americana.

O Brite riu comigo e pegou um pano.

– Às vezes dá um trabalho da porra se ajustar à vida civil de novo. Às vezes ajuda estar em um lugar mais ou menos conhecido. É por isso que O Bar existe, filho.

Como eu estava me sentindo meio à deriva mesmo, precisei admitir que as palavras dele não só foram agradáveis, mas necessárias. Pus o boné de volta e apertei a mão do Brite. Combinei de voltar no dia seguinte, quando ele abrisse o bar, às dez da manhã. Não estava lá muito feliz com aquilo, mas era a primeira vez, desde que voltei para os Estados Unidos, que eu tinha um lugar para ir de verdade. E fazia tempo que não me acontecia uma coisa tão boa.

NA MANHÃ SEGUINTE, teria acordado cedo de qualquer jeito. Tenho dormido pouco, na melhor das hipóteses. Quando meu alarme tocou, às oito horas, eu já estava de pé. Como o Nash normalmente não trabalha antes do meio-dia, a gente tenta malhar antes de ele ir para o estúdio. Isso quando ele passa a noite em casa. Acho que o Nash se sente meio mal, porque ele o Rule iam para a academia quando dava, e eu vou todas as manhãs. Desde que fui morar lá, ele tem ido comigo ou, pelo menos, tenta ir. Preciso malhar para resolver o que assombra meu subconsciente. E, mesmo que não seja mais um soldado, ainda posso parecer um. Além disso, sou grandão. Se não me exercitar, vou me tranformar rapidinho em uma geleia humana, agora que não faço mais treinamentos e operações com rapazes dez anos mais novos do que eu.

Estava esfregando os olhos e fazendo café quando a porta do quarto do Nash se abriu. Nunca sei se é ele quem vai sair dali ou alguma menina de olhos enevoados com cara de quem passou pela centrífuga do sexo. Meu irmão e o Nash sabem atrair o sexo oposto de um jeito que nunca entendi. Não fui nenhum santinho quando era mais novo, mas também nunca fui o tipo que prefere quantidade a qualidade. Isso fez meu lapso momentâneo com aquela ruiva bagaceira do bar parecer ainda mais imbecil. Vai ver eu estava mesmo merecendo levar aquela surra.

O Nash estava sozinho, o que não é nada comum. Vestia uma camiseta e resmungava uns palavrões. Passei uma caneca de café para ele e perguntei qual era o problema.

Ele sacudiu a cabeça, estalou o pescoço e explicou:

– Eu estou tentando convencer meu tio a ir ao médico, mas ele é muito

cabeça-dura. A Cora me ligou ontem ao sair do trabalho e disse que ele está pálido e com uma tosse descontrolada. O Phil jura que é só um resfriado. Só que dá para sentir que ele está péssimo até pelo telefone.

Sei que os dois são bem próximos. O tio Phil criou o Nash e foi mais pai para o Rule do que meus próprios pais. Não sei muita coisa a seu respeito, mas pelo jeito ele é bacana. Os meninos o respeitam muito.

– Vai ver é só um resfriado daqueles.

O Nash balançou a cabeça e apontou para o maço de cigarros pela metade que tinha abandonado no balcão da cozinha.

– Eu comecei a fumar por causa dele, quando era bem mais novo. Isso me deixa tenso.

– Então para.

– Estou tentando.

Peguei o maço e joguei na pia. Quando liguei o triturador, o Nash gritou meu nome e me xingou.

– Se esforce mais – falei.

Ele olhou feio para mim e disse:

– Você é um cuzão.

Encolhi os ombros e respondi:

– Já me chamaram de coisa pior.

Sacudi meus ombros largos, estalei os nós dos dedos e perguntei:

– Pronto para ir à academia?

Ele ainda me olhava feio.

– Não. Vou passar na casa do Phil e ver se consigo convencê-lo a, pelo menos, marcar um *check-up*. E tenho cliente cedo, ainda por cima.

– Tá bom.

A gente se despediu, e eu fui para a academia. Fazia tempo que não malhava tão pesado. Acho que estava tentando queimar as lembranças, pôr para fora, suando, aquele embrulho de pavor e desconforto que sempre sinto no estômago. Quando fui tomar banho, estava acabado e todo dolorido. Pus uma calça jeans velha e uma camiseta desbotada em que estava escrito EXÉRCITO. Resolvi ir de picape porque já estava me arrastando e não tinha a menor

vontade de andar de moto naquele trânsito pesado do centro.

Ao chegar ao Bar, o Brite já estava me esperando com uma lista de coisas para fazer e um sanduíche gigante de bacon, alface e tomate. Era muito cedo para almoçar. Mas, considerando que eu tinha me acabado de tanto malhar, o lanche veio em boa hora. A gente bateu papo por alguns minutos. Depois ele me apresentou para a cozinheira, uma senhora mais ou menos da idade dele chamada Darcy. Pelo jeito, é a segunda mulher dele. Também me apresentou aos fregueses, e meu cérebro cansado se arrastou para processar tudo isso.

A lista de tarefas que o Brite me entregou era bem impressionante. Ele queria que o balcão fosse lixado, pintado e envernizado. Queria que eu limpasse todas as mesas e cadeiras e apertasse os parafusos delas. Que aquele chão velho fosse lixado e envernizado também. Que eu tirasse todo o equipamento pesado da cozinha e fizesse uma faxina daquelas na espelunca. Queria que eu passasse massa nas paredes e pintasse o bar inteiro. Que eu construísse um palco. Que eu organizasse o estoque de bebidas, fazendo novas prateleiras e armários. Eram coisas razoavelmente fáceis, braçais, nada que eu não pudesse dar conta. Para falar a verdade, fui arrogante ao ponto de achar que poderia matar tudo em umas duas semanas.

Levei dois dias para me dar conta de que ia ter que ficar naquele bar para sempre. Cada vez que eu começava uma tarefa, um dos veteranos grisalhos chegava para conversar comigo. E eu não conseguia me livrar do sujeito, que queria saber o que eu estava fazendo, queria falar qual era o melhor jeito de fazer aquilo, como ele faria, queria saber quem eu era, de onde eu era, qual minha patente e onde servi. E isso, inevitavelmente, levava a conversa para o lado das Forças Armadas, com intermináveis histórias de guerra. Quando eu ia ver, o dia já tinha terminado, e eu não tinha feito grandes coisas. Comentei isso com o Brite, mas ele só encolheu os ombros e falou que o trabalho ia terminar quando acabasse, como se eu tivesse todo o tempo do mundo. Como se eu não tivesse que resolver o que eu ia fazer da vida, agora que não estava mais no exército. Tentei não ficar chateado.

Em uma sexta-feira, tarde da noite – ou melhor, um sábado de manhã bem cedo –, eu estava deitado na cama olhando para o teto. Tinha me segurado para

não tomar uma vodca que me ajudasse a dormir, mas me arrependi. Ainda bem que o Nash não tinha ido dormir em casa, porque o pesadelo foi tão violento que acordei com meus próprios gritos. Eu estava suando, tremendo, e tomar uma bebida parecia uma ótima ideia. Só que não tomei. Fiquei lá deitado e deixei aquelas imagens, que de tão duras não me permitiam dormir, passarem sem parar pela minha cabeça. Sabia que, se elas não parassem de aparecer, eu ia ter que procurar ajuda. Devo ter uns resquícios de estresse pós-traumático, por causa do deserto e por ter passado muitos anos no meio de uma guerra. Achei que era forte ao ponto de dar conta disso sozinho, achei que esses pesadelos iam sumir com o tempo, mas não tenho mais tanta certeza disso.

Pus as pernas para fora da cama, achando que dar uma bela corrida antes de o sol nascer ia pôr minha cabeça no lugar. Mas meu celular, que eu tinha deixado em cima da mesa para carregar, tocou de repente. Um arrepio gelado de pavor percorreu minha espinha. Ligações a essa hora não costumam ser coisa boa. O celular tocou quatro vezes, e eu ia deixar a ligação cair direto na caixa postal, mas acabei vencendo o medo e atendi. Não conhecia aquele número, que era grande. O sinal era fraco e cortado. Me dei conta na hora que estavam me ligando do Afeganistão.

– Alô?

– Sargento mestre?

Soltei uma gargalhada amarga e sentei na beirada da cama. Me dei conta de que minhas mãos tremiam.

– Não mais. E aí, Church?

O Dash Churchill foi meu sargento de primeira classe. Reconheci o sotaque arrastado do Mississippi mesmo com a ligação ruim e com meu cérebro privado de sono. Fomos subindo de posto juntos e servimos no mesmo pelotão nos últimos seis anos. Somos soldados em primeiro lugar, amigos em segundo. Confio nele e sei que, se ele estava me ligando sem considerar o fuso horário e que não sou mais seu comandante, deve ter rolado uma grande merda.

Só consegui entender umas palavras soltas, tipo "informações erradas", "missão do caralho", "fortemente armados" e "explosivos escondidos". Ouvi "rebeldes" e "baixas", e meu cérebro deu curto. Entrei no modo comandante de

operações na mesma hora e tentei fazer o Churchill me passar apenas as informações mais relevantes. Só que ele me cortou e disse que o incidente era confidencial e que ele não podia passar maiores detalhes.

Xinguei o Church e tive que me segurar para não atirar o celular na parede. Perguntei, entredentes, para que ele ligou, se não ia me contar nada. Meu coração estava batendo tão forte que dava para sentir pancada por pancada no meu peito, e cada batida reverberava na ponta dos meus dedos.

– Três mortos em combate, quatro homens em estado grave sendo levados de avião para a Alemanha. Todos nossos. Eu achei que você ia querer saber disso.

O telefone ficou mudo, e o aparelho caiu dos meus dedos dormentes. Pus as mãos na cabeça e tentei não surtar. Não sou mais soldado, aqueles não são mais meus homens, aquela não é mais minha missão, mas nada disso importava. Eram homens que estavam no meu pelotão, e eu sabia de duas coisas: 1) eles eram jovens demais para morrer; 2) se eu não estivesse tão detonado, física e mentalmente, poderia ter ficado por lá e evitado que isso acontecesse.

Não consegui mais ficar em casa. Eu não podia ficar sozinho com os meus pensamentos tumultuados. Pus uma calça de moletom, enfiei os fones nos ouvidos e fui correr. Era isso ou acabar com uma garrafa de vodca e ficar inútil para o resto do dia. Corri até não ver mais o sangue e os corpos. Corri até meus músculos queimarem e meus pulmões ficarem do avesso. Corri até minha cara ficar tão suada que ninguém mais poderia notar a umidade nos meus olhos, até minhas lágrimas parecerem cansaço. Corri até meu coração disparar e começar a doer por outro motivo.

Voltei para casa, tomei banho com toda a calma e pensei em ligar para o Brite e dizer que estava sem a menor motivação de ir ao bar. Mas me apavorei só de pensar em ficar sozinho naquele apartamento, no silêncio e sem ter o que fazer. Quando entrei no bar, não falei com ninguém. Nem encostei no sanduíche que a Darcy tinha deixado para mim. Tive certeza de que todo mundo que cruzava meu caminho percebia meu mau humor porque, pela primeira vez desde que comecei a trabalhar lá, ninguém chegou perto de mim. Ninguém veio conversar nem contar histórias. Os fregueses ficaram só me

olhando de canto, desconfiados. Nem o Brite veio me brindar com suas palavras de sabedoria. Me deixou lá, no meu canto. O que foi bom e talvez perigoso.

Eu estava trabalhando no piloto automático. Arrancava a moldura de madeira de uma das paredes do fundo do bar. Minha cabeça estava tão longe daquela espelunca úmida na cidade de Denver que nem prestei atenção no que fazia. Então pus a mão na parede, bem em cima de um prego que tinha esquecido de arrancar. O negócio entrou na palma da minha mão. Fui pego de supresa pela dor, mas não era para ter a reação que tive. Falei um monte de palavrão e atirei o martelo longe. Infelizmente, minha raiva impulsionou o objeto, e minha pontaria é uma merda. A ferramenta acertou um dos letreiros de neon com propaganda de cerveja que decoram o lugar, estraçalhando o troço em mil pedaços. Soltei mais um monte de palavrão e deixei minha cabeça cair para frente. Parecia que eu não tinha mais forças para segurá-la.

Senti uma mão pesada no meu ombro e nem precisei olhar para saber que era do Brite.

– Você precisa tirar o resto do dia de folga, meu filho.

Não foi uma pergunta.

– Missão do caralho. Vários homens mortos em combate no meu antigo pelotão. Uns moleques, Brite. Eu devia estar lá.

Ele suspirou e me arrastou até o bar.

– Não devia, não. Isso faz parte do seu passado. Se você estivesse lá, poderia estar entre os mortos. Agora sente aqui, encha a cara e pode ficar se sentindo um bosta por um minuto. Depois desencana e vive o presente. Quem eu chamo para vir te buscar?

Sacudi a cabeça, mas não recusei a vodca dupla com soda que o Brite pôs na minha frente.

– Você disse que era para eu não beber enquanto estivesse aqui.

Eu ainda estava passado, tentando me recompor.

– A dor não é boa amiga, Rome. Acaba destruindo tudo o que você tem. Respire fundo, tente pensar em outra coisa. Todo mundo aqui já passou por isso, rapaz. Só quero ter certeza de que alguém vai cuidar de você quando for embora.

Olhei para a bebida e fiquei piscando como um imbecil. Atirei meu celular para ele e disse:

– Meu irmão. Ligue para ele quando for hora de ir embora. Ele vai ficar puto, mas virá aqui me buscar.

O Brite balançou a cabeça e colocou o telefone em cima do balcão. Esfreguei meus olhos cansados e fiquei olhando para ele, na esperança de que ele pudesse responder às minhas perguntas desesperadas.

– Em algum momento isso melhora? – perguntei.

Vida e morte, antes e depois, passado e presente. Era tão difícil me encontrar no meio disso tudo. Parecia que eu ia cair de um precipício, sem ter como voltar atrás. E a queda, inevitável, ia acabar comigo.

Ele soltou um suspiro, esticou o braço por cima do balcão, tocou meu ombro e respondeu:

– Não, filho. Não melhora. Apenas aprenda a lidar com isso de um jeito que não o mate.

Bom, aquilo era uma droga. Mas a vodca estava gelada e me caiu muito bem.

CAPÍTULO 5

Cora

Estava cobrando o último cliente do dia e acenando para o Rowdy, que já ia embora, quando o telefone do estúdio tocou. Como na sexta e no sábado sempre tem cliente até mais tarde, nem fiquei supresa. Só que eu estava sozinha lá, todo mundo já tinha ido embora. O Nash jurou por tudo o que é mais sagrado que o Phil estava evitando ele. Então, quando seu último cliente cancelou, o Nash aproveitou para sair mais cedo e foi até a casa do tio, tentar pegar o Phil de supresa. O Rule também tinha saído mais cedo, porque a Shaw ligou para ele em pânico. Sei lá, o aquecedor de água estava vazando e inundando o porão ou algo assim. Nunca pensei que o Senhor Faço Minhas Próprias Regras ia se preocupar tanto com consertos de casa. O Rowdy ficou até terminar o último cliente, e o resto do pessoal tinha ido embora na hora de sempre.

Como não reconheci o número no visor, atendi a ligação com um tom um pouco mais profissional do que o de costume.

– Obrigada por ligar para o Homens Marcados. Meu nome é Cora. Em que posso ajudá-lo?

Houve um longo silêncio, e deu para ouvir um barulho de confusão. Ia dizer "alô" de novo e desligar se ninguém respondesse, mas uma voz rouca começou a falar.

– Estou procurando o irmão do Rome Archer.

Um arrepio de apreensão percorreu minha espinha.

– Por quê? – perguntei.

Silêncio de novo.

– Será que eu liguei para o número errado?

O sujeito parecia frustrado, com um tom de quem falava sério.

– O Rule é irmão do Rome, mas não está aqui no momento. Quer deixar recado?

Ouvi um suspiro, depois a voz disse:

– Odeio esses celulares novos. Não entendo como eles funcionam. Você tem outro número em que eu possa encontrá-lo?

Não costumo passar o celular dos meninos para ninguém. Se eu fizesse isso, ia ter fila de garota desesperada daqui do estúdio até o limite da cidade.

– O senhor pode me dizer do que se trata? Sou amiga dos dois.

Exagerei um pouco, mas não me senti nada mal em fazer isso.

– O grandalhão está tendo um dia horrível. Precisa que alguém o leve para casa, e achei que o irmão seria o melhor candidato para esse serviço.

Franzi a testa, tamborilei os dedos no balcão e respondi:

– Mas são só oito da noite.

O sujeito deu risada e falou:

– Querida, acho que você não tem noção de como o dia dele foi horrível. Posso pôr o rapaz dentro de um táxi, mas não posso levá-lo para casa, porque é dia de torneio, e o bar está lotado. Mas tenho que garantir que ele chegue em casa são e salvo.

Dei uma bufada que fez as mechas espetadas do meu cabelo curto voarem pela testa. Se eu ligasse para o Rule ou para o Nash, um dos dois ia dar um jeito de buscar o Rome. Só que a relação entre eles já estava tão tensa que resolvi dar conta do recado sozinha e poupar todo mundo daquela dor de cabeça.

– Vou buscá-lo e garantir que ele chegue em casa inteiro.

– Ahhh... Sem querer ofender, querida. Mas ele é grande, está bêbado e, no mínimo, muito puto da vida. É melhor você deixar o irmão dele cuidar disso.

Não sou mulher de fugir de um bom desafio, e estar bêbado e mal-humorado é o estado natural do Rome Archer. Não tenho medo dele. Além disso, odeio quando me dizem que não posso fazer alguma coisa só porque sou mulher.

– Preciso passar no banco, depois passo aí. Onde é que ele está?

O homem da voz rouca me passou o endereço. O bar ficava em um canto meio obscuro da região da Broadway. Depois falou de novo que eu ia precisar

de ajuda para carregar o Rome Archer, que ele estava tão bêbado que tinha virado um peso morto. Sacudi a cabeça, revoltada, e respondi que eu só precisava dar um jeito de enfiar o gigante dentro do meu Mini Cooper. O homem riu tanto que achei que ele fosse passar mal. Quando finalmente parou, disse que tinha passado a mão na chave da picape do Rome e que ia me ajudar a enfiá-lo dentro do próprio carro. Depois de levar o soldado para casa, eu podia voltar e pegar o meu. Parecia um bom plano. Mas eu ia adorar ter uma foto daquele monte de músculos todo encolhido no meu carrinho. Seria hilário.

Levei um tempinho para fazer um depósito, encontrar o lugar, achar uma vaga para estacionar e descobrir onde realmente era o bar, porque não tinha nenhuma placa na porta, nem segurança ou outro tipo de sinal. Quando cheguei, a situação do Rome tinha ido de mal a pior. Ele estava debruçado em cima do balcão, com a cabeça baixa. Parecia que o pescoço não tinha mais forças para segurá-la. A penumbra do lugar lançava umas sombras estranhas no rosto dele. O Rome parecia péssimo, cansado e completamente bêbado. Aqueles olhos lindos estavam meio fechados, lacrimejantes e vermelhos. A boca estava retorcida em uma careta feia. Apesar de o ar-condicionado estar ligado, dava para ver que estava todo suado. Aquelas mãos grandes, cheias de cicatrizes de guerra, tremiam, segurando um copo vazio. E ele parecia discutir com o grandalhão barbudo do outro lado do balcão.

Fui andando pé ante pé até chegar atrás do Rome e encarei o barbudo, que mais parecia integrante de uma gangue de motoqueiros. Tipo o pai de todos os Hell's Angels do mundo.

– Oi. Sou a Cora.

O sujeito me olhou de cima a baixo, levantou uma das sobrancelhas desgrenhadas e falou:

– Você é bem pequena, né?

Na verdade, sou uns cinco centímetros mais alta do que a Shaw. Só que, como não tenho nem metade das curvas da minha amiga, todo mundo acha que sou muito menor e mais delicada do que realmente sou. Nem falei nada para o barbudo, só encolhi os ombros.

O Rome se virou no banco, abriu os olhos e tentou focar a visão em mim.

Não sei se me reconheceu logo de cara, mas aquele azul se acendeu como uma chama, e um sorriso bêbado e desengonçado apareceu no rosto dele. Tentei ficar olhando para a cicatriz que ele tem na testa, porque ele fica lindo de morrer quando sorri desse jeito, e eu sabia que ele não estava no seu juízo perfeito. Na mesma hora, essa pequena imperfeição me fez lembrar de que eu estava lidando com o Capitão Sem Graça, aquele que não é para eu paquerar, o Rome bêbado.

– O Rule teve uma emergência na casa dele, então vou te levar para casa, tudo bem?

– Cadê o Rule?

Pelo menos acho que foi isso que ele perguntou, mas parecia que a língua dele não cabia dentro da boca. Encostei no braço do Rome, e ele foi indo para frente. Quase caiu do banco.

– Ele precisou ir resolver uma coisa. Você vai ter que me aguentar.

O Rome levantou com dificuldade, e achei que eu ia cair com ele. Por sorte, o rapaz é bom de equilíbrio mesmo bêbado. Ele se apoiou no bar e piscou aqueles olhos azuis-claros matadores para mim.

– Estou tão cansado.

Balancei a cabeça, mesmo sem saber direito do que o Rome estava falando, e dei uma olhada para o *bartender* fortão que nos observava com aqueles olhos sérios e bem escuros.

– Eu sei. Vou te levar para casa e te colocar na cama.

Essa frase não deveria ser tão excitante. Preciso ficar longe desse homem. Minha cabeça não funciona direito perto dele.

– Precisa de ajuda para levar o Rome até a picape?

Sacudi a cabeça, passei a mão por aquela cinturinha esbelta e tentei não me encolher toda quando o Rome soltou o seu peso considerável em cima de mim.

– Se eu não conseguir enfiá-lo no carro sozinha, também não vai ter jeito de eu o tirar de lá – peguei as chaves que o barbudo me deu, cutuquei o Rome com o quadril e falei: – Vamos lá, Golias.

– Mesmo que o Rome acorde bem amanhã, avise que ele está de folga.

– Que foi que aconteceu para ele ficar neste estado?

O homem do bar sacudiu a cabeça, passou a mão na barba mais incrível que

eu já vi e respondeu:

– A vida aconteceu, querida. Às vezes, a vida dá de dez a zero na gente. Cuide desse rapaz. O Rome precisa de alguém, principalmente neste momento.

Eu já ia responder que cuido muito bem de todos os rapazes da minha vida, mas o Rome escolheu justo aquela hora para se arrastar até a porta. Colocou um daqueles brações em volta do meu ombro, me puxou para o seu peito e enterrou o nariz no meu cabelo curto. Por um momento, andou para trás, me puxando, todo desajeitado, cambaleando. E assim foi indo em direção ao estacionamento.

– Que cheiro bom você tem – disse.

Costumo sair do trabalho com cheiro de antisséptico e dos produtos de limpeza que a gente usa para higienizar o estúdio. Tive que me sacudir para o Rome me soltar um pouco e eu conseguir respirar. Mas, como agora ele estava indo na direção certa e se equilibrando, não fiz ele me soltar. Tentei manobrá-lo sutilmente até chegar na picape vermelha brilhante que o dono do bar tinha me mostrado, mas o Rome parou de repente e me encarou bem sério.

– Você tem mesmo os olhos mais bonitos que eu já vi.

Limpei a garganta e me esforcei para não ficar vermelha, porque não sou dessas que ficam vermelhas por qualquer coisa.

– Você já disse isso.

Ainda estava meio difícil de entender o que o Rome dizia, mas era fácil de entender o brilho naqueles olhos azuis. Até sou cabeça-dura, mas não vou negar que acho ele um gato. Afinal de contas, sou humana, e aquele jeitão simples, de bonitão à moda antiga, era difícil de ignorar. Só que fiquei surpresa por ele sentir a mesma coisa por mim. Nunca pensei que pudesse fazer o tipo do Rome, assim como ele não faz o meu.

A gente foi meio tropeçando até a picape. Tive que rebolar para ele me soltar e conseguir subir naquele carro gigante. Fechei a porta do lado dele. O Rome ficou murmurando uma versão horrível da música "Simple Man", do Lynyrd Skynyrd. Fechei os olhos por alguns momentos. Tenho muita experiência com homens bêbados e mal-humorados – o Rule mesmo dá trabalho quando enche a cara –, mas tinha alguma coisa naquela tristeza abjeta,

naquela dor tão visível nos olhos azuis do Rome que o tornavam algo mais desafiador. Tinha a impressão de que ele podia passar de babão e tranquilo para difícil de lidar em um piscar de olhos.

A picape era grande, e tive que puxar o banco para frente para conseguir pegar no volante. Por sorte, era um desses modelos novos que têm vários ajustes, se não eu não ia conseguir alcançar os pedais de jeito nenhum. E também era automático, o que foi bom, porque faz séculos que não dirijo carro de câmbio manual.

Dei uma olhada no meu passageiro, que estava todo revirado, com a cabeça apoiada no vidro. Ele estava com os olhos fechados, e o peito dele subia e descia em intervalos regulares. Meu plano era ir até o prédio do Rome, para o apartamento dele, e pedir para o Nash me ajudar a levá-lo até lá. Só que aí o Rome falou com uma voz tão profunda e sombria que me deu arrepios.

– Você já se perguntou "por que você"?

Fiz uma careta e mandei um torpedo para o Nash, perguntando se ele estava em casa.

– Por que eu o quê?

Não entendia o que aquele sujeito estava falando. Ainda por cima, ele estava de olhos fechados e podia estar falando enquanto dormia.

– Por que eu ainda estou aqui? Por que eu fui o único a sair ileso? Por que me livrei daquele ataque no Afeganistão só para virar um inútil desnecessário? De quem foi esse plano? Por que o Remy não podia me contar a verdade? Por que não confiou em mim? Por quê? As coisas não deveriam fazer sentido?

A maioria das coisas que o Rome dizia eram incoerentes, mas o sentimento por trás delas era de partir o coração. Alguém tão importante e cheio de vida não devia se sentir assim. Não entendo muito bem esse lance de culpa do sobrevivente, como isso pode afetar um homem que já viu tanta coisa nesta vida. Mas, no caso do Rome, essa culpa estava comendo ele por dentro.

– Essa é uma conversa que você precisa ter com um profissional. De preferência, uma hora em que não tenha afogado seu fígado no álcool.

– Gente que não devia morrer morre todos os dias. Isso não é justo e não está certo. As coisas deveriam ter um motivo para acontecer.

Mas não têm. E, quando está sóbrio, ele deve saber disso, não deve?

Meu celular apitou, e tive que esperar um sinal fechado para ler a mensagem. Soltei um palavrão baixinho porque o Nash não estava em casa e não ia voltar tão cedo. Não quis incomodar o Rule, até porque ele não é o sujeito mais sensível do mundo. E o Rome não tinha a menor condição de ficar sozinho. Eu ia ter que levá-lo para a minha casa e deitá-lo no sofá até ele melhorar. O Jet estava viajando, e a Ayden ia trabalhar até tarde. Ou seja: eu é que ia ter que lidar com os milhões de perguntas e olhares curiosos do Asa.

– Um monte de coisa ruim que não deveria acontecer acontece. Infelizmente, faz parte da vida.

– Mas não devia.

Olhei para o Rome de novo e vi que ele estava de olhos abertos, me encarando. Era constrangedor ser o alvo de um exame tão intenso.

– Talvez não. Olha, vou te levar para passar um tempinho na minha casa. Te deixo tirar um cochilo, te dou comida, e você me leva para buscar meu carro quando estiver funcionando de novo. Ok?

O Rome fechou os olhos e encolheu aqueles ombros largos, como se não estivesse nem aí. Odeio admitir que estava preocupada com ele. O homem tinha se enrolado em um cobertor de desespero grosso e intrincado, e eu quase conseguia sentir o peso sufocante de tudo aquilo.

Chegamos em Washington Park, onde fica a casinha fofa que divido com a turma. Achei que o Rome tinha finalmente pegado no sono. Mas, assim que desliguei o motor daquela picape gigante, ele abriu os olhos e ficou me encarando na penumbra da cabine.

– Por que você foi me buscar?

Brinquei um pouco com as chaves, abri a porta e respondi:

– Por que amo o seu irmão, e o seu irmão te ama. E quero que as coisas continuem assim. Lido muito melhor com esse tipo de coisa do que ele.

– Que tipo de coisa?

Ele conseguiu abrir a porta do carro. Ouvi ele murmurar um monte de palavrões e uma batida seca. O Rome tinha perdido o equilíbrio e caído em cima do para-choque da picape. Soltei um suspiro e fui até lá ajudá-lo a se levantar.

– Tipo um sujeito que visivelmente está sofrendo e descontando isso em todo mundo que está por perto dele, porque sabe que essas pessoas aguentam. Podemos lutar quantos *rounds* você quiser, Capitão Sem Graça. Você não me assusta.

O desconforto que esse homem me causa me assusta, sim. Mas ninguém precisa saber disso. Por fora, sou uma rocha. Ninguém sabe que, por dentro, luto todos os dias para superar as feridas que o fato de não ter conseguido viver feliz para sempre com o Jimmy me deixou. Tinha planejado tudo tão bem... Ter crescido praticamente sozinha foi uma bosta. Achei que, com o Jimmy, nunca mais ia precisar ser tão solta no mundo. Quando essa segurança se desfez, resolvi nunca mais arriscar meu coração e meus sonhos por alguém que não tivesse estabilidade, família e amor eterno para me oferecer. De jeito nenhum.

O Rome piscou para mim, e a gente ficou se encarando. Por alguns instantes, fiquei sem saber se ele ia me pegar no colo ou me puxar para o chão. Mas ele só sacudiu a cabeça e sussurrou tão baixinho que, se eu não tivesse visto seus lábios se mexerem, teria achado que estava ouvindo coisas.

– Que bom. Por que, na maior parte do tempo, eu morro de medo de mim mesmo.

Não soube o que responder, então meio que puxei e meio que segurei aquele braço forte, e levei o Rome para dentro da minha casa. O Asa estava empoleirado no sofá, mexendo no computador, e posso jurar que vi um lampejo de culpa passar pelo rosto dele. Ele fez uma cara de interrogação para mim e para o meu convidado indesejado e ficou de pé. Fiz sinal para ele se sentar de novo e continuei a arrastar o Rome pela sala. Passei pela cozinha e fui em direção ao fundo da casa, onde fica a suíte.

– Não levante. Vou pôr ele no meu quarto para o caso de a bebida querer voltar e ele precisar de um banheiro próximo. O Rome só precisa tirar um cochilo.

O Asa levantou aqueles olhos amarelados e perguntou:

– Não dava para ele tirar um cochilo na própria casa?

– Nem vem, Asa.

O Rome cambaleou e derrubou uma foto minha com os meninos que fica

pendurada na parede. Meu reflexo foi rápido, e consegui pegar o quadro antes de ele cair no chão. Só que não tive forças para segurar o Rome de pé, e ele caiu pela porta aberta do meu quarto. Por sorte, o quarto não é muito grande, e ele caiu com metade do corpo em cima da minha cama *king size*. Deu certo trabalho pôr aquele corpão deitado no meu edredom cor-de-rosa. Tive que puxar, empurrar, xingar e resmungar. O Rome estava ofegante, com os olhos meio fechados, e não me dei o trabalho de deixá-lo mais confortável nem de mostrar onde fica o banheiro. Só deixei ele lá, sozinho, porque achei que dormir era a melhor opção.

Quando voltei para a sala, o Asa estava exatamente no mesmo lugar, só que tinha fechado o computador e fez uma cara de que estava me esperando.

– Que que está pegando? – perguntou.

Resmunguei e me joguei no sofá do lado dele.

– Ele estava em um bar, e o dono ligou para o estúdio atrás do Rule. Resolvi intervir porque os dois mal começaram a se dar uma trégua. Só que eu não fazia ideia de que estava me metendo com esse tipo de bêbado.

– E que tipo de bêbado ele é?

– Dos complicados. Só vou dar um tempo para ele se recuperar e mandá-lo para casa. Parece que faz dias que ele não dorme direito. Espero que a birita ajude o Rome a apagar por um tempo, aí ele pode ir embora.

– Você é uma boa moça, Cora.

– De vez em quando. O que você fazia no computador quando a gente entrou?

O Asa piscou aqueles olhos cor de uísque doze anos. Esse garoto tem sorte de ser tão simpático, porque não confio nem um pouquinho nele.

– Nada, só vendo uns lances aí.

– Lances que te fizeram parar no hospital? A Ayden vai te matar.

Ele deu risada.

– Não. Posso não ser o gênio da classe, mas eu aprendo.

– Por que tenho a sensação de que não é o caso?

– Por que você é surpreendentemente inteligente para uma garota que parece um personagem de história em quadrinhos ambulante.

Como fiquei com a impressão de que ele não ia me contar mais nada, levantei, fiz queijo quente e peguei duas cervejas. Gosto de conversar com o Asa, mas ele parecia meio suspeito. Quando deu meia-noite, e o Rome ainda não tinha dado sinal de vida, me senti meio cansada de lidar com homens difíceis. O Asa falou que ia assistir TV no quarto porque, se estivesse acordado quando a Ayden chegasse, ela ia dar um jeito de encher o saco dele. Minha amiga costuma ficar terrível quando o Jet passa vários dias fora, e o irmão mais velho dela é que paga o pato. Sei que a Ayden não gosta de ficar sozinha quando o Jet viaja, mas a dinâmica intensa entre esses dois irmãos às vezes parece um *reality show* sem pausa para o comercial.

Achei que não tinha mal nenhum em deixar o Rome passar a noite no meu quarto e dormir no sofá. Sou pequena, e o sofá é enorme. Não ia ser um grande inconveniente. Mas eu precisava entrar no banheiro e tomar uma ducha depois de um longo dia de trabalho.

O Asa me deu boa-noite, e entrei no quarto escuro na ponta dos pés. Em algum momento do seu apagão, o Rome tinha conseguido não só se esparramar bem no meio da cama, mas também tirar os coturnos e a camiseta. Mesmo sabendo que era errado, fiquei lá parada, observando toda aquela pele à mostra, espalhada na minha roupa de cama cor-de-rosa. Era tão estranho ver aquele homem todo musculoso, aquela perfeição da masculinidade, em um cenário ultrafeminino. Só mesmo um homem como o Rome Archer para fazer minhas coisas de mulherzinha parecerem da pesada.

Ele estava com um braço do lado do corpo e o outro enrolado atrás da cabeça. Os contornos daqueles músculos e tendões torneados, acostumados com trabalho duro, encheram minha boca de água. Me senti uma *voyeur*. Não devia conferir o material tão descaradamente, já que ele estava ali, apagado, sem notar minha presença. Nunca tinha visto ao vivo um homem de carne e osso que tivesse aquele "v" marcado entre os quadris, com uma trilha de pelos pretos que sumia dentro da calça jeans. Só modelo de cueca, homem que sai em capa de livro açucarado e, quem sabe, atletas profissionais têm isso. Mas, ai, o Rome Archer tem. E uma barriga tanquinho de dar inveja a qualquer um e uma quantidade interminável de pele levemente bronzeada em um corpinho que

parece esculpido em mármore. É um exemplo gigantesco de tudo o que há de mais lindo e masculino. Ele tem corpo de deus grego e, por mais que eu não quisesse reconhecer, nunca nada tão bom tinha passado pela minha cama.

Aquela paisagem de pura gostosura era entrecortada por pedaços de pele mais clara, cicatrizes que atiçavam minha curiosidade. Mesmo só com a luz que vinha do corredor, dava para ver uma cicatriz enorme no ombro, perto do braço que estava dobrado embaixo da cabeça dele. Era enrugada, maior que a minha mão. Parecia doer ainda. E também tinha um corte feio e vermelho do outro lado, ao longo das costelas, de uns 25 centímetros, cicatrizando. E mais uma linha em zigue-zague horrorosa embaixo do umbigo, que desaparecia no cós da calça. E eu só vi o impressionante lado de cima dele.

Estou acostumada a conviver com homens e mulheres que fazem marcas no próprio corpo para traduzir sua individualidade, se expressar com a própria pele. Vendo aquelas cicatrizes, aquelas marcas que obviamente foram feitas contra a vontade dele, fiquei imaginando como o Rome devia se sentir com desenhos permanentes que nunca quis. A pele dele era um reflexo da sua vida, da escolha de sair pelo mundo e ser um guerreiro, um homem que luta pela liberdade dos outros. E agora ele tinha que carregar aquelas lembranças pelo resto da vida. Era outro nível de modificação corporal, com um objetivo bastante diferente do da tatuagem.

Sacudi a cabeça e tentei me convencer a deixar de ser tarada. Óbvio que o Rome precisava dormir. Ele nem piscou quando saí do quarto com uma camiseta larga e um *short*. Não fui exatamente sutil quando, no banheiro, me preparei para dormir. Era um sábado à noite. Estava cedo, mas ninguém tinha saído, e a Ayden não gosta de ir para a balada quando o Jet viaja. Então, eu ia ficar sozinha com a TV a cabo até pegar no sono. Ainda no meu quarto, eu tentava tirar o carregador do celular da tomada que fica perto do criado-mudo, do lado da cabeça do Rome. Não me preocupei em não incomodá-lo, porque ele parecia ter apagado. Quer dizer, isso até eu sentir uma mão enorme enrolada no meu braço.

– Ei!

Meu grito de surpresa não surtiu efeito, porque fui puxada para baixo e caí

de costas na cama. Soltei um gritinho quando o Rome passou o outro braço pelo meu corpo, me puxou e ficou por cima de mim. Caramba, ele pesava uma tonelada, e não adiantava nada eu empurrar seus ombros largos. Aí ele enfiou a cabeça no vão do meu pescoço, de olhos fechados, com aqueles cílios ridiculamente longos roçando a minha pele. A respiração dele era regular. O peito dele subia e descia sem dar o menor sinal de que ele estava acordado, por mais que eu me sacudisse para me livrar daquele braço de ferro.

– Rome? – bati de leve na lateral da cabeça dele e senti ele franzir a testa perto do meu pescoço. – Ei, grandalhão, preciso levantar.

Tentei sacudi-lo de novo. Ele resmungou alguma coisa e ficou bem em cima de mim. Enfiou uma perna, vestida de calça jeans, no meio das minhas, e aquele braço musculoso me segurou ainda mais forte, me deixando imobilizada. Em seguida, encostou a palma da sua mão grande nas minhas costas, roçou uma bochecha na minha têmpora e soltou um suspiro. Depois dessa, parei de tentar me soltar por alguns instantes e olhei para cima, para poder ver o rosto dele. Aquele som era de derrota. Doeu ouvir.

O Rome estava quente e devia ter o dobro do meu peso. Ele me segurava como se eu fosse sua salvação, um ursinho de pelúcia de carne e osso, e, seja lá o que estivesse fazendo ele perder o sono, me abraçar faria isso sumir. Soltei um suspiro e tentei resolver o que fazer. Pensando bem, devia simplesmente ter passado o celular do Rule para o sujeito do bar e deixado meu amigo resolver essa confusão. Mas, como sempre, tive que me intrometer. Não dá para fazer uma boa ação sem ser castigada.

Não ia ter jeito de eu me soltar, a menos que desse uma joelhada no pau do Rome ou um soco na cara dele. E as duas medidas me pareceram meio extremas. Me sentia mal por ele. Era óbvio que o rapaz estava sofrendo. Tinha bebido para esquecer muito mais do que só um dia ruim. Achei que não ia morrer se ficasse ali deitada até o Rome se virar ou me soltar um pouco. Além disso, podia me aproveitar daquele corpo malhado, de quem está sempre pronto para a batalha. Duvido que teria outra oportunidade. Nos últimos anos, minha vida sexual tem sido nula. Peguei uns garotos aqui e ali, mas nenhum me deu vontade de ficar mais do que alguns minutos. E nenhum se compara com a

perfeição física daquele homem que estava me prendendo embaixo dele.

Soltei um suspiro de resignação e me sacudi para conseguir pelo menos respirar um pouco. O Rome me apertou mais ainda. Me dei por vencida e passei um braço pelos ombros dele, que eram tão largos que eu mal consegui alcançar o outro lado. Coloquei minha outra mão nas costelas dele, bem em cima daquele machucado que ainda cicatrizava. Fiquei olhando para o teto, não para o relógio, pensando que ele ia ficar incomodado quando se desse conta de que não estava mais sozinho e viraria para o lado a qualquer momento. Só que, em alguma hora da noite, ouvi a porta de casa abrir e os saltos dos sapatos da Ayden baterem no chão, o que significava que eram mais de duas horas da manhã. Meu cobertor humano não tinha se mexido nem um milímetro. Eu tinha passado mais de duas horas presa na cama e acho que não ia conseguir me libertar antes de o dia amanhecer.

Acabei ficando cansada demais para continuar olhando a cara do Rome e imaginando o que eram todas aquelas marcas na pele dele. Assim, tão de perto, a cicatriz que ele tem em cima da sobrancelha era mesmo irada. Ia até a divisa do cabelo e formava uma teia de aranha na têmpora. Ele teve muita sorte de continuar com o olho intacto daquele lado do seu rostinho bonito. Aquilo tinha uma história, era o mapa de uma vida dura, vivida perigosamente, desenhado na pele daquele homem, para todo mundo ver e julgar. Fazia do Rome um sujeito ainda mais difícil de entender. E, para ser bem sincera, eu estava exausta de tentar. A última coisa que pensei antes de desistir de esperar ele se mexer foi que o Jimmy nunca ficou tão perto de mim, como se não quisesse que eu fosse embora, em todos os anos que dormi com ele.

NÃO SEI DIREITO O QUE FOI QUE ME ACORDOU: se o sol entrando pelas cortinas, a sensação de estar coberta por um cobertor elétrico em pleno verão ou se o fato, impossível de ser ignorado, de que eu não estava sozinha na minha cama cor-de-rosa cheia de babados. Espremi os olhos, porque a luz da manhã entrava no quarto, e tudo o que vi foi um azul interminável. Um azul que não tenho palavras para descrever, um azul que era tão claro e quente que podia me

queimar viva de dentro para fora. Abri a boca para perguntar se o Rome estava bem, mas não saiu nada. A gente só ficou se encarando e, de repente, percebeu que nossa pele se tocava. Dava para sentir o coração dele batendo forte junto do meu, os lados do corpo dele subindo e descendo, porque ele prendeu a respiração e depois soltou bem devagar. Dava para sentir a dureza de uma ereção tamanho família pressionando minhas coxas macias, protegidas apenas por um shortinho minúsculo. Sob qualquer ponto de vista, aquela era uma situação comprometedora. E, levando em consideração que a gente mal se conhecia, minha língua, que normalmente é bem afiada, não conseguia funcionar direito.

Ele estava com a mão na minha bunda e deu uma apertadinha. Achei que ia sair de cima de mim, mas não saiu. Usou a outra mão para se apoiar e levantar o peso considerável daquele corpo pela primeira vez em horas. Levantou a outra mão e a passou muito suavemente pelo contorno da minha boca, que ainda estava aberta como se eu fosse uma bobona. Mãos daquele tamanho, tão duras, não deveriam ter a capacidade de ser tão atenciosas, tão delicadas. Fiquei sem fôlego.

Eu devia ter dito alguma coisa. O Rome devia ter falado alguma coisa. Mas nenhum dos dois disse nada. Quando aqueles olhos lindos e tristes se aproximaram dos meus, quando aquela boca que ficava ainda mais sensual com a barba por fazer cobriu a minha, só consegui ficar ali deitada e aceitar o inevitável. Já fui muito beijada nessa vida. Por homens legais e malvados, por homens de quem gostava e de quem não gostava, por homens com quem só passei um tempinho e por homens com quem passei anos. Mas ninguém nunca me beijou daquele jeito. Alguma coisa aconteceu quando aquela boca firme encostou na minha. Meu cérebro entrou em curto-circuito, meu bom senso e a minha lógica foram para o espaço, e fiquei só com meus hormônios em fúria e um desejo tão pulsante que quase doía.

Eu estava cercada pelo Rome, fui engolida por ele. Ele estava por todos os lados, e era uma coisa impressionante. Sabia que devia dizer para ele parar, que aquilo não estava certo. Não faço esse tipo de coisa, e tinha a impressão de que ele ainda sangrava por tudo o que o havia deixado no limite na noite passada.

Mas as palavras simplesmente não saíam da minha boca e, mesmo que saíssem, eu não ia saber o que fazer com elas. A boca dele estava encostada na minha para valer, a língua dele invadia cada cantinho, cada pedacinho escondido. Como nem eu nem o Rome temos muito cabelo para pegar, tive que segurar nas orelhas dele para fazê-lo ficar parado. Eu deveria ter empurrado o Rome para longe, não puxado ele para ainda mais perto, mas isso não ia acontecer de jeito nenhum. Não com toda aquela massa muscular em cima de mim e aqueles olhos me fazendo mergulhar de cabeça.

Retribuí o beijo, porque foi só o que pude fazer. Passei minha língua na dele, mordi a pele macia da parte de dentro dos seus lábios, passei o braço no pescoço dele, e nós nos devoramos. Não tenho outra descrição para o que aconteceu. A gente se enroscou. O jeans áspero da calça dele roçava as minhas pernas nuas, aquelas mãos me seguravam tão forte que eu não ia conseguir me soltar nem se quisesse muito. Nós nos beijamos, chupamos, mordemos. E, em algum momento, a coisa foi de uma combustão espontânea para um fogo baixo que me fez enrolar uma perna naquela cintura sarada e não reclamar quando o Rome começou a tirar a minha camiseta.

Aquilo estava indo muito rápido e era muito errado. Ele não é o tipo que eu esperava. Não podia estar mais longe da minha ideia de perfeição, mas eu não tinha como negar que o Rome conseguia me deixar toda excitada e cheia de tesão em questão de segundos. Fiquei meio sem ar quando o tecido da camiseta que eu vestia passou pela minha cabeça. Fazia muito tempo que eu não ficava pelada com um homem, e ficar pelada com aquele homem em especial era uma coisa muito intimidadora. O Rome tem músculos torneados, e a pele dele é lisinha. A minha é toda colorida e tatuada, um tanto bronzeada e cheia de sardas. Além da tatuagem no braço esquerdo, tenho uma porção de lírios tatuados nas costelas, do mesmo lado. São vivos, com todas as cores do mundo, e os pistilos têm uns implantes dérmicos. Quatro ou cinco pedrinhas brilham no centro de cada flor. É uma coisa que, com certeza, aquele soldado sério e intenso nunca viu na vida. Mas ele não ficou intimidado. Atirou minha camiseta para trás e passou o dedo indicador em um dos *piercings*, eu tremi toda. A gente ainda não tinha trocado nem uma palavra, e a situação estava fugindo do

controle bem rápido. Logo eu não ia mais ter como fingir que não tinha acontecido nada.

Pus a mão no meio do peito do Rome, espalhei os dedos e tentei organizar meus pensamentos confusos. Precisava de um minuto para recuperar o fôlego, um segundo para lembrar que a gente não tinha nada em comum, que nossos mundos eram completamente diferentes. Mas ele não me deu trégua. Ficou passando o dedão nos *piercings* que tenho nas costelas. Não me pareceu chocado nem incomodado com aquela tatuagem grande. Para falar a verdade, não tirou aqueles olhos azuis hipnóticos dos meus nem por um segundo. Colocou aquela mão enorme em cima da minha, achatando-a sobre seu peito. Não gosto de ser mandada por ninguém, em nenhuma circunstância, mas alguma coisa estava acontecendo comigo, conosco, que eu não conseguia evitar. Ele arrastou minha mão pelo peito dele, por aquela barriga definida e cheia de músculos, por cima do umbigo dele, e foi descendo, passou por aqueles pelinhos macios e parou quando chegou em seu pau duro. O calor e a rigidez da sua pele passavam pelo tecido da calça, queimando meus dedos. Aí não me pressionou mais. Tirou a mão de cima da minha e passou o dedão pela minha bochecha. Ele me deu a oportunidade de sair daquela situação. De algum jeito, ele tinha me dito mais do que qualquer um que foi para a cama comigo, mesmo sem pronunciar uma única sílaba.

Minha sanidade, minha lógica e minha razão, tudo o que eu precisava para dar um basta naquilo, me rondavam. Tudo meio embaçado, mas presente, e o Rome estava me dando uma chance de me apegar a essas coisas, se eu assim quisesse. E, pela primeira vez, aquilo que todos diziam, que, no fundo, no fundo, ele é um sujeito legal, fez sentido. O Rome não estava me obrigando a nada, não estava tentando tirar vantagem apesar de ser bem maior do que eu e poder me forçar a fazer o que quisesse. Ele estava deixando a decisão nas minhas mãos e, para nossa surpresa, não consegui resistir ao encanto daquela pele dura que pulsava nas pontas dos meus dedos. Eu queria ver, queria tocar, queria saber se aquele pedaço era tão grande e duro como o resto do corpo dele. Meti os dedos no cós da sua calça jeans e abri o botão.

O Rome deixou escapar um suspiro, com os dentes cerrados, e baixou a

cabeça, pondo a boca no bico de um dos meus peitos. A sucção, a umidade, o roçar áspero daquela barba por fazer na minha pele foram tão surpreendentes que meu corpo se arqueou, e joguei minha cabeça para trás. Não sou muito dotada. Meus peitos são como o resto do meu corpo: pequenos e delicados, mas supersensíveis. Quando ele passou a língua no mamilo arrepiado, quando raspou a carne excitada com seus dentes afiados, me entreguei. Não conseguia mais pensar nem tinha forças para fazer a coisa certa. Não conseguia mais me preocupar com o fato de nem conhecer esse homem direito. Só queria e precisava do que ele tinha para me oferecer. E fim de papo.

Enfiei as duas mãos entre nós dois, abri o zíper e comecei a tirar as calças dele. O Rome estava sem cueca, o que é sempre *sexy*, e não ficou nada tímido. Levantou e foi logo arrancando a calça. A peça caiu no chão, do lado da minha camiseta, e, enquanto ele voltava para a cama, aproveitei para dar uma conferida no material. Arregalei os olhos de susto. Não sou nenhuma puritana, sei que existem paus de todos os tamanhos e formatos. Sou íntima do material, pois são ossos do meu ofício. Só que o Rome tem uma pica de outro mundo. Não preciso nem dizer que tudo dele é enorme, e tudo meu é pequenininho. Comecei a achar que tinha que repensar minha decisão e agir como a pessoa inteligente e responsável que sou. Mas ele passou a mão no meu *short* e na minha calcinha e, antes de eu conseguir protestar e entrar em pânico, já estava pelada embaixo dele. Não ia ter como a gente se encaixar, mesmo eu estando tão excitada que parecia que a nossa pele ia se soldar. O desejo estava me deixando molhadinha, e ele percebeu, porque aqueles olhos soltaram faíscas azuis-cobalto por todos os lados. Não importa quanto o Rome é *sexy*, quanto me deixou com tesão, não ia ter jeito de fazer aquela arma de destruição em massa entrar no meu corpo.

A insegurança deve ter ficado estampada na minha cara, porque o Rome levantou a sobrancelha com a cicatriz e finalmente parou de me tocar. Parou de dar beijinhos chupados na minha clavícula e parou de passar aqueles dedos leves como pluma nas flores que enfeitam um dos lados do meu corpo. Ele me encarou, e eu fiquei fascinada por uma gota de suor que começou na sua têmpora, se acumulou na sua bochecha, desceu pelo pescoço e escorreu por um

músculo definido que mais parecia pertencer a uma estátua de mármore. Como não estou acostumada a ver esse tipo de controle, de força de vontade, só percorri com o dedo o caminho que aquela gota de suor fez até parar no mamilo dele.

– Seu pau nunca vai entrar em mim – falei.

Minhas palavras saíram meio engasgadas, parecia que fazia um século que eu não tomava água. A gente estava tão perto, estava tudo tão à flor da pele, que eu não sabia o que fazer com ele. Muito menos comigo. O que falei era para ter sido engraçado, para ter desacelerado as coisas um pouco, mas até eu achei que minha frase pareceu uma expressão de pavor. E tive certeza de que isso não aconteceu só porque o Rome era muito mais do que qualquer homem que já conheci. Ou talvez tenha sido por isso mesmo.

O Rome levantou mais ainda a sobrancelha e deu aquele sorrisinho que, outro dia, me deixou toda derretida. Acho que ele pensou que minhas palavras foram em tom de desafio, não um aviso. Porque, quando me dei conta, ele estava com a atenção toda voltada para o ponto úmido e pulsante no meio das minhas pernas. Ele pôs uma coxa no meio delas, puxou meus quadris para cima e meteu os dedos nas minhas dobrinhas, que estavam doloridas e excitadas pelo seu toque. Ele estava prestes a encontrar outra surpresinha que os homens só veem, só tocam, quando tiro a roupa, e senti na hora quando seus dedos encostaram na argola que tenho escondida lá embaixo.

Ele congelou ao tocar meu *piercing*, mas só um pouquinho. Tenho essa argola há tanto tempo que nem lembro mais quando foi que a coloquei. Resolvi colocar porque achava legal, bem radical. Agora, que sou mais velha, continuo com ela porque cansei de transar com homens que precisam que eu desenhe um alvo para saber onde a diversão realmente acontece. O Rome não era desses, nem ficou assustado ou perdeu o tesão com a novidade. Dei um puxãozinho de leve na argola. Revirei os olhos e gritei o nome dele. Quando ele se deu conta do resultado dos seus atos, ficou brincando com o metal escorregadio e com o resto do meu corpo, criando uma onda de sensações que ia me fazer gozar a qualquer momento. Me tocou, me alisou, passou o dedão sem parar por cima da argola e no pequeno botão de carne embaixo dele. Me excitou como nunca

ninguém tinha feito. E, bem quando eu estava me roçando nele, com os calcanhares apoiados na cama, vendo estrelas e quase chegando ao clímax, ele tirou os dedos habilidosos, me puxou para baixo do seu corpo e meteu toda aquela carne túrgida e pulsante dentro de mim. Não estava preparada para aquilo, mas ele enfiou até o fundo, me preenchendo de um jeito que achei que fosse sufocar nas minhas próprias sensações. Só consegui ver as faíscas que saíam dos seus olhos.

Aí ficou parado por um tempo, esperando para ver se eu ia pedir para ele tirar, dizer que era grande demais. Eu teria admirado o seu autocontrole em qualquer outra ocasião. Mas, naquela hora, quis esganá-lo. Eu estava me sentindo empalada, presa, encurralada, e odiava o fato de estar adorando tudo aquilo. Era um aspecto do sexo que nunca tinha vivenciado, era experiência de outro nível.

– Tudo bem?

A primeira vez que o Rome falou desde que tudo começou, e foi muito mais do que um simples murmúrio. Tive certeza de que, se eu dissesse que não, que estava doendo, que era muito grande, ele ia parar, me deixar sair de baixo dele e ir embora sem maiores perguntas. Esse conhecimento instintivo me fez dar só uma balançadinha na cabeça e ficar subindo e descendo as mãos pelo pescoço dele. Queria ver o Rome ir até o final, queria saber o que acontece com aqueles olhos espetaculares quando ele goza. Eu já tinha entrado de cabeça naquilo, não fazia mais sentido reclamar.

Ele começou a meter devagar, acho que tinha medo de me causar sérios danos com aquela arma. Só que tinha me preparado tão bem, me excitado tanto, que rapidinho comecei a rebolar inquieta debaixo dele, implorando para ele ir mais rápido, mais fundo, meter com tudo. O Rome entendia as minhas indiretas, ele olhava para o meu rosto, com os olhos fixos nos meus. Quando vi, estava com as duas pernas enroladas na sua cintura, e ele mandou ver. Parecia querer que eu fosse parar do outro lado do colchão. Foi demais.

Os músculos do lado do pescoço dele ficaram rígidos, uma camada fina de suor cobriu aqueles braços imensos, os bíceps se contraíram o suficiente para ficarem à mostra. E aqueles olhos, ai, meu Deus, aqueles olhos se acenderam

como o show de fogos de artifício que o Rome perdeu no 4 de julho. Faíscas prateadas explodiam no meio deles, deixando rastros azuis-escuros. Ele rosnou de satisfação e soltou a testa no vão do meu pescoço. Teve o cuidado de não jogar o peso todo em cima de mim, de soltar minhas pernas, de tirar o pau devagar e com carinho. E, nessa hora, nós dois ficamos sem fôlego.

Ele caiu de costas na cama, e ficamos olhando para o teto, ofegantes e sem falar nada. Eu não sabia direito o que dizer. Nunca tinha imaginado que o homem por quem eu estava esperando pudesse ser alguém como o Rome Archer. Fiquei meio maravilhada quando percebi que ele não só tapava o sol que entrava no quarto, mas tudo mais que estava na minha linha de visão. Era um problema, literalmente, grande demais para ser ignorado. Mas era exatamente isso que eu ia fazer até descobrir o que tinha acabado de acontecer e o significado desse ato para o futuro que planejei com tanto cuidado.

CAPÍTULO 6

Rome

ACHEI QUE ESTAVA SONHANDO. Em algum lugar, no meio de uma névoa de sangue e morte e de uma sensação nauseante de estar bêbado ao ponto de apagar, sonhei que uma fadinha vinha e me salvava. Não lembro de muita coisa depois do quinto ou sexto drinque. Só sei que os efeitos amortecedores do álcool e os comentários gentis do Brite de que as merdas que acontecem nesta vida não acontecem só comigo foram as únicas coisas que me impediram de surtar completamente.

Quando abri os olhos porque o sol começou a bater na minha cara, não fazia ideia de onde estava. Mal sabia quem eu era, caramba! Minha cabeça latejava, tinha vontade de vomitar e estava cercado de cor-de-rosa por todos os lados. Também estava cercado por curvas femininas, e aquela mulher tinha cheiro de algodão-doce e de flor. Só podia ser um sonho. Nunca na minha vida acordei, depois de ter tido o pior dia de todos os tempos, e dei de cara com olhos de duas cores me olhando com desejo e uma dose de admiração. Só podia ser um sonho. E, já que eu estava dormindo, ia fazer o que estava morrendo de vontade desde que ela me chamou de Capitão Sem Graça e me deu um sorrisinho malicioso, de quem conhece todos os meus segredos mais sombrios. Eu ia beijar aquela boca tagarela até nós dois ficarmos sem fôlego, até minha cabeça parar de doer, até esquecer o que me deixou tão vulnerável, em um estado tão lamentável.

Só que eu não fazia ideia de que um simples beijo nessa mulher pequena, mandona e falante ia virar minha cabeça do avesso. Quis beijar a Cora porque ela é bonitinha e acho mesmo que tem os olhos mais bonitos que já vi. Mas, principalmente, porque sabia que ela ia me mandar parar, que me empurraria e teria um ataque de indignação. Eu já estava me sentindo super para baixo, não ia fazer mal descer mais um pouco.

Só que, pelo jeito, a Cora não age de acordo com nenhum tipo de regra. Ela agiu de um modo diferente do que eu esperava e, quando me dei conta, eu estava morrendo de medo de falar, tão pirado que nem conseguia respirar. Minha preocupação era que, com um movimento errado, ela ia me mandar parar de fazer a única coisa que me fez sentir bem em muito tempo. Eu ainda me sentia em um sonho, mas ela era tão *sexy*, tão inesperada, que mais parecia que o sonho tinha virado realidade.

Quando tudo acabou, fiquei lá deitado, ofegante, tentando pensar em um comentário apropriado, porque não dava para simplesmente dizer "obrigado". A Cora foi para o outro lado daquela cama enorme e me olhou com aqueles olhos que são, ao mesmo tempo, claros e brilhantes, azuis e castanhos. Esse lance das duas cores é mesmo uma viagem.

– Vou tomar um banho. Depois você tem que me levar naquela espelunca em que se enfiou ontem à noite para eu pegar meu carro.

Então foi procurar alguma coisa no armário daquele quarto todo cor-de-rosa, e fiquei só admirando a paisagem. A Cora é magra, toda lisinha, com aquela pele colorida e tatuada. Tem um desenho meio asiático de água e fogo na coxa que chega quase até o joelho, flores na costela com um monte de *piercing* e um braço com todas as flores do mundo. Ela é baixinha mas, nossa, que furacão! Quem diria que uma mulher com *piercings* em lugares que nunca imaginei seria tão sensual, ia me deixar excitado de um jeito tão inacreditável. Tudo nessa garota é surpreendente.

– Hum. Não estou querendo bancar o ingrato, mas como é que eu vim parar aqui? – perguntei, omitindo a parte do "na cama com você".

A Cora vestiu um robe curto, cheio de estrelinhas prateadas, que parecia sedoso e brilhante. Olhou para mim por trás do ombro e passou as mãos no cabelo curto. Me espichei até o outro lado da cama e comecei a vestir minha calça jeans, mas tive que parar por um instante porque minha cabeça começou a latejar no ritmo do meu coração.

– O sujeito do bar ligou lá para o estúdio atrás do Rule, mas ele já tinha ido embora. Ele precisava lidar com uma crise na casa nova, e o Nash não estava no apartamento. Como você não tinha condições de ficar sozinho, te trouxe para

cá.

Essa mulher não é só muito gata, mas também tem um coração gigante por trás de toda aquela marra. Já sou um tipo difícil quando estou bem e, sabendo do estado em que me encontrava ontem antes de me afogar na bebida, acho que ela teve muita coragem de lidar comigo sozinha. A maioria das pessoas não faria isso por alguém que mal conhece. Passei a mão no meu cabelo raspado. Até ali, as coisas não tinham sido completamente embaraçosas. Só que agora tinha rolado uma intimidade.

A Cora não falou mais nada, só desapareceu no banheiro, e ouvi o barulho do chuveiro. Encontrei minha camiseta jogada no chão, com as minhas botas, e terminei de me vestir. Eu estava cheirando a sexo e a bebida. O mesmo cheiro que o Rule tinha. Pensar no meu irmão rebelde me fez procurar minha chave e meu celular. Deveria ter dado instruções melhores para o Brite antes de encher a cara. Não que a Cora fosse me passar um sermão, mas aquela situação tinha tudo para virar uma droga em um piscar de olhos, e eu estava com a impressão de que tinha me esquecido de alguma coisa.

Sem saber o que fazer naquele quarto tão de mulherzinha, decidi bancar o desbravador e procurar um copo de água e, quem sabe, algum remédio para a minha dor de cabeça. A casa era pequena e fofa. O estilo eclético da Cora estava por todos os lados. O sofá era roxo, os tapetes eram de bolinhas. Acho que a TV de tela plana gigante e os consoles de videogame devem ser do Jet, porque são as únicas coisas na sala não coloridas. Encontrei a cozinha, que fica no fundo da casa, e gelei por dentro, porque não estava vazia.

O Asa estava sentado em uma mesinha, tomando um café e ignorando o interrogatório que a irmã fazia. Os dois arregalaram os olhos cor de âmbar quando entrei. Ele fez cara de espanto, e a Ayden começou a piscar. Parecia que não fazia a menor ideia de quem eu era. Senti um calor de vergonha subir pelo pescoço e limpei a garganta. Tudo o que eu mais queria naquele momento era lembrar do que tinha feito na noite anterior, se é que tinha feito alguma coisa.

– Hum. Oi.

Fiquei muito agradecido quando o Asa me ofereceu uma caneca de café. Ele encostou o quadril no balcão da cozinha, e os dois continuaram a me encarar.

– Aquela picape estacionada lá fora é sua? – perguntou a Ayden.

Gosto da voz dela. Tem um leve sotaque sulista e é suave e agradável. Também gosto de ver aquelas pernas compridas dela de *legging*, mas o Jet é como um irmão, então nunca vou admitir isso.

– É. Precisei de um motorista da vez, e a Cora decidiu que ia ser ela.

– Você dormiu aqui?

Não gostei nada do interrogatório. Por causa do meu trabalho, eu estou acostumado a fazer as perguntas.

– É, bom, apaguei na cama dela. Não tive opção.

Deu para perceber que o Asa estava pensando em alguma coisa, lembrando que não tinha visto a Cora dormir no sofá nem em nenhum outro canto da casa.

– Que interessante – falou o Asa, dando uma risadinha.

Depois não disse mais nada, e serei grato por isso. O jeito que ele olha para os outros, de cima a baixo, é muito irritante e incômodo.

– O que que é interessante? – perguntou a Cora.

Ela entrou na cozinha cheirando a banho tomado. Tentei não olhar para a marca que tinha deixado no pescoço e no maxilar dela.

A Ayden fez uma careta e alcançou uma banana para a amiga.

– Você ter que tomar conta do irmão que, dizem, é o mais responsável da família Archer.

A Cora franziu a testa e passou por mim, indo para a sala. Ela usava um *short* preto de cintura baixa e uma blusa listrada preta e branca toda decotada nas costas. A única coisa que segurava aquele pedacinho de pano era um laço gigante. A tatuagem que ela tem nas costelas, com todos os *piercings* brilhantes, estava completamente à mostra.

– Todo mundo tem seus dias de cão. Preciso buscar meu carro. Você está pronto?

Balancei a cabeça e devolvi a caneca ao Asa. Nós dois balançamos a cabeça um para o outro, ele dando a entender que essa era a situação mais embaraçosa do mundo. Dei um sorrisinho para a Ayden. Ela levantou a sobrancelha para mim e encostou no balcão, onde tinha encostado antes. Tive certeza de que, assim que a gente saísse pela porta, os dois iam ficar discutindo o que significava

o fato de eu ter dormido lá.

Percebi que a Cora se movimentava um pouco mais devagar do que de costume. Queria perguntar se eu tinha machucado ela, já que a garota é muito menor do que as mulheres que costumo levar para a cama. Mas parecia que nós dois tínhamos um acordo tácito de não tocar no assunto, e não quis forçar a barra. Ela pegou minhas chaves na bolsa e atirou para mim.

– Deixei sua carteira e seu celular no porta-luvas.

– Falei ou fiz alguma coisa errada ontem à noite?

Eu precisava saber se tinha que pedir desculpas por algum motivo... Bom, quer dizer, algum outro motivo além de ter devorado a garota como se ela fosse a última refeição da minha vida.

– Não. Você só estava triste, muito triste.

Não sei se isso queria dizer que eu estava me sentindo triste ou que estava triste de ver e a Cora sentiu pena de mim. Não ia conseguir olhar para ela de novo se soubesse que ela trepou comigo por pena. Foi bom demais, intenso demais. E, caso ela tenha feito aquilo só por pena, nunca mais ia conseguir me encarar no espelho.

– Recebi uma ligação lá do Afeganistão ontem. Foi pesado.

Comecei a dirigir em direção à Broadway. Também precisava descobrir se tinha bancado o imbecil na frente do Brite e do pessoal do bar.

– Você falou. Também disse que estar aqui faz você se sentir meio responsável pelo que aconteceu. Espero que você saiba que isso é uma grande loucura. Quem tem a guerra como meio de vida está sujeito a se machucar ou a morrer, você deveria saber disso. O fato de estar aqui ou lá não faz a menor diferença.

Soltei um suspiro e apertei o volante.

– Não importa. Quando eu estava em missão no exterior, meu irmão morreu. Agora que estou aqui, morreram homens do meu pelotão. Não consigo escapar disso mas, por algum motivo, sempre consigo sair vivo desses encontros com a morte.

A Cora me olhou com aqueles olhos diferentes. O azul tinha uma expressão de compaixão. O tom de café, de censura e alerta.

– Esse é um fardo muito pesado para ficar carregando por aí, Rome. Você não pode se responsabilizar por todo mundo nem se sentir culpado o tempo todo por ser um sujeito de sorte.

– Que nem você? – respondi, olhando de lado para ela. – Você vive correndo por aí para resolver as encrencas dos rapazes, da Shaw e da Ayden. E agora as minhas. Você quer salvar todo mundo, que nem eu.

Não ia tocar no assunto da culpa.

– É, quero mesmo. Só que existe uma diferença: quando eles sofrem as consequências das próprias escolhas, não me sinto responsável. Quando o Rule estava bancando o idiota e se separou da Shaw, não foi culpa minha. Quando a Ayden deu de fingir que podia viver sem o Jet, isso não tinha nada a ver comigo. Eu estou à disposição para amar todo mundo e ajudar a juntar os cacos quando meus amigos se estrepam. Você já acha que tem um efeito direto sobre tudo de ruim que acontece, e isso é pura idiotice.

Como a Cora meio que tinha razão, nem respondi. Passamos o resto do caminho em silêncio. Liguei o som e deixei o velho e bom Pink Floyd preencher o vazio. Quando chegamos no bar, ela apontou para um Mini Cooper ridículo, pintado de verde-limão. Óbvio que aquele era o carro dela. Eu não ia nem conseguir entrar naquele troço. Parei do lado e desliguei o motor. Me inclinei para pegar minhas coisas no porta-luvas e não pude deixar de perceber que ela ficou sem ar quando rocei o braço no peito dela.

A gente ficou se encarando em silêncio por um tempão, aí a Cora pôs a mão na maçaneta. Não podia deixar ela ir embora sem falar nada sobre o que tinha acontecido naquela manhã, mas não tinha a menor ideia do que dizer.

– Hoje de manhã...

Só que ela levantou a mão antes que eu conseguisse continuar a frase.

– Não faça isso – falou, sacudindo a cabeça. – Aconteceu o que aconteceu e vamos deixar por isso mesmo. Você é muito gato, mas não quero ficar sozinha para sempre, e o homem que eu estou procurando não vem cheio de questões e de um turbilhão de emoções que o comem por dentro. Quero alguém estável, que esteja pronto para ficar comigo para sempre e dividir a vida comigo. Você está longe de entender a própria vida. Dividi-la comigo, então, nem pensar.

Entendo que passou por uma fase muito difícil, que já viu mais do que devia da feiura do mundo. Mas preciso de alguém que viva a vida como se o dia de amanhã valesse a pena, não como se fosse uma maldição. O homem perfeito para mim tem que vir pronto, sem que eu precise ensinar nada. Aprendi essa lição a duras penas.

Dei risada e me encostei no banco. Ela me olhava com uma cara confusa. Eu balancei a cabeça.

– Você tem razão. Estou estragado. Boa parte do tempo, não sei se o que passa pela minha cabeça é real ou a memória de alguma lembrança. Mas não sabia que isso era tão óbvio.

Também não ia tocar no assunto do "muito gato". A Cora tinha razão. Eu estava esmigalhado em um milhão de pedaços e devia ter vários parafusos a menos.

Ela sacudiu a cabeça e abriu a porta.

– Não foi isso que eu quis dizer. Você não está feliz e não está nem tentando ser. Caramba, Rome. Tem muito mais militar no seu estado do que civil. Vai procurar ajuda, arranje alguém para conversar. Tenho certeza de que o seu irmão e todas as outras pessoas que o amam vão ficar agradecidos.

E aí ela saiu, simples assim, como se não tivesse virado meu mundo de cabeça para baixo. Como se não tivesse sido com ela o melhor sexo que já fiz na minha vida. Como se ela não tivesse me desmantelado e deixado todos os meus pedaços pelo chão, para todo mundo ver. Minha cabeça doeu ainda mais.

O celular vibrou na minha mão, e me assustei quando vi que tinha dez chamadas não atendidas. Todo mundo queria ter notícias minhas, saber se não tinha morrido de tanto beber. Meus pais tinham ligado para perguntar se eu ia no tradicional *brunch* de domingo. A resposta era simples: "não, caralho". Mas os motivos eram um pouco mais complicados. Só que a mensagem sobre o *brunch* era da Shaw, e eu não queria bancar o imbecil e ignorar a namorada do meu irmão.

Dei o bolo no *brunch* da família. Quer comer?

Estou meio com fome.

O Rule está mexendo no aquecedor. Não está dando muito certo.

Só eu e você?

Não ficava a sós com a Shaw desde antes da noite em que ela jogou a bomba de que estava namorando o Rule e que o Remy era gay em cima da minha família. Amo essa garota como se fosse minha irmã, amo o bem que ela faz para o meu irmão, mas ainda não tinha perdoado completamente o fato de ela ter mentido para nós por tanto tempo. Mas eu tinha prometido ao Rule que ia me acertar com a namorada dele, e era isso que eu ia fazer. Além do que eu estava precisando comer um burrito bem gorduroso.

Claro. No Denver Diner?

Eca. Não, se está a fim de comida caseira vamos no Steuben's.

Ok.

Fica na rua 17.

Até já.

Eu tenho estômago de avestruz, e o Denver Diner estaria de bom tamanho para mim. A comida do exército melhorou muito, mas continua não sendo grande coisa. Mas, se estiver quente, eu como. Como o restaurante não era muito longe de onde eu moro e do estúdio, dava tempo de passar em casa e trocar de roupa antes de encontrar a Shaw. O Nash estava saindo quando cheguei e me fez uma cara preocupada a caminho do Charger dele.

– Você está bem? Não te vi hoje de manhã.

– Tive uma noite difícil, mas está tudo certo.

Ele devia estar com pressa, porque não parou para me fazer um interrogatório. Duvido que a Cora queira que os rapazes fiquem sabendo de todos os detalhes sórdidos. Foi bom não precisar ficar de papo com ele.

Fui correndo tomar banho e resolvi não me dar ao trabalho de fazer a barba.

Estava me sentindo um lixo, o visual combinava. Pus uma calça jeans velha e uma camiseta limpa. Escondi os olhos vermelhos atrás de óculos escuros e fui até o restaurante. O SUV Porsche chamativo da Shaw já estava no estacionamento, e fiquei surpreso ao perceber que eu estava meio nervoso de encontrar com ela a sós.

A Shaw é uma menina meiga. Não tem um pingo de malícia ou maldade. Ela tem um coração gigante e é puro amor incondicional. Por isso consegue fazer o imbecil do meu irmão andar na linha. Alguma coisa naqueles olhos verdes inocentes dá vontade de ser o herói dela, de ser uma pessoa melhor. E era isso mesmo que tornava tão difícil engolir toda a irritação e o ressentimento que eu sentia pela garota. Seu cabelo loiro se destacava no meio da multidão, e pude ver estampado no seu rostinho bonito que ela estava tão apreensiva com o nosso encontro quanto eu.

A Shaw me deu um sorriso sem graça e se sentou. Quando tirei os óculos e pedi para a garçonete me trazer um café, percebi um lampejo de preocupação passar pelos olhos da namorada do meu irmão.

– Você está com uma cara péssima.

– Estou me sentindo péssimo.

Ela ficou mexendo nos talheres, e era óbvio que queria me dizer alguma coisa mas que estava se segurando.

– Que foi, Shaw? Fala logo.

Então ela mordeu os lábios, enrugou o nariz e respondeu:

– O Rule está preocupado com você.

Dei uma risadinha abafada e balancei a cabeça para a garçonete, que colocou uma caneca de café na minha frente.

– Ah, como as coisas mudam. Passei a vida inteira preocupado com ele.

E era verdade. Não sei de onde tirei essa necessidade esgotante de ser guardião do meu irmão, mas era parte do meu caráter, assim como meu senso de dever e honra.

A Shaw franziu a testa e falou:

– Você está bebendo demais, arrumando briga, não fala com seus pais e está se afastando de todo mundo que gosta de você. Parece que quer que sua volta

para casa seja a mais complicada possível. Nós todos te amamos, Rome. Sim, está todo mundo acostumado a te amar de um jeito simples, que não dá trabalho, mas todo mundo pode aprender a te amar de outro jeito, se você nos der a oportunidade.

Limpei a garganta e esperei a garçonete anotar os pedidos antes de responder.

– Olha, estou tentando entender a minha vida do jeito que ela é neste momento. Tive um ou outro percalço, mas vou resolver as coisas. Desculpe ter sido um idiota com você. É difícil não te olhar e enxergar as mentiras do Remy, é difícil ver você e o Rule juntos. Não estou acostumado a observar minha família de fora.

A Shaw soltou um suspiro tão indignado que parecia que eu tinha batido nela. Uma expressão de dor passou por aqueles olhos cor de jade. Senti como se tivesse levado um soco.

– O segredo não era meu, eu não tinha o direito de contar. O Remy viveu a vida dele como quis, de acordo com o que acreditava ser certo. Eu não concordava com todos aqueles segredos, com fazer as coisas escondido, mas não tinha o direito de forçar o seu irmão a se abrir. Ele estava feliz, apaixonado, e não precisava nem queria que você e o Rule se metessem nos assuntos dele, mesmo que com a melhor das intenções. Agora, sobre o fato de eu estar com o Rule... – ela me olhou bem nos olhos e disse: – sempre o amei, e você sabia. Fiz por merecer estar com ele, Rome. Tenho o direito de ser feliz com o seu irmão e fazê-lo feliz. Não vou pedir descupas por isso, jamais. Lamento que seja difícil se acostumar com essa mudança.

A garçonete escolheu justo essa hora para servir nossos pratos. A gente ficou se olhando em silêncio por um tempão, até minha cabeça latejante e meu estômago vazio falarem mais alto.

– Estou só tentando entender, menininha. Todo mundo deixa o Rule aprontar até conseguir algo maravilhoso. Por que vocês não podem me dar um desconto?

A Shaw finalmente me deu um sorriso que iluminou seu rosto. Amo mesmo essa garota e estava com saudade dela.

– Posso te dar um desconto. Mas cansei desse gigante raivoso e insensível que você tem sido nos últimos tempos.

– Capitão Sem Graça – falei.

A Shaw riu e me olhou com cara de interrogação.

– A Cora me chama de Capitão Sem Graça.

– Minha amiga fala o que pensa. É uma das coisas que gosto nela.

Cocei meu queixo barbudo, tentei fazer cara de paisagem e respondi:

– Pelo jeito, ela é cheia de surpresas.

A Shaw levantou o garfo, apontou para mim e perguntou:

– E como é que você sabe disso, Rome? Quando foi que passou algum tempo com ela?

Bom, essa era uma pergunta que eu queria evitar a qualquer custo. Resolvi mudar de assunto.

– Meus pais ficaram putos por você não não ter ido ao Domingo Oficial da Diversão?

Ela piscou para mim, surpresa.

– Um pouco. Não é tão raro assim isso acontecer. O Rule e a sua mãe ainda têm muito o que resolver e, às vezes, ele simplesmente não está a fim de ir. Os dois estão tentando se acertar, e acho que isso é tudo o que dá para esperar no momento, mas é difícil. Eles estão com saudade de você. Perguntam o tempo todo. Está todo mundo tão feliz por você ter voltado para casa inteiro.

Esse era um assunto que eu também não estava a fim de discutir, mas parecia menos complicado do que falar da manhã que eu passei com a Cora ou se eu conhecia ou não conhecia bem aquele dínamo loiro.

– Voltei inteiro fisicamente. Não sei se dá para falar a mesma coisa da minha cabeça.

Ela franziu a testa, com uma expressão preocupada. Empurrei meu prato vazio e comecei a tomar o café.

– Como assim?

Me encostei no sofazinho e girei o dedo perto da cabeça, fazendo o sinal da loucura.

– Meu cérebro está bem confuso. Vejo coisas que não existem, não consigo

dormir direito e sinto que todo mundo à minha volta morre e que não tem nada que eu possa fazer para impedir. Não consigo resolver o que fazer da vida agora que não estou mais no exército, e isso está me deixando louco. Não me reconheço mais.

A Shaw fez um barulhinho com a garganta e pôs a sua mão pequena em cima da minha. Sem perceber, eu tinha cerrado os punhos. Podia ficar repetindo que estava puto com a minha mãe e com o meu pai porque eles mentiram para mim e por terem feito da vida do Rule um inferno. Mas a verdade é que eu não ia aguentar ver os dois me olhando como se não me conhecessem mais. Eu estava tão longe de ser aquele filho, aquele soldado que viram da última vez em que fiquei em casa de licença, que não sei qual seria a minha reação se tivesse que ver meus pais me olhando como se eu fosse um estranho.

– Rome... – disse a Shaw, com uma voz suave.

Não consegui olhar nos olhos dela. Se estivessem com uma expressão de pena ou tristeza, acho que eu ia morrer. Estou tão acostumado a proteger essa garota, a ser um ombro amigo, a dar conselhos, que só de pensar que ela é que ia ter que fazer isso por mim agora doeu como se uma farpa tivesse entrado na minha pele.

– Estou te olhando bem e vejo o sujeito que você sempre foi: um irmão maravilhoso, um filho incrível e o homem mais forte e consciente que já conheci. Você é demais e pode até estar com dificuldades neste momento. Mas, sério, Rome, você teve que ser forte a vida inteira, que resolver as besteiras de todo mundo. Não tem problema relaxar um pouco e deixar a gente te ajudar.

Olhei para a Shaw e tive que engolir em seco o bolo de emoção que subiu na minha garganta. Como não sabia o que responder, só dei uma apertadinha na mão dela, para dar a entender que agradecia a preocupação. Meu irmão é muito sortudo de ter essa garota incrível tão apaixonada por ele. Achei que tinha me livrado dos outros assuntos quando peguei minha carteira para pagar a conta. Mas é fácil esquecer que a Shaw é superesperta e que quase nunca se esquece das coisas.

– Então, o que você quis dizer quando falou que a Cora é cheia de surpresas? Achei que vocês dois mal se conheciam.

Me deu vontade de urrar.

– Nada. Não quis dizer nada. Ela é bonitinha e fala o que bem entende, e isso é surpreendente.

A Shaw levantou a sobrancelha e falou:

– Você sabe que a gente é super íntima, né? E que o que a Cora não me conta, a Ayden conta.

Droga. Esqueci que essas meninas não param de tagarelar sobre a vida uma da outra.

– Enchi a cara ontem à noite.

– Óbvio.

A namorada do meu irmão falou isso usando um tom tão seco que eu dei risada.

– Eu dei meu celular para o dono do bar ligar para o Rule ir me buscar, mas ele ligou para o estúdio, e a Cora atendeu. Como meu irmão estava envolvido com o aquecedor de água, e o Nash estava perdido em combate, ela é que foi até lá. Não deixou eu me matar nem matar ninguém. Só fiquei surpreso que se importou comigo ao ponto de fazer isso, porque acho que sua amiga não vai muito com a minha cara.

A Shaw ficou me olhando séria por um tempo. Tive que me segurar para não me encolher todo como uma criança que sabe que fez arte.

– A Cora é muito mais do que uma fadinha *punk*.

É mesmo, mas eu é que não ia falar desse assunto.

– Minha amiga teve um noivo, tempos atrás. Ele partiu seu coração, e agora ela se ilude, achando que vai encontrar o homem perfeito e ser feliz para sempre. Ela se mete na nossa vida, vive nos dando conselho e enfia o nariz onde não é chamada o tempo todo, mas não ouve quando a gente tenta falar que ela está procurando uma coisa que simplesmente não existe. O que é uma droga porque, na maioria das vezes, minha amiga tem razão, e a gente deveria ouvir o que ela diz, mas não ouve. Então não é de se surpreender que ela também não dê bola para o que a gente fala. Sinceramente, acho que a Cora morre de medo de deixar um homem se aproximar e partir o coração dela de novo.

Encolhi os ombros e fui levantando do sofá.

– Não tem nada de errado em querer o melhor.

– Tem sim, quando o que dá para conseguir não é tão bom assim. Amo o Rule mais que tudo nessa vida, mas ele está longe de ser perfeito. Os relacionamentos não são feitos sob medida, e as pessoas têm defeitos. Você tem que entender e amar a pessoa mesmo assim. Nossos defeitos são o que nos tornam únicos. O Rule pode até não ser perfeito, mas é perfeito para mim.

Passei o braço envolta do pescoço da Shaw e dei um abraço apertado nela que a fez soltar um gritinho. Um sentimento bom e conhecido surgiu no meu peito quando ela me abraçou. Eu estava sentindo falta disso, e a culpa era minha, por ser tão idiota.

– Senti saudade, menina.

A Shaw soltou o ar no meu peito e me abraçou só um pouquinho mais apertado.

– Também senti saudade, Rome. Estou tão feliz que você voltou.

Não tinha voltado 100%, mas alguma coisa tinha aberto meus olhos, e agora parecia que eu conseguia enxergar com clareza o que estava perdendo. A Shaw tinha razão. Sempre fui bem estável, um filho confiável, um irmão mais velho ponta firme. Ainda sou tudo isso, mas agora sou outras coisas não tão legais, tenho características um pouco mais difíceis de aceitar. Só que as pessoas que me amam sempre vão me amar, mesmo se tiverem que me amar de um jeito diferente, e isso faz de mim um homem de sorte. Preciso começar a dar valor para isso e, como a Cora falou, parar de me sentir culpado por ser um sujeito de sorte.

CAPÍTULO 7

Cora

FAZIA UMA SEMANA que eu tinha soltado minha piranha interior. Uma semana inteira sem pensar no Jimmy ou no casamento dele e sem perseguir o sujeito nas redes sociais. Também fazia uma semana que pisava em ovos, só esperando o Trio Terrível cair matando em cima de mim com o maior interrogatório sobre a visitinha do irmão mais velho, mas isso nunca aconteceu. Pelo jeito, ninguém acha que eu e o Rome podemos ser qualquer outra coisa além de inimigos mortais. E, fora o interrogatório que a Ayden me fez e de alguns olhares curiosos que a Shaw me lançou, não tive nenhum problema. Agora, se soubessem que, em vez de bancar a babá do bêbado apagado fiz outra coisa bem diferente, a história não seria assim. O que era uma droga, porque eu não conseguia tirar essa outra coisa da minha cabeça de jeito nenhum.

Um dia o Rome passou no estúdio para deixar o celular do Nash, que tinha esquecido o aparelho em casa. Outra vez passou para perguntar se o Rule podia ajudar a arrancar o piso daquele bar de quinta onde ele, pelo jeito, passa o tempo todo. Nas duas ocasiões, foi educado até demais e totalmente normal. Não deu pista de nada inapropriado ou de paquera. Agiu como se a gente nunca tivesse ficado pelado juntos, muito menos trepado até morrer, e isso me irritou muito. Principalmente porque, toda vez que o vejo, lembro do quanto ele é gostoso. Não é justo. Tudo bem que fui eu que falei que aquilo não tinha significado nada além de sexo, mas ele agir de um jeito tão *blasé* e desencanado me deixava chateada. Minha reação foi ser ainda mais desbocada e sarcástica do que de costume. E ele não parecia se incomodar.

Uma noite, eu estava no Cerberus depois de um dia de trabalho especialmente longo, esperando a banda do Jet subir no palco. Era um típico sábado à noite. Só que, em vez de me divertir com os meus amigos, estava me

segurando para não observar o Rome e uma garota de calça de couro que estava praticamente trepando com ele por cima da roupa. Sei que isso não deveria me incomodar, a gente nem é amigo nem nada. Mas eu estava usando cada gota do meu autocontrole, que já não é lá grande coisa, para não gritar com ele e estrangular a garota com o colar cafona dela. Em defesa do Rome, tenho que dizer que ele não parecia muito interessado na mulher que se jogava em cima dele, mas também não deu um corte na vagabunda. Queria esvaziar a garrafa de cerveja que estava na minha frente em cima dos dois.

– E aí, mau humor?

A voz divertida do Rowdy interrompeu meus pensamentos sombrios. Parei de olhar para o Rome e virei para o meu amigo. O Jet tinha arrastado a Ayden para o *backstage* falando que ela precisava conhecer o banheiro daquele lugar também. A Shaw e o Rule estavam tendo altos papos com o Nash sobre o Phil. Fazia mais de uma semana que ninguém tinha notícias do dono do estúdio, e estava todo mundo preocupado. Como o Rome estava entretido com a Mulher-Gato, sobramos eu e o Rowdy. Tudo bem que existem parceiros de bebida piores neste mundo, mas eu não precisava ser analisada por aqueles olhos azuis tão observadores.

– Não estou mal-humorada, só estou cansada. Meu dia foi longo.

Ele levantou a sobrancelha loira, pegou uma cerveja e disparou:

– Você está estranha a semana inteira. Quieta. Isso não é normal.

Eu só encolhi os ombros, na esperança de que o meu silêncio fosse fazer o Rowdy mudar de assunto, mas aí a garota que estava com o Rome atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada tão alta que tive que morder minha própria língua para não fazer um escândalo.

– Ele não pode ter dito nada de tão engraçado. Acho que ele nem tem senso de humor – falei.

Na hora me dei conta de que a frase tinha sido despeitada e maldosa, mas não conseguia me controlar.

O Rowdy tirou o braço de trás da minha cadeira e segurou minha nuca. Soltei um suspiro quando ele começou a massagear meus músculos tensos.

– Você vai me contar o que está acontecendo ou quer que eu tire minhas

próprias conclusões? Que, aliás, devem estar certas.

Fiz uma careta para o meu amigo e olhei de novo para o Rome e aquela piranha vestida de couro. Não consegui evitar uma leve rosnada quando a vi passar os dedos pelo cinto que ele usava.

– É possível, quero dizer, praticamente certo, que eu ache o mais velho dos irmãos Archer um gato.

O Rowdy deu risada e disse:

– Fala sério.

Dei uma cotovelada no meu amigo, revirei os olhos e completei:

– E também é bem possível ser difícil de resistir ao tal gato. E posso ter perdido o controle quando ele dormiu na minha casa. Ou não.

O Rowdy parou de massagear o meu pescoço e assoviou. Olhei para ele, franzi a testa e vi que ele também franzia a testa.

– Que foi? – perguntei.

– Só fiquei surpreso. Isso é meio errado.

– Por quê? Vocês fazem isso o tempo todo.

– Não com quem a gente conhece. Não gostamos de sujar as mãos.

Dei outra cotovelada nele e xinguei:

– Porco.

– Se foi só uma trepadinha, por que você está mandando esse olhar mortífero para a morena que está caindo em cima dele?

Soltei um suspiro profundo e respondi:

– Não sei.

E não sabia mesmo. O Rome não se encaixava nos meus planos, não era o que eu procurava, mas não conseguia parar de pensar nele e nas suas imperfeições. E aquilo não era nada bom. Apoiei o queixo na mão, olhei para o Rowdy e continuei:

– Você não se sente sozinho de vez em quando? O Rule está com a Shaw, o Jet foi lá e casou, meu Deus. Você nunca olha em volta e se pega imaginando quando vai chegar a sua vez? Te conheço bem ao ponto de saber que essas garotas todas, que essas trepadinhas sem compromisso não são nada além disso. Você pode passar sem elas. Mas, se a mulher certa aparecesse, você ia ficar

caidinho.

Ele deu uma risada sem graça e se encostou na cadeira. Quando a garçonete passou pela nossa mesa, pediu duas doses de Jägermeister.

– A mulher certa apareceu há muito tempo, só que eu não era o homem certo para ela, então hoje as coisas são como são. Eu estou só passando o tempo.

Fiquei piscando surpresa. O Rowdy nunca fala muito do próprio passado. Sei que cresceu em um orfanato no Texas, que jogava futebol americano, que parou de jogar, largou a faculdade de repente e resolveu ser tatuador. Só isso.

– Mas você não acha que pode aparecer outra mulher além dessa? Ou vai passar o resto da vida sozinho, pulando de mulher em mulher?

Essa história me fez pensar no Jimmy, na vida que eu achava que devia estar levando a uma altura desta. Investi tudo o que eu tinha nele, achei que ele era tudo para mim, e agora não tinha mais certeza disso. Nunca nada tinha mexido tanto com a minha cabeça como aqueles olhos azuis-claros cheios de amor e paixão do Rome. Não sou dessas que se deixam afetar por qualquer coisa, mas esse homem me afetou, e muito. Só que ele é tão estável e seguro quanto uma tempestade tropical, o que o torna muito perigoso para os meus parâmetros.

– Por enquanto só quero me divertir e, quem sabe um dia, a mulher certa vai aparecer, e eu vou ser o homem certo para ela. E, se eu der sorte, vou gostar dela ao ponto de fazer as coisas darem certo entre a gente. Não acho que aquele imbecil que você largou lá em Nova York fosse o seu grande amor, Tink. Acho que você era nova e estava cansada de ser jogada de um lado para o outro pelo teu pai e se agarrou na primeira coisa firme que encontrou. Você achou que o Jimmy fosse ser a sua família, seu lar, e, quando isso não aconteceu, acabou perdida e morrendo de medo. Acho que, quando chegar a hora, você vai saber. Porque, mesmo não sendo perfeito, o sujeito vai te virar de pernas para o ar e, quem sabe, pela primeira vez na vida, você vai calar a boca e deixar de ser tão medrosa.

Meu amigo olhou para o Rome, e eu não respondi nada. Merda. Virei a bebida, fiz careta e explodi:

– Você é um bosta.

– Só quando me pedem com jeitinho.

A gente deu risada, olhei para cima, surpresa, quando uma sombra apareceu no canto da mesa. Odeio ter que espichar o pescoço para olhar para o Rome. O relevo da cicatriz que ele tem na testa chamava atenção na luz fraca do bar. Sua bochecha estava repuxando, e os olhos, normalmente brilhantes, pareciam meio enevoados e sombrios.

– Você avisa o Rule e a Shaw que eu cansei? Vou nessa.

Parecia de mau humor, irritado com alguma coisa. A piranha da roupa de couro tinha sumido.

– Mas a Enmity ainda nem tocou.

Não sei por que disse isso para ele. Óbvio que a banda ainda não tinha subido no palco. Eu só estava sendo chata e do contra.

O Rome encolheu os olhos, abriu a boca e a fechou de novo. Parecia ter mudado de ideia sobre o que ia me dizer. Sacudiu a cabeça como se estivesse tentando fazer os pensamentos irem para outro lugar.

– Conheço o Jet desde que ele era moleque. Já o vi tocar um milhão de vezes. Estou me esforçando muito para não beber e, se eu ficar mais um segundo aqui, não vou conseguir evitar.

A gente ficou se encarando em silêncio. Não sabia se devia interpretar o fato de ele não querer mais beber como forma de evitar burradas como a que fez comigo ou se ele queria parar de beber porque estava descontrolado e isso só piora as coisas.

O Rowdy pediu mais uma rodada para nós, e percebi que o Rome cerrou os dentes. Não sabia direito o que estava acontecendo, então entrei no meu modo bocudo de sempre.

– O Capitão Sem Graça volta a atacar.

O Rome abaixou aquelas sobrancelhas escuras, e vi o Rowdy ficar todo tenso. O que eu disse tinha sido grosseiro e desnecessário. Mas, antes que pudesse pedir desculpas, ele pôs as duas mãos na mesa, se inclinou e olhou bem na minha cara. Tinha uma tempestade prestes a explodir naqueles olhos azuis, e acho que eu não queria fazer parte dela. Ou vai ver queria ser a causa, e era por isso que agia como uma idiota.

– Tenho certeza que você conhece muito bem o que eu entendo por diversão. Caso tenha esquecido, faço questão de te lembrar.

Fiquei sem ar, e o Rowdy se mexeu na cadeira, sem jeito.

– Valeu. Acho que a Mulher-Gato já se candidatou.

O Rome bufou, começou a se afastar, virou e gritou:

– Você sabe que tem para todas, Peso Pena.

Depois que ele foi embora, levei um tempinho para recuperar o fôlego. Não tive coragem de olhar se a morena foi com ele ou não. O Rowdy deu mais um assovio.

– Nunca pensei que ia ver alguém ter a última palavra em uma discussão com você. Bem estranho.

Ignorei meu amigo e voltei para a minha cerveja. Não posso fazer isso com o Rome. Não posso dar um chega para lá nele, essas pessoas são amigas dele também, são a sua família. Não posso ser grossa só porque estou com ciúme e com inveja da sua gostosura inegável. Ia ter que bancar a adulta e trocar uma ideia com ele, ter aquela conversa que eu não queria ter para melhorar o clima entre a gente. Não sabia direito o que ia fazer, mas alguma coisa me dizia que esse clima tenso não podia ser ignorado. Mas, antes disso, ia beber todo o Jägermeister do estado do Colorado e tentar esquecer a imagem daquela vadia de roupa de couro pondo as patas nele. Também ia ignorar solenemente os olhares que o Rowdy estava me mandando, com aquela cara de quem tinha entendido tudo. Era isso ou dar um soco no nariz do meu amigo.

NA MANHÃ SEGUINTE, estava me sentindo um pouco mal, mas dava para aguentar. Principalmente porque eu só precisava por um vestidinho leve, passar algo no cabelo, um *gloss* na boca e estaria pronta para outra. Ter cabelo curto é demais. Pus um vestido turquesa, da mesma cor de um dos meus olhos, com um girassol amarelo-limão gigante estampado na bainha. Era vivo e alegre. Pensei que, por mais mal-humorado que o Rome estivesse, não ia conseguir ficar tão bravo na presença de um vestido tão incrível. Além disso, o modelito deixava minhas pernas sensacionais e dava a impressão de que eu tenho peitos.

Quando cheguei ao estacionamento do prédio, o Nash estava descendo as escadas. Tinha bebido comigo e com o Rowdy até o bar baixar as portas. Estava com a cara péssima, e era bem assim que eu me sentia. Ele estava com um boné enfiado até a testa e uns óculos escuros que cobriam metade do rosto. O Nash veio correndo quando me viu e se encostou no para-choque do meu carro.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou.

Tentei não me mexer e endireitei meus próprios óculos escuros antes de responder.

– Preciso falar com o Rome.

Ele fez uma careta e disse:

– Por quê?

– Porque sim. Não enche.

– Te falei que isso era uma péssima ideia.

– Falou. Bom, a péssima ideia foi minha. Não se meta. Só preciso falar com ele um minutinho. Aonde você vai tão cedo?

– Preciso falar com a minha mãe.

Fiquei tão chocada que comecei a piscar. Todo mundo sabe que o relacionamento do Nash com a mãe e o padrasto não é nenhum mar de rosas.

– Caramba. Por que você ia querer fazer isso?

– Porque tem alguma coisa errada com o Phil, e preciso de ajuda para pôr ele contra a parede. Ele está me evitando a todo custo, e minha mãe é meu último recurso.

– Mas o Phil não é irmão do seu pai?

O Nash balançou a cabeça e esfregou a nuca. Dava para perceber que ele ficava incomodado só de tocar nesse assunto.

– É. Só que, desde que eu era pequeno, muito antes de eu entender que meu pai tinha caído fora, o Phil não consegue dizer "não" para a minha mãe. Se ela falar "pula", ele vai perguntar em que rio ela quer que ele se jogue. Pode parecer estranho, mas acho que minha mãe é a única que vai conseguir fazer o Phil contar o que está acontecendo.

Dei um tapinha no braço do meu amigo, fui até a porta do apartamento dos dois e falei:

– Boa sorte. Acho que vai ser um programa bem divertido.

– O Rome não está aqui.

Dei um passo para trás e olhei para o Nash, por cima do ombro. Imagens incontroláveis da Mulher-Gato com as mãos na calça do Rome passaram pela minha cabeça. Senti um aperto no estômago e não gostei nada da minha reação.

– Ele não dormiu em casa? – perguntei, sentindo o tom de insatisfação na minha própria voz.

O que não passou despercebido pelo Nash, que me fez uma careta.

– Dormiu. Ele estava aqui quando cheguei em casa. Sozinho. É que ele não consegue dormir direito, sabia? Acordou muito, mas muito cedo. Acho que foi correr. Quer que eu abra a porta para você ficar esperando aí dentro?

Balancei a cabeça. Precisava de um café e de um tempinho para pensar direito no que queria dizer para o Rome.

– Só espero que você tenha noção do que está fazendo, Cora. O Rome não é um desses sujeitos que você pode manipular e fazer de gato e sapato. Que foi? Cansou de esperar pelo homem perfeito?

Fiquei à vontade naquela cozinha pequena, coloquei os óculos de sol no balcão que separava a sala de estar tão masculina da cozinha ainda mais masculina.

– Para de ser tão estressado. Só quero trocar uma ideia com ele.

O Nash saiu, mas suas palavras continuaram ecoando na minha cabeça.

– Trocar uma ideia com você quase sempre acaba em confusão.

Fiquei feliz porque os meninos se preocupam comigo. Não tenho uma ficha muito boa no que diz respeito a homens e decepções amorosas e há um tempão falo que quero um homem perfeito. Eles sabem que estou atrás de um homem estável, que não tenha uma bagagem emocional gigantesca, que seja feliz e satisfeito com a própria vida. Sabem que eu estou pronta para dizer "sim" ao homem que prometer ficar comigo para sempre e me oferecer um futuro alegre e brilhante como a minha personalidade. Quero ser feliz para sempre como o Rule e a Shaw, ter a paz de espírito que o Jet deu para a Ayden. Quero um companheiro, alguém que esteja preparado para trilhar o longo e tortuoso caminho que é se relacionar comigo.

Faz todo sentido eles acharem que o Rome é o oposto disso. Meus amigos só estão tentando me poupar de mais sofrimento desnecessário, porque agora tinha ficado bem óbvio que ele mexe comigo. Só que não sei mais se esse ideal que eu venho perseguindo é viável. Rola alguma coisa entre a gente, que vai além da química, além do desejo sexual, é mais do que uma quedinha. Sei reconhecer quando um plano vai por água abaixo. Meu plano de passar a vida com o Jimmy sumiu como fumaça diante dos meus olhos. E, agora, essa ideia de homem perfeito, esse ideal fictício que pus na minha cabeça, começava a desmoronar por causa da força desse tal Rome Archer. Não importa que ele mais pareça uma criança perdida no escuro, que tenha uma bagagem emocional mais pesada e mais difícil de lidar do que a da maioria das pessoas, nem que não consiga se ver vivendo o dia de amanhã, quem dirá o futuro, com outra pessoa. Não sei se já estou preparada para desistir do meu sonho, só que o Rome está atrapalhando essa conquista. Não posso ignorar que rolou alguma coisa entre a gente e que está mais do que na hora de eu deixar de ser medrosa e descobrir que coisa foi essa.

Ouvi a porta se abrir e o som de passos pesados virem em direção à cozinha. Eu estava lavando louça, não só porque não sabia onde enfiar as mãos, mas também porque parecia que aqueles pratos estavam em cima da pia há um tempão. Que nojo.

– O que você está fazendo aqui?

O tom de voz do Rome não era nada agradável. Não tinha nenhum sinal de que havia ficado feliz em me ver, muito menos da azaração que ele sempre faz quando fala comigo. Parecia que cada palavra saía do fundo do peito dele sem vontade, com um gosto amargo. Sequei as mãos no pano de prato e me virei para olhar para ele.

Senhor. Como é que ia conseguir ter uma conversa coerente e adulta com aquele homem se ele estava só de calça de moletom preta e com um iPod enrolado no braço? Aquele cabelo castanho estava ainda mais escuro por causa do suor, e a montanha de músculos daquele corpo incrível estava ali, reluzindo bem na minha cara, porque o Rome estava sem camisa e ficou óbvio que tinha acabado de correr muito. Que injustiça.

– Lavando a louça. De nada.

Ele grunhiu e arrancou o iPod do braço. Passou por mim, foi até a geladeira e pegou uma garrafa de água. Me segurei para não babar quando um pouco da água escorreu pelo peito dele. O Rome ficou só me olhando, sem expressão nenhuma naquele rostinho lindo e cansado.

– Eu ia lavar hoje à tarde. Preciso tomar banho. Estou fedendo.

Limpei a garganta, me encostei no balcão e falei:

– Queria conversar com você bem rapidinho.

E também queria que ele pusesse uma camiseta, para eu conseguir formar frases direito e não parecer uma idiota.

O Rome esfregou as mãos no rosto e na cabeça, e percebi quanto ele estava acabado. Os olhos azuis estavam meio apagados, com umas olheiras grandes.

– Olha, Cora, eu entendo. Estou confuso, e você não está a fim. Só que você confunde a minha cabeça, que já não está boa, quando me diz uma coisa e fica me olhando como se quisesse me lamber inteiro, como se eu fosse um sorvete. Estou tentando entender a droga da minha vida. Não tenho condições mentais nem paciência para entender a sua também. Só dormi duas horas essa noite e acabei de correr dez quilômetros. Preciso de um banho e, se Deus quiser, tirar um cochilo.

Ele nem me deu chance de responder. Se virou, saiu da cozinha e me deixou ali sozinha, de boca aberta. Era a segunda vez em poucos dias que ele me deixava sem fala e, para completar, tinha a última palavra em uma discussão comigo. Odiei aquilo. O babaca nem me deixou pedir desculpas por ter sido grossa sem necessidade na noite anterior. Desencostei do balcão e fui até o quarto, que fica nos fundos do apartamento. Era o antigo quarto do Rule, quando ele morava com o Nash. Por isso sabia que tinha banheiro lá dentro.

Dava para ouvir a água caindo e o som ligado. Tocava Tom Petty dentro do banheiro. Por mais estranho que isso possa parecer, sempre achei que o Rome curtia um *rock* clássico. E o quarto dele era um brinco. Criou bons hábitos em todos aqueles anos no exército. Até a cama *king size* estava arrumada. Não tinha uma meia largada no chão, mas também não tinha muita coisa naquele quarto que expressasse a personalidade dele. O único toque pessoal era uma foto em

preto e branco dele bem mais novo, com os irmãos gêmeos.

O Rule estava com a mesma cara, só que tinha bem menos tatuagens. E estava sorrindo, coisa que não fazia muito antes de se acertar com a Shaw. O Rome era alto e estava com uma cara de orgulho, total irmão mais velho protetor. E o outro gêmeo, o Remy (era muito louco ver uma réplica exata do Rule, só que normal), era bonito, mas bem sem graça e comum.

Fiquei perdida nos meus pensamentos, olhando para a foto, e não ouvi o Rome desligar o chuveiro. Senti um braço passar por cima do meu ombro e pegar a foto. Eu me virei, surpresa, e dei de cara com o Rome só de toalha. Naquela manhã meu autocontrole estava mesmo sendo testado. Calça de moletom era uma delícia, mas toalha era ainda melhor. Ele tinha cheiro de banho tomado e uma cara de irritação por eu estar invadindo o seu espaço.

– Essa foto viajou o mundo comigo. Nunca me separei dela. Foi para a Coreia. Para o Paquistão e para o Iraque. E acabou de voltar do Afeganistão. Ela me lembrava que era por essas pessoas que eu estava lutando, que era por elas que eu lutava pela segurança do nosso país.

Pus a mão na garganta, porque meus olhos se enxeram de lágrimas ao ouvir essas palavras.

– Você tem sorte de ter esse tipo de relacionamento com eles.

O Rome bufou, e eu tive que me segurar muito para não esticar o braço e desfazer aquele nozinho que estava segurando a toalha. Não sei o que ele tem, mas quando estou perto dele, meu corpo toma conta, e o cérebro fica só assistindo. É algo forte e um tanto irritante. Nunca me senti tão absurdamente atraída por alguém, nem pelo Jimmy.

– Eu achava isso também, mas aí descobri que o Remy tinha uma vida secreta e que a Shaw sabe cuidar melhor do Rule do que eu.

Inclinei a cabeça e fiquei observando o Rome. Então perguntei:

– E você?

Ele me olhou de canto e foi até a cômoda, no fundo do quarto. A vista de costas era tão boa quanto a de frente.

– O que que tem eu?

– Você sempre fala que lutou por eles, que as escolhas que fez foi por causa

dos seus irmãos. Mas quem cuidou de você? Quem lutou para o mundo ser um lugar melhor para você viver?

Fiz todas essas perguntas meio abismada, porque não conseguia acreditar que o Rome não tinha noção de quanto ele era e sempre foi importante para os irmãos. Ele não tirou aqueles olhos azuis dos meus.

– Acho que você está tentando diminuir tudo o que representa para o Rule e para o Remy, e isso não é legal. O Remy pode até não ter te contado, mas, no fim das contas, estava apaixonado e era feliz. E, sim, o Rule era pura encrenca, mas conseguiu dar um jeito na vida quando precisou. Pode considerar sua obrigação de irmão cumprida. Está na hora de focar na sua própria vida.

Ele se virou, segurando uma camiseta, e me olhou. Respirei fundo e me forcei a olhar para o rosto dele, não para o peito nem para baixo da sua cintura, onde a toalha estava tão precariamente presa.

– Olha, preciso pedir desculpas por ter sido tão grossa com você ontem à noite. Acho legal estar tentando parar de beber. Admirável, até. Para ser sincera, não fui muito com a cara daquela vadia de calça de couro que ficou passando a mão nas suas calças. Isso pode ter me deixado meio mal-humorada, mas não devia ter descontado em você.

Ele levantou a sobrancelha que tem a cicatriz e perguntou:

– Quem?

– A mulher de ontem à noite.

Ele encolheu os ombros, para dizer que não lembrava, e jogou a camiseta em cima da cama.

– Bom, você e o Rowdy pareciam aqueles bonequinhos de bolo de casamento. Os dois tão loiros, tão lindos, e os dois cheios de tatuagens e de *piercings*. Se eu tivesse que vê-lo fazer massagem no seu pescoço ou falar no seu ouvido por mais um segundo, a coisa ia ficar feia.

Meus olhos se arregalaram, surpresos, e meu coração começou a bater mais rápido.

– O Rowdy é um irmão para mim.

– E eu não me lembro de nenhuma vadia de calça de couro.

Nós ficamos ali, nos encarando em silêncio. Vi que a veia do pescoço dele

estava pulsando e mordi os lábios. De repente, parecia que éramos as únicas pessoas da face da Terra, e que o tempo tinha parado naquele quarto. Eu começava a achar que minha ideia de perfeição era absolutamente chata, e que eu era uma idiota por ter pensado durante tanto tempo que era isso que eu queria. Alguém louco e descontrolado era muito mais excitante do que alguém certinho e pé no chão. Agora eu só precisava ser correspondida.

– Então, é o seguinte. Não preciso que você me ajude a pôr minha cabeça no lugar, posso fazer isso sozinha. Fico te olhando com cara de quem quer te lamber todinho porque é isso que eu quero. Não sei direito como começar um lance com um homem como você. Mas, se você prometer não mentir para mim, não me trair, estou a fim de tentar.

E eu estava mesmo. Queria começar, terminar e aproveitar tudo o que desse enquanto isso. O Rome é tão diferente do Jimmy e, sinceramente, mesmo perturbado, dá para ver que é muito mais legal. O Rome Archer é uma força a ser encarada, ele é uma tempestade de pensamentos incoerentes e fantasmas perigosos, de culpas desnecessárias e futuro incerto. Eu não tinha certeza, mas tinha a forte impressão de que sou uma das poucas pessoas que conseguem aguentar a destruição que essa tempestade pode causar. E, apesar de continuar com meus velhos medos, eles não eram tão fortes como a atração que eu sentia por esse homem tão enigmático.

Ele não falou nada, mas vi que seu peito subiu e desceu, em uma respiração profunda.

– Cora – disse, por fim, com hesitação na voz – não costumo brincar com as mulheres e acho que não posso ser mais sincero com você do que já fui. Continuo não sendo o homem que você procura. Isso não mudou desde a manhã em que a gente ficou. "Perfeição" nem faz parte do meu vocabulário, mesmo que você seja tão bonita que me dê vontade de tentar ser perfeito.

Aí ele bateu o dedo na têmpora, e vi uma sombra passar pelos seus olhos. Esse homem pode até não ser perfeito, mas um pedaço do Rome Archer é muito melhor do que qualquer homem por inteiro. Sou boa com as palavras, podia falar que ele mexia comigo, que eu o achava mais gostoso do que qualquer outro homem, que gostava do fato de ele não ter fugido de mim. Mas

resolvi que, já que o Rome é um homem de ação, ia só mostrar que sabia o que estava fazendo e sabia exatamente o que eu queria. Queria ter a última palavra naquele discussão e só tinha um jeito de conseguir isso.

Peguei a bainha do meu vestido e tirei ele pela cabeça. O tecido colorido se amontoou no chão e fiquei só com uma sandália anabela amarela e calcinha rosa. Uma coisa boa de ter peito pequeno é não precisar usar sutiã. Pelo jeito, o Rome curte uns peitos pequenos, porque aqueles olhos se acenderam como fogo. Fui até onde ele estava, paralisado. Mesmo de salto, minha cabeça mal bateu no queixo dele. Tive que olhar para cima e, quando fiz isso, coloquei uma mão em cada lado do seu rosto, para ele não poder desviar o olhar do meu.

Aqueles olhos azuis tão lindos se fecharam só um pouquinho, e meu sangue ferveu.

– Não precisa ter medo, Capitão Sem Graça. A gente dá conta.

O Rome colocou aquelas mãozonas em volta da minha cintura nua e começou a me levar até a cama, que fica no meio do quarto. Seria tão fácil me sentir intimidada por um homem assim, só que ele me olhava como se eu fosse uma coisa tão única e preciosa que senti apenas desejo. Aquele sorrisinho, que vai acabar fazendo eu me apaixonar, apareceu no seu rosto. Na hora, tive certeza de que o que eu estava fazendo com aquele homem, que era exatamente o oposto do que eu achava que queria, estava certo. O Rome não é estável, não está feliz com a própria vida neste momento, e eu tenho quase certeza de que seu conceito de companheiro deve ser bem diferente do meu. Eu ainda não sabia se ele estava a fim de entrar de cabeça na minha (ou na dele mesmo), mas aquela atração, aquela corrente inegável de desejo e tesão que fluía entre a gente era forte demais para ignorar em nome de um sonho que ainda estava por se realizar.

– Te falei ontem que você conhece melhor do que ninguém meu conceito de diversão – comentou.

Depois passou o dedão de leve nos meus *piercings* das costelas e foi subindo até o meu mamilo, que estava tremendo e implorando atenção. Encostei a parte de trás dos joelhos na cama e, quando me dei conta, estava deitada de costas com ele por cima de mim, observando meu corpo nu com um brilho nos olhos.

Era bonito de ver, ele é bonito e, seja lá o que acontecer a partir daqui, sei que tenho sorte por estar ali com aquele homem.

– Você por acaso vai falar comigo desta vez? – perguntei.

Fiz cafuné no cabelo curto dele. O Rome estava tentando tirar meus sapatos e a calcinha bonitinha que eu vestia. Gostava do jeito meio bruto dele, meio impaciente. Mas, sempre que ele me toca, é com delicadeza. Aí me deu um beijo e tirou a toalha.

– Acho que não – respondeu.

Então o Rome me segurou pelo quadril e me puxou para a beirada da cama. Desci as mãos até os seus ombros e levantei seu queixo com o meu joelho, obrigando ele a olhar para mim.

– Por que não? – insisti.

Ele levou as mãos para baixo e me colocou com as pernas para fora da cama, com ele no meio. Fiquei exposta, toda aberta para ele, e devia ter me sentido vulnerável ou até com vergonha, mas não tinha como eu me sentir outra coisa que não admirada e *sexy* com o jeito que o Rome olhava para mim. Fiquei sem ar e não consegui me controlar quando ele tocou o *piercing* que tenho no meu ponto mais íntimo com a ponta do dedo indicador. Fiquei toda molhadinha e escorregadia, e o seu toque me fez queimar ainda mais de tesão.

– Por que morro de medo de falar alguma coisa errada. E, neste momento, ficar com você é a única coisa segura e real que tenho... Você é tão colorida, tão vibrante, que nunca se perde nas trevas da minha cabeça. Não quero pôr isso a perder.

Senti um aperto no peito. Não tem como uma mulher esquecer quando um homem diz isso para ela. Especialmente se for um homem como o Rome. Passei os braços pelo pescoço dele e o puxei para dar um beijo que transmitisse tudo o que eu estava sentindo. Meu corpo se arqueou quando ele tirou o dedo do meu *piercing* e foi atrás de territórios mais íntimos e profundos. Senti aqueles dedos grossos escorregar pelas minhas dobrinhas, passar em terminações nervosas trêmulas, brincar com partes do meu corpo que doíam de tanto tesão. Ele pressionou meu clitóris com o dedão e, ainda por cima, esfregou a ponta lisinha do meu *piercing* naquele centro de prazer apertado. O Rome sabia exatamente

como me pegar, como brincar comigo para tudo ser o mais gostoso possível.

Beijei ele até nós dois ficarmos sem ar, até ele me obrigar a gritar seu nome, até pôr mais dedos lá embaixo e eu não conseguir mais me controlar. Quando gozei, ele beijou meu pescoço. Eu estava agarrada naqueles ombros largos como se fossem um bote salva-vidas. Parecia que, se eu o soltasse, isso que estávamos tentando construir fosse desaparecer feito fumaça, de tão mágico e diferente que era. Acho que ele deve até ter dado risada. Mas, depois de transar com o Rome, o sexo nunca mais seria a mesma coisa para mim.

Ele me puxou mais para perto, e senti aquela ereção pulsar, latejar contra minhas partes mais íntimas. Meus peitos se achataram contra o peito liso dele, e ficamos o mais próximo que duas pessoas conseguem ficar sem estarem grudadas uma na outra. Senti os músculos da sua barriga se contraírem contra os meus. Passei a mão na curva durinha da sua bunda e fiquei piscando para ele, toda mole. Percebi que ele hesitou um pouco e fiz careta. Desejava aquela carne toda dura dentro de mim.

– Te machuquei da outra vez?

O Rome estava com a voz rouca, e não gostei do fato de ele ser forte demais e eu não conseguir puxar e fazer ele meter aquele pau bem onde eu queria. Minha retaliação foi passar as duas pernas em volta daquela cintura sarada e me levantar. Ele soltou um palavrão, mas só levou um segundo para entender a brincadeira e enfiar tudo até o fundo. A sensação me fez suspirar. Meu corpo tinha que se espichar e esticar muito para acomodar tudo aquilo. Me segurei nos músculos fortes atrás do pescoço dele. Queria gritar, mas tentei responder a pergunta que o Rome tinha feito, porque aqueles olhos azuis estavam fixos nos meus, e ele não se mexeu.

– Nããããããão.

Não estava conseguindo falar direito porque ele baixou a cabeça e colocou um dos meus mamilos na boca. Quando passou os dentes de leve, quase gozei de novo. O jeito como ele passava a língua na minha pele durinha me deixava quase sem ar.

– Foi demais. Você foi demais. E daí que tive que sentar de lado por uma semana? Valeu muito a pena.

Segurei o riso quando o Rome se apoiou nos braços e olhou para mim. Era difícil ele fazer uma cara ameaçadora, porque tremia todo com os apertões que eu dava no seu pau com os músculos da minha vagina.

– Isso não tem graça.

Passei as mãos pelas suas costelas, parei quando cheguei perto do machucado recente. Gosto do jeito como ele me toca, gosto de como se mexe. Gosto porque ele é grande e forte mas, apesar disso, sabe admitir que está sofrendo, que é humano e tem suas fraquezas. A verdade é que simplesmente gosto dele, mesmo que isso signifique que vou ter que aprender a lidar com nossa diferença de tamanho. Não me importo de ter essa aula. Meu corpo deseja esse homem. Minha cabeça e as ideias que enfiei nela é que me seguravam. Olhando para o Rome, por cima de mim, com aquela cara de quem nunca tinha desejado tanto uma coisa na vida, me dei conta de que tudo se encaixava. Dei um beijo no meio do peito dele e tentei puxá-lo de novo para mim, para onde aquela carne pulsante e excitada era tão gostosa. Gostei de ficar cercada por ele, engolida por sua masculinidade.

– Está tudo certo. Agora se mexa, se não você vai se ver comigo.

O Rome resmungou e veio com tudo. Ficou passando a mão nas minhas pernas até eu dobrá-las do lado do seu corpo. Enfiou a mão no meu cabelo curto e começou a empurrar aquele pau maravilhoso e poderoso dentro de mim. A cada metida, a cada saída, seus olhos ficavam mais bonitos, soltavam cada vez mais faíscas. Não conseguia parar de olhar. Foi ainda melhor do que a primeira vez, mais intenso. Não teve uma parte do meu corpo que o Rome não tocou. Minha boca, meu pescoço, meus peitos, minhas partes íntimas abertas, roçando nas dele. Com as mãos, com a boca... Ele fez de tudo para me dar prazer.

Ele falou meu nome. Tenho quase certeza de que gritei na hora em que ele baixou o braço, bem quando eu estava quase gozando de novo, e começou a brincar com aquela argola maldita. Seus dedos grossos eram tão leves, tão delicados... Mas eu já estava quase lá, quase gozando mesmo, então foi só dar um toque de nada na minha pele, uma puxadinha no brinco preso na minha carne excitada que me derreti toda, joguei a cabeça para trás e arqueei meu corpo contra o dele com tanta força que ele pôs um braço atrás das minhas

costas. Me segurando desse jeito, meteu em mim com vigor renovado, sem se preocupar tanto comigo. Foi demais. Senti seu corpo tremer quando ejaculou e sua língua lamber a veia do meu pescoço, que pulsava no mesmo ritmo que o coração dele. Aí ele rolou para o lado, nós dois deitamos de costas, com as pernas penduradas para fora da cama. Juro que, se ele me faz gozar desse jeito só com as mãos, não vou conseguir sobreviver ao dia em que resolver usar a boca. O Rome continuava sendo perigoso, mas de um jeito diferente.

Nós dois ficamos ofegantes e em silêncio. Tenho quase certeza de que o Rome é a melhor cura para ressaca que já encontrei nesta vida. Ele pegou uma das minhas mãos pequenas e passou o dedão nas minhas unhas pintadas de esmalte fluorescente.

– E aí, você vai me deixar te levar para sair, para um programa decente, Cora Lewis?

Virei a cabeça e tive que me segurar para não rir. Ele estava mesmo preocupado com a minha resposta.

– O senhor quer me levar para um encontro, Rome Archer?

– É, acho que sim. Não me entenda mal. Se você só quiser que eu te leve para a cama quando der vontade, estou dentro também. Mas eu gosto de você. Então, sim. Quero te levar para um encontro.

Me apoiei nos cotovelos para olhar bem nos seus olhos e aí me dei conta de que estávamos os dois pelados e que estava rolando um lance que não era nem um pouco pós-sexo. Arregalei os olhos e acho que devo ter feito cara de pânico, porque ele franziu a testa e falou:

– Sério, a gente não precisa fazer isso se você não quiser.

– Ãhn... O encontro, tudo bem. Mas temos um problema.

O Rome coçou o peito, bocejou e perguntou:

– Os rapazes?

Dei um soco no braço dele e respondi:

– Não. Bom, sim, talvez, mas é algo muito mais sério.

Ele copiou a minha pose e perguntou:

– O quê?

– Não estou tomando pílula.

A gente ficou se olhando em silêncio, acho que por cerca de cinco minutos. Nunca dei esse tipo de mancada. Não estava acreditando que tinha esquecido algo tão básico quanto sexo seguro. Finalmente, ele se jogou de novo na cama e pôs o braço em cima dos olhos.

– Sabia que tinha esquecido alguma coisa da última vez.

Que droga! Eu nem tinha pensando nisso da última vez. Limpei a garganta e disse:

– E?

– Bom, não dá para desfazer o que a gente acabou de fazer, né?

Berrei, espremi os olhos e perguntei:

– E se o resultado for um bebê?

– Bom, aí a gente vê o que faz.

– Simples assim?

– É, simples assim. Não precisa surtar agora.

Ah, mas eu não estava nem perto de surtar. Só que ele não me conhecia o suficiente para saber isso. E esse é basicamente o problema de engravidar de um quase desconhecido. Eu ia começar a ter espasmos. O Rome me abraçou, me puxou para perto, e fiquei deitada em cima dele. Ele passou os lábios na minha cabeça, e comecei a sentir aquele peito largo subir e descer em um ritmo constante. O grandão ia dormir no meio da minha crise séria.

– Cora...

Pus a cabeça em cima do seu peito e tentei me acalmar.

– Não se preocupe, Peso Pena. A gente dá conta.

E aí ele pegou no sono, e fiquei sozinha imaginando como um sujeito tão obviamente imperfeito tinha conseguido invadir meu mundo daquele jeito. E o quanto o Rowdy tinha razão. *Estranho*. Estava tudo estranho, e eu não fazia a menor ideia de onde estava pisando.

CAPÍTULO 8

Rome

Eu estava esparramado no chão, embaixo de uma mesa de bilhar, tentando nivelar aquele troço maldito. De uma hora para outra, enxerguei uma porção de pares de botas de motoqueiro surradas. Era começo de tarde, o bar estava meio morto, e o Brite tinha saído para resolver umas coisas. Acho que fiquei meio no comando. E, se aquele bando de motoqueiros tinha aparecido para estragar meu trabalho duro, a situação ia ficar desagradável logo, logo. Contei as botas rapidinho: eram cinco homens. Saí de baixo da mesa e limpei as mãos na minha calça jeans.

Motoqueiro tem cara de motoqueiro, mas ficou óbvio que aqueles eram da diretoria do clube. Sei reconhecer um mal-encarado de longe, dava para sentir o jeito de "não fode comigo" daquela turma. Aqueles não eram candidatos a entrar no clube, motoqueiros de fim de semana querendo arrumar para a cabeça. Eram a nata da nata e, se quisessem acabar comigo, eu ia ter muito mais trabalho para continuar vivo do que da última vez em que me meti com a gangue.

O sujeito que parecia ser o líder do bando deu um passo na minha direção, e tive que me segurar para não dar um passo para trás. Levantei a sobrancelha na qual tenho uma cicatriz e cruzei os braços em cima do peito. Também sei bancar o durão.

– Você é o Archer?

Balancei a cabeça de leve e fiquei de olho nos outros da turma, que se espalharam em volta dele.

– O Brite me contou que um dos integrantes novos do nosso clube veio aqui e fodeu com esta espelunca. Que tentou arrumar encrenca contigo e que a coisa ficou de pernas para o ar quando vocês terminaram de brigar. É verdade?

Só balancei a cabeça de novo. Não sabia direito o que eles queriam nem se dar mais informações ia me ajudar ou me prejudicar.

Ele trocou um olhar com outro integrante do grupo e arregaçou uma das mangas. Pisquei de surpresa quando vi que ele tinha uma tatuagem igualzinha à do Brite no antebraço.

– O Brite é meu irmão militar, rapaz. Esse tipo de merda não serve para mim e não serve para os Filhos do Sofrimento. Todo mundo do nosso clube sabe que O Bar não é lugar de bagunça e que quem serviu nas Forças Armadas merece respeito. Aquele borra-botas vai tomar um sacode. A gente não quer ninguém na nossa turma que não saiba obedecer as regras e não tenha noção de respeito.

Não sabia direito o que ele queria dizer com "tomar um sacode", mas parecia algo bom para mim. Balancei a cabeça de novo e me afastei da mesa.

– Valeu. Fico feliz que ninguém tenha se machucado ainda mais e que O Bar não tenha ficado muito mais detonado.

– O Brite gosta de você. Acha que é um bom rapaz, com muito potencial. E isso quer dizer que, para mim, você é um homem bom. E estamos procurando homens bons.

Não tinha muita certeza de que aquilo era verdade. A Cora me contou que o Asa ainda estava engessado porque tomou uma surra de uma regional do FdS lá do sul. Mas em cavalo dado não se olha os dentes, desde que ele não resolva aprontar comigo. Apertei a mão do sujeito, mas só consegui respirar, aliviado, quando o último dos motoqueiros saiu pela porta do bar. Fui até o balcão. A Darcy tinha enfiado a cabeça para fora da janelinha da cozinha e ficado de olho em tudo.

– Isso foi intenso – falei.

Ela balançou a cabeça e me deu um copo de água.

– O Brite andou com eles quando voltou para casa depois da primeira missão no exterior. Se meteu em tudo quanto era roubada. Foi por isso que a esposa número um largou dele.

– Dá para entender. Esses sujeitos são de apavorar.

– O Brite era igualzinho. E ainda sabe apavorar quando está a fim. Você tem sorte, porque ele vê a si mesmo mais jovem quando olha para você.

Eu estava começando a concordar com a Darcy. Cada vez mais penso que, apesar de ter vários fios soltos na minha cabeça, sou um homem de sorte mesmo. Gosto de ficar no Bar e, com o meu trabalho duro, o lugar estava perdendo o jeitão de espelunca e ficando com cara de bar de verdade, de estabelecimento respeitável. Eu estava conhecendo os fregueses, as suas histórias. Quanto mais tempo passo lá, menos sozinho me sinto. Passei a última semana dormindo com a Cora, na minha casa ou na dela. E, quanto mais a gente fica junto, mais difícil é ficar longe dela.

A Cora me deixou levá-la para jantar, e depois fomos ao cinema, e a gente terminou a noite na minha casa. Na noite seguinte, ela apareceu no Bar de surpresa exigindo que eu a deixasse me levar para sair. Isso nunca tinha me acontecido, mas fiz o que a Cora queria porque ela é muito fofa e dava para perceber que, por baixo de toda aquela pose de durona, ela estava surtando porque a gente fez sexo sem proteção. Eu deveria estar mais preocupado do que estou, mas agora não deixo mais isso acontecer. Estava me esforçando para manter a calma, já que a Cora estava preocupada por nós dois.

Meu irmão não ficou muito feliz com as novidades da minha vida amorosa e levei não um, mas cinco sermões: dele, do Nash, da Shaw, da Ayden e do Rowdy. Depois até o Asa resolveu dizer tudo de ruim que poderia acontecer comigo se eu magoasse a Cora ou resolvesse que não consigo lidar com aquela boca grande dela. Tenho certeza de que o Jet teria entrado no esquema do "vamos dar uma prensa no Rome" se não estivesse viajando. Não gosto nem de pensar no que pode acontecer comigo se descobrirem que a Cora está preocupada com uma possível gravidez indesejada.

Gosto mesmo de ficar com ela. A Cora é divertida, fala o que dá na telha e me avisa sem a menor cerimônia se estou me afastando dela e me perdendo nos meus próprios pensamentos. A gente discorda em muitas coisas, mas ela me faz rir. Tenho vontade de sorrir só de olhar para ela. É tão fofa e tão sincera. Nunca fiquei com ninguém assim. É toda radiante e cheia de brilho, então não tenho a menor dificuldade para encontrá-la nas trevas que, às vezes, atrapalham minha visão. E, até agora, tenho tido sorte. Consigo até dormir à noite, com ela esparramada em cima de mim. Não tenho tido pesadelos nem tenho acordado

gritando com visões sangrentas. Foi mesmo uma bela mudança ficar com ela.

Ia pedir para a Darcy me fazer um lanche para eu comer antes de ir ao estúdio buscar a Cora, mas aí o banco do meu lado foi puxado de repente e ocupado pela última pessoa no mundo que eu esperava ver no bar. Olhos iguais aos meus olhavam para mim, e fiquei chocado de ver como o meu pai tinha envelhecido depois de quase um ano sem contato com ele. A gente tem cabelo preto parecido e os mesmos olhos azuis. Os do meu pai são mais claros, mais parecidos com os do Rule, e ele é alto e forte, mas não tão alto quanto eu. Sempre foi certinho, pé no chão. Mas, pelo jeito, o tempo tinha cobrado seu preço desde a última vez em que estive na casa dele. Parecia quase um estranho e, depois de tanto tempo, devia achar a mesma coisa de mim. Achei que aquele ia ser mesmo o dia das visitas indesejáveis.

– O que você está fazendo aqui?

Ele soltou um suspiro e pediu um café para a Darcy. Ficou me olhando de canto.

– Isso é tudo o que você tem a dizer depois de passar um ano me ignorando e ignorando a sua mãe?

– Como você ficou sabendo que eu estava aqui? – perguntei. Levantei a sobrancelha e, logo depois, respondi à minha própria pergunta: – Só pode ter sido a Shaw. Essa menina não desiste de tentar consertar essa família.

– Rome...

Meu pai deu um suspiro tão fundo que senti o peso cair nos meus ombros. Sempre quis que meus pais tivessem orgulho de mim. Quando resolvi me alistar, nenhum dos dois foi muito a favor. Mas, com o tempo, acabaram entendendo meus motivos, minha vontade de ajudar os outros, de fazer alguma coisa para tornar o mundo mais seguro para os meus irmãos e para eles. Me incomodava ver a decepção nos seus olhos e estampada na cara dele.

– Alguma hora, isso vai ter que acabar. Lutei para trazer o Rule de volta, falei para a sua mãe que, ou ela o aceitava, ou eu ia embora. Não vou permitir que outro filho meu se vá, não sem brigar. Deixei você desopilar, deixei você e o Rule agirem como se fosse uma afronta pessoal que a gente nunca falasse do Remy, mas esse tempo já acabou. Precisamos descobrir como seguir adiante

agora. Fim de papo.

Me senti como um moleque que toma uma bronca porque sujou a roupa brincando. Passei a mão na nuca com força e olhei para o balcão que eu ainda precisava lixar e pintar.

– Não é só por causa do Remy e de todos os segredos. É pelo jeito que a mãe trata o Rule, por todo mundo ter permitido que o Remy usasse a Shaw daquele jeito. É porque não sou mais o mesmo que era quando saí de casa da última vez. Não sei mais como me encaixar nessa família. Não sei que papel tenho que desempenhar.

Não tive coragem nem encontrei as palavras certas para explicar ao meu pai que não fazia ideia de como aguentar minha mãe me olhando como se não soubesse mais quem eu sou. Dou conta da decepção, mas não do desprezo. Por isso estava me escondendo e evitando o contato a todo o custo.

Ele soltou um palavrão baixinho e deu um tapinha no meu ombro.

– Não precisa se encaixar. Você é nosso filho, não importa o que aconteça. Esse papel vai ser seu até o fim dos tempos. É por isso que finalmente enfrentei a sua mãe por causa do Rule e pelo que a gente devia ter falado para o Remy antes que fosse tarde demais. A gente te aceita do jeito que for, Rome, mesmo que seja de um jeito diferente do que sempre foi. A vida que você levou muda um homem, filho. Entendo isso, e sua mãe também.

Meu pai limpou a garganta e empurrou o banco para trás, para ficar do meu lado.

– Aparece no *brunch* de domingo. A Shaw falou que você está saindo com uma amiga dela, traz a menina também. Dou muito duro durante a semana para garantir que seu irmão e a namorada dele saibam quanto eu amo os dois. Nossa família deve muito à Shaw, não tem nem como pagar. Ela fez muito mais por aqueles dois meninos do que a gente pode imaginar. Vem passar um tempo com a sua família, Rome.

Ele não me deu a chance de responder "vamos ver" ou "não, valeu". Só virou as costas e saiu por onde entrou. Fazer parte da família Archer nunca foi fácil, mas fazer parte dela e sobreviver é digno de medalha. Quis muito ir para trás do balcão e fazer um drinque, mas estava conseguindo ficar sem beber e

controlar aquelas loucuras todas da minha cabeça só com a força do meu pensamento. Não queria estragar tudo só porque estava com medinho e não dava conta de levar uma chamada do meu pai. Era difícil continuar ignorando os dois agora que ele tinha aniquilado todos os meus medos injustificados de ir para casa e encarar a minha família.

Finalmente pedi aquele sanduíche para a Darcy e fui terminar de arrumar a mesa de sinuca. Quando acabei e estava pronto para ir embora, o Brite já tinha voltado. Contei que os Filhos do Sofrimento tinham aparecido lá, e ele só bufou e falou que o sujeito que brigou comigo era um moleque sem-vergonha. Falou para eu tomar cuidado, porque levar um sacode de uma gangue de motoqueiros é um negócio bem sério, e que o Mirradinho ia ficar bem puto. Ele não só ia ser expulso, mas nunca mais ia poder entrar em clube nenhum, pelo menos não aqui em Denver. Provavelmente em lugar nenhum. Nem liguei para o aviso, porque acho que agora já era e, de qualquer maneira, estou acostumado a ficar esperto.

Mas o papo que o Brite teve comigo depois não foi tão fácil de ignorar. A Darcy me dedurou e contou que tinha testemunhado uma conversa estranha entre mim e meu pai. Eu já estava saindo, pronto para buscar minha fadinha do *punk rock*, e o Brite foi atrás de mim no estacionamento. Subi na moto, olhei para ele e perguntei:

– Que foi?

Ele passou a mão na barba, até o fim. Eu já estava me acostumando com aquele gesto. Normalmente, significava que o Brite queria que eu prestasse atenção no que ia me dizer.

– O seu pai veio te procurar aqui hoje?

Balancei a cabeça e respondi:

– Ele me achou.

O Brite cruzou os braços em cima daquele peito forte e levantou o queixo para mim.

– Sabia que eu e a Darcy temos uma filha?

Sacudi a cabeça. Nenhum dos dois tinha me contado da filha.

– Ela é mais nova do que você. Acabou de fazer vinte anos e dá muito

trabalho. Não levou muito na esportiva quando eu e a mãe nos separamos. Mal consigo fazer ela passar cinco minutos no mesmo recinto que eu. A menina voa no meu pescoço por qualquer motivo.

Tirei a moto do pezinho e equilibrei o peso entre as pernas.

– Que chato. Mas o que isso tem a ver comigo?

– Nada. Só que sou pai e sei que a gente erra. Não somos perfeitos, mas isso não significa que não amemos os filhos. Tem muita coisa acontecendo na sua vida agora, Rome. Não perca as coisas e as pessoas que sempre fizeram parte dela.

Depois dessa, fiquei só olhando para ele, porque não sabia o que responder. Gosto muito do Brite, admiro ele, estava começando a ver nele um mentor, mas não preciso que tente consertar cada aspecto da minha vida. Ia dar partida na moto, mas ele pôs a mão no meu ombro e falou:

– Preciso resolver umas coisas nas próximas semanas e ficaria muito agradecido se você pudesse ficar de olho no Bar e nos fregueses enquanto eu estiver fora. Posso pagar.

– Não entendo nada de bar, Brite.

– Falei para você ficar de olho nas coisas, não ficar atrás do balcão fazendo drinques. A Darcy pode atender os clientes. Ou você pode arranjar alguém para te ajudar até o fim do mês. As gorjetas não são grande coisa, mas você está deixando o lugar tão legal que isso pode mudar em um futuro próximo.

– No que exatamente você quer que eu fique de olho?

– No público que vem à noite. Nos fregueses. Cuidar para que os rapazes não pirem muito. Para todo mundo andar na linha e chegar bem em casa. Gostei muito do trabalho que você fez e acho que não vai querer ver o seu esforço ser destruído tão cedo. Vou pedir para a Darcy te mostrar como eu fecho o caixa e faço o depósito no banco.

– Acho que consigo dar conta disso. Só por umas duas semanas?

Acho que vi o Brite dar um sorrisinho mas, com aquela barba toda, é difícil ter certeza.

– Por enquanto. Não corte seus pais por muito tempo, meu filho. Eles precisam tanto de você quanto você precisa deles.

Dei partida na Harley e saí do estacionamento. Cheguei em Capitol Hill em dez minutos. Normalmente, deixo a moto ou a caminhonete em casa e vou andando até o estúdio, porque estacionar por lá é um saco. Além disso, me recuso a andar naquele carrinho fluorescente de palhaço da Cora, e a gente tem que trocar de carro antes de ir para a casa um do outro. Abri a porta e fui até a recepção. Ela não estava atrás do balcão, como sempre. O meu irmão estava inclinado em cima da mesa, conversando com o Rowdy.

– E aí? – falei.

O Rule levantou o queixo para me cumprimentar e fui até a porta fechada que fica ao lado do estúdio.

– A Cora está com um cliente. Acho que vai demorar um pouco. Quer ir buscar alguma coisa para comer quando ela terminar?

– Já comi lá no bar. Falando nisso, você conhece alguém que saiba fazer drinques que possa me ajudar por uns dias? O Brite pediu para eu cuidar do lugar nas duas próximas semanas, e não entendo nada disso.

– Você sabe beber vodca como se fosse água.

Cutuquei meu irmão no ombro e falei:

– Eu lembro de muitas noites em que você se acabou no uísque, então nem começa.

O Rowdy deu risada e chegou perto da gente. Quero muito não gostar desse sujeito. Não gosto da intimidade que ele tem com a Cora, de os dois serem tão parceiros, mas é difícil. Ele é tão de boa e tão simpático. Além disso, tem um senso de humor peculiar. É muito divertido andar com ele.

– Fale com o Jet. Ele conhece mais gente nesta cidade do que todos nós juntos. Aposto que ele sabe de alguém que pode te dar uma mão.

Era uma boa ideia, mas o Jet passava mais tempo viajando do que em casa e, quando aparecia, não largava da Ayden. Não invejo o fato de eles estarem tentando fazer o casamento funcionar passando tanto tempo longe um do outro, mas os dois parecem tão felizes. Acho que as coisas estão dando certo mesmo.

– Vou fazer isso.

Me virei e olhei para a tal porta, porque um rapaz saiu, seguido pela Cora.

Ela estava com um penteado elaborado, umas ondas na parte da frente, usava uma saia laranja curta, uma blusa roxa bem viva e coturnos pretos até os joelhos. Quando me viu do lado do Rule, sorriu para mim. O olho turquesa brilhava tanto quanto o castanho escurecia. Essa garota é um caleidoscópio de cores e emoções, e nunca sei o que vou enxergar quando olho para ela.

O sujeito que saiu da sala me olhou, olhou para a Cora de novo, e ela sentou atrás do balcão.

– Não se esqueça de cuidar bem dele. Demora muito para cicatrizar.

Ele balançou a cabeça, pegou uma quantidade considerável de dinheiro e deu uma última olhada para a Cora. Que só deu um sorriso simpático e olhou para mim.

– Você está pronto para ir embora? – perguntou.

Só encolhi os ombros, e ela começou a fechar o caixa.

– Em que parte do corpo desse sujeito você acabou de enfiar uma agulha?

Ela levantou aquelas sobrancelhas clarinhas para mim, e dei uma cotovelada nas costelas do Rule, que me perguntou:

– Tem certeza de que você quer saber?

Eu fiz uma careta e respondi:

– Sério?

Foi a vez de a Cora encolher os ombros.

– Não fale enquanto você não experimentar, grandão – disse.

Só de pensar em ter alguma coisa afiada e pontuda passando lá embaixo fiquei todo arrepiado. Não, valeu. Preciso manter meu pau livre dos metais pesados. Não que não ache bonitinha aquela argola que fica nas minhas partes preferidas da Cora. É muito *sexy*, mas não preciso ter nenhuma porcaria pendurada no meu pau.

– Eu passo, valeu – respondi.

A Cora parou de contar o dinheiro e me deu um sorrisinho bem malicioso. Me deu vontade de arrancar aquele sorriso da cara dela com muitos beijos.

– Não tem problema. O seu irmãozinho tem *piercing* lá embaixo por você e por todo mundo que está nesta sala.

O Rule caiu na gargalhada, e o Rowdy também riu. Provavelmente porque,

quando pensei na Cora com as mãos nas calças do meu irmão, fiz careta para os dois.

– Podia ter passado sem essa.

Ela deu risada, levantou da cadeira e saiu de trás do balcão. Passou o braço no meu ombro e me deu um beijinho na têmpora, onde minha cicatriz termina, perto do meu olho.

– Não precisa se preocupar. O dele fiz por dinheiro. Você é minha diversão. Vamos cair fora daqui.

Saímos, e ela trancou a porta do estúdio. Os rapazes iam tomar uma cerveja e comer umas asinhas de frango lá no Goal Line. Queria ficar a sós e na horizontal com a Cora, só para ela esquecer que já tinha visto de perto partes do corpo do meu irmão. A Cora queria passar a noite na casa dela, apesar de a minha estar mais perto, porque ia tomar café da manhã com a Ayden e a Shaw no dia seguinte. Falei que ia pegar meu carro e a encontrava lá. Era meio que trocar seis por meia dúzia, porque minha casa fica mais perto do estúdio, e a da Cora, mais perto do bar. Normalmente tem menos gente na minha casa, mas gosto da Ayden e do Jet, e o Asa é uma figura. E, para completar, a cama dela é incrível, mesmo sendo toda cor-de-rosa.

Quando entrei, a Cora estava na cozinha, fazendo a janta e falando no celular. Como não quis interromper, me joguei no sofá. Olhei para cima quando o Asa entrou na sala. Tinha tirado o gesso do pé, mas ainda andava bem devagar.

– Foi hoje que você tirou aquele troço? – perguntei.

Ele sentou com todo cuidado na poltrona que fica do outro lado da sala e respondeu:

– Ontem. Parece que meu pé vai cair.

– Fiquei com o pé engessado ano passado, por causa da explosão. Mas o meu não foi tão ruim. O ombro é que quase me matou.

– É um saco.

Eu ia dizer que, talvez, ele devesse evitar se meter no tipo de situação que deixa uma gangue de motoqueiros puta, mas isso me pareceu meio hipócrita. Então só perguntei se sabia quando o Jet ia voltar de viagem. O Asa sacudiu a

cabeça e se abaixou para massagear a panturriha.

– Não faço ideia. Acho que ouvi o Jet dizendo que ia passar uma semana aqui e depois queria que a Ayd fosse para Los Angeles com ele, passar uma semana depois que a minha irmã acabar o curso de verão.

– Preciso encontrar uma pessoa que me dê uma mão lá naquele bar que andei consertando. Achei que o Jet podia conhecer alguém.

Aqueles olhos dourados brilharam.

– Eu posso te dar uma mão.

Inclinei a cabeça, olhei para ele e perguntei:

– Sério?

– Sério. Por que não? Estou de saco cheio de ficar enfurnado em casa. A Ayd não para de me azucrinar e eu estou precisando mesmo de... companhia. Se é que você me entende.

Eu entendia muito bem, mas não sei se o Asa ia encontrar isso no Bar.

– Você já foi *barman*?

O Asa deu risada.

– Já fui quase tudo neste mundo. Você só precisa ficar atrás do balcão e falar com o povo. Pode acreditar, eu consigo falar com qualquer um.

Pensei que as coisas não eram tão simples assim. Mas, se ele estava a fim de me dar uma mão, por que não?

– Legal. Não é um lugar bacana, fino, que você vai conhecer um monte de rabo de saia e sair nadando em dinheiro.

– Rome, eu só preciso sair um pouco de casa antes que a gente acabe se matando. A Ayden ainda está tentando me perdoar e, sinceramente, não aguento mais ser minha própria companhia. Pelo menos vou ter o que fazer até decidir para onde vou e o que vou fazer daqui para frente.

Aquilo me soou bem familiar e, mesmo eu não conhecendo o Asa direito, resolvi aceitar a ajuda dele. A Cora abraçou meu pescoço por trás do sofá e encostou a bochecha na minha.

– Quais são seus planos para esta noite, grandão?

Eu, ela e muito menos roupa é o que tinha nos meus planos, mas eu não ia dizer isso na frente do Asa. O bom é que mentes grandiosas pensam parecido, e

só precisei dar uma olhada e passar a mão nas coxas despidas da Cora para comunicar meus pensamentos. Sério, ter essa mulher na minha vida fazia todas as minhas confusões parecerem muito menos importantes. Meu pai, meu futuro, O Bar... Tudo isso ficava pequeno perto do brilho daqueles olhos de duas cores.

MAS, QUANDO CHEGOU O FIM DE SEMANA, tudo desandou.

Não estava mais conseguindo passar muito tempo com a Cora, porque ficava no bar até fechar. O movimento não era nenhuma loucura, mas não fazia ideia de quanto trabalho dava impedir os fregueses de perder a cabeça e acabar com o lugar. E fiquei surpreso ao perceber quanto gostei de fazer aquilo. Gostava do ritmo do negócio, da interação com os representantes das bebidas e os vendedores. Senti que, desde que voltei para casa, aquela era a primeira vez em que estava trabalhando de verdade. Tinha saudade da minha garota, mas ela é supercompreensiva. E acho que a gente precisava mesmo dar um tempo porque, quanto mais a visita mensal da Cora atrasava, mais ela ficava tensa e nervosa. Ela deve ter aberto o bico para as meninas, porque eu não conseguia escapar dos olhares inquisitórios que a Ayden me mandava toda vez que a gente se trombava. A Shaw fazia a mesma coisa quando eu encontrava com ela e com o Rule.

Também fiquei surpreso com o talento natural do Asa para ficar atrás do balcão. Ele é um enrolador nato e, mesmo com aquele público de meia dúzia de fregueses cativos e bebuns mal-humorados, ele arrecadava mais gorjetas do que eu já vi o Brite ou qualquer outra pessoa ganhar ali. Como *barman*, o Asa é ok. Mas o talento dele para o lero-lero e aquele charme todo compensa, e muito. Até percebi que apareceram mais meninas nos dias em que ele ficou lá. Pensei em falar para o Brite contratar o rapaz quando voltar de viagem.

No sábado à noite, saí o mais cedo que eu consegui e deixei o Asa responsável por fechar o lugar. O Jet tinha me chamado de canto um dia, depois que contei que íamos trabalhar juntos, para me passar a ficha do cunhado. Me avisou que ele é até decente, mas que não era para eu me deixar levar por aquele charme sulista. O Jet me disse para ficar de olho e não confiar muito no Asa. Eu sempre escuto quando alguém em quem confio me dá um toque. Mas,

até ali, o irmão da Ayden tinha sido um ótimo parceiro de crime, e eu estava com saudade da Cora. Deixar ele tomando conta do Bar por uma noite era um risco que eu estava disposto a correr.

Quando cheguei na casa da Cora, ela dormia no sofá. O Jet e a Ayden já tinham ido para a cama. Peguei minha garota no colo e a levei para o quarto. Ela acordou quando eu estava tirando seu vestido cor-de-rosa rodado. Piscou aqueles olhos de cores diferentes e tentou ficar de olhos abertos.

– Oi.

– Oi.

Ela bocejou e esticou os braços para cima. Depois enrolou o braço tatuado no meu pescoço.

– Estou exausta.

Deixei a Cora me puxar para conseguir dar um beijo naquela boquinha.

– Trabalhou muito hoje?

Ela sacudiu a cabeça e passou a mão pelo meu cabelo curto, na nuca.

– Não. Mas passei o dia todo com sono. Queria ter te esperado acordada mas não conseguia ficar de olhos abertos.

Eu dei outro beijo na Cora, e a minha gata enfiou as mãos por baixo da minha camiseta.

– Você não precisa esperar por mim. Eu só ia te pôr na cama e deitar do seu lado.

– Se a gente vai para a cama, nenhum dos dois precisa dormir.

Essa garota não existe. Em dois segundos, a gente estava pelado, partindo para a ação. Como sempre, peguei no sono logo depois, com ela esparramada em cima de mim. Fazia pouco tempo que um tinha invadido a vida do outro, mas alguma coisa me dizia que era assim mesmo que tinha que ser.

Pelo menos era isso que eu achava até a manhã seguinte bem cedo.

Tinha areia no meu rosto, e eu não conseguia respirar. Estava com calor, mais calor do que normalmente sinto quanto estou de uniforme, com todo o equipamento. E, por algum motivo, só conseguia enxergar uma névoa vermelha. Minhas orelhas estavam zumbindo, e eu ouvia gritos vindos de um lugar muito distante. Queria levantar a mão para limpar o rosto, tirar o capacete para ver se conseguia respirar.

Não consegui mexer o braço. Não conseguia fazer meu corpo reagir.

Eu apenas consegui virar a cabeça para o lado, só o suficiente para o sangue que cobria meu rosto escorrer pelo nariz e sair dos meus olhos. Quase não conseguia enxergar.

Eu não estava mais dentro do Hummer.

Estava deitado de costas olhando para o céu, e uma nuvem de poeira e terra grudava em todo aquele sangue e suor que cobria a minha pele, que não estava mais protegida pelo uniforme.

Eu não segurava mais a minha arma e não enxerguei mais os rapazes que estavam naquela missão comigo. Éramos seis dentro do Hummer.

Queria chamar alguém, queria gritar porque meu ombro estava queimando e eu não sabia direito o que estava acontecendo embaixo do meu capacete. Só sabia que o rio de sangue que corria pelo meu rosto não parava, e eu não enxergava direito. Simplesmente não sabia se a gente estava em um lugar seguro. Não sabia se era uma bomba de fabricação caseira ou fogo inimigo. Se um dos outros rapazes tinha conseguido escapar, não seria eu que ia entregar nossa localização para os rebeldes, mesmo que isso significasse sangrar até morrer em território inimigo.

Não sei quanto tempo fiquei deitado ali. Perdi e recuperei a consciência tantas vezes que perdi a conta. Tive a sensação de que dias se passaram até, finalmente, eu abrir os olhos e ver um médico tentando tirar meu uniforme sem me quebrar ainda mais. Acho que me contaram que foi uma bomba. Acho que tentaram me falar que eu ia de avião para casa. Tenho quase certeza de que falaram de lesão cerebral e de uma possível perda de movimento no ombro esquerdo. Mas só ouvi "único sobrevivente da explosão".

Meus ouvidos zumbiam, mas isso não tinha importância. Eu estava a poucos minutos de morrer de tanto sangrar, mas isso não importava. Era uma guerra, e coisas como bombas de fabricação caseira e soldados mortos faziam parte do dia a dia, mas isso também não importava. Comecei a gritar. Gritei até me sentir vazio por dentro. Acho que me doparam para eu me acalmar e não me machucar mais porque, quando acordei, estava na Alemanha. Operaram meu braço e tentaram costurar minha cara.

Todo mundo achou que tive muita sorte. Pude ir para casa, me recuperar.

Sobrevivi.

Desde que isso aconteceu, acordo todas as noites gritando ou me engasgando no

sangue e nas lágrimas que não consigo deixar cair.

Sentado na cama, esqueci completamente que estava abraçado na Cora. Meus braços e meu peito suavam frio, e senti que estava sufocando em sangue e areia, apesar de o deserto estar do outro lado do mundo. O ar entrava e saía dos meus pulmões, meu peito subia e descia, e eu sabia que precisava sair dali.

Pus as pernas para fora da cama e tentei encontrar minha calça. Senti que a Cora sentou na cama do meu lado. Me encolhi todo quando ela tentou pôr as mãos nas minhas costas. Só conseguia enxergar poeira e carmim. Só conseguia sentir a dor da perda e desespero. Não queria que minha garota chegasse perto daquilo.

– Preciso ir embora.

Pelo tom da minha voz, parecia que eu tinha engolido um monte de lâminas e de sal.

– Quê?

A Cora tentou tocar em mim de novo, e pulei da cama. Enfiei a camiseta e me recusei a olhar para ela. Ouvi o farfalhar dos lençóis, ela se sentando na cama.

– Rome, o que está acontecendo?

A Cora estava falando baixo, como se tivesse medo de me assustar. Não fazia a menor ideia daquela coisa terrível que passava na minha cabeça como um filme mudo. Era tão horripilante.

Peguei meu celular e minha chave, que estavam no criado-mudo, e fui até a porta do quarto. Não conseguia nem olhar para ela. Precisava dizer alguma coisa, tentar explicar o que estava acontecendo. Mas a loucura, a dor, as lembranças estavam muito à flor da pele, e eu simplesmente não conseguia fazer a Cora passar por aquilo. Estava sendo um idiota. Mas ou deixava ela na mão ou ia virar um chorão no chão do seu quarto. Não podia deixar ela me ver naquele estado, não queria que fizesse parte daquilo que era tão feio e difícil de esquecer.

Eu só consegui respirar normalmente quando me vi em cima da Harley, com o vento batendo na minha cara. O bom de estar de moto é que não tem problema se as emoções viram lágrimas. O ar da noite simplesmente leva tudo

embora. Eu tinha a impressão de que nunca mais ia conseguir dormir.

CAPÍTULO 9

Cora

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS, saímos só nós, meninas. Mas aquela quinta foi diferente de todas. A Ayden ficou parada na porta do banheiro do meu quarto, mandando torpedos e olhando para mim com cara de preocupada. A Shaw estava sentada na privada, praticamente pulando, com aqueles olhos verdes arregalados no rosto clarinho. Sabia que ela estava morrendo de vontade de falar alguma coisa. E eu estava sentada na beirada da banheira, tentando decidir se queria gritar, vomitar, chorar, arrancar os cabelos ou simplesmente dar risada. Talvez uma combinação de todas essas alternativas. O que eu sabia sobre criar outra pessoa? Passei a infância pulando de adulto em adulto, todos eles aleatórios. Não fazia a menor ideia do que era ter mãe ou pai em tempo integral.

– E? – perguntou a Shaw, que não conseguiu mais se segurar.

Aquele bastãozinho branco na beirada da banheira estava me encarando, exibindo duas linhas cor-de-rosa bem visíveis. Não que eu tenha ficado muito surpresa. Passei as duas últimas semanas cansada e de mau humor, não só porque o Rome sumiu e não retornou minhas ligações. Também estava me sentindo enjoada. Bem feito. Quem mandou eu abrir mão da minha busca pelo homem perfeito. Agora ia ter que aguentar as consequências pelos próximos dezoito anos. Estava mesmo começando a acreditar que valia a pena deixar meu sonho de estar com alguém estável e pé no chão para trás por causa do Rome, que sou forte o bastante para aguentar a tempestade que o acompanha. Só que agora tinha ficado na mão, olhando para trás, pensando no sonho que tive por tanto tempo, e sacudindo a cabeça.

A Ayden bufou, entrou no banheiro e pegou o teste de gravidez que estava do meu lado.

– Sério? Olha para a cara dela. Deu total positivo.

A Shaw fez um barulho intermediário entre falta de ar e grito. Fiz cara feia para a minha amiga, que pôs as mãos na boca, de espanto. Aqueles olhos brilhavam para mim, e me deu vontade de dar um soco na cara dela. A Ayden se encostou na pia, me fez uma careta e perguntou:

– Então, quais são os seus planos?

Resmunguei e enfiei as mãos nos olhos. Quais são os meus planos?

– Tipo assim, além de nunca mais transar na minha vida? Não faço a menor ideia.

Nunca pensei muito em ter filhos. Quando eu estava com o Jimmy, achava que era uma coisa que ia acontecer uns dois anos depois que a gente casasse e tivesse segurança financeira. E agora... Bom, agora, além de querer matar o Rome e aquele seu corpo e seu rosto perfeitos idiotas, não tinha a menor ideia do que fazer. Nunca quis que um filho meu se sentisse indesejado ou que não era amado. Nunca vou deixar meu filho se sentir perdido em um mar de adultos porque não fui capaz de dar um lar para ele. Minha única esperança, do fundo do coração, é que o Rome tivesse a mesma opinião que eu sobre esse assunto. Só que o fato é que eu não sabia a opinião dele sobre nada, porque ele não estava falando comigo.

A Shaw mordeu os lábios e falou tão baixo que mal escutei:

– Você precisa contar para o Rome.

Soltei um suspiro e apertei meus olhos ainda mais. É claro que eu preciso contar para o Rome. Uma hora dessas.

Era fácil falar. Mas fazer não ia ser tão fácil, porque o imbecil do grandalhão ainda estava tendo um surto de proporções épicas. Não sabia direito o que tinha acontecido naquela noite. Só sabia que ele tinha saído correndo da minha cama, como se os lençóis estivessem pegando fogo. Ele saiu tremendo e com cor de fantasma. Fazia dez dias que isso tinha acontecido, e ele nunca mais me deu notícias. Liguei um monte de vezes nos dois primeiros dias, mandei um torpedo atrás do outro e fiquei superpreocupada. Lá pelo fim da semana, melhorei e fiquei brava. Tenho coisa melhor para fazer do que me preocupar com o Rome Archer, porque tinha quase certeza de que estava grávida dele. O Asa comentou

que ele estava passando o tempo todo no Bar e que tinha desencanado de ficar sóbrio. Pelo jeito, tinha voltado a encher a cara e a xingar e gritar com qualquer um que passasse na sua frente.

Tenho meu orgulho e uma dose saudável de medo por causa das minhas experiências amorosas. Sei que não vai dar para pôr o cabeça-dura contra a parede e obrigá-lo a falar comigo. Me recuso a ter outro relacionamento em que só eu me dedico. Cheguei à conclusão de que o Rome sabe onde eu trabalho, sabe onde eu moro e que, se quiser resolver a situação, sabe onde me encontrar. Admito que achei que não ia demorar tanto para isso acontecer, mas, naquele momento, parecia que a decisão não estava mais nas minhas mãos.

– Sei disso, Shaw.

Minha amiga limpou a garganta, olhou para a Ayden, depois para mim, e disse:

– Ele não anda muito bem. Não sei o que aconteceu, ele estava começando a voltar a ser o Rome de sempre, a se acertar e aí... Bum! Voltou para o mesmo estágio que estava quando chegou do Afeganistão. Achei que o Dale ia chorar quando o Rome não apareceu no *brunch* domingo passado.

Passei a mão no meu cabelo curto e revirei os olhos até o teto.

– Também não sei. Estava tudo certo, achei que rolava um lance legal entre a gente, apesar de ser recente. Aí uma noite deu tudo errado. Como é que eu pude ser tão imbecil?

A Ayden fez *tsc tsc* e ficou pondo o dedo na minha cara.

– Pare de se torturar. Isso quase aconteceu comigo e com o Jet, logo antes de a gente terminar. Às vezes esses homens piram mesmo e esquecem que existe bom senso.

A Shaw balançou a cabeça e completou:

– É, se eu não tivesse tomando pílula desde que me conheço por gente, eu e o Rule também teríamos passado pela mesma coisa. Você é humana, e o Rome é um sujeito impressionante.

Tudo aquilo era impressionante.

– Caralho! – falei.

Acho que isso resumia bem a situação.

A Ayden deu risada e me puxou.

– Acho que é exatamente por isso que você se meteu em encrenca. Vamos comer alguma coisa.

Resmunguei, mas saí do banheiro atrás dela.

– Acho que não vou conseguir comer.

Puxei a Ayden e a Shaw pelo braço e falei:

– *Vocês* não vão falar nada sobre isso. O Rome não precisa ficar sabendo pelo Rule ou pelo Jet. Vou contar quando me sentir pronta.

A Ayden só revirou os olhos, mas a Shaw balançou a cabeça, com uma cara séria, e disse:

– Não acredito que o Rule vai ser tio. A Margot e o Dale vão surtar quando ficarem sabendo.

Que saco! Essa era outra dor de cabeça que nem tinha considerado.

– Meu pai vai me matar – respondi.

As duas deram risada, e me joguei no sofá da sala. Apesar de eu estar ficando com o Rome há apenas algumas semanas, achei mesmo que estava rolando algo especial entre a gente. Ele é tão cheio de vida, tão absurdamente lindo. Ainda conseguia enxergar uma rachadura naqueles olhos azuis, conseguia ver as coisas que ele estava tentando resolver, mas achei que estava tudo indo bem. E agora não sabia o que pensar, e a gente não se conhecia tão bem para eu saber como agir. Além de tudo, tinha essa complicação, e a minha vida naquele momento estava muito sem graça. Eu nunca teria me permitido me envolver tanto com o Rome se soubesse que ele ia cair fora tão fácil. Sou muito reservada, tomo muito cuidado com o meu coração.

A Shaw voltou da cozinha e pôs um prato de macarrão na minha frente. A Ayden trouxe uma garrafa de vinho, e eu fiquei só olhando. Ela só encolheu os ombros e se jogou no sofá comigo.

– Marca uma consulta amanhã, Cora. Isso é importante, e você precisa se cuidar. Posso ir com você.

– Não se preocupe, Cora. A gente está do seu lado. Estamos com você para qualquer coisa.

A Shaw também me apoiou, e na hora tive certeza de que não podia ter

amigas melhores para me ajudar naquele primeiro momento de choque.

O que eu precisava é que o pai dessa criança não fosse tão complicado e tão gostoso. Se o Rome fosse só um gato qualquer, desses que existem aos milhões, eu teria continuado a minha busca vã pelo homem perfeito sem nunca ter desviado por causa desse macho imperfeito que mudou minha vida para sempre. Com o Rome, nunca senti que estava me acomodando com alguém que era menos do que eu merecia. Sentia que tinha um sonho novo, estrelado por ele, e tudo fazia sentido.

– Sei que vocês vão ficar do meu lado. O Rome, já não sei. Não dá para esperar muito de um sujeito que tem uma bagagem emocional tão conturbada quanto a dele.

A Shaw espremeu os olhos e me interrompeu:

– Pode parar. Ele vai ficar bem. Precisa de ajuda profissional, que nem a Margot. Mas, no fundo, o Rome é confiável. Odeia demonstrar fraqueza, odeia pensar que não é ele quem carrega o mundo nas costas. Mas juro que ele vai ficar bem, nem que eu tenha que bater nele.

Sacudi a cabeça e me soltei nas almofadas coloridas do sofá. O Rome não é confiável, é louco e imprevisível. Acho que foi justamente por isso que me senti tão atraída por ele.

– Não quero que o Rome fique comigo *por obrigação*, Shaw. Não quero um homem que não goste de mim tanto quanto eu gosto dele. Mesmo estando grávida. Nunca mais quero ter o mesmo tipo de relacionamento que tive com o Jimmy.

Minha amiga fez uma careta e falou:

– O Rome não é o Jimmy. Ele nunca ia te trair daquele jeito.

– E não é mesmo. Achei que era melhor do que o Jimmy, mas não quero que ele me deixe sozinha toda vez que as coisas ficarem difíceis. Isso comigo não funciona, especialmente agora.

E eu não queria nem comentar a dor de cabeça que passei a sentir desde que o Rome resolveu me deixar de lado. Aquela dor indescritível, que surge de algo tão frágil e novo. Isso sem falar que perder esse homem doeu muito mais do que largar o Jimmy.

– Vale a pena lutar por ele.

– Por que ele é da família Archer?

Não queria ter sido grossa, mas o Rome e os problemas dele não eram mais a minha principal preocupação. Não podiam ser.

– Não. Porque ele é um homem incrível que está passando por um momento complicado. Você lembra quando contei como o Rule ficou arrasado depois que o Remy morreu? Parecia um robô. O Rome passou por tudo isso, Cora, só que ele teve que passar por isso no meio de uma guerra, assistindo aos companheiros dele morrerem um por um. Quem sabe ele só precisa de alguém que o ajude a exergar que merece dar um tempo, depois de tudo que aconteceu.

Não queria ficar discutindo esse assunto com a Shaw, porque até concordava com a minha amiga. Mas eu é que fiquei sozinha depois que o Rome desapareceu no meio da noite sem falar nada, e isso dói. Acho que não só por mim, mas por ele também. Me dava dor no peito só de pensar no horror que, mesmo no escuro, brilhava naqueles olhos azuis e no desespero estampado nos traços lindos do rosto dele. Só que não tenho como obrigar o sujeito a me deixar entrar na vida dele. E não ia ter como as coisas darem certo entre a gente se ele fugir de mim toda vez que se sentir mal. Não preciso que o Rome me proteja de si mesmo. Sou mais do que capaz de fazer isso sozinha.

– Só me dá mais uns dias para me acostumar com a ideia de que tem um ser humano crescendo dentro de mim. E aí, quem sabe, a gente pode conversar sobre o que vou fazer com o mais velho dos irmãos Archer.

A Ayden balançou a cabeça e olhou feio para a Shaw.

– Acho uma boa ideia. Agora todo mundo precisa se acalmar. Shaw, me ajuda a matar este vinho. Só porque a Cora não pode beber não significa que a gente precisa desobedecer as regras da noite das meninas – ela subiu e desceu as sobrancelhas várias vezes e ficou me olhando com uma cara dramática. – Além disso, faz séculos que o Jet não fica em casa em uma quinta-feira, e eu morro de saudade de transar bêbada.

Depois dessa, tive que rir. Então me esforcei para relaxar um pouco e curtir o resto da noite com as minhas amigas. Meu futuro ia mudar drasticamente e de um jeito desconhecido, e me recusei a ser sugada por ele. Ia dar tudo certo, não

importava se eu ia resolver seguir em frente sozinha ou pegar o Rome pelo braço e obrigar ele a tomar jeito. Estava apavorada, mas também meio animada por trás daquela muralha de medo. Não tinha planejado aquilo, não antes de ter um pouco mais de estabilidade. Mas, se existe alguém que pode dar conta de uma gravidez indesejada e ser mãe solteira, essa pessoa sou eu. Sei, por experiência própria, como é crescer sem mãe, sem ter raízes nem lar. Não vou fazer meu filho passar por isso de jeito nenhum. E vou mover montanhas para garantir que isso não aconteça.

No fim da noite, acabei tendo que levar a Ayden para a cama, sem o Jet. Ele ainda estava na rua com o Rowdy e o Nash, mas eu tinha certeza de que ia conseguir dar um jeito de acordar a Ayden para os dois se divertirem quando ele chegasse em casa. A Shaw foi embora cedo: acho que ela estava ficando louca porque não podia me fazer um milhão de perguntas nem ficar elogiando o Rome. Ela é uma grande amiga, mas estava entre a cruz e a espada. Se eu não fosse a espada, e o Rome a cruz, até ia tentar entender o lado dela. Mas, do jeito que as coisas estavam, fiz a Shaw prometer de novo que não ia falar nada para o Rule sobre a minha gravidez antes de eu conseguir conversar com o mais velho dos irmãos Archer. Ela concordou na mesma hora e, antes de ir embora, me deu um abraço e aquela olhada de quem sabe das coisas.

Sei que todo mundo só quer que eu seja feliz e que o Rome encontre equilíbrio e paz de espírito. Só não tinha mais certeza de que essas duas coisas estavam ligadas. Senti que, se eu me abrisse mais, e ele partisse meu coração, o estrago ia ser grande para os dois. E não sabia se valia a pena arriscar. Não com tanta coisa em jogo.

Foi difícil acordar na manhã seguinte. Tentar assimilar o fato de que não estava mais sozinha, que não era mais autônoma. Foi esquisito. Não entendo nada de gravidez ou de ser mãe e resolvi pesquisar na internet, como já tinha feito no dia anterior. Também marquei uma consulta e tentei pensar como é que eu ia dar a notícia para o meu pai. Mas não liguei para o Rome. Não estava a fim de ter essa conversa.

Quando cheguei no estúdio, os meninos já estavam lá, se preparando para começar o dia. A gente costuma chegar lá pelas onze da manhã, para organizar

o lugar antes de os clientes chegarem. Os meninos terminam de fazer desenhos de última hora, e eu ligo para as pessoas que têm hora marcada para confirmar. Naquela manhã, estava todo mundo meio de ressaca, e fiquei feliz que o Rule e o Nash agiram normalmente. Ficou óbvio que a Shaw tinha mantido sua palavra e não tinha contado nada para o namorado. Fiquei olhando o celular, como se as respostas para as minhas perguntas fossem aparecer nele como em um passe de mágica. E, de repente, recebi um torpedo. Tomei um susto. Ao ver o nome do Rome, fiquei com o estômago tão embrulhado que tive que correr para o banheiro para não vomitar suco de laranja em cima da minha mesa e do meu computador.

Fiquei no banheiro um tempão. Precisei lavar o rosto com água fria e esperar recuperar o fôlego. Não podia evitar o Rome para sempre e queria muito saber que explicação ele ia me dar depois de ter passado as últimas semanas em silêncio total. Ajeitei o cabelo, passei um batom vermelho e senti como se tivesse posto uma armadura que me protegeria do conteúdo daquela mensagem.

Só que, como sempre, o Rome gosta de complicar as coisas. Quando saí do banheiro, gelei, porque ele estava lá, parado na sala de espera, e o Rule e o Nash estavam brigando com ele. O Rule parecia furioso, e o Nash tinha uma cara tensa. O Rome estava um lixo, mas não dizia uma palavra sequer enquanto o irmão gritava e cutucava o peito dele com o dedo tatuado.

– A gente falou para não se meter com a Cora. E você ouviu? Não! Como sempre, acha que sabe mais do que todo mundo, e olha o que aconteceu. Faz duas semanas que ela está triste, mais chata do que o normal. E agora está tão triste que passou mal.

O Rule cutucou o Rome com tanta força que ele deu um passo para trás. Nenhum dos três tinha se dado conta de que eu estava ali, e não sabia como interromper aquilo sem causar um estrago ainda maior.

O Nash sacudiu a cabeça e fez o Rule ir um pouco para trás.

– Te falei para deixar quieto, irmão.

O Rome olhou para o chão com aqueles olhos azuis, e o pouco de cor que ele tinha no rosto sumiu. Parecia que fazia um mês que ele não dormia: estava

horrível de tão pálido, com uma expressão dura e preocupante na boca. Minha vontade era de dar um abraço nele e falar que tudo ia ficar bem.

– Você não entende.

– Não, não entendo mesmo. Você ameaçou me encher de porrada se eu machucasse a Shaw. Bom, acontece que você está fazendo isso com a Cora, e isso é muito foda.

O Rome respirou fundo e soltou o ar. Por um segundo, achei que ia se virar e ir embora, mas aí olhou para cima, e nossos olhares se cruzaram. Ele piscou várias vezes, e posso jurar que vi uma sombra ir embora, abrindo espaço para aquela luz cor de safira brilhar.

– Rule, não quero machucar ninguém. Como te falei, você simplesmente não entende, mas eu não te devo nenhuma explicação. Devo muito mais do que isso para a Cora.

O Rule falou mais um monte de palavrão, e o Nash teve que segurar o amigo.

– Você deve explicação para todo mundo, Rome. Já cansei dessa merda, e você tem que parar com isso. Não pode continuar magoando todo mundo só porque está infeliz.

Os dois pares de olhos azuis se encontraram, e vi os do Rome pegarem fogo. O bicho ia pegar.

– Tipo assim, como você sempre fez? Engraçado que, agora que você se acertou com a Shaw, parece que virou santo. Não faz muito tempo que ela tinha que arrastar tua carcaça bêbada, acabada e cheirando a vagabunda para a casa dos nossos pais só porque você estava magoadinho. Me deixa em paz, Rule. Não te devo porra nenhuma.

Ok. Aquilo ia virar uma briga feia de família se eu não interferisse imediatamente.

– Rome –, falei, e os meninos finalmente prestaram atenção em mim. – O que você está fazendo aqui?

Como ele fez cara de quem não sabia direito o que responder, fui até os meninos e fiquei entre os dois irmãos. Dava para sentir a hostilidade sair pelos poros do Rule e o remorso pingar do Rome. Não queria me afogar nem ser

sugada por nada daquilo.

– Ãhn... Queria conversar rapidinho antes de você trabalhar.

Soltei um suspiro e respondi:

– Bom, eu quis falar com você a semana passada inteira, e você simplesmente me ignorou.

– Eu sei. Desculpa. Sinto muito.

– Eu também sinto, porque agora não sei se quero ouvir o que você tem para me dizer. Não é tão difícil assim me achar, grandão.

Ele suspirou.

– Eu sei.

A gente ficou se encarando por um tempão em silêncio, até o Rome finalmente olhar para o chão. Senti o Rule se movimentar atrás de mim e achei que era melhor separar os dois, se não ia ter que limpar sangue do chão. Peguei o irmão mais velho pelo braço e levei ele até a calçada da frente do estúdio. O Rule gritou um palavrão pesado quando a gente saiu, e o Rome ficou todo tenso.

– Pode parar. Uma batalha de cada vez – falei.

Ele jogou as mãos para o alto e disse:

– Esse é que é o problema, Cora. Estou tão cansado de lutar, de brigar.

Seus olhos me queimavam com tanta intimidade que eu achei que ele ia fazer buracos em mim.

– Estou brigando com meus pais, estou brigando com meu irmão, estou brigando com meus defeitos. Estou brigando com o meu medo do futuro. Estou brigando com a porra da minha cabeça e estou simplesmente cansado. Sou um militar reformado. Era para eu ter deixado todas essas batalhas lá no deserto.

Eu tive vontade de consolá-lo, de falar que entendo o que ele está passando. Mas tinha coisa mais importante em jogo do que nós dois.

– E o que você está pensando em fazer a respeito disso?

Esse era o "x" da questão. Ele podia continuar lutando, brigando com tudo e com todos sozinho até ficar acabado e virar um trapo humano, uma sobra do que costumava ser. Ou podia pedir ajuda. Só percebi que o Rome estava prendendo a respiração quando ele finalmente falou.

– O Brite me passou o nome de um sujeito, um psiquiatra e veterinário aposentado. Só atende por indicação. Fui falar com ele ontem, parece ser uma pessoa bem legal.

Soltei o ar e senti meu coração ficar um pouco menos caótico.

– Passei uma hora e meia falando de você. Que me sentia um bosta por ter caído fora, que achava que tinha um lance incrível entre a gente e eu tinha posto tudo a perder porque sou um idiota.

Aí olhou para mim, e senti meu coração afundar no peito. Aquele olhar de súplica, de quem pedia sem disfarces que eu tentasse entender só um pouquinho do que ele estava passando, me comoveu. Tudo o que sempre quis de um companheiro foi sinceridade, e não tinha como ser mais sincero do que aquilo.

– Não quero que ninguém me veja daquele jeito, Cora. Reviver aquela merda toda sem parar acaba comigo. E nada, nem as coisas mais sensacionais, como o nosso lance, consegue fazer isso parar. Tenho vergonha de me expor tanto para outra pessoa. Sinto tanto por não ter conseguido lidar com isso de uma maneira melhor.

– Rome... – não sabia direito o que eu queria dizer, mas nem tive a chance de abrir a boca, porque ele me segurou pelos braços e me levantou, para que a gente pudesse se olhar no olho.

– Por favor, Cora – falou, com uma voz muito rouca e triste. – Para mim, você é muito melhor do que tomar uma garrafa de vodca todas as noites. Eu posso não ser o homem perfeito para você, mas saiba que pode contar comigo, posso ser alguém que queira ter por perto mesmo que nem sempre seja uma tarefa fácil.

Pus as mãos nos ombros largos dele e dei risada. Ri tanto que tive que encostar a testa no pescoço do Rome para recuperar o fôlego. Percebi que ele ficou confuso, porque ficou todo tenso e me pôs de volta no chão. Me afastei dele e cruzei os braços em cima do peito. Ele nunca vai saber quanto significado aquelas palavras simples têm para mim.

– Estou grávida.

O Rome arregalou os olhos de um jeito e abriu tanto a boca que teria sido engraçado se o assunto não fosse tão sério.

– Fiz um teste de farmácia ontem e deu positivo.

– Você... eu... nós...

Ele ficou sem palavras, e achei que ia desmaiar.

– Sério? – completou.

– Sério – repeti.

– Você está bem?

Aí me olhou de cima a baixo, como se procurasse algum sinal de mudança no meu corpo.

– Estou bem. Olha, sei que é uma notícia difícil de engolir. Não espero nada de você. Mas, se estava procurando um motivo para tomar jeito na vida, acho que agora tem um.

– Como assim você não espera nada de mim?

Suspirei de novo e respondi:

– Olha, Rome. A gente ficou junto menos de um mês. Nunca fomos amigos, aí viramos amantes e agora somos futuros pais. É muita coisa para a cabeça de qualquer um. Gosto de você, acho você incrível, de verdade. Mas não vou arriscar esse bebê nem meu coração com alguém que não está na minha. Já fiz isso e, falando sério, preferia nunca ter feito.

– Me dá uma chance, Peso Pena. Estou louco por você.

Dava para ver que era verdade pelo brilho daqueles olhos azuis, afiados como uma lâmina. O Rome acreditava naquilo, queria aquilo, mas eu simplesmente não sabia se ia conseguir confiar nele, acreditar que ele ia dar conta e não me abandonar de novo.

– Você bebe demais...

Ele sacudiu a cabeça e falou:

– Acabou, já foi. Não faz nada bem para mim, e o Brite não me deixa ficar lá no bar se eu estiver de cara cheia. Ficou me dando umas indiretas nas últimas semanas e, finalmente, falou que, se eu não tomar jeito, é para eu cair fora. Já estava achando que eu tinha te decepcionado. Não posso suportar ser uma decepção para ele também. E por isso liguei para o amigo dele pedindo ajuda.

Ele fez uma cara que mais parecia de dor e continuou:

– As chances de eu ter que lidar com os efeitos do estresse pós-traumático

por um bom tempo são grandes. Não vou acordar de uma hora para outra e ser um homem bem resolvido, legal e perfeito, mas posso melhorar. A diferença é que eu não tinha motivação para fazer isso até surtar e não conseguir encarar você. Não quero que você faça parte dos meus pesadelos, Cora. Mas sou egoísta ao ponto de perguntar se você quer fazer parte deles.

O Rome estava falando todas as coisas certas, estava me oferecendo muito mais do que o Jimmy jamais tinha me oferecido, e fui egoísta ao ponto de acreditar que ele dizia a verdade. Não queria desistir dele ainda, mas queria ter certeza de que ele ia entender minhas regras antes de seguir em frente.

– Pesadelos são só sonhos ruins. Se você quer que eu faça parte dos seus sonhos, é tudo o que eu mais quero, Rome. Estou mais do que a fim de enfrentar essa barra com você, mas essa criança é muito mais importante do que nós dois. Você não pode simplesmente cair fora porque surtou ou porque alguma coisa do seu passado se colocou entre nós. Precisa me deixar entrar no seu coração, precisa ficar comigo para podermos dar um jeito nisso juntos. Eu também tenho meus defeitos, Capitão Sem Graça. Mas acho que, juntos, a gente consegue contruir um lance sensacional. Se realmente estivermos dispostos.

Soltei um gritinho de surpresa quando ele me pegou no colo e me apertou contra seu peito. Acho que nunca vou me cansar de sentir aquele corpo forte contra o meu. Então o Rome me deu um beijão na boca, e segurei seu rosto para ele não parar de me beijar. Eu estava com saudade dele, com saudade daquilo, mas não tinha nenhuma ilusão de que esse ia ser o último obstáculo que a gente ia ter que enfrentar se resolvesse ficar junto. É preciso ser um homem muito especial para encarar ser pai assim, de uma hora para outra. A gente não se conhecia direito para saber como as coisas iam rolar, mas ele mexe comigo, ele nunca para de me surpreender. E quero acreditar que, com algum esforço, o Rome pode ser meu novo sonho, que vai se encaixar no meu novo conceito de perfeição.

Quando ele me pôs de volta no chão, eu dei uma risadinha e pus as mãos nos ombros dele.

– É melhor ir mais devagar. Logo, logo, vamos ter que entrar com tudo e,

apesar de não ter dúvidas de que somos sexualmente compatíveis, é melhor a gente descobrir se consegue se aguentar a longo prazo.

O Rome encostou a testa na minha e respondeu:

– Tá bom.

Eu dei uma batidinha no queixo dele com o meu dedo indicador e acrescentei:

– E você precisa se acertar com o Rule. A família é muito importante, e ele vai ser tio dessa criança. Além disso, a Shaw vai enlouquecer todo mundo tentando consertar essa situação se você mesmo não resolver. Isso também vale para os seus pais.

Eu nunca ia me afastar da família, e o Rome ia ter que aceitar isso se quisesse que as coisas dessem certo entre a gente.

Ele se afastou e mordeu a ponta do meu dedo. Fiz uma careta.

– Arrependimento é meu sobrenome. Eu e o Rule sofremos com o gênio difícil da família Archer, e não posso ficar bravo só porque ele quis te proteger. Meu irmão tem razão: fiz a mesma coisa com ele por causa da Shaw. A diferença é que eu não tenho a mesma fama de sedutor. Vou dar um jeito nisso, juro que é importante para mim. Mais do que qualquer coisa que lembro desde que comecei a cuidar dos gêmeos.

Acabei passando os braços naquela cinturinha sarada e dei um abraço que eu estava morrendo de vontade de dar desde que vi o Rome no estúdio.

Óbvio que, assim que a gente entrou, os rapazes pularam em cima de mim. O Rule ainda estava transtornado e puto. O Nash deu uma de irmão mais velho preocupado apesar de ser mais novo do que eu. E o Rowdy estava só observando com um sorrisinho de psicopata que me deu vontade de dar um soco naquele rostinho bonito. Só faltavam dez minutos para o estúdio abrir, e arrastei os três lá para os fundos para dizer umas verdades. Sabia que não ia adiantar só mandar eles me deixarem em paz e cuidarem da própria vida, então disse a verdade de um jeito que até meninos teimosos, cabeças-duras mas bem-intencionados, conseguem entender.

Contei que estava grávida do Rome e que não queria ouvir um pio sobre esse assunto, porque ainda era tudo muito recente, e a gente estava se acertando. Achei que o Rule ia subir pelas paredes, então dei um soco no estômago dele e falei para ele se acalmar. O Nash ficou em estado de choque, e o Rowdy foi o único que me deu um beijinho na testa e os parabéns. Expliquei que o que eu fazia ou deixava de fazer com o Rome não era da conta deles, e que todo mundo tinha que se comportar. Porque o mais importante é que eu ia ter um filho, e todo mundo que gosto ia fazer parte da vida dele ou dela, querendo ou não. Eu e o Rule ficamos nos encarando por um tempão, mas foi fofo porque, no fundo, ele é um manteiga-derretida e acabou me dando um abração que quase quebrou minhas costelas.

Disse que ainda ia encher o Rome de porrada se o irmão não começasse a me tratar direito, e que ele ia ter que andar na linha. O Nash já foi mais difícil de convencer. Ficou só olhando para mim, para a minha barriga, para o meu rosto, sacudindo a cabeça bem devagar. Dei um tempo para ele. O Nash é um molenga. É mais racional do que os outros dois, mas tem umas cicatrizes profundas por causa do jeito que foi criado e não se sente muito à vontade com seres humanos menores que uma caixa de sapato.

– Vai dar tudo certo. Vou ficar bem. A gente vai ficar bem.

Ele passou o braço pelo meu ombro e me apertou tanto que doeu.

– Não me entenda mal. O Rome é legal. Sempre o admirei. Mas é que ele não anda se comportando como um pai deveria se comportar.

– Descobri ontem que estou grávida.

– Mas você já sabia, não sabia?

– Talvez.

– Só se cuida. Amo vocês dois e não quero ter que escolher só um.

– Pode parar. A gente não faria isso com você.

O Nash deu um sorriso triste, que não combinava com aquele rosto tão bonito nem com a argola que ele tem no nariz.

– É isso que todo pai e toda mãe diz.

Aí foi embora, me deixando sem palavras. O Rowdy veio para o meu lado e me deu o braço.

– Você vai ser uma ótima mãe. Todo o resto vai entrar nos eixos, e cada um aqui pode superar seus próprios traumas.

Resmunguei, encostei a cabeça no ombro do meu amigo e falei:

– Valeu.

– E o Rome? Acha que ele é a pessoa certa para fazer isso?

– Acho sim.

E achava mesmo. O Rome ia me dar um pouco de trabalho, mas achava de verdade que valia a pena o esforço. Fiquei feliz de saber que ele tinha ido procurar ajuda profissional para lidar com aqueles pesadelos do tempo do serviço militar que não paravam de persegui-lo. Posso enfrentar essas trevas com ele, desde que ele me deixe ligar a luz.

– Ele não deixou eu me levantar desde que a gente começou a ficar na horizontal – levantei e baixei as sobrancelhas de um jeito sugestivo, e o Rowdy deu risada. – No sentido literal e no figurado – completei.

– Tudo muito estranho – o Rowdy fez carinho na minha barriga, que ainda não tinha crescido. – Vai ser divertido de ver.

Bufei e dei uma cotovelada nas costelas do meu amigo. A verdade era a seguinte: consigo lidar com coisas estranhas e inesperadas. Mas não consigo lidar com meu coração partido nem com ficar arrasada. É melhor o mais velho dos irmãos Archer não se esquecer disso, ou não me responsabilizo. Até porque, vou poder pôr a culpa nos hormônios.

CAPÍTULO 10

Rome

Ir mais devagar é um saco. Não me entenda mal, tenho certeza de que estou me apaixonando pela Cora. Passei as duas últimas semanas bebendo para tentar parar de pensar nela e me sentindo o maior dos imbecis por ter caído fora sem falar nada. Foi mais uma atitude covarde para a minha lista, que não para de crescer. Fiquei com vergonha por não ter conseguido me controlar, pelo fato de a garota ter me visto tão arrasado e vulnerável. Sabia que ela tinha um pé atrás com os altos e baixos da minha personalidade, mas testemunhar meu inferno particular tinha sido demais para o meu ego e o meu orgulho, que já estavam feridos. Por isso fugi. Foi uma atitude covarde, de fraco, mas achei que não ia dar conta de ver a Cora me olhar com pena, como se eu precisasse ser consertado. Aí me joguei de cabeça na garrafa de vodca e tentei afogar todas as minhas mágoas na bebida. Meus motivos para não falar com ela não eram mais válidos do que meus motivos para não falar com meus pais, e eu não podia ignorar esse fato, por mais que eu bebesse.

Ficou óbvio, no dia seguinte, que não falar com ela, ficar sem tocá-la, sem abraçá-la, doía mais que meu orgulho ferido. A Cora tinha mexido tanto comigo que me dei conta de que, se eu tivesse que procurar ajuda profissional para ser o homem que ela merece, era isso que eu tinha que fazer, e já estava mais do que na hora de parar de fugir dessa realidade. Fiquei tão feliz por ela ter me dado outra chance. Preciso dessa mulher. E agora, com o bebê, acho que ela também precisa de mim, por mais que eu esteja estragado. Estou disposto a fazer qualquer coisa para ficarmos juntos, mesmo que precise dar um tempo em toda aquela atração sexual, aquela chama tão poderosa que fez a gente se atrair um pelo outro. Nada mais chato do que ser só amigo da sua namorada grávida.

Passei o mês de setembro inteiro controlando minhas mãos e meu pau. Fui

com a Cora ao médico, e isso foi animador e apavorante ao mesmo tempo. A gente saiu para jantar e ficou junto como um casal normal que está começando a namorar. E até pensei em fazer as pazes com os meus pais, do mesmo jeito que tinha tentado fazer com a Shaw, porque sabia que isso ia deixar a Cora feliz. Sem contar que estava cansado de ter medo de enfrentar essa situação, estava cansado de tentar adivinhar quais as expectativas que os outros têm de mim, e tinha que aprender que as minhas próprias expectativas são mais do que suficientes. A Cora ficava feliz com essa possibilidade, e eu ficava feliz com isso, por mais que também fosse uma tortura, pois eu não sabia o que dizer para os meus pais.

Ir mais devagar também era legal. Gosto da companhia da Cora, a gente se dá bem. E, mesmo quando não se dá tão bem assim, o brilho daqueles olhos de duas cores me fazia ter fantasias sexuais muito, mas muito explícitas. Não que só esteja com ela para transar, mas estaria mentindo se falasse que não sinto falta. Sinto falta dela e da pele colorida dela. O sexo com a Cora é diferente de tudo que já experimentei, não só porque ela tem um *piercing* lá embaixo e todas aquelas outras joias coloridas implantadas na pele. E, apesar de viver repetindo que estava se guardando para um homem perfeito, impossível de existir, acabou ficando comigo. Ela ficou mesmo, apesar de eu ser o sujeito mais imperfeito da face da Terra.

Não sei como é que a Cora consegue aguentar essa seca de sexo. Ultimamente, seus hormônios estão à flor da pele. Ela está mais bocuda e um tanto mais irritada do que o normal, mas seu olhar mudou. Pego a Cora olhando de canto para mim com cara de quem está sentindo o mesmo desejo reprimido que eu estou sentindo. Como se a gente estivesse prestes a embarcar em uma viagem maior, uma viagem muito mais intensa do que tudo que já viveu na vida, mas tivesse medo das consequências. Ela me deixa beijar, ficar juntinho no sofá quando a gente assiste filme, é carinhosa o tempo todo, segura a minha mão, me abraça, demonstra que está do meu lado. Mas é sempre ela que se afasta, que corta o barato e abraça o caminho da repressão sexual. Dá para perceber o arrependimento, a frustração estampada naquele rostinho lindo, mas não vou abusar da minha sorte. Não vou discutir nem insistir para a Cora

transar comigo. A garota está disposta a me aceitar como sou. E eu estou disposto a aceitá-la também e a encarar qualquer obstáculo que aparecer como se não fosse nada demais. Às vezes, acho que a Cora me olha apavorada. Não com medo de mim, mas de alguma coisa que faço ela pensar ou sentir.

Estava tentando recuperar o tempo perdido no bar e também fazer meu relacionamento com o Brite e com os fregueses voltar para os trilhos. O Brite estava de volta e acho que voltou para me impedir de beber o bar inteiro e dar o prejuízo que dei no mês passado. Deve estar com medo de eu pirar de novo. Para provar que não tenho a menor intenção de destruir minha própria vida nem de deixar a Cora criar essa criança sozinha, estava dando o maior duro e tinha quase acabado de fazer as melhorias que ele me pediu. Até fiz umas coisas a mais. O lugar está quase parecendo um bar novo: impecável, todo arrumadinho. Não tem nada ali em que eu não tenha dado um jeito. Um monte de jovens começou a aparecer, e os negócios melhoraram tanto que o Brite convidou o Asa para ser o novo *barman* da noite. Na minha opinião, foi porque gostou da paisagem. Não tem uma noite que O Bar não fique cheio de gatinhas, todas querendo a atenção do loirinho do interior. O Asa é bom mesmo.

Ainda não sei o que vou fazer quando terminar o trabalho no Bar, mas estou me esforçando para não perder o sono por causa disso. Só que tem outras coisas me tirando o sono. Já havia rolado tantas reviravoltas no meu futuro que eu estava cansado de me torturar por não ter todas as respostas ainda. Não tenho mais energia para isso.

Outra luta diária é tentar lidar com os meus pesadelos e os *tilts* estranhos no meu cérebro, que me levam de volta ao deserto e para todo aquele sangue e aquelas mortes, de um jeito mais positivo e saudável do que beber até cair. Tomar uma vodca de vez em quando é uma coisa. Tentar acabar com meu fígado é outra bem diferente. Agora, quando acordo, vou correr ou dou uma volta de Harley até minha cabeça voltar para o lugar. Demora mais, mas funciona do mesmo jeito. Conversar com o amigo do Brite fez eu me dar conta de que isso é como tudo na vida: dá trabalho, e preciso praticar até ficar bom. Ele também me fez perceber que, se eu deixar as pessoas que me amam me ajudarem, o processo vai ser muito mais rápido. É que nem a Shaw falou: todo

mundo vai ter que aprender a me amar de um jeito diferente, e tenho que me sentir bem com isso. Não tem problema pedir ajuda, isso não faz de mim um fraco, e devo agradecer por continuar vivo para ouvi-los, e não me sentir culpado.

Uma noite, eu estava deitado com a Cora no sofá lá de casa. O Nash tinha saído com o Rowdy, e a minha garota estava toda linda, encolhidinha do meu lado. Tinha escolhido um desses filmes bobos de mulherzinha para assistir depois da janta, um filme tão chato que eu tinha que olhar só para ela para conseguir ficar de olho aberto. Gosto do jeito que a Cora se encaixa em mim. É tão pequena e tão enganadoramente delicada que traz todos os meus instintos protetores à tona. O que não deixa de ser engraçado, porque ela sabe muito bem se cuidar sozinha. É difícil até de lembrar como era aquele meu mundinho chato e cinzento antes de a Cora invadir minha vida e derramar cores por todos os lados. Tudo o que eu mais quero é cuidar dela, ficar com ela.

– Você está odiando, não tá? – perguntou.

Ela estava fazendo carinho nas costas da minha mão e nos nós dos meus dedos com o dedão. Parava e fazia cara de preocupada toda vez que encontrava uma marca ou cicatriz na minha pele.

– Nããããão, tudo certo.

Ela deu risada e falou:

– Você está quase dormindo.

Eu estava, mas achei que a Cora não precisava se preocupar com isso. Eu estava dando umas pescadas. Ela queria ver se a garota do filme ia ser feliz para sempre, e achei que conseguia me segurar mais um pouco. Além disso, tirar um cochilo no sofá do lado dela foi o mais perto que cheguei de dormir com a Cora no último mês. Me virei, para poder passar o braço nela e puxá-la mais para perto de mim. Dei um beijinho no seu cabelo macio e mandei minhas partes de baixo, que estavam ansiosas, darem um tempo. A Cora estava com um braço em volta da minha cintura e o outro na minha coxa. Era tudo muito inocente, mas explicar isso para a minha libido reprimida já era outra história. Tirar um cochilo era o único jeito de atravessar essa noite sem me meter em encrenca.

Eu ia do sono profundo ao despertar em poucos segundos. Não conseguia

me concentrar naquele filme bobo, e a minha cabeça resolveu se enveredar por um caminho que eu não queria. Tudo ficou meio borrado e voltei a um dia que já revivi um monte de vezes. Eu estava tendo um pesadelo acordado e não consegui controlar a avalanche de lembranças que caíam uma em cima da outra. Daria qualquer coisa para aquilo parar, para manter aquele dia trancado em algum lugar a partir do qual não pudesse mais me atingir.

Fazia só alguns meses que eu estava no Paquistão. Os gêmeos tinham uns vinte anos, e me avisaram que eu ia para o Iraque. Meus pais estavam tendo um ataque, todo mundo queria que eu saísse do exército quando essa missão acabasse, mas eu estava animado. O Rule e o Remy tinham saído da casa dos meus pais. A Shaw estava quase terminando o Ensino Médio, e ficar em casa sozinho com os meus pais era muito chato. Não aguentava mais aquele papo de "o Rule é terrível, o Remy é perfeito, você é um bobo e poderia estar fazendo algo mais importante da vida".

Eu gostava do exército. Subi rápido na hierarquia. Me dava bem com os outros soldados e tinha um talento nato para a liderança. Quando estava em casa, não era nada além do irmão mais velho dos gêmeos. Tudo girava em torno dos gêmeos. Não que eu não amasse meus irmãos. Caramba, fui para a guerra para o mundo ser mais seguro para eles, mas já estava cansado de ser o sujeito cuja obrigação era fazer o Rule andar na linha e deixar o Remy brilhar. No exército, eu era o sargento Archer. Mandava na situação. Comandava missões e tinha um pelotão de homens e mulheres para proteger, não só dois meninos que eram dois lados da mesma moeda problemática.

Minha mãe insistiu para que a gente tivesse um jantar de família na última noite que passei com eles. Eu não estava a fim. O Rule estava jogando merda em cima de todo mundo, e tinha alguma coisa rolando entre o Remy e a Shaw. De qualquer modo, o relacionamento deles era antigo. Mas os dois quase nunca se tocavam, pareciam mais duas amigas do que um casal. Viviam dizendo que eram apenas bons amigos, melhores amigos, só que eu sabia que tinha algo mais. Também não conseguia entender por que a Shaw ficava olhando toda caidinha para o gêmeo errado quando achava que ninguém estava vendo. Era tudo tão complicado, mas tão trivial comparado ao meu dia a dia, que eu não me animei.

O jantar foi como eu previa. O Rule apareceu de cabelo azul e espetado e de olho roxo. O Remy estava distraído e evasivo, e a Shaw parecia estranha e emburrada. Fiz o

que eu sempre fazia: tentei bancar o mediador. Perguntei como estava o trabalho do Rule como aprendiz no estúdio de tatuagem, conversei com o Remy sobre seu emprego novo e fiz um milhão de perguntas para a Shaw sobre a faculdade que ela ia começar. Meus pais deixaram eu desempenhar o papel de intermediário, sempre faziam isso, e ficaram mandando umas indiretas bem diretas, falando que sentiam muita falta de mim em casa. Era tudo muito irritante, mas me segurei até o fim, pensando que, no dia seguinte, ia estar do outro lado do mundo. O jantar foi incômodo para todo mundo, e aí o Remy deu uma desculpa para ir embora com a Shaw. Tinha alguma coisa rolando, mas nenhum dos dois estava muito a fim de contar o que era. Nós quatro saímos do restaurante, depois de nos despedirmos dos meus pais, e ficamos parados ali, na garagem. O Rule me deu um abraço, depois um soco no estômago e falou:

– Se cuide. Vou sentir sua falta, seu mal-humorado. Vê se olha mais os e-mails desta vez.

Baguncei aquele cabelo ridículo do meu irmão e dei um soco nele também.

– Vê se fica longe da cadeia enquanto eu estiver fora.

O Rule resmungou e falou:

– E qual é a graça disso?

A Shaw revirou os olhos, me abraçou e disse:

– Eu te amo. Volta inteiro para casa, por favor? Vou te mandar um milhão de pacotes com presentes.

O Rule debochou:

– Manda uns filmes pornô para ele.

A Shaw fez uma cara feia para o meu irmão, e os dois começaram mais um bate-boca infantil.

O Remy apertou minha mão e me deu um tapinha nas costas. Quando se afastou, juro que vi um lampejo de alguma emoção que eu não sabia qual era passar por aqueles olhos tão claros. Me deu vontade de sentar em cima dele e obrigá-lo a falar comigo, mas não dava tempo.

– Tome cuidado. Se cuida, Rome. Essa família não funciona sem você.

Dei risada, porque ele é que era o filhinho de ouro. Era como o Remy que a gente queria ser. Inclinei a cabeça na direção do Rule e da Shaw, eles ainda discutiam.

– Pode deixar que eu me cuido, e você cuida deles. Vê se faz aquela sua outra metade

imbecil andar na linha.

O Remy me deu um sorriso meio triste e perguntou:

– Qual das duas?

– Ambas.

Todo mundo se abraçou de novo, e voltei para dentro de casa. Na manhã seguinte, segui rumo a um deserto diferente, e as conversas foram sobre amenidades, que eu esqueci completamente. Assim que desembarquei, entrei no modo missão e desencanei. Fiz reconhecimento de campo com uma equipe de operações especiais por duas semanas, sem contato com a base.

Tentaram me contatar no campo por três dias antes de conseguirem encontrar alguém que pudesse me dar uma mensagem importante dos meus pais.

O Remy tinha morrido.

Foi um acidente. Ele bateu o carro na interestadual e não sobreviveu aos ferimentos. Iam me dar só alguns dias de licença para eu poder ir ao funeral e, em seguida, eu deveria voltar para o deserto, em condições de lutar.

Senti que tinham enfiado uma faca serrilhada bem no meio do meu peito.

O Remy era o filho bom, o melhor de nós três. Era gentil, amável, cuidadoso. Não era para ele ter sido o primeiro dos irmãos a morrer, de jeito nenhum. O Rule ia acabar levando um tiro de algum namorado raivoso ou emputecer o cara errado em um bar. Eu ia pisar em uma mina terrestre ou ser atingido pelo fogo inimigo. Mas não era a hora do Remy, não mesmo.

Voltei para casa em choque. Não conseguia pensar, não conseguia sentir nada. Estava amortecido. Acho que foi por isso que não percebi que a minha mãe deixou de ser apenas distante e grossa com o Rule para adotar um comportamento gélido. Todo mundo estava mergulhando em um poço de dor e desespero, cada um por seus próprios motivos. Ninguém tinha condições de ajudar outra pessoa.

Eu só conseguia pensar que nem tinha dito para o meu irmão quanto eu o amava antes de ir embora. Mandei ele cuidar do Rule, sempre dizia para o Remy ficar de olho no nosso irmão difícil, mas nunca falei nada sobre como eu estava impressionado e orgulhoso de ver o homem que ele tinha se tornado. Nunca falei que eu até podia ser o herói do Remy, mas que ele era o meu. Nunca consegui engolir a amargura do arrependimento que senti nos últimos minutos que passei com o meu irmão. Para

completar, sabia que estava rolando alguma coisa com ele, alguma coisa que eu precisava ter obrigado ele a me contar. Um pedaço do meu coração, uma parte da minha alma foi enterrada com ele.

Voltei para o deserto sem falar com os meus pais, sem conseguir olhar nos olhos do Rule, porque doía demais enxergar os olhos do Remy no rosto dele. No ano seguinte, não importava qual era a missão, em que acampamento eu estava, para que parte daquela caixa de areia me mandavam, ia para cama todas as noites pensando em tudo o que eu devia ter feito diferente. Por causa do meu trabalho, vi muitas mortes de perto. É sempre ruim, sempre difícil de esquecer. Mas nada me fez acordar chorando no meio da noite como a lembrança daqueles últimos segundos que tive com meu irmão e que desperdicei.

Estava sentindo um peso. Não aquele peso devastador de sempre, do sofrimento que me acorda quando alguma memória toma conta dos meus pensamentos. Mas um peso delicado, quente, que não parava de sussurrar meu nome. Lutei para me livrar daquelas trevas e vi que a Cora estava no meu colo. Ela estava literalmente montada em mim, com as mãos no meu rosto, repetindo meu nome com a boca perto da cicatriz que tenho na testa e dos rastros das lágrimas que saíam dos meus olhos.

Meu primeiro instinto foi tirá-la de cima de mim e sair correndo. Enterrar a vergonha e a tristeza e cobrir com uma camada de vodca tão grossa que eu nunca mais ia sentir aquilo de novo. Mas sabia que, se fizesse isso, a Cora não ia me dar outra chance. Então fiquei só olhando para ela, que beijou todo meu rosto até meu coração desacelerar e eu conseguir respirar normalmente. Pus as mãos na cintura dela e contei até vinte de trás para frente, até ter certeza de que não ia fugir dela de novo.

– Quer conversar?

Não. Caramba, é óbvio que não queria. Mas tinha prometido que ia me abrir com a Cora e resolvi fazer um esforço. E, se isso significava que ela ia ficar em cima de mim fazendo cafuné, ia me esforçar mesmo que tivesse a sensação de que ia morrer por causa disso.

– O Remy. Estava pensando, meio que sonhando, com ele.

Se eu não fosse capaz de chorar lágrimas de sofrimento ao pensar no meu irmão mais novo morto, então não seria capaz de chorar por mais nada. Queria

sentir vergonha, não queria que a Cora visse quanto eu estava arrasado por dentro, mas ela só ficou me olhando sem dizer uma palavra. O verde-azulado do seu olho turquesa estava cheio de compaixão e bondade. O tom de chocolate derretido do olho castanho estava muito mais intenso, esperando para ver o que eu ia fazer agora que estava exposto daquele jeito na frente dela.

– A última vez que vi meu irmão, eu estava irritado. Meus pais estavam me dando nos nervos, o Rule estava sendo um mala, a Shaw estava esquisita, e tinha alguma coisa rolando com o Remy, mas ele não falou nada. Agora sei que era o tal segredo e que a Shaw estava perdidamente apaixonada pelo Rule. Mas, naquele momento, só queria voltar para o meu trabalho. Falei para o Remy cuidar do Rule, em vez de dizer que eu o amava e que sentia saudade ou tinha orgulho de ser irmão dele. Só falei para ele ficar de olho no Rule, para o nosso irmão não se meter em encrenca.

Tive que engolir toda aquela avalanche de lembranças para conseguir continuar falando com a Cora. Ela só ficou me olhando nos olhos. Não falou nada, não disse que ia ficar tudo bem. Só ficou me olhando e fazendo cafuné.

– Quando voltei, para o funeral dele, tudo tinha virado uma droga. O Rule resolveu que a melhor maneira de lidar com aquela perda era ser mais idiota ainda. A Shaw se transformou em uma máquina conciliadora, e meus pais passaram a culpar tudo e todos. Foi culpa do Rule, por ter ligado para o Remy pedindo carona, foi culpa minha porque não estava em casa para cuidar do meu irmão e foi culpa da Shaw, que deixou ele ir buscar o Rule. Meus pais enterraram o Remy, mas todos nós fomos enterrados juntos.

Tive que piscar e me esforçar muito para continuar olhando para a Cora. Dobrei os dedos involuntariamente, como se não soubesse se queria puxá-la mais para perto de mim ou afastá-la.

– Voltei para o deserto e vi outros moleques morrerem, me dediquei mais ainda à areia e a combater o inimigo e, quando voltei para casa da última vez, as coisas tinham ido de mal a pior. Minha mãe tinha se transformado num monstro cheio de dor que queria esfolar o Rule. A Shaw encontrava-se perdida de amores pelo meu irmão, que nem tomava conhecimento, e isso estava acabando com a menina. E ainda tinha o Remy. Que não estava mais entre a

gente, mas estava sempre no nosso meio, e aquele maldito segredo que todo mundo sabia menos eu e o Rule. Eu estava com tanta raiva dele. Por ter mentido, por ter usado a Shaw, por ter ido embora. Mas, mais do que tudo, eu estava furioso comigo mesmo porque, na última vez em que estive com o meu irmão, fui embora sem ter dito nada que realmente importasse. Quem sabe, se eu tivesse agido de outra maneira, ele teria se sentido à vontade para me contar da sua vida. Não consigo parar de pensar nisso.

Nós ficamos ali, sentados em silêncio, por um tempão, só nos olhando. A Cora continuou me fazendo cafuné, e era interessante de ver seus pensamentos refletidos naqueles olhos de cores diferentes. Um tinha remorso por mim; o outro, censura e algo mais. A Cora não gosta quando me torturo por uma coisa que não tem como mudar, mas era óbvio que não ia me condenar por causa disso.

– Você acredita mesmo que aqueles meninos tinham dúvida de quanto você os amava, de quanto se sacrificou por eles? Acredita?

Sacudi a cabeça devagar e respondi:

– Não.

– Que bom. Não importa o que você disse para o Remy. As palavras não importam. Ele sabia. O Rule sabe. Você poderia ter dito tudo isso para o Remy e, mesmo assim, seu irmão teria entrado no carro aquela noite. Perdê-lo dessa maneira ainda vai fazer você sofrer, ainda vai abalar a sua família. Você sabe que ele sabia que era amado por você. É só isso que importa, Rome. Se o seu irmão quisesse que você e o Rule soubessem do segredo dele, teria contado. Simples assim. Não é culpa sua nem dos seus pais. E muito menos da Shaw, caramba. Em algum momento você vai ter que esquecer isso.

– Não sei como.

Era a mais pura verdade.

– Você acha que tem alguma coisa que poderia te ajudar a ver isso de um jeito diferente? Tornar essa história mais fácil de superar?

Gostei que, em vez de deixar eu ficar bancando o derrotado e o perdido, a Cora estava tentando me ajudar a encontrar uma solução para o problema.

– Não muito. Ter as respostas para as minhas perguntas ajudaria. Falar com

o Remy ajudaria. Mas nada disso é possível. Vou ter que dar um jeito de resolver isso sozinho.

Os olhos da minha garota brilharam e vi uma sombra estranha passar de um olho para o outro. Queria perguntar o que era, mas ela saiu de cima de mim, e eu me distraí tentando fazê-la voltar. Queria beijar a Cora da cabeça aos pés. Queria pôr aquela mulher na cama e nunca mais deixá-la sair. Queria respirar o seu ar, deixá-la espalhar todas as suas cores e a sua luz em cima daquele sentimento frio e vazio que tenho dentro do peito. Mas ainda tentava me comportar. Fiquei de pé e me preparei para acompanhar a Cora até aquele carrinho ridículo e me contentar com um selinho inocente.

Não me sentia melhor depois de ter conversado com ela, mas também não me sentia pior. Não tive necessidade de entornar uma garrafa de vodca e tinha quase certeza de que ia passar o resto da noite sem enfrentar nenhum pesadelo. Quase atropelei a Cora quando ela parou na minha frente e se virou. Tive que abraçá-la bem forte para ela não cair no chão. A Cora deu risada. Encostada no meio do meu peito, agarrou o tecido da minha camiseta e começou a me empurrar até o quarto.

Não que eu quisesse estragar as coisas, mas também não queria me meter em uma situação que ia deixá-la toda nervosa depois.

– Ãhn... O que você está fazendo, Peso Pena?

A Cora mexeu aquelas sobrancelhas loiras e continuou andando de costas, me puxando. Os olhos dela brilhavam, com uma expressão alegre, e ela estava dando um sorrisinho. Queria sonhar com a sua boca em vez de ter pesadelos. E ela estava me olhando de um jeito que não só me deixou de pau duro, mas alivou uma coisa pesada que estava apertando o meu peito.

– Você anda tendo pesadelos. Não quero que isso aconteça. Então, resolvi dar algo melhor para você levar para a cama.

Ah, obrigado, Senhor. Fechei a porta com um chute e deixei ela arrancar minha camiseta. A Cora é muito baixinha para fazer isso, e tive que me abaixar para ela conseguir passar a camiseta pelos meus ombros.

– Achei que a gente tinha combinado de ir mais devagar.

Eu e a minha moralidade imbecil.

Ela olhou para mim com cara de espanto e dobrou o corpo para alcançar a fivela do meu cinto.

– Você gosta menos de mim porque a gente parou de fazer sexo? – perguntou.

Bufei e fiquei só olhando ela arrancar meu cinto em uma puxada só.

– Não. Por quê?

A Cora encolheu os ombros. Eu estava tentando entender o que se passava pela cabeça dela, mas quase fiquei vesgo porque ela pôs aquelas mãozinhas na cabeça do meu pau e alisou aquela virilidade toda que tentava sair das minhas calças como se tivesse vida própria. Tinha alguma coisa que eu não entendia. A Cora estava tão vulnerável quanto eu, mas eu não sabia direito quais eram os motivos dela.

– Não sei. Achei que só rolava química e atração sexual entre a gente. E que, se a gente parasse de transar, as coisas iam ficar mais claras, fazer mais sentido.

– A gente não faz sentido?

Ela tinha aberto meu zíper e baixado minha calça até a bunda. Não ia conseguir conversar direito com ela por muito mais tempo, mas tinha a impressão de que precisava mesmo entender o que ela não estava me dizendo.

– Faz sim, mas as coisas entre a gente rolaram muito rápido.

A Cora não deixava de ter razão.

– E isso é ruim?

Ela piscou aqueles olhos de duas cores para mim e passou a língua nos lábios. Caralho, eu ia gozar só de ficar olhando para ela.

– Não. Pode até ser assustador e impresssionante, mas nem ligo mais, porque é você que eu quero. Senti falta dessa parte. Além disso, estou grávida e com tesão e quero pular em você o tempo todo. Autocontrole nunca foi meu forte.

Fiquei sem ar quando ela baixou minha calça até o joelho e depois se ajoelhou no chão.

– Então por que você não falou nada antes?

– Por que a gente estava tentando fazer as coisas de um jeito que desse certo, ver se o nosso lance ia durar e, quando você tira a camisa,eu não consigo pensar

direito.

Depois dessa, tive que dar risada. Mas aí a Cora pôs a cabeça do meu pau na boca e não consegui mais respirar quando senti aquele calor úmido. Ela é tão linda, tão exótica, com aquela pele colorida e, minha nossa, sabe fazer um homem se ajoelhar só com uma passadinha de língua e de dentes. Queria segurar a cabeça da Cora e enfiar meu pau inteiro na sua boca, até a garganta. Mas acho que não ia caber, e ela não ia gostar, já que estava tentando me distrair de todas aquelas confusões que rolam na minha cabeça pertubada. Então, prendi os dedos no cabelo curto dela e pus a outra mão na sua nuca.

– Cora...

Só consegui dizer seu nome, porque ela estava passando a mão nas minhas coxas e segurando a base do meu pau pulsante. Era tão bom, essa garota inundava todos os meus sentidos. Meus olhos, ao vê-la ajoelhada na minha frente; meus ouvidos, com os murmúrios de prazer que ela soltou quando bati sem querer na sua boca; aquela boca quente e molhadinha subindo e descendo pela minha pele, que parecia que ia arrebentar. Fazia tanto tempo, e ela era tão poderosa, que eu não ia conseguir me segurar muito. Ainda mais se ela continuasse brincando com as minhas bolas doídas e tensas daquele jeito. Sabia que a Cora queria me distrair, me fazer gozar para ficar acabado e cansado e conseguir dormir à noite inteira. Mas, se ela estava abrindo a porta, eu ia querer entrar com tudo.

Deixei ela me chupar, passar a língua na cabeça latejante do meu pau até quase gozar naquela boquinha linda. Por sorte, ganhei estrelinha no quesito disciplina. Tirei a Cora de mim antes que ela conseguisse o que queria. Ela fez um barulho de insatisfação com a garganta que fez meu pau protestar contra mim, mas os olhos dela brilhavam de alegria. Ela deu uma apertadinha na base do meu pau e sorriu para mim.

– Ah, meu velho amigo. Que falta você me fez – falou.

Eu estava tentando tirar o *short* e aquele *top* justo que a Cora vestia, mas não tive o menor sucesso, porque ela não estava muito a fim de soltar o meu membro duro e pulsante.

– Você está falando comigo ou com o meu pau? – perguntei.

A Cora deu uma risadinha tão solta e feliz que senti um alívio na alma. Senti aquela tensão, aquele emaranhado de desespero que tento a todo custo segurar dentro de mim, se soltar. Segurei seu rosto e puxei para perto do meu, para eu poder atacar aquela boquinha sorridente. Beijei tanto aquela boca que a Cora finalmente largou o meu pau e se segurou nos meus pulsos para não cair para trás. A Cora tem um gosto doce. De salvação. De um futuro que não me preocupa mais como será.

Quando ela passou a língua na minha, quando ficou na ponta dos pés para passar os braços em volta do meu pescoço, caí de costas na cama e a levei comigo. Nós dois caímos na risada. Não lembro qual foi a última vez que achei graça em alguma coisa neste mundo, muito menos no meio de uma trepada. O fato de a Cora conseguir fazer isso comigo, fazer isso *para mim*, deixava claro que eu não ia conseguir abrir mão dela. Ela ficou rebolando em cima de mim, com as mãos no meu peito, até eu ficar preso debaixo dela. A Cora ainda estava muito vestida para o meu gosto, mas acho que estava mais interessada em me deixar pelado do que em tirar a própria roupa.

Aí ficou de pé e terminou de tirar meus coturnos e minha calça. Depois me olhou com um brilho naqueles olhos de duas cores.

– Você é bonito mesmo – falou.

Não sei nada sobre isso. Meu pau estava uma rocha, as veias do meu pescoço pulsavam e tenho quase certeza de que a minha cara era de louco. Fazia muito tempo que não transava com a Cora. Mas, se ela gostava do que estava vendo, com as cicatrizes e tudo, eu não ia reclamar.

– Achei que precisava te dizer isso – completou.

Fez um barulhinho delicado e tirou a blusa. Meus olhos se arregalaram, eu já tinha visto a Cora pelada outras vezes, mas percebi que seu peitos estavam maiores. Ela tirou o *short* com toda a calma, rebolando, depois a calcinha de renda cor-de-rosa. Quando ficou pelada, eu já estava quase pulando em cima dela, ia jogá-la no chão e mandar ver. Só que não tive a oportunidade, porque ela subiu de novo em mim. Mas, desta vez, foi apenas aquela pele tatuada linda e quente e sua carne cheia de tesão. Me segurei na sua coxa colorida quando ela se ajeitou em cima de mim e segurou meu pau duro de novo.

Com a outra mão, fiquei fazendo carinho nas suas costelas, parando em cada uma daquelas joias, como se passar a mão nelas fosse me dar sorte. Apertei um daqueles peitos inchados com o dedão, levantei a sobrancelha e disse:

– Linda.

Continuei subindo até alcançar um bico bem durinho.

A Cora fez careta e mordeu os lábios. Ela é muito gata. Dá vontade de comer. Se ela não tomasse logo uma providência, eu ia ter que tomar.

– Pelo menos há uma vantagem no sexo sem proteção.

Foi uma tirada seca, parecia que ela não estava mais a fim de piada a partir do momento em que fiz ela ficar embaixo de mim. Eu poderia olhar para aqueles olhos de duas cores até o fim dos tempos, especialmente quando estavam tão enevoados de desejo e quase fechados porque sabiam que eu ia retribuir o favor que ela tinha me feito. Beijei a Cora com paixão, fui lambendo até a clavícula, dei um pouco de atenção para os seus peitos, passei a língua em todos aqueles *piercings* e cheguei na tatuagem colorida em volta da sua coxa.

Abri as suas pernas, que estavam dobradas, e continuei passando a língua no desenho que enfeita a parte interna da sua coxa, já mais perto do meu destino final. Ela tremia de tesão, ficou com a barriga arrepiada. Dei um sorriso encostado na pele macia que eu estava puxando com os dentes porque ela cutucava a minha cabeça com a ponta dos dedos.

– Rome... – disse, com uma voz grave e ofegante, que fez eu me dar conta de que ela tinha esperando tanto por aquele momento quanto eu.

Quando percebi que a Cora não tinha vergonha de me pedir o que queria, meu pau ficou ainda mais duro. Se é que isso era possível.

Fui lambendo a dobrinha da sua coxa que segue até chegar a sua fenda úmida. Aquele pedacinho de prata enterrado no meio daquela carne rosinha e linda era um charme que não consegui ignorar. Enfiei a argola inteira, com carne e tudo, dentro da boca. Ela arqueou o corpo inteiro para fora da cama e passou as mãos na minha cabeça e nos meus ombros com mais desespero. O gosto era uma mistura pungente de metal e fêmea excitada, e eu nunca tinha provado nada tão doce. Fiquei girando a argola com a língua e só soltei quando senti que a Cora estava quase chegando ao clímax. Ela me xingou. Dei risada

com o rosto encostado naquelas dobrinhas ávidas e enfiei a língua dentro dela. Uma hora a Cora me xingava, depois dizia que eu era o melhor homem com quem ela já tinha trepado.

Abandonei aquele canal molhadinho e guloso e voltei minha atenção para o seu clitóris, que estava bem durinho. Beijei, chupei e mordi só para ela saber que eu estava falando sério. Quando pus a mão na jogada, fazendo minha boca e meus dedos trabalharem juntos para finalmente deixar a Cora gozar, ela fez uns barulhos que pareciam uma mistura de gemidos de rendição e suspiros de alívio. Aí gozou como faz tudo na vida: de um jeito colorido e luminoso, absurdamente sincero, porque demonstrou que o que fiz não só tinha dado certo, mas era incomparável. E não é nada mau ter uma mulher que te faz se sentir desse jeito.

Demorou uns minutos para a Cora se recuperar. Puxei ela para cima de mim, e ela me cobriu como se fosse um cobertor humano quentinho e satisfeito. Quando finalmente se recompôs, foi logo sentando em cima de mim e metendo meu pau até o fundo. Estava molhadinha e escorregadia, e eu quase tinha ficado sem aquilo tudo por ser um idiota que tem medo da própria realidade. Só um cretino mesmo para fugir de uma mulher dessas. Posso ser muita coisa, mas cretino eu não sou.

A surpresa daquela sensação deixou os dois sem ar. A Cora fechou os olhos, e eu arregalei os meus. Era tão bom transar com ela. Quando começou a se mexer em cima de mim, meu cérebro parou de funcionar. Aí ela pôs uma mão do lado da minha cabeça e se abaixou para me beijar na boca. Nessa posição, ficou com as pernas abertas de um jeito que dava para eu passar os dedos naquela maldita argola enquanto ela subia e descia em um ritmo que fez a gente soltar palavrão e se enroscar todo. O toque daqueles peitos durinhos no meu peito, a sucção suave que ela fazia com o corpo, a pressão daqueles lábios espertos, leves como uma pluma, contra os meus... Não demorou muito para eu rolar por cima dela e meter com tudo.

A Cora soltou um gritinho, e tentei me convencer a pegar mais leve. Mas ela estava tão louca, tão cheia de tesão quanto eu. Então ela deu uma apertadinha com aqueles músculos rijos e trepidantes e gozei. Falei seu nome, ela sussurrou

o meu no meu ouvido, e acho que bem posso ter apagado por um segundo, quando o prazer e a intensidade do que essa mulher significa para mim fizeram meu corpo inteiro tremer. Não queria ter me jogado em cima dela, mas foi isso que eu fiz. Enterrei o rosto no seu pescoço e a puxei para perto do meu peito antes de conseguir rolar para o lado e sair de cima dela.

A Cora se aninhou no meu peito e encaixou a cabeça embaixo do meu queixo. Fiquei fazendo carinho nas suas costas e dei um beijo na sua testa. Eu conseguiria ficar assim com ela para sempre.

– Bons sonhos, Rome.

Quando fechei os olhos, só enxerguei a Cora e todas as cores e tons de felicidade que ela trouxe para o meu mundinho sem graça. Peguei no sono com ela enrolada em mim, sentindo sua respiração suave na minha pele, e com as partes mais deliciosas do seu corpo transformando todo aquele turbilhão emocional que tenho encrustrado por dentro. Dormi como um bebê, caramba!

CAPÍTULO 11

Cora

– Pare de me olhar desse jeito, Shaw. Acho que é uma ótima ideia. Ótima, não. Tenho certeza de que é uma ideia brilhante.

Se minha amiga não parasse de me fuzilar com aqueles olhões verdes, eu ia dar um soco naquela carinha linda e loira. Estávamos almoçando. A gente tinha se encontrado no centro para ficar mais perto do Goal Line, porque ela ia trabalhar depois. Era domingo, e nenhum dos dois irmãos Archer estava a fim de visitar os pais. Resolveram passar o dia juntos fazendo coisas de menino, seja lá o que isso queria dizer. A Shaw falou que, provavelmente, o Rome e o Rule iam para a academia lutar mais ou ficar enfiados em casa jogando videogame. Como o Rome não é muito de videogame, achei que os dois iam acabar indo para a academia. Mas fiquei tensa, porque nem ele nem o Rule sabem a hora de parar, e alguém podia sair machucado.

Tive uma ideia brilhante para ajudar o meu soldadão emburrado a espantar pelo menos um dos seus fantasmas. Só que, quando contei para a Shaw, ela achou que eu tinha ficado louca de vez. Ficou só sacudindo a cabeça e mordendo os lábios, nervosa. Minha amiga podia se preocupar e achar que sou louca quanto quisesse, mas o Rome precisava resolver aquela questão, precisava de algum tipo de resposta para tocar a vida, e aquele era o único jeito que consegui pensar. Sabia que preencher aquele vazio não ia só trazer a paz de espírito de que ele tanto precisava, mas também ajudar muito a superar a necessidade dele de manter distância dos pais. O Rome já tinha perdido um irmão. O exílio que se impôs das pessoas que o amam tinha que acabar e ponto-final. Só que, infelizmente, eu precisava da ajuda da Shaw.

– Eu estava lá, Cora. Fui eu que vi a reação deles, fui abandonada e ignorada quando descobriram o segredo do Remy. Acredite em mim, os meninos da

família Archer não gostam de surpresas.

Eu soltei um suspiro e soprei meu cabelo para que a franja saisse da minha testa.

– Olha, o Rule consegue dormir à noite. Sim, foi difícil por um tempo, mas conseguiu superar sua dor e entender o papel que o Remy teve nela. O Rome não. Ele está se afogando em um poço de "e se...". Se eu tiver a chance de jogar um colete salva-vidas para ele, vou atirar mesmo. Com ou sem a sua ajuda.

A Shaw tamborilou os dedos na mesa, e ficamos nos encarando. Até que ela disse:

– Conheço esses dois há muito mais tempo do que você, Cora. Pode acreditar: nenhum deles vai gostar dessa ideia. Sem falar no colapso nervoso que isso pode causar na Margot. Só vai abrir as velhas feridas e machucar todo mundo. Não tenho o menor interesse em fazer isso com o Rule. Nem com o Rome.

Sacudi a cabeça e retruquei:

– Você conhecia o Rome que ainda não sabia que o irmão mais novo levava uma vida secreta e que o outro irmão não precisava mais dele porque tinha encontrado o amor da sua vida. Esse outro Rome, Shaw... Você não faz a menor ideia do que rola com ele agora. Sinto muito, mas é a mais pura verdade. Ele é outro homem agora. E precisa disso.

Não queria ser tão dura, mas era verdade. Tudo bem, o Rome tem a mania de se afastar das pessoas e esconder todos os seus problemas atrás de uma fachada de indiferença e mau humor. Mas sei que, se alguém se desse ao trabalho de olhar com mais atenção, veria quanto ele está arrasado estampado naqueles olhos azuis, e isso é de partir o coração. Eu moveria uma cadeia inteira de montanhas para resolver isso por ele. Além do mais, essa criança que estou esperando vai ter tudo quanto é parente que eu nunca tive, mesmo que eu precise sacudir as fundações da família Archer.

– Eu amo o Rome, Cora. Ele é da minha família, e eu não vou magoá-lo.

– Ele precisa de uma conclusão para essa história, Shaw. O Rome me falou que não sabe o que fazer para esquecer tudo isso. Ninguém pode fazer isso por ele. Acho que também faria bem para o Rule, mas ele é problema seu. O mais

velho é todinho meu.

O Rome é meu. Cada centímetro daquele homem imenso, imprevisível e perturbado é meu, e vou fazer o que for preciso para ele melhorar. Cuido dos meus amigos porque quero que tenham a melhor vida possível. Vou cuidar do Rome porque vê-lo sofrendo, sentindo tanta dor, mexe comigo de um jeito absurdo. Acho que, se conseguir dar um pouquinho só de paz de espírito para ele, vai ser o maior presente que já dei para alguém na minha vida. Além do mais, ele merece. É um homem bom. Merece que alguém faça do mundo um lugar melhor para ele, e não o contrário.

A Shaw abriu a boca para continuar a argumentar comigo, mas foi interrompida pelo toque do meu celular. Escolhi uma música do Creedence Clearwater Revival como *ringtone* do Rome porque ele é bem clássico e sempre me dá vontade de sorrir quando vejo aquela sua carinha emburrada aparecendo na tela. Ele daria risada se soubesse que, toda vez que me liga, toca "Fortunate son", especialmente porque sabe que eu quase só ouço bandas de meninas. E a letra dessa música é uma reclamação só, o sujeito fica dizendo que nunca teve sorte na vida.

– E aí? – perguntei.

O Rome estava tão animado de passar o dia com o Rule e tentar se entender com o irmão que fiquei supresa com a ligação.

– Dá para você me encontrar no Bar o mais rápido possível?

Ele parecia nervoso e falava muito rápido. Franzi a testa e fiz sinal para a Shaw pedir a conta, para eu poder ir embora.

– Posso. Que foi?

– Assaltaram o lugar.

Arregalei os olhos e entendi por que a voz dele era de pânico. O Rome é muito ligado ao Brite, o dono do bar. Se alguma coisa acontecer com o velhinho, não vai ser nada bom. O Rome precisava que eu ficasse do lado dele para não pirar. Sabia disso sem ele precisar falar uma palavra. O Rome estava precisando de ajuda, e senti um aperto no peito.

– Chego aí em dez minutos.

O Rome soltou um suspiro e pareceu mais aliviado.

– O Asa me ligou, a polícia já está lá. Não sei de mais nada.

Fiz careta e me levantei enquanto a Shaw assinava o comprovante do cartão de crédito.

– Quem é que assaltaria um bar de quinta em um domingo em plena luz do dia?

– Sei lá. Mas não estou gostando nada disso, caralho – respondeu o Rome.

Balancei a cabeça, concordando, apesar de ele não conseguir enxergar pelo telefone.

– Já, já estou aí.

– Valeu, Peso Pena.

– Às ordens, Capitão Sem Graça.

Saí toda apressada do restaurante, e a Shaw foi atrás de mim. Eu saí praticamente correndo para o carro, só que minha amiga pôs a mão no meu cotovelo. Ela estava com os olhos arregalados, com uma expressão de incerteza, mas também de entendimento.

– Você está apaixonada por ele, Cora?

Não sabia como responder a essa pergunta, então fiquei apenas encarando a Shaw por um tempo. Era uma pergunta que, todos os dias, evito fazer. Tenho medo da resposta porque, se eu estiver apaixonada pelo Rome e ele me abandonar de novo, não vou conseguir perdoá-lo outra vez de jeito nenhum. E agora nossas vidas estavam ligadas para sempre porque estou grávida dele, e não posso fazer isso. Se conseguir controlar meus sentimentos, negar o quanto o Rome é importante para mim, ainda consigo dar a volta por cima sem ficar completamente arrasada caso ele resolva partir meu coração. Meu filho merece uma mãe que sempre vai estar presente, em todos os sentidos.

– Estou grávida dele, Shaw.

– Sim, mas você ama o Rome?

Caramba, ela sabe ser insistente.

– Não sei. A última vez que amei alguém, essa pessoa quase me destruiu. E olha que aquela relação não era tão intensa nem tão importante quanto a que eu tenho com o Rome. Acho que, se as coisas não derem certo, amar o Rome pode acabar comigo.

– Mas e se derem? E se ele for o seu homem perfeito imperfeito?

Me afastei dela porque estar ou não apaixonada pelo Rome era irrelevante naquele momento. Ele estava precisando de mim, e eu nunca ia deixá-lo na mão.

– Se for assim, o Rome vai ser o primeiro a saber. Ligue para a Ayden e fale que o Asa acabou de ser assaltado. Ela pode querer saber como o irmão está.

Nem me dei ao trabalho de dizer "tchau" para a Shaw. Estava com muita pressa de encontrar meu homem.

Quando cheguei ao bar, estava todo mundo do lado de fora. Encontrei o Rome do lado do Brite, conversando com dois policiais. Uns tantos fregueses estavam em uma rodinha, com cara de apreensivos e perdidos ali, em plena luz do dia. Mas o que realmente chamou a minha atenção foi que a Ayden e o Jet também tinham aparecido. Mas minha amiga não estava com cara de preocupada com o irmão, e sim de furiosa. Enfiava o dedo na cara dele, e o Jet tentava segurá-la.

Fui até o Rome e o abracei pela cintura. Ele estava de calça de moletom e camiseta preta. Óbvio que tinha ido direto da academia. Ele devia ser capa dessas revistas de malhação para homem.

– O que é que está rolando ali? – perguntei.

– Não sei. A Ayden foi para cima do Asa assim que desceu do carro.

Quando tentei me afastar, o Rome me apertou.

– Vou ver o que está acontecendo. Vocês estão bem?

O Rome balançou a cabeça, e o Brite só rosnou.

– Estou ficando velho para isso – falou. – Briga de bar com motoqueiro, assalto a mão armada no domigo. É demais para mim.

O Rome franziu a testa. O dono do bar deu um tapinha no ombro dele, sacudiu a cabeça e disse:

– Vou terminar de falar com a polícia. Vai lá dar uma olhada no Casanova do sul.

Segurei o Rome pela mão, e a gente atravessou o estacionamento. Ele balançou a cabeça para os fregueses, depois olhou para mim e falou:

– Obrigado por largar tudo o que você estava fazendo e correr para cá. Eu

não estava conseguindo falar com o Brite. Fiquei preocupado que tivesse acontecido alguma coisa com ele. O Asa só falou que tinha sido assaltado e desligou. As piores situações começaram a passar pela minha cabeça.

Empurrei o ombro dele com o meu, dei um sorriso e falei:

– Mas, em vez de ir para o fundo do poço, você me ligou e pediu ajuda. E é só isso que você pode fazer, grandão.

Achei que o Rome ia dizer alguma coisa, mas ele só soltou um grunhido de surpresa porque a Ayden pôs as duas mãos no peito do Asa e o empurrou com tanta força que ele deu uns passos para trás e chegou mais perto da gente. O Jet soltou um palavrão e segurou a esposa raivosa com força.

– Ayd, se acalma. Tem polícia por todos os cantos aqui, e eu não estou a fim de passar um dos meus poucos dias em casa tentando te tirar da cadeia, gata.

Minha amiga estava ofegante, com um brilho de absoluta fúria naqueles olhos claros.

Peguei o Asa pelo cotovelo e fiz ele virar de frente para mim. Ele estava fazendo careta e encarando a irmã mais nova.

– Agora chega. Que confusão é essa? – perguntei.

O Asa se afastou de mim, enfiou as mãos no cabelo loiro bagunçado e respondeu:

– Pergunte para a sua amiga. Já não basta um cuzão de máscara de esqui ter enfiado uma arma na minha cara e levado toda a grana do bar. A Madame Timing Perfeito tem que aparecer aqui e me acusar de fazer parte do esquema.

O Jet soltou um palavrão, o Rome franziu a testa, e a Ayden continuou séria, com os braços cruzados em cima do peito.

– Te conheço melhor do que qualquer um, Asa. Sei que não é nenhum exagero – disse minha amiga.

– Ayd – interveio o Jet, com um tom de censura, mas fazendo carinho nos braços da esposa. – Aqui não é hora nem lugar, tá?

Ela sacudiu a cabeça e continuou fazendo cara feia para o irmão.

O Rome olhou de canto para o Asa e perguntou:

– Mas o que foi que aconteceu exatamente?

O Asa suspirou e começou a andar para frente e para trás. Sei que o irmão da

minha amiga tem um passado obscuro, uma reputação ruim na melhor das hipóteses, mas aquilo era horrível. Não queria nem imaginar que o Asa tivesse alguma coisa a ver com o assalto, mas a expressão dura da Ayden me deixou com uma pulga atrás da orelha.

– Eu estava arrumando as coisas para fazer um *bloody mary*, como faço todos os domingos. Como só tinha meia dúzia de fregueses sentados no balcão, o Brite falou que ia sair para resolver umas coisas, e fiquei sozinho. Fui lá atrás pegar uma caixa de vodca e, quando voltei, tinha um sujeito de máscara preta, camisa de flanela e calça jeans mexendo na registradora. Fiquei confuso e perguntei o que ele estava fazendo. Aí ele se virou e apontou o revólver bem na minha cara.

E, enquanto falava, o Asa não olhava para mais ninguém, só encarava a irmã. Parecia estar tentando forçar a Ayden a acreditar nele, por mais que isso fosse improvável.

– O sujeito me mandou ir para o outro lado do balcão, esvaziou a registradora e caiu fora pela porta da frente. Tudo isso aconteceu em, tipo, um minuto.

– E ele não falou mais nada? – o Rome perguntou, com a voz rouca. Dava para perceber que o Rome estava se sentindo mal porque o assalto aconteceu justo quando ele não estava no bar. Ele gosta muito daquele lugar, gosta muito do Brite. Com certeza esse incidente ia trazer à tona toda aquela culpa que o faz se torturar todos os dias.

O Asa virou aqueles olhos dourados faiscantes na nossa direção e respondeu:

– O bandido disse: "Estou dando o troco".

Olhei para o Rome, que estava de cara feia, e perguntei:

– Você sabe o que isso significa?

Ele só rosnou.

– Você contou isso para o Brite? – falou.

O Asa balançou a cabeça.

– Contei, e ele me falou para não dizer nada à polícia.

– Quê? Como assim?

O Rome pôs a mão na minha nuca e deu um beijo na minha cabeça.

– Acho que ele sabe quem foi.

Meu homem se virou para a Ayden e disse:

– Deixa o seu irmão em paz, menina. As pessoas mudam. Nem sempre para melhor, mas mudam. Vocês dois nunca vão conseguir seguir em frente se sempre esperarem o pior um do outro.

Aí olhou para mim e pediu:

– Me dá uns dois minutos para eu falar com o Brite, e aí a gente pode ir nessa. O Rule me trouxe.

Dei uma risadinha e falei:

– Você vai andar no meu carrinho?

Ele rosnou de novo e saiu sem falar nada. Não vou mentir: fiquei olhando para a bunda dele até a Ayden me arrancar das minhas fantasias.

– Asa – disse, com um tom meio de desculpa, meio de resignação.

O irmão da minha amiga só levantou a mão e sacudiu a cabeça. Vi uma expressão triste no rosto dele. Ou quem sabe ele estava resignado com o fato de que a irmã nunca ia vê-lo de outro jeito.

– Pode parar. Agradeço tudo o que você fez por mim. Você podia ter me largado lá naquele hospital, e nunca, jamais, vou poder retribuir, Ayd. Mas não vou ser o tipo ruim para sempre. Gosto daqui. Gosto deste bar e, acredite ou não, tenho o maior respeito pelo Rome. Ele é um sujeito legal. Nunca ia foder ele. Sei que você acha que eu só me importo comigo mesmo, mas ver a morte de perto mudou minha perspectiva de vida. Cansa precisar que a sua irmãzinha venha te salvar o tempo todo.

Parecia que a Ayden havia entrado em estado de choque e não conseguia falar. Então o Jet tentou ajudar:

– Chega, Asa. Vocês dois podem resolver isso depois.

Ele sacudiu aquela cabeça loira e respondeu:

– Não. É óbvio que não tem mais nada para resolver.

Aí olhou para mim com aqueles olhos que parecem feitos de ouro derretido, e percebi que estava sendo sincero.

– Caio fora da sua casa até o fim da semana que vem.

Soltei um suspiro.

– Você não precisa fazer isso – falei.

– Preciso, sim. Além do mais, em algum momento você vai precisar do quarto para o bebê.

Ai, droga. Por que não pensei nisso antes? Eu e o Rome ainda não conversamos sobre essa parte do nosso futuro. Parecia tão distante. Além de ter peitos maiores, mudanças repentinas de humor e estar com a barriga levemente mais cheinha, eu não parecia nem me sentia diferente. Era fácil esquecer que precisava me preparar para a chegada do bebê. Às vezes, o Rome dorme na minha casa; outras, durmo na dele, mas nenhuma das duas é um ambiente adequado para um recém-nascido. Quer dizer, minha casa é ótima, até tem espaço, mas está tudo ocupado.

– Sinto muito – disse a Ayden, com a voz fraquinha.

O Jet a abraçou e ficou sussurrando no seu ouvido.

O Asa deu um sorriso triste para a irmã e respondeu:

– Tenho certeza que sim, e também sinto. Mas não posso viver com você se vai sempre pensar que eu estou aprontando alguma.

Minha amiga deu uma risadinha sem graça.

– Você sempre está aprontando.

– Eu sempre estava.

Depois dessa, o Asa se virou e foi falar com os fregueses grisalhos que ainda estavam por lá. Fiquei olhando os fregueses apertarem a mão dele e dar tapinhas nas suas costas. Ficou óbvio que tinham acolhido a alma perdida do Asa, assim como fizeram com o Rome.

– Você está bem? – perguntou o Jet, com a voz suave e dando selinhos na Ayden.

Minha amiga abraçou o marido pela cintura e encostou a testa no peito dele. Esses dois formam um par tão perfeito...

– Não sei.

– O Asa vai esquecer.

– Mas ele tem razão. Sempre acho que meu irmão está aprontando alguma. Achei que tinha sido o Asa que assaltou seu estúdio e consigo enxergar o dedo dele aqui. Acho que meu irmão é capaz de fazer quase qualquer coisa para tirar

vantagem. Amo o Asa, mas simplesmente não consigo confiar nele.

– Vocês vão se acertar.

Meu celular apitou. Era um torpedo da minha amiga Shaw, que só dizia o seguinte:

Estou dentro.

Soltei um suspiro de alívio e guardei o telefone.

– Aqui todo mundo é família, Ayd. Para o que der e vier. A gente dá um jeito.

– É que, considerando o nosso passado, isso não é algo assim tão simples, Cora.

Lembrei do Rome e de como era fácil o povo gostar dele antes de ele voltar para casa todo perdido. Todo mundo ainda ama o Rome, só precisa descobrir um jeito novo de fazer isso e desencanar de quem ele era. Com o Asa era a mesma coisa.

– Você consegue amar o seu irmão, Ayden. Só precisa descobrir um jeito de amar a pessoa que ele é agora, e esse amor é diferente do que você sentia antes.

Minha amiga não me respondeu, mas o Rome chegou atrás de mim e perguntou se eu estava pronta para ir. Balancei a cabeça, o Jet enfiou a Ayden no Challenger dele e sumiu do estacionamento.

– O que foi isso? – perguntou o Rome.

– Está difícil para a Ayden diferenciar o Asa de Denver do Asa do Kentucky. O que é uma bobagem, porque, há bem pouco tempo, ela fez a mesma coisa consigo mesma.

O Rome não falou nada, mas fez careta quando a gente chegou no meu Mini Cooper. Me deu vontade de rir.

– Ei! – falei.

Ele me olhou por cima do carro e levantou a sobrancelha castanha que fica embaixo da cicatriz que ele tem na testa. Quando o Rome faz isso, fica ao mesmo tempo *sexy* e sinistro.

– A gente precisa conversar sobre o que vai fazer quando o bebê nascer –

completei.

O Rome fez careta e se contorceu todo para enfiar aquele corpão no meu carrinho. Admito que ele ficou ridículo. Tirei uma foto com o celular, para usar no futuro. Ele me xingou e ficou se remexendo até encontrar uma posição confortável naquele espaço tão limitado.

– Como assim? A gente vai ter a coisa, criar, mandar para a escola, impedir que seja comido por lobos ou vire *stripper* e tudo bem.

– Não chama o bebê de "a coisa".

– Chamo como, então?

– Não sei. Mas não de "coisa". E estou falando de onde a gente vai criar ele. Ou ela. Na minha casa? Na sua casa? Vamos viver sob o mesmo teto ou ficar pulando de uma casa para a outra? A gente não parou para pensar nisso.

– Ah, droga.

Olhei para o Rome de canto de olho e disse:

– Exatamente.

Estávamos juntos há pouco tempo para dar um passo tão importante. Só que ter um filho muda tudo, e eu achava que não dava mais para a gente se guiar pelas regras normais dos relacionamentos. Como o Rome manteve o maior silêncio, fiquei só olhando para ele. Parecia que ele estava pensando profundamente, mas sem surtar nem entrar em pânico com as minhas perguntas. Deixei ele refletir em silêncio no caminho até a sua casa. Quando parei na frente do prédio, o Rome me olhou com um ar sério naqueles olhos azuis-cobalto e perguntou:

– O que você quer fazer, Cora?

Por essa eu não esperava.

– Não sei. Não quero que você faça nada só por causa do bebê. Não quero que se sinta forçado a nada.

– Estou nessa por escolha, Peso Pena.

Quando o Rome me fala esse tipo de coisa, meu coração bate mais forte.

– Acho que a gente não precisa resolver isso agora. Mas vai ter que se planejar alguma hora.

– Meu plano é fazer o que você precisar que eu faça.

Toda mulher deveria ter essa sorte na vida, de encontrar alguém que fale esse tipo de coisa. Sei que o Rome estava sendo sincero, então achei que aquela bem que podia ser a hora de eu abusar da minha sorte. Pus a mão no joelho dele e pedi, com olhos de súplica:

– Que bom. Então o que eu preciso é que você vá comigo na casa dos seus pais no próximo fim de semana.

O Rome ficou todo duro e vi um lampejo de pânico passar pelos seus olhos.

– Por quê?

– Porque, em algum momento, eles vão precisar saber que vão ser avós, e acho que, antes de dar essa notícia, a gente devia quebrar o gelo. Anda, não vai ser tão difícil assim, e vou estar lá para te proteger.

Não ia falar que já estava mais do que na hora de o Rome parar de ter medo do que os pais iam pensar dele.

Ele soltou um palavrão baixinho e empurrou a porta do carro. Tentei não dar risada da dificuldade dele para sair, mas era muito engraçado. Saí atrás do Rome, que ficou me olhando com uma cara séria por cima do capô.

– Faz mais de um ano que não fico no mesmo recinto que eles.

– Bom, então já faz tempo demais. Não estou te pedindo para engolir todo o ressentimento que você tem por eles não terem te contado o segredo do Remy nem pelo jeito que a sua mãe tratava o Rule. Só estou pedindo para você encarar esse sentimento. Vai ser uma coisa a menos para tirar seu sono.

A gente ficou se encarando em silêncio por um tempão. Por fim, ele se afastou do carro e fez sinal com a cabeça para entrar no apartamento.

– Posso pensar?

Mordi o lábio, pus as mãos na sua cintura e encostei o rosto no seu peito enquanto ele tentava abrir a porta.

– Pode, mas já pedi para a Shaw avisar que você vai.

O Rome ficou tenso de novo, mas não falou nada. Quando conseguiu destrancar a porta, me virou e me grudou contra ela, segurando minhas mãos em cima da minha cabeça. Fiquei encarando ele e me recusei a piscar.

– Você sabe ser um pé no saco, sabia?

Dei um sorriso e me levantei, passando a perna no seu quadril.

– Eu sei. Mas posso compensar isso de outro jeito.

O Rome deu uma risadinha e me beijou. É muito fácil me perder nele. E, quanto mais faço isso, menos quero me encontrar.

– Prova.

Esse era um desafio que eu estava super a fim de encarar. Que bom que tinha o dia inteiro para me dedicar a ele.

– POR QUE VOCÊ ESTÁ VINDO com a gente mesmo?

O Rule e o Rome estavam na frente da cabine da picape, e eu atrás, falando com a Shaw por torpedo. Eu tinha achado minha ideia brilhante, mas agora tinha visões de tudo dando errado e acabando em catástrofe. Aquele reencontro de família já ia ser tenso. Com a surpresinha que eu tinha preparado, então... Era capaz de a família toda entrar em colapso. Eu só queria ajudar. Mas, se o Rome não gostasse da minha iniciativa, e eu fodesse com tudo ao ponto de ele não me querer mais, acho que eu não sobreviveria. Tenho a impressão de que vou morrer se ele me abandonar. A traição do Jimmy me machucou profundamente, mas não chegou nem perto disso.

– Porque a Shaw me falou que, se eu quiser trepar no próximo século, era melhor sentar minha bunda neste carro e ir até Brookside com vocês, apesar de ela não ir porque está com enxaqueca. Ela me disse que, como você vai, tenho que estar lá do seu lado.

Dei risada e falei:

– Boa menina.

Os dois se viraram e ficaram olhando para mim. Pelo jeito, não tem a menor graça zoar com a fonte de sexo de um homem.

O Rule não estava mais de cabelo verde. Ele tinha descolorido até ficar quase branco, como o da namorada. Aquela bagunça espetada contrastava com as sobrancelhas escuras e com as tatuagens coloridas que ele tem no pescoço. Para falar a verdade, era um visual bem comportado para ele, mas acho que os pais não iam gostar mesmo assim.

– A Shaw falou que encontra a gente mais tarde, se melhorar.

Ah, minha amiga ia nos encontrar, sim. Mas achei que nenhum dos dois precisava dessa informação naquele momento. Demorava um tempinho para chegar em Brookside, porque a cidade fica nas montanhas, e era verão. Nessa época do ano, todo mundo que mora no Colorado vai para as montanhas se divertir no sol e aproveitar as inúmeras atrações naturais que o estado tem a oferecer. A casa dos pais do Rome era bem legal. Quando saímos da picape, senti o café da manhã que tinha tomado embrulhando meu estômago. Acho que era uma mistura de nervosismo com gravidez. Mas dei um sorriso forçado e fui até a porta com o Rome, que ficou com a mão nas minhas costas.

Os meninos estavam com ar de apreensão e resignação por ter que passar o dia com aquela família esquisita. Torci para a minha surpresa não ser o maior tiro pela culatra de todos os tempos. Depois que a gente bateu, um homem mais velho (que era o Rome cuspido e escarrado) abriu a porta. Tinha os mesmos olhos azuis, o mesmo porte físico, mas era bem mais baixo. Olhou para um filho, depois para o outro, e aí abraçou os dois de um jeito que me deixou com os olhos cheios de lágrimas.

– Meninos – falou. Mas teve que limpar a garganta para conseguir terminar a frase. – Estou tão feliz por vocês estarem aqui.

O Rome ficou todo tenso, mas não empurrou o pai. Só que me puxou mais para perto.

– Esta aqui é a Cora, pai.

Estiquei a mão achando que o pai do Rome ia apertá-la. Só que, em vez disso, ele me deu um abraço tão apertado que soltei um gritinho.

– Não sei o que você fez para arrastar meu filho até aqui, mas obrigado mesmo assim.

Ele falou tão baixo que mal consegui ouvir.

Podia ter me soltado depois do elogio, mas eu é que não ia falar nada.

– Vamos entrar. Sua mãe está louca para te ver.

A gente entrou. Os meninos se arrastaram de propósito, e o Dale ficou tagarelando, todo feliz. Me distraí vendo o monte de fotos dos irmãos penduradas nas paredes. O Rome parecia tão diferente, tão jovem e despreocupado. Não tinha nenhuma foto do Rule sem o Remy, e era

interessante ver como o meu amigo tinha se transformado do típico gatinho adolescente em uma ovelha negra *sexy*. Não conseguia tirar os olhos daquelas fotos. Era toda uma nova perspectiva dos irmãos Archer.

– Ah, Rome.

Ouvi uma voz de mulher vinda do outro lado da sala enorme, e uma senhora distinta de cabelo escuro veio caminhando na direção do meu homem. Deu um abraço desajeitado nele. O Rome ficou todo tenso.

– Senti tanto a sua falta – disse ela.

O tom da sua voz era de profunda tristeza, e tive que me segurar para não chutar a panturrilha do Rome, por fazer aquelas pessoas que obviamente o amavam sofrerem sem necessidade.

– Oi, mãe – respondeu, com uma voz fraca.

Só que, quando a senhora se afastou dele e foi abraçar o Rule, aquela expressão dura na boca do Rome se atenuou um pouco.

– Obrigada por ter vindo, Rule.

Sabia que o passado daquela família era complicado e doloroso. Mas, quando as pessoas se amam e estão dispostas a fazer um esforço, dá para curar qualquer ferida. Meu filho vai fazer parte da família Archer, e era assim que as coisas tinham que ser.

– De nada, mãe.

A Margot se afastou e olhou bem para o Rule. Segurei a respiração, achando que ela ia fazer algum comentário maldoso sobre o cabelo do meu amigo, mas ela só deu um sorriso sem graça e falou:

– A Shaw te chantageou, não foi?

O Rule encolheu os ombros, e a Margot se virou para mim e disse:

– Você deve ser a Cora. O Rule e a Shaw falam tanto de você que parece que já te conheço. Obrigada por ter vindo.

Então apertou minha mão, e eu apertei a mão dela sentindo meu coração na garganta. A Shaw tinha acabado de me mandar um torpedo avisando que ia chegar em dez minutos. Estava quase na hora do show.

– Obrigada por me receber – respondi.

– Quanto tempo faz que vocês dois estão saindo?

Abri a boca para falar que só fazia uns dois meses, mas o Rome me interrompeu e disse, curto e grosso:

– Tempo suficiente.

Espremi os olhos para ele, que grunhiu para mim. Ficou um silêncio tenso na sala. Mas aí o Rule deu uma risada seca e quebrou o gelo:

– Então é assim que a gente se sente quando não é mais o motivo principal do drama familiar. Sempre quis saber como era.

O Rome disse um palavrão, o Dale chamou a atenção dele, e a Margot só soltou um suspiro. Eu ia fazer algum comentário, mas a campainha tocou. Todo mundo olhou para a porta com cara de surpresa. Reuni todas as minhas forças, apertei o braço do Rome e disse:

– É a Shaw. Já volto.

– Quê? – perguntaram o Rome e o Rule, com o mesmo tom de voz.

– Pedi um favor a ela. É por isso que você veio com a gente, Rule. – olhei para a Margot e para o Dale, encolhi os ombros e completei: – Gosto muito dos seus filhos. O Rule é um dos meus melhores amigos, e o Rome... Bom, o Rome simplesmente mudou minha vida. É óbvio que todo mundo se ama nesta família. Mas os segredos e a morte do Remy continuam envenenando o relacionamento de vocês. Vou extrair esse veneno, peço que me ajudem.

O Rome gritou:

– O que foi que você fez, Cora?

Só sacudi a cabeça e respondi:

– Todo mundo aqui precisa de uma conclusão para essa história. E esse foi o único jeito que consegui imaginar. Você disse que ia ter que resolver isso sozinho, Rome, mas não precisa ser assim.

Me afastei dele e fui abrir a porta para a Shaw e o nosso convidado.

Era um rapaz muito gato. Alto e elegante, de terno cinza. O cabelo acobreado e bagunçado caía nos olhos castanhos e doces, e ele parecia estar tão nervoso quanto eu. A Shaw estava com um sorriso de orelha a orelha. Me abraçou e, finalmente, senti que ia conseguir encarar aquela situação sem vomitar pela sala inteira.

– Obrigada – falei.

– Não me agradeça. Agradeça a ele.

Soltei o ar e estendi a mão.

– Oi, eu sou a Cora. Obrigada mesmo por ter vindo.

Ele deu um sorriso que era tão triste quanto o do Rule e o do Rome.

– Muito prazer. Eu sou o Orlando, mas meus amigos me chamam de Lando. Fiquei surpreso quando a Shaw me procurou, mas fico feliz de poder ajudar. O Remy amava a família. Ele odiaria saber que foi motivo de sofrimento ou de briga.

– Eles não sabem da sua vinda nem mesmo quem você é. A coisa pode ficar bem feia.

O Lando balançou a cabeça, e os dois entraram na casa. O Rome e o Rule estavam na escada, só de olho.

– Acho que dou conta. Já sou PhD em Archer raivoso.

– Quem é o sujeito de terno? – perguntou o Rule, seco.

A gente olhou para cima. O Lando ficou todo tenso, respirou fundo e disse:

– Eles são tão parecidos – com uma voz que mal dava para ouvir.

A Shaw pôs a mão no ombro dele e falou:

– É, mas não demora muito para perceber que os dois só são parecidos fisicamente.

– Cora? – disse o Rome.

Pelo tom de voz, ele não parecia bravo, então subi correndo as escadas. Cruzei as mãos, toda nervosa, e esperei a Shaw e o Lando chegarem lá em cima.

– Sei que vocês têm um monte de dúvidas sobre os motivos de o Remy ter feito o que fez, sobre por que se escondeu atrás da Shaw e não contou o que estava fazendo da vida. Sei que o Rome, principalmente, tem perguntas que tiram seu sono. Achei que a única pessoa que podia responder a essas perguntas é o homem que o Remy amava. Orlando Fredrick, esta é a família Archer. Família Archer, este é o Lando, o namorado do Remy. Pedi para a Shaw encontrá-lo. No começo, ela não quis, mas eu convenci minha amiga de que vocês todos precisavam desse encontro para conseguir seguir em frente. Peço desculpas por ter passado dos limites, mas achei que precisava muito fazer isso.

O silêncio foi tão grande que daria para ouvir um alfinete caindo no chão.

Era tanta tensão no ar que fiquei esperando um vulcão entrar em erupção. A Shaw ficou do meu lado, e todo mundo ficou se olhando. O Lando não conseguia tirar os olhos do Rule, e os dois irmãos não conseguiam tirar os olhos do namorado atraente do Remy. Achei que ia precisar tomar uma atitude para sair daquela situação, mas o Rome me surpreendeu. Limpou a garganta e esticou a mão. Estava com a voz rouca, mas deu um passo à frente, apertou a mão do Lando e falou:

– Prazer em conhecê-lo. Obrigado por ter vindo.

Se eu já não soubesse que meu conceito de homem perfeito era completamente furado, teria tido certeza disso naquele momento. Sabia que aquilo não ia ser fácil para o Rome, mas ele estava se esforçando. E é isso que um homem perfeito faz. E amar esse homem admirável era ao mesmo tempo simples e assustador. Eu ia ter que calcular o risco que estava disposta a correr.

O Rule imitou a atitude do irmão, e ficou na cara que o Lando teve que se recompor.

– É muito difícil esquecer esses olhos.

O Rule deu um sorriso sem graça e foi abraçar a Shaw.

– Nossa, nem me fala. Toda vez em que me olho no espelho sou obrigado a vê-los.

A Margot e o Dale demoraram um pouco mais para reagir. Mas fiquei feliz quando percebi que, apesar de tímidos, os dois acolheram o Lando muito bem.

– Bom, entrem. Shaw, por que você não põe mais um prato na mesa, já que não estávamos esperando mais um convidado? Aí podemos todos sentar e nos conhecer melhor.

A sugestão da Margot deu oportunidade para todo mundo se recuperar um pouco do choque antes de começar a escarafunchar o passado. Para ser sincera, fiquei surpresa de ver que ela estava tão calma.

A gente sentou à mesa, e olhei para o Rome, que pôs aquele mãozão na minha coxa e me apertou por baixo da mesa.

– Você não se cansa de querer que tudo seja perfeito, né, Peso Pena?

Dei uma piscadinha e coloquei minha mão minúscula em cima da dele.

– Não. Descobri que gosto da imperfeição. Mas, se eu puder ajudar você a

ter uma vida mais fácil, farei tudo o que estiver ao meu alcance.

O *brunch* até que foi agradável. O Lando é um rapaz interessante, charmoso, e, quando tocavam no nome do Remy, ficava claro em cada palavra que ele dizia, em cada olhar, que tinha amado muito o irmão gêmeo do Rule. Era de partir o coração, mas também muito lindo. Também ficou óbvio que os pais do Rome sentiam muito a falta do filho morto e que tinham sofrido bastante com a teimosia dele. Só o viam como um integrante amado daquela família, e acho que, à medida que o *brunch* foi se desenrolando, o Lando percebeu isso. Ajudei a Shaw a tirar a mesa, e nós duas fizemos um "toca aqui" escondidas na cozinha. Aí ouvi o Rule perguntar:

– Por que o Remy não queria que a gente ficasse sabendo? Meu pai e a minha mãe já tinham percebido, mas ele não queria que eu ou o Rome descobríssemos. Por quê?

– O Remy não queria ser definido pela sua escolha no amor. O Rome sempre foi o herói; você, o rebelde; e ele morria de medo de ser só "o irmão gay". Essa situação o fazia perder o sono.

– Mas ele devia saber que a gente nunca ia tentar encaixá-lo em um estereótipo, nunca ia estigmatizá-lo assim. A gente amava o Remy.

O Lando sacudiu a cabeça e respondeu:

– O Remy estava convencido de que, se vocês dois descobrissem, o relacionamento de vocês ia mudar. Tinha medo de que o Rule o obrigasse a se assumir e que o Rome ficasse preocupado demais com ele em vez de cuidar de si mesmo lá no deserto. Tinha medo de que algo de terrível acontecesse com o irmão. Ele tinha os seus motivos, por mais que pareçam errados. O Remy acreditava estar fazendo o melhor, e fez isso por amor.

– Achei que não conhecia meu irmão direito – disse o Rome, com a voz embargada.

Me deu vontade de abraçá-lo, mas a família precisava enfrentar aquela situação sozinha.

– Por quê? Apesar disso, o Remy ainda era divertido, inteligente e a pessoa mais amável que conheci na vida. Nada disso muda só porque você ficou sabendo das preferências sexuais dele. Você era o herói do seu irmão, o Rule era

a outra metade dele, e a Shaw, a melhor amiga. Era isso que o Remy sentia por vocês, e sentiria a mesma coisa sendo hétero ou gay.

Os meninos ficaram em silêncio, e o Dale resolveu intervir.

– E você? Pelo jeito, vocês dois tiveram um relacionamento bem sério. Como você aguentava não fazer parte do dia a dia dele? Você nem foi ao enterro.

O rosto bonito do Lando ficou sem cor, e ele teve uma expressão de dor. Aquele moço sentia a perda do Remy Archer como qualquer membro daquela família.

– Eu estava cansado. Nunca tive nenhum problema em assumir quem eu sou nem a vida que levo. Minha família sempre foi super compreensiva. E, apesar de entender os motivos do Remy para manter nosso relacionamento em segredo, nunca encarei isso de forma tranquila. Na noite do acidente, eu tinha dado um ultimato nele. A gente teve uma briga feia, e seu filho desligou o telefone na minha cara. A última coisa que disse para o Remy foi "Espero que você fique sozinho com esse seu segredo para o resto da vida". Nunca tive a oportunidade de pedir desculpas, de fazer as pazes com ele. Me arrependo até hoje. Sei que o Remy me amava, que nascemos um para o outro, e nunca vou poder retirar o que disse.

Aquilo tudo que ele falava era tão conhecido que o Rome se encolheu todo sem querer.

– Eu fui ao enterro – continuou o Lando. – Sentei bem lá no fundo. Queria chegar perto do caixão, mas foi muito difícil. Saí quando a Shaw estava lendo o que tinha escrito sobre o Remy.

Era tudo tão triste. O ar estava repleto de luto e tristeza. Não consegui me segurar: cheguei atrás do Rome e abracei o pescoço dele. Dei um beijo na sua orelha, e ele ficou fazendo carinho no meu braço.

O Lando limpou a garganta, empurrou a cadeira para trás e falou:

– Vocês todos precisam saber que o Remy os amava. Tinha orgulho de fazer parte da família Archer, de ser filho e irmão de vocês. Ele falava na família o tempo todo, e realmente achava que estava fazendo a coisa certa. Por mais que a gente se arrependa das últimas palavras que trocamos com o Remy, tenho

certeza, no fundo da minha alma, de que ele se arrependeria por esse segredo ter separado a sua família. Agora, se me dão licença, preciso voltar para Denver. Eu vou jantar com a minha família daqui a algumas horas.

A Shaw levantou, deu um abraço no Lando e disse:

– Muito obrigada por ter vindo. Só vou pegar a chave do carro.

O Rule também levantou e perguntou:

– Posso ir com vocês?

O pomo de Adão do Lando subiu e desceu bem devagarinho. Aí ele falou:

– Vou adorar se você for.

O Dale limpou a garganta e levantou para apertar a mão do moço.

– Volte quando quiser, meu filho.

A Margot, que tinha ficado quieta o tempo todo, balançou a cabeça.

Todo mundo se abraçou, se despediu, e ficamos só eu, o Rome e os pais dele.

A mãe olhava para mim, e o Dale, para o Rome. Era para ser uma situação esquisita, mas a impressão que eu tinha era de que uma porta gigante tinha se fechado, deixando um peso enorme do passado para trás.

– Que manobra ousada, mocinha – disse a Margot.

O tom não era muito feliz, mas também não era de raiva.

– Eu sou uma pessoa ousada, sra. Archer.

O Dale bateu na mesa com o punho, jogou a cabeça para trás e deu risada.

– E eu que achei que nada ia superar os ataques do Rule nos nossos *brunches*, mas acho que essa conseguiu.

O Rome ficou de pé, me agarrou e me pôs em cima do ombro dele. Me deu uma palmada na bunda e me carregou até a porta. Fiquei gritando para ele me pôr no chão, falando que esse era um jeito muito humilhante de sair da casa dos pais dele logo na minha primeira visita, mas ele só deu risada e me jogou para o outro ombro.

– Não consigo mais me segurar. A Cora está grávida. A gente vai ter um filho. Valeu pelo *brunch*. Até domingo que vem.

A mãe gritou, o pai soltou um palavrão, e os dois mandaram o Rome me levar de volta para a mesa. Mas ele já estava saindo pela porta. Quando a gente

chegou na picape, ele me pôs no chão e se inclinou para cima de mim até eu ficar prensada contra o carro.

– Você é uma bela de uma encrenca – falou.

Passei os braços em volta do pescoço dele e o puxei para baixo, para eu conseguir beijá-lo. O cabelo do Rome estava um pouco mais comprido, e fiquei fazendo cafuné naquelas mechas castanhas.

– Sou, mas valho a pena.

Ele me beijou de novo e tentei não gemer alto quando a sua língua roçou na minha.

– Vale sim, Peso Pena. Você vale muito a pena.

CAPÍTULO 12

Rome

Limpei as mãos no meu macacão de trabalho e observei o estoque de bebidas. As prateleiras novas que fiz tinham ficado incríveis, o lugar estava um brinco, todo organizado. Não tinha uma garrafa ou barril fora do lugar. Era a última tarefa da lista que o Brite tinha me passado, meses atrás. Não faltava mais nada no bar. Estava polido, com cara de novo, pronto para ser aproveitado pela nova geração. Os fregueses ainda passavam o dia empoleirados nos seus bancos preferidos, mas agora também aparecia um pessoal diferente, mais jovem. Ainda não conversei com o Brite sobre essa mudança no público, porque ele tem andado quieto e parece que está me evitando. Desde o assalto, ele vai embora cedo, antes de o bar encher, e deixa eu e o Asa cuidando do lugar. Não que eu ache ruim, mas é estranho ele não estar mais empolgado com todas essas melhorias.

Quando a porta se abriu, eu estava guardando as ferramentas na maleta. O estoque não é muito grande. Comigo e com o Brite lá dentro, dois grandalhões, não sobrava muito espaço. Franzi a testa quando ele sentou em um barril de cerveja vazio e fez sinal para eu me sentar também.

– Já acabou tudo?

Puxei a aba do meu boné para baixo e balancei a cabeça com ar solene. Estava orgulhoso do meu trabalho. Senti que tinha dado uma vida nova àquele bar pelo Brite. Mas ia ficar chateado de sair dali e não era só porque não tinha outro lugar para ir.

– Acho que sim – respondi.

O Brite balançou a cabeça e deu um tapinha no meu ombro com aquela mão pesada. Me segurei para não reclamar.

– O lugar ficou ótimo, meu filho. Você fez um trabalho incrível. Para mim,

teria sido uma honra ser comandado por você no campo de batalha, Rome. Espero que saiba disso.

Fiquei só olhando para ele. De soldado para soldado, aquele era um grande elogio.

– Obrigado. Não sei o que teria acontecido comigo se não tivesse entrado aqui por acaso naquele 4 de julho.

O Brite bufou e ficou passando a mão na barba.

– Teria dado tudo certo, rapaz. Um homem como você... O universo toma conta dos homens bons, Rome.

Não concordava muito com aquilo, mas ficava grato pelo Brite me ver dessa forma. Já ia perguntar qual era o motivo daquele papo tão sincero, mas ele me fez uma pergunta que me deixou surpreso:

– Ei, você tem cem dólares aí?

Pisquei e tirei a carteira do bolso de trás da calça.

– Tenho. Por quê?

O Brite esperou eu entregar a nota para ele e ficou de pé. Fiz a mesma coisa, porque não estava entendendo nada. Tinha alguma coisa rolando entre a gente, mas eu não sabia direito o que era. Fiquei ainda mais ansioso quando ele me estendeu a mão, como se quisesse se despedir.

– Homem bom é coisa rara neste mundo, Rome. Homens que lutam pelo que acreditam. Que se sacrificam pelo bem comum. Fiquei te observando esse verão inteiro, vendo como você lidava com os veteranos e com esses fantasmas que te perseguem. Você cometeu um ou outro deslize, mas é um rapaz íntegro. Não consigo pensar em outra pessoa para quem eu passaria meu bar e meus fregueses. Neste verão, você se dedicou de corpo e alma a este lugar. Fez por merecer.

Fiquei só olhando para o Brite, porque ainda não sabia do que ele estava falando. Cruzei os braços e não tirei os olhos dos dele. Ele levantou a nota de cem dólares, dobrou com todo o cuidado e guardou na carteira. Não consegui me mexer sob aquele olhar de ferro, e a sua expressão era de pura determinação.

– Você acabou de comprar O Bar. Parabéns. Até o fim da semana te entrego

a papelada.

Soltei um palavrão e peguei o Brite pelo braço enquanto ele se dirigia até a porta, dando a entender que aquela conversa terminava ali.

– Que. Porra. É. Essa?

Ele soltou um suspiro, se virou e respondeu:

– Estou velho, minha família está um caco, já cumpri minha missão aqui. Quando era um pouco mais novo do que você, entrei neste bar depois de uma série de dias de cão. O sujeito atrás do balcão me encheu de porrada, me forçou a parar de beber e me obrigou a me matar de trabalhar para limpar o lugar, deixar tudo com cara de novo. Era um coronel reformado da aeronáutica e me fazia andar na linha. Quando dei tudo o que eu tinha para este lugar, ele me pediu vinte dólares. Quando dei por mim, era dono do Bar. Não precisei pensar em como ia fazer isso, para onde eu ia. Esse bar era o meu lar. Acredito que você vai cuidar dele e honrar a tradição, filho.

Continuei só olhando para o Brite, porque ele só podia estar brincando. Não sabia nem o que dizer.

– Fique com o Asa. Esse menino sabe como atender os fregueses. Fique com a Darcy na cozinha, ela sabe o que está fazendo. Não se preocupe com o assalto. Já falei com o Tocha, o presidente do FdS, e ele sabe que precisa cuidar desse problema. Perto da justiça dos motoqueiros, os métodos da polícia são brincadeira de criança.

Sacudi a cabeça e enfiei as mãos nos bolsos.

– O sujeito que quebrou a garrafa na minha cabeça? Você acha que foi ele que assaltou o bar?

– Acho. Também acho que ele vai continuar aprontando. Ser barrado em um clube de motoqueiros não é pouca coisa. Você consegue dar conta de qualquer problema, Rome. O Bar, a criança, aquela peste com quem você se meteu... Essas são as suas recompensas por ter levado uma vida de sacrifício. Você deu tudo de si para os outros, o universo está te recompensando. Você merece tudo isso, filho. Então pare de se sentir culpado e aproveite!

Fiquei sem palavras. Baixei a cabeça e suspirei tão fundo que parecia que a minha vida inteira estava ali, naquele suspiro.

– Brite...

– Pode parar, filho. Não precisa agradecer. Não quero sua gratidão, do mesmo jeito que não quero seu dinheiro. Isso é o melhor que poderia acontecer, a única coisa certa para este bar e para você. Vocês precisam um do outro, filho.

– Não sei o que dizer.

– Que bom. Porque tenho vontade de te bater na metade das vezes que você abre a boca. Vou continuar por aí, rapaz. Não que eu ache que você vai precisar da minha ajuda.

Saí do quartinho atrás do Brite, ainda meio passado. Ia tentar demonstrar toda a minha gratidão, meu reconhecimento sem medida, mas o Asa pôs a cabeça no corredor e me chamou.

– Rome, você precisa ir lá fora.

Fiz uma careta para ele e perguntei:

– Quê?

– Você precisa ir lá no estacionamento dar uma olhada na sua picape.

Troquei um olhar com o Brite e saí pela porta dos fundos. Assim que pus os pés no asfalto do estacionamento, entendi do que o Asa estava falando.

A minha caminhonete 4 x 4 estava caída para o lado, com o para-brisa arrebentado. Todos os faróis e as luzes de ré tinham sido espatifadas. Parecia que alguém tinha pegado um taco de beisebol e batido em toda a lataria. Parecia uma lata de atum detonada.

O Brite soltou um palavrão, e fiquei em silêncio, completamente atordoado com a cena.

– Você quer que eu chame a polícia? – disse o Asa, com o sotaque mais arrastado do que de costume.

Nem percebi que ele tinha chegado atrás de mim.

– Nãããão. Tenho quase certeza de que foi o mesmo cara que apontou a arma para você aquele dia. Está puto comigo, tentando me mandar uma mensagem.

– Meio fácil de interpretar essa mensagem, hein, Rome?

Balancei a cabeça, concordando com ele.

– E você não está de brincadeira – olhei para ele de canto de olho e disse: – Aliás, você acabou de ser promovido a gerente do bar.

O Asa fez uma cara de espanto, e o Brite caiu na gargalhada.

– Quê?

– Pelo jeito, agora eu sou o dono do Bar, mas também vou ser pai logo, logo. Ou seja: não vou poder ficar aqui o tempo todo. Preciso de alguém para me ajudar e escolhi você.

Ele espremeu aqueles olhos cor de âmbar para mim. Dava para ver que estava tentando entender se eu falava mesmo sério.

– Você confia em mim a esse ponto?

Encolhi os ombros e tirei o celular do bolso para chamar um gincho.

– Confio até você me dar motivo para deixar de confiar, Asa. Se está a fim de me ferrar, é melhor não esquecer que conheço várias maneiras de matar alguém.

Ele engoliu em seco e se virou para voltar ao balcão.

– Valeu, Rome. Nunca ninguém tinha confiado em mim.

O Brite chegou mais perto da minha caminhonete e perguntou:

– Quer que eu ligue para o pessoal do clube?

– Quero. Mas é bom você avisar que, se eu puser minhas mãos naquele merda antes deles, não vai sobrar muita coisa.

Nós dois demos risada, e ele me estendeu a mão.

– Valeu, Brite – respondi, apertando a mão dele.

– Não tem de que, filho. Quer que eu te leve para casa?

Aceitei só para evitar a humilhação de me espremer todo naquele carrinho da Cora. Pedi para o Brite me deixar na casa dela, e ele se recusou a falar mais sobre O Bar. Pelo visto já tinha tomado a decisão, apesar de ser uma mudança de vida e tanto para mim. Ter algo para fazer, para investir meu tempo e meu futuro, era uma das coisas que mais me davam medo desde que voltei para casa. Com aquele gesto singelo e altruísta, o Brite tinha tirado esse obstáculo da minha frente. Era incrível. E, por mais que tenha dito que fiz por merecer, eu não tinha tanta certeza assim.

Entrei na casa da Cora sem bater. Aquele lugar era sempre tão alegre, tão

iluminado. Igualzinho à dona. Não vi sinal do Jet nem da Ayden. Mas a minha garota estava na cozinha cantando algo que até poderia ser considerado música, se não tivesse uma garota gritando a plenos pulmões.

Me encostei no balcão que separa a cozinha da sala e fiquei só observando a Cora dançar em volta do fogão e da pia. Ela estava com o cabelo curto lambido e vestia uma sainha vermelha toda rodada que a deixava parecendo uma princesa de um conto de fadas *punk*. A blusa soltinha deixava a barriga, que estava começando a aparecer, à mostra. As flores tatuadas no seu braço e o símbolo de água e fogo na sua coxa estavam mais vivos e exóticos do que nunca. Não consigo nem pensar em outra mulher que não seja ela. Estou apaixonado. Simples assim.

– O que você está fazendo? – perguntei.

Ela deu um gritinho e se virou para mim. Estava com os olhos arregalados e pôs uma mão no peito.

– Você me assustou. O que acha que estou fazendo? Ginástica? Estou fazendo o jantar.

Fiquei atrás dela e passei as mãos pela sua cintura. Pus a mão na sua barriga e espichei os dedos. A Cora pôs aquela mãozinha em cima da minha e fez carinho na cicatriz que tenho nos nós dos dedos.

– Não sabia que você cozinhava.

A Cora bufou, se virou e pôs os braços em volta do meu pescoço. Gosto do fato de ela ser tão baixinha que precisa ficar na ponta dos pés para me alcançar. Sua saia subiu, e ela encostou aquelas curvas em mim.

– Não é alta gastronomia, mas não vai nos matar. Não ouvi a moto nem a picape. Como é que você veio para cá?

– O Brite me trouxe – fiz ela andar de costas até encostar no balcão. – Tive um probleminha com o carro.

A Cora fez cara de preocupada e soltou um gritinho quando a peguei pela cintura e a coloquei em cima do balcão. Ela abriu as pernas na mesma hora, e fiquei no meio delas. Tinha uma expressão sorridente nos olhos, mas ficou séria de repente quando passei o dedão pela curva do seu maxilar delicado e falei:

– Cora...

Então pôs as mãos na minha nuca e cruzou as pernas em volta da minha cintura.

– Rome...

– O Brite vendeu o bar para mim hoje, e estou apaixonado por você.

Resumindo, esse é o meu futuro. Nada mais importa.

Ela arregalou os olhos e ficou de boca aberta. Apertou as pernas em volta do meu corpo, mas acho que foi mais porque enfiei as mãos embaixo daquela saia rodada para arrancar sua calcinha do que por ter confessado minha paixão.

– QUÊ?

Beijei sua boca e a empurrei com os quadris só para ter espaço para enfiar o dedo na calcinha de renda que puxei até a altura das suas coxas tatuadas. A Cora é tão macia e lisinha, e esse é um grande contraste em relação à sua personalidade forte e desbocada. Enfiei a calcinha de renda no bolso de trás da minha calça e beijei seu ombro, onde o decote da blusa ficava mais aberto. Essa mulher tem um gosto tão bom.

– Sou dono de um bar e quero você para sempre.

– Rome...

A Cora estava quase sem ar, e percebi um tom de medo na voz dela. Sabia que ela ainda não estava preparada para ouvir aquilo. Ainda tinha um pé atrás por causa do fora que tomou daquele idiota quando era mais nova e por causa do meu surto imbecil. Ainda não estava convencida de que eu nunca mais ia fazer aquilo com ela, mas ia acabar se convencendo. Não tenho dúvidas. Além do que, eu não tinha opção. Aquela era a mulher perfeita para mim.

Sacudi a cabeça, sacudi a barra da sua saia e dei um sorriso.

– Você não precisa falar nada, Peso Pena. Só quero que saiba o que o nosso lance significa para mim e que eu nunca mais vou embora. Prometo e vou te provar que isso é verdade, não importa quanto tempo demore para você acreditar.

A Cora ficou me encarando com um brilho nos olhos. Dava para ver um milhão de perguntas indo do azul para o castanho, mas ela não me empurrou quando me abaixei para beijá-la com vontade. Agarrou os cabelos da minha nuca e me puxou para perto com as pernas. Queria me afundar dentro daquela

mulher, para lembrar daquele momento, daquele olhar, para sempre. Seja lá como for o meu futuro, o desconhecido, consigo dar conta, desde que a Cora faça parte dele.

Fui fundo naquele beijo. Estava com a língua dentro da sua boca. Tinha uma mão por baixo do seu sutiã e tirava o meu cinto com a outra. Ela rebolava e se retorcia em cima do balcão da cozinha. Mas aí o *timer* do forno tocou bem alto. A Cora jogou a cabeça para trás, ofegante, e tentou recuperar o fôlego. Estava com os olhos enevoados e cheios de tesão, assim como eu.

– Preciso tirar a comida do forno, se não vai queimar.

Olhei de canto para ela e falei:

– Eu tenho uma coisa muito mais quente ainda que você precisa dar um jeito.

Ajeitei meu pau duro na frente da calça, só para reforçar meu argumento, e ela morreu de rir. Então se abaixou para tirar a travessa do forno, e tive que me segurar para não agarrar a Cora e jogá-la no chão da cozinha depois de ver o pedacinho de bunda que apareceu embaixo daquele monte de tecido escarlate. Nunca vou me cansar dessa mulher, nunca mesmo. Sei disso no fundo da minha alma.

A Cora colocou o prato refratário em cima do fogão e desligou o forno. Jogou a luva térmica de lado e ficou de frente para mim. Dei um grunhido de surpresa quando ela se jogou em cima do meu corpo. Pus a mão por baixo da sua bunda e a levantei, para que pudéssemos nos olhar nos olhos.

– Por mais *sexy* que seja a sua ideia de me comer aqui na cozinha com esse seu visual de carpinteiro, a Ayden pode chegar a qualquer minuto. Já peguei minha amiga e o Jet em posições comprometedoras várias vezes, mas não estou a fim de passar por isso. Me leva para a cama, grandão.

Carreguei a Cora até os fundos da casa. Depois que a coloquei na cama, subi em cima dela, segurando sua cabeça com as mãos. A gente estava quase encostando nariz com nariz, e ela sorria para mim. Foi bem nessa hora que me dei conta de que tudo na minha vida estava dando certo.

– A gente precisa encontrar uma casa só para nós – falei.

– Oi?

Tirei a camiseta com uma mão e expliquei:

– Se eu quiser te comer na cozinha, no sofá ou no meio da sala, não quero ter que me preocupar em ser interrompido. Para mim, chega, Cora. A gente precisa de uma casa só nossa.

Ela podia ainda não estar preparada para dizer que me ama, mas também não tinha tanto medo assim de ficar comigo para sempre, porque levantou os quadris para eu tirar a sua saia e tirou a blusa. Beijei aquela saliência discreta na sua barriga, e ela passou os dedos pelo meu cabelo. E suspirou quando lambi a pele delicada que protegia nosso filho.

– Está bem, Rome. A gente precisa encontrar uma casa.

Queria gritar para comemorar minha vitória, mas estava com toda a atenção naquela pele linda e rosada no meio das suas coxas. Lambi o fogo tatuado nas suas pernas, e ela tremeu. Chupar uma mulher não é tão difícil assim. É um jeito certeiro de fazer ela gozar, para eu poder cuidar do meu lado depois sem me sentir um imbecil por não prestar atenção às suas necessidades. Mas, com a Cora, nunca foi assim. Talvez porque ela sempre cuida muito bem de mim, talvez porque eu goste mais dela do que de todas as outras mulheres com quem já trepei. Ou quem sabe lamber a Cora é uma delícia por causa do contraste entre aquela carne macia e disponível e o metal duro que ela tem lá embaixo.

A Cora disse meu nome bem baixinho e começou a puxar meu cabelo com impaciência. Puxei a argolinha com a língua e segurei o clitóris entre os dentes. Ela soltou um palavrão, e tive que segurar seus quadris porque ela se esfregou na minha cara. Estava toda quente, molhadinha e tremendo. Não parava de mexer as pernas, e tive que sair da frente para ela não me acertar bem no pau. Dei risada e enfiei a língua na sua buceta, girando, puxando sem parar aquele *piercing* sem o qual não consigo mais viver. Ela gozou logo, e juro que foi a coisa mais linda que já vi na minha vida. Quando fica assim, toda satisfeita, a Cora parece menos fadinha e mais mulher.

Levantei para tirar meu macacão e me livrar dos coturnos. Só queria subir em cima da minha mulher e meter até o fundo, mas ela me jogou na cama e subiu em cima de mim. Parecia que estava se sentindo em casa. Segurou a base do meu pau e sentou nele com tudo. Fiquei sem ar com os seus movimentos

decididos. Cruzei os braços por baixo da cabeça e me acomodei para observar a Cora fazer o que queria comigo. Ela ficou passando o dedo nas linhas que dividem os músculos do meu abdômen e se segurou nos meus quadris. Deu um sorrisinho malicioso e se levantou um pouco, para depois descer de novo de um jeito dolorosamente lento.

– Você vai ter o dobro do trabalho quando eu tiver que tirar esse *piercing*, sabia?

Só consegui soltar um grito, porque a Cora estava me apertando delicadamente com os músculos da vagina. Não sei como foi possível, mas meu pau ficou ainda mais duro, latejou com mais violência. Pus a mão em um dos seus peitos e fiquei batendo no bico durinho com o dedão, sem muita delicadeza. Ela ficou sem ar e aumentou o ritmo, se balançando em cima de mim.

– Mas depois dá para você colocar de novo, né?

Soltei um palavrão bem alto porque a Cora deu um jeito de enfiar a mão entre a gente e ficou passando as unhas de leve nas minhas bolas. Até parece que eu precisava de mais estímulo. Segurei ela pelo cabelo e a puxei para baixo, para conseguir chupar seu lábio inferior.

– Você gosta dele, né? – sussurrou, perto da minha boca, e deu uma risadinha.

Todo homem devia encontrar alguém assim, que o deixe feliz desse jeito. Na cama e fora dela.

– Gosto de tudo em você.

Aí arqueou o corpo para trás e pôs as mãos em cima das minhas, que estavam nos montes macios dos seus peitos. Jogou a cabeça para trás e disse meu nome, ofegante, depois gemeu quando afastei um pouco as pernas e a espichei, aumentando a fricção dos seus movimentos. Às vezes, nossa diferença de tamanho trabalha total a meu favor. Fazê-la gozar, preencher essa mulher todinha com o meu pau, deixa o ato ainda mais gostoso para mim. E dava para perceber, pelos seus olhos enevoados de desejo, que funcionava para a Cora também.

Aquele vaivém de maciez e dureza, o roçar do *piercing* na minha carne

túrgida, a cor daquelas flores contra a minha pele cheia de cicatrizes... Era muita coisa para aguentar, e nós dois acabamos gozando ao mesmo tempo. Me deu vontade de gritar que eu a amo, falar que a Cora foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, mas achei que já tinha assustado ela o suficiente por um dia. Ela se jogou em cima de mim e beijou um ponto no meu peito onde meu coração já estava começando a bater no ritmo normal. Fiz carinho nas suas costas, e ela tremeu.

– Você é uma bela de uma encrenca – falou, meio rindo.

O tom da sua voz era contagiante, e também dei risada. Como ainda estava com o pau dentro dela, nós dois ficamos sem ar.

– Mas valho a pena – respondi.

Aí ela olhou para mim com os olhos brilhando e refletindo todas aquelas cores. Deu um monte de beijinhos no meu maxilar e juntou o dedo mindinho com o meu.

– Já estava na hora de você se dar conta disso. Agora me conta como é que você acabou dono do Bar.

A gente ficou lá jogado na cama, pelado, e eu tentei explicar a loucura do Brite e a minha sorte de ter tanta gente determinada a me proteger de mim mesmo. Quando finalmente fomos jantar, a comida estava gelada. Mas, mesmo assim, nunca comi nada tão gostoso, porque foi a Cora que fez e porque, logo, logo, ela ia ser toda minha, e a gente ia ter uma casa só nossa. Não lembro muito bem de como é ser feliz, mas aquele sentimento era tão poderoso que entendi porque muitos homens vão para a guerra e arriscam a própria vida por causa dele.

CAPÍTULO 13

Cora

ESTAVA ATRASADA. Já tinha ligado para o estúdio e avisado os meninos que eles iam ter que abrir as portas sem mim. Eu estava correndo, tentando pôr minhas rasteirinhas brilhantes e fofas e dar um jeito no meu cabelo, que estava todo bagunçado e espetado por causa das mãos do Rome. Ele acordou quando o sol nasceu e foi correr com a Ayden. Não sei como conseguiu. Mas, depois daquela declaração surpreendente, de um jantar ruim e de uns cinco minutos de TV, resolveu que estava na hora de voltar para a cama e passar o resto da noite lá. Fiquei toda dolorida, acabada e morrendo de medo.

O Rome pediu carona para a Ayden, pois não queria me acordar. Bom, pelo menos foi isso que ele disse, mas tenho quase certeza de que ele prefere andar de mula do que no meu Mini Cooper. É uma das coisas que eu amo nele, mas não posso contar.

O amor já acabou comigo uma vez. Me deixou cheia de expectativas nada realistas e me transformou de um jeito doloroso e profundo. E o que eu sentia pelo Jimmy não chega nem perto das emoções, da riqueza de sentimentos, que o Rome Archer desperta em mim. Esse soldado grandalhão e bruto conseguiu penetrar espaços que eu nem sabia que tinha. Estava completamente fissurada e tinha medo de que, se revelasse meus sentimentos, essas emoções todas iam transbordar e de que nem eu nem ele íamos saber o que fazer com isso. Não quero viver sem o Rome, mas ainda não estou preparada para entregar meu coração e entrar de cabeça na dele.

Ouvir a palavra "amor" de um homem como o Rome é uma coisa inebriante. Tem tanta coisa maravilhosa que o torna quem ele é: sua força, sua lealdade, seu carinho, sua convicção inabalável de que quer passar o resto da vida comigo... Seria tão fácil me entregar para ele de corpo e alma. Mas tenho

tanto medo de fazer isso e as coisas não darem certo. Acho que não vou suportar. Minha única esperança é que o grandão tenha paciência comigo enquanto tento organizar minha cabeça. Tem muita coisa acontecendo: o bebê, morar junto, ele ser dono do bar, e o fato de eu ficar completamente bêbada de sexo com aquele corpo delicioso que ele tem. Toda mulher tem direito a tirar um tempinho para recuperar o fôlego, mas eu não estava conseguindo.

Já estava saindo de casa quando meu celular tocou. Não deu para ignorar a chamada: era o meu pai. Parei e sentei em um dos degraus na frente da porta. Estiquei as pernas e me preparei para o interrogatório que ele sempre me faz quando a gente fica mais de um mês sem se falar.

– Oi, pai.

– Você está andando na linha, querida?

Meu pai é um sujeito meio bruto, do tipo que não leva desaforo para casa, mas nunca duvidei, nem por um segundo, que ele me adora.

Olhei para os meus peitos, que tinham crescido ainda mais nesse último mês, e para a barriga redonda que nunca tive na minha vida.

– Não muito.

Não sabia direito como dar a notícia. Quando fiquei arrasada por causa do Jimmy, meu pai fez o que pôde para me levantar. Mas há coisas que um pai não pode consertar para a filha. Como um coração partido.

Ele suspirou e disse:

– Então você viu que o casamento foi cancelado?

Eu estava batendo um calcanhar no outro, com meus sapatos brilhantes, e passando a mão na minha barriga, sem prestar muita atenção.

– Que casamento, pai?

– Cora, você pelo menos está me ouvindo?

– Estou, mas tem muita coisa passando pela minha cabeça. Minha vida anda uma loucura. Você devia vir me visitar.

Meu pai deu uma risada que parecia uma bateção de panela enferrujada.

– Aí no Colorado é tão alto que não tem ar, bebê.

Ele tinha razão. Dei um sorriso e segurei o telefone entre a bochecha e o ombro.

– Conheci um garoto, pai.

– Ai, Cora.

Dei risada e falei:

– Não, pai. Você vai gostar dele.

– Duvido.

Ele bufou como qualquer pai que não quer admitir que a filha não é mais virgem faria.

– Ele é diferente. Não tem nada a ver com o Jimmy. Serviu o exército.

– Você está namorando um soldado?

Meu pai estava tão incrédulo que achei que tinha ficado ofendido.

– Estou namorando um ex-soldado. Mas, mais do que isso, estou namorando um homem muito legal. Ele é especial, pai.

– Isso é tudo o que eu sempre quis para você. Já que o Jimmy cancelou o casamento com aquela menina, fico feliz que esteja com alguém, para não se sentir tentada a procurar aquele bosta. Deixa aquele cachorro quieto, bem lá onde você largou.

Quase deixei o celular cair no chão. Ando tão entretida com o Rome e com o bebê, tentando resolver como vai ser a minha vida daqui para frente, que nem tenho pensado no Jimmy ou no casamento. Muito menos seguido os passos dele na internet.

– Quê?

Meu pai suspirou de novo e soltou um palavrão bem baixinho.

– Pelo jeito, a gatinha com quem ele te traiu resolveu imitá-lo. O Jimmy pegou ela no flagra com um dos tatuadores do estúdio. O imbecil falou com a sua tia, dizendo que queria entrar em contato com você. Mandei ela dizer que já faz muito tempo, que isso são águas passadas. Da próxima vez, vou contar que você já partiu para outra.

Parti para outra mesmo. O Jimmy é uma parte importante do meu passado, mas isso não impediu meu coração de bater mais forte. Devo ter feito algum ruído estranho, porque meu pai perguntou se eu estava bem.

Tive que sacudir a cabeça para pôr meus pensamentos no lugar.

– Estou bem, pai. Foi só um fantasma do passado pelo qual eu não estava

esperando.

– E isso não tem importância, porque você já está em outra, certo?

– Certo.

Só que não consegui transmitir a confiança que eu queria. Respirei fundo e fui soltando a bomba devagar:

– Pai, eu estou grávida. Então, com ar ou sem ar, você precisa vir para Denver quando essa criança nascer.

Ele é a única família que eu tenho, preciso do meu pai aqui quando for dar à luz.

Depois da minha revelação, fez-se um silêncio profundo. Sabia que meu pai não ia pular de alegria do outro lado do telefone, mas também não esperava que ele ficasse tão quieto.

– Pai?

Ele limpou a garganta e, quando resolveu falar, sua voz estava ainda mais rouca do que o normal.

– E você está feliz, querida?

– Fiquei surpresa, dei uma surtada, mas estou feliz. Como eu te disse, ele é um homem legal, pai. Não vai nos decepcionar. Falou que está completamente comprometido comigo, e eu acredito.

– É muita confiança para você depositar nesse rapaz depois de tudo o que você passou, Cora.

Meu pai nunca vai deixar de ser um marinheiro pragmático. Queria poder contar que não tinha depositado confiança nenhuma ainda porque estava com medo de me entregar de cabeça. Ele ia me mandar parar de ser covarde e mandar ver.

– Eu sei. Mas eu confio nele.

– Bom, estou muito orgulhoso de você. Não me canso de dizer: o jeito com que retomou a sua vida foi extraordinário. Sei que nunca consegui lidar direito com essas porcarias de menina, mas você me fez ter vontade de ser um pai melhor, e tenho certeza de que será uma mãe maravilhosa, filha.

Fiquei meio engasgada e levantei.

– Ninguém é perfeito, Almirante Mala. Deu tudo certo comigo, e você fez

tudo o que podia. Eu devia ter nascido homem.

Meu pai bufou e respondeu:

– Fique feliz por não ser homem. Se fosse, ia ter que te dar uns tapas na bunda toda vez que você me chamasse desse jeito. Quando é que o bebê nasce? Preciso comprar a passagem de avião.

Falei que ia ser lá pelo fim de março, e meu pai jurou que vinha. Me fez um milhão de perguntas sobre o Rome e como eu estava me sentindo, e só percebi que eu estava chorando quando desliguei o telefone. Eu e o meu pai temos um relacionamento complicado, mas o amo e esqueço quanto sinto a sua falta até aparecerem situações como essa. Ter família é muito importante, e é por isso que vou fazer de tudo para esse bebê ter uma família de verdade. Passei as mãos no rosto e fui correndo para o estúdio.

Quando entrei, os meninos já estavam atendendo os clientes. O Nash foi o primeiro que me olhou e perguntou:

– Você e o Rome brigaram de novo?

Fiz uma careta, joguei minhas coisas no balcão e sentei.

– Não. Estou grávida e sensível. Vocês vão me ver chorar, e nem sempre vai ser por causa do Rome. Fica na sua.

Meu amigo rosnou e voltou a dar atenção para o cliente. Liguei o computador. Falei para mim mesma que não ia olhar, que não devia olhar, mas a primeira coisa que eu fiz foi entrar nas redes sociais e espiar o perfil do Jimmy. É claro que todas as fotos dele com a vadia tatuada tinham sumido, e ele tinha mudado o *status* de "noivo" para "solteiro". Não conseguia entender como estava me sentindo. Não estava feliz nem triste nem me sentido vingada... Só me sentia estranha e não gostei nada. Ia verificar a agenda e ver as mensagens que tinham chegado no perfil do estúdio quando uma delas me chamou a atenção. Tinha chegado no meu nome, há uns dois dias.

Meu corpo gelou quando abri a mensagem e vi a foto sorridente do Jimmy. Precisava apagar aquilo, sair de perto daquele computador. Muito tempo havia passado para esse sujeito tentar entrar em contato comigo agora. Ele tinha me ferido demais. Mas, apesar de tudo isso, ainda me deu vontade de ler.

Cora: Sei que já faz muitos anos e que não mereço o seu perdão. Mas queria que você soubesse que agora sou capaz de entender o quanto te magoei. É difícil de ignorar, já que aconteceu exatamente a mesma coisa comigo. Todo mundo no estúdio sabia que a Ashley e o Drake estavam ficando, apesar de ela ser minha noiva, e ninguém me falou nada. Só queria tentar pedir desculpas. Você foi uma ótima namorada, e eu deveria ter te tratado muito melhor. Sua tia me contou que você está morando em Denver, e concluí que deve estar trabalhando com o Phil. O estúdio parece bem legal. Se quiser, liga para mim. Quero muito te compensar pelo que fiz. Saudade.

Aí tinha um endereço de e-mail e um número de telefone, mas apertei o *delete* e fiquei só olhando para a tela. Bom, isso foi fruto de uma mente perturbada ou não?

– Que foi? Parece que você viu um fantasma.

Girei a cadeira para encarar o olhar curioso do Nash.

– Por acaso alguém já partiu seu coração, Nashville?

Meu amigo soltou um urro, e o cliente dele deu risada.

– Nunca mais me chame desse jeito.

O Nash nunca dá o nome verdadeiro dele e fica todo sensível quando alguém faz isso.

– E fique sabendo que quem partiu meu coração foi o primeiro amor de todo menino, minha mãe. No minuto que me mandou aquela presepada.

– E o que ela falou do Phil? Topou falar com ele?

– Ah, ficou toda com o pé atrás. Disse que o Phil já é adulto e que, se não está a fim de contar o que está rolando, eu devia ter maturidade e respeitar. Ainda não consegui dar uma prensa nele. Já estou ficando puto.

O Phil não tem aparecido muito no estúdio e, quando consegui falar com ele ao telefone, estava com uma voz péssima. Não gostei nada. E ficar evitando o Nash também não era bom sinal.

– Acabei de levar uma porrada do passado, mas está tudo bem. Nada com que se preocupar.

– Tem certeza?

Eu estava tentando responder aquela pergunta para mim mesma. Por sorte, chegou uma menina que tinha hora marcada comigo, e precisei preparar meu material. Fui para a minha sala e organizei meus instrumentos de trabalho. Precisava me ocupar, se não o passado ia acabar me derrubando, e eu não precisava disso. Nem mesmo queria.

O Rome percebeu que tinha alguma coisa errada comigo. Fui encontrar com ele no bar. Ele tinha que ficar até mais tarde por causa de uma banda ou sei lá o quê. Me deu comida e tentou me sondar. Fiz de tudo para escapar, porque não sabia direito o que dizer. O Rome não tinha com o que se preocupar. Não quero nada com o Jimmy. Ele ficou no passado, e aquele pedido de desculpas não podia ter chegado mais atrasado. Mas não posso negar que fiquei curiosa para ouvir o que o imbecil tinha a me dizer, se achava que podia falar alguma coisa, depois de todo esse tempo, que fizesse alguma diferença. Eu não queria entregar meu coração para o Rome porque ainda trazia as cicatrizes que o Jimmy me deixou ao resolver me abandonar. Será que há palavras capazes de fazer esse medo deixar de existir?

O jantar foi meio tenso, mas o Rome deixou passar batido, porque ele é incrível. Só que dava para sentir que ele estava tentando me interpretar com os olhos. E eu estava puta porque ele não tinha me contado o que aconteceu com a picape. Descobri o que rolou porque o Asa deu com a língua nos dentes. Fiquei preocupada em saber que tinha alguém atrás do Rome e do bar, e ele não estava levando aquela ameaça muito a sério. Chegou a comentar que o Brite tinha dado um toque para o pessoal do Filhos do Sofrimento, mas isso não me deixou mais tranquila. Só que, como eu estava nervosa e esquisita, deixei passar.

Cheguei em casa mentalmente esgotada. Conversei um pouquinho com a Ayden, que estava na sala fazendo trabalho da faculdade. Contei que estava pensando em ir morar com o Rome até o fim do verão, que ela e o Jet iam ficar com a casa só para os dois. Minha amiga ficou feliz por mim, mas também chateada, porque o marido passa muito tempo viajando. Acho que estava com saudade do irmão e não sabia o que fazer para se acertar com ele. Mas esse era

um problema que iam ter que resolver sozinhos, porque eu não tinha condições de ajudar.

Tomei um banho e fui deitar. Era esquisito dormir sozinha, mas o Rome disse que ia para casa assim que desse. Durmo mais em cima dele do que do colchão, e acordo com as mãos em lugares muito interessantes e safados, porque a gente costuma dormir pelado. Ele é tão quente e musculoso que sinto que qualquer coisa que queira me atingir neste mundo vai ter que passar por cima dele.

Vesti uma camiseta e uma calcinha e apaguei antes de a minha cabeça úmida encostar no travesseiro. Ouvi vagamente meu namorado chegar em casa e usar o banheiro, mas estava acabada demais para me mexer. Quando o Rome me puxou para cima dele e beijou com força minha boca sonolenta, só consegui dar um tapinha no seu peito antes de cair de novo nos braços de Morfeu. Ele me abraçou e, pela primeira vez desde que falei com meu pai pelo telefone, senti a ficha cair. Essa era a minha realidade no presente, e o meu passado não ia atrapalhar. Me recuso a permitir que isso aconteça.

Acordei de supetão quando o dia nasceu. Eu tive que piscar para os meus olhos se ajustarem à claridade que passava pelas cortinas. Mas, antes de eu conseguir fazer isso, o Rome rolou por cima de mim e ficou me olhando com um ar assustador. Ele estava com os olhos perturbados, a boca tensa e a veia do pescoço tão saltada que dava para ver a pulsação mesmo com aquela luz tão fraca.

– Rome?

Terminei a frase com um ponto de interrogação, porque foi desse jeito que ele me olhou quando resolveu sumir naquela noite fatídica. Não queria que ele se assustasse, mas não sabia nem se estava me enxergando direito. Ele tirou minha blusa, com as mãos tremendo e um pouco mais afoitas do que o normal, e nem se deu ao trabalho de tirar minha calcinha. O troço simplesmente se desintegrou de tanto que ele puxou. Levantou a cabeça, e o brilho dos seus olhos azuis era estranho, doloroso, mas ainda consegui reconhecer meu homem e resolvi me acalmar e deixar a tempestade passar. Sei, do fundo da minha alma, que esse homem nunca vai me machucar de propósito. Só precisa se livrar do

que está perseguindo ele, e esse era o único jeito de fazer isso sem fugir de mim de novo. Pedi para ele ser sincero, e esse era o mais puro gesto de sinceridade e vulnerabilidade que ele podia ter.

Aí ele me pôs onde bem entendeu e enfiou a cabeça e os ombros no meio das minhas pernas. Como eu ainda estava meio sonolenta, despreparada para aquele tipo de ataque, só enrolei os dedos no cabelo dele, que está mais comprido, e me segurei. Levantei o quadril em cima da sua língua afoita e apertei sua cabeça com as coxas.

– Rome...

Dessa vez foi um suspiro, não uma pergunta. Ele não é muito de falar enquanto transa, e a gente já tinha trepado em silêncio com muita intensidade. Mas aquilo era completamente diferente. O Rome costuma ser generoso e atencioso na cama. Ele não costuma medir esforços para me satisfazer e me deixar prontinha para receber o que tiver a me oferecer. Mas, naquela manhã, não foi o caso. Ficou óbvio que ele tinha um objetivo em mente, o de me fazer gozar o mais rápido e violentamente possível. Um objetivo que ele não demorou a conquistar com aquele ataque oral. Não podia nem reclamar, porque foi gostoso, e, por algum motivo, sabia que ele precisava daquilo. Mas se o Rome achava que ia me foder desse jeito e depois ia ficar sem falar nada, estava muito enganado.

Não consegui me segurar muito, não com aquela língua e com aqueles dentes fazendo tanta coisa maravilhosa lá embaixo. Mas, quando tive o primeiro espasmo do meu clímax, ele levantou, me virou e me fez ficar de quatro. Passou aquela mão grande na minha bunda e sussurrou meu nome:

– Cora...

Senti seu pau duro atrás de mim. Apesar de estar toda molhadinha e flexível do orgasmo que ele tinha acabado de me obrigar a ter, não posso negar que senti como se ele estivesse me rachando ao meio ao meter aquele pau por trás até o fundo. Soltei um palavrão baixinho, não porque doeu, mas porque foi uma inundação repentina e inebriante de sensações. O Rome é sempre tão cuidadoso, tão preocupado com a nossa diferença de tamanho... Só que naquela manhã parecia que alguma fera interior tinha se soltado. Aquela nem é das

minhas posições preferidas. Mas, se ele ficava daquele jeito, achei que ia aprender a gostar. Ele estava me comendo de jeito.

Senti seu peso nas minhas costas, e ele pegou nos meus peitos. Já estou com os mamilos supersensíveis por causa da gravidez. Com o Rome me puxando daquele jeito, esfregando os dois entre o dedão e o indicador, achei que já ia gozar. Gemi e virei para trás. Nunca vou esquecer o que vi.

Músculos definidos, pele molhada de suor, abdômen contraído, olhos azuis faiscantes... Era o quadro da mais pura e intensa masculinidade, e não iria reclamar por ter motivado aquela expressão. Gosto do contraste entre suas linhas duras e definidas e as minhas curvas delicadas, agora mais do que nunca. Também gosto de ver suas mãos encostadas na minha pele colorida. É um belo contraste, e ele também parecia fascinado. Vai ser difícil apagar essa imagem da minha cabeça: o Rome em cima de mim, enfiando, metendo como se precisasse gozar a qualquer custo, como se fosse ter uma perda inexplicável caso isso não acontecesse. Era muito Rome Archer para processar. Por sorte, eu estava à altura do desafio. Mesmo que, na minha cabeça, não houvesse muita certeza de que eu conseguia aguentar tudo aquilo que ele me obrigava a receber, meu corpo estava mais do que pronto. Os músculos da minha vagina apertavam seu pau no ritmo das suas metidas, meus mamilos estavam durinhos, implorando pelo seu toque, e não tinha como negar que eu estava bem molhadinha, facilitando o caminho. Inclinei a cabeça para o lado e me preparei para a explosão inevitável de prazer. Só que não foi isso que eu recebi. Depois de me fazer gozar sem misericórdia, o Rome voltou ao estado estranho de antes. Eu estava praticamente chorando, acabada de tanto prazer e da riqueza de sensações que ele despejou em mim. Mas ele me virou, me deu um beijão na boca e meteu de novo.

Foi se mexendo bem devagar. O vaivém daquela ereção na minha pele supersensível foi uma verdadeira tortura. Ele beijou minhas pálpebras, os cantos da minha boca, minha clavícula. Murmurou meu nome várias vezes e, quando finalmente gozou, tremendo e urrando perto da minha garganta, me dei conta de que nunca tinha sentido alguém precisar tanto de mim. Apenas passei as mãos pelo seu pescoço largo e deixei o Rome se aninhar em mim quando ele

recuperou o fôlego e se acalmou.

Achei que ele ia precisar de uns cutucões para me contar o que o tinha deixado daquele jeito. Mas, depois de cinco intermináveis minutos de silêncio, durante os quais a gente ficou só se abraçando, o Rome finalmente começou a falar. Do acidente. De como achou que ia morrer. De como vivia cada dia com culpa por ter sido o único sobrevivente. Da raiva de esse acidente não apenas ser a principal causa das suas limitações físicas, mas também por ter desencadeado as suas pertubações mentais. Parecia que ele culpava muito o acidente pelo fim da sua carreira militar. Era muito triste. Meu coração ficou partido por ele. Mas, ao acabar de me contar, ele se virou para mim e me deu um beijo tão doce na bochecha que me deu vontade de chorar.

O Rome tentou se virar, se soltar de mim, mas não deixei. Agarrei ele com os braços e as pernas para não o deixar sair do lugar. Se ele ia me revelar sua alma, não porque queria, mas porque pedi, eu tinha que fazer a mesma coisa. Era o mínimo que ele merecia. Se iria se entregar por completo, eu tinha que parar de ter medo e estar disposta a fazer a mesma coisa. Um passo por vez.

Lambi a orelha do Rome e sussurrei:

– Recebi um e-mail do meu ex ontem. Fiquei completamente chocada. Por isso estava tão esquisita.

Aquele corpão do meu lado ficou todo tenso, e o Rome levantou um pouco e me fez cara feia. Ainda estava com o pau dentro, achei que ia ser impossível ficar bravo comigo, mas me enganei. Ele espremeu os olhos e vi o lampejo de uma emoção nada boa. A cicatriz que ele tem na testa começou a latejar em um ritmo raivoso.

– O sujeitinho que foi seu noivo?

Fiz carinho nas suas costelas. Parecia que eu estava tentando acalmar um animal selvagem. Balancei a cabeça de leve e respondi:

– É, parece que a noiva resolveu aprontar e fez com ele exatamente a mesma coisa que ele fez comigo. Acho que só estava procurando alguém para compartilhar o mesmo sofrimento.

– E por que você está me contando isso agora?

Como não gostei do tom de acusação na sua voz, enfiei as unhas nele.

– Porque eu deletei o e-mail. Não ligo para esse cafajeste nem para o que ele tem a me dizer. Aconteceu faz muito tempo. Houve uma época em que tudo o que eu mais queria é que o Jimmy me pedisse desculpas e se desse conta de quanto me magoou. Agora não preciso mais disso. Tenho você.

Espremi os olhos para o Rome e continuei:

– Além do mais, você não me contou o que rolou com a picape nem que tem um motoqueiro ensandecido querendo se vingar de você, porque não queria que eu ficasse preocupada. É a mesma coisa, grandão.

– Não, Cora. Caramba, não é a mesma coisa.

Ele rolou na cama e parei sentada em cima dele. Ele cruzou os braços atrás da cabeça e continuou me olhando feio. Nunca tive uma discussão em uma posição tão estranha. Estava irritada com o Rome. Mas minhas partes íntimas tinham cansado de ficar preenchidas com aquela carne deliciosa sem tirar proveito. Senti as paredes internas da minha vagina começarem a apertar o pau dele. E é óbvio que o Rome, que é um super-herói, não precisou fazer o menor esforço para ficar de pau duro de novo.

– Eu não fui apaixonado por aquele bosta daquele motoqueiro. Não ia casar com ele. Ele não despedaçou meu coração em mil pedaços nem me impede de ver o que está bem na frente do meu nariz. Esse sujeito não é só seu ex, Cora. Ele mudou sua vida.

Fiz uma careta, porque não gostei nada da sua habilidade de ler nas entrelinhas.

– Só tenho olhos para você, Rome –, falei, pondo sua mão na minha barriga. – É impossível ver outra coisa. E, no quesito mudou minha vida, você ganha. Disparado.

O Rome tirou a outra mão de trás da cabeça e pôs do outro lado da minha barriga, emoldurando aquele volume novo com a palma das mãos.

– Eu sei disso, Cora. Mas será que você me vê como pai dessa criança? Ou só como um homem problemático que está tentando, muito aos poucos, organizar a própria cabeça? Você me vê como um sujeito com quem ficar por enquanto porque sabe o quanto gosto de você e dessa criança, mas está esperando coisa melhor aparecer? Ou você me vê como alguém para passar o resto da sua vida?

Porque, se você está só passando seu tempo enquanto espera o homem perfeito aparecer, preciso te informar: não vai ser nada fácil esse imbecil passar por cima de mim.

Fiquei apenas olhando para ele, porque não conseguia pensar no que dizer. Tudo o que eu mais queria é que um homem ficasse do meu lado, e aquele homem maravilhoso estava exigindo a mesma coisa de mim. Como eu disse, o Rome sempre ganha no quesito mudou minha vida.

– Vejo tudo isso, Rome. E, seja lá o que acontecer, já está tudo perfeito. Não tem – coloquei a mão no coração dele e apertei seu pau dentro de mim – como ficar mais perfeito. Você é o meu homem, não há mais ninguém que me faça sentir desse jeito nem que faça o que você faz por mim, e isso é tudo. Eu não sabia o que era perfeição antes de te conhecer.

Ainda não consegui dizer que o amava. Ainda não estava preparada para dar esse passo, mas acho que podia demonstrar esse sentimento. Espero que ele tenha entendido o recado que eu tentava transmitir com meu corpo. Vejo o Rome Archer com a mesma clareza que vejo meu próprio reflexo no espelho. Esse homem é simplesmente a melhor das imperfeições que eu podia querer. Tomara que não se canse de me esperar perder o medo de declarar meus sentimentos.

CAPÍTULO 14

Rome

Eu gastei uma grana para comprar uma *jukebox* digital para O Bar. O aparelho estava tocando um clássico dos Eagles, e o meu irmão estava mais nervoso e irritado do que o normal. Não tinha nem encostado na cerveja que servi para ele e, toda vez que perguntava se estava tudo bem, ele só me fazia cara feia. Não sei o que o Rule fazia ali. O bar que costuma frequentar com os amigos fica bem na frente do estúdio, em Capitol Hill, mas dava para ver que ele queria conversar. Só precisava de um tempo.

O Asa estava na outra ponta do balcão, jogando conversa fora com uma garota bem bonita. A Dixie, uma ruiva muito *sexy* que ele me convenceu a contratar para ajudá-lo, estava servindo bebidas nas mesas, porque O Bar estava lotado. Peguei um refrigerante para mim, fui à cozinha ver se a Darcy estava dando conta do movimento do jantar e sentei do lado do meu irmão mais novo. Aqueles olhos claros brilharam, e ele fez uma careta.

– Você e a Tink conseguiram achar uma casa que vocês dois curtam?

– Não.

Quero continuar morando em Capitol Hill, e a Cora quer ficar perto do Parque Washington. A gente concorda que precisa encontrar uma casa para alugar com quintal e garagem, mas por enquanto é só isso.

– Você não fica nervoso de dar um passo tão grande com alguém que nem conhece direito?

Bufei, olhei de canto de olho e respondi:

– Acho que ter um filho é um passo bem maior do que ir morar com alguém. É o que precisa ser feito. Eu amo a Cora, Rule.

Meu irmão balançou a cabeça, segurou a cerveja e continuou:

– Tenho pensado muito nisso ultimamente.

Levantei a sobrancelha e perguntei:

– No fato de eu amar a Cora?

Ele fez careta e me deu uma cotovelada, e eu resmunguei.

– Não. No fato de eu amar a Shaw. Nunca pensei que ia sentir isso por alguém, sabia? Ela é simplesmente... Sei lá, tudo para mim, caralho.

Dei um tapinha no ombro dele e falei:

– Eu sei. Dá para perceber. Estou orgulhoso de você ter se dado conta disso. Sei que, quando voltei, tive dificuldade em lidar com essa questão, e isso não foi justo. Vocês dois formam um casal perfeito.

O Rule engoliu em seco, e o gelo nos seus olhos derreteu um pouco.

– Quero essa mulher para sempre.

– Tenho certeza de que ela já é sua.

– Quero pedir a Shaw em casamento.

Quase caí do banco. Não porque acho que meu irmão não ama a Shaw nem porque duvide que ele vá ser um bom marido, mas porque o Rule sempre foi meu irmãozinho impulsivo, rebelde e muito louco. Nunca pensei que fosse ser o responsável proprietário de um lar ou marido fiel. Fiquei só o encarando, até ele ficar bravo e soltar:

– Que foi?

– Nada. Só nunca pensei que fosse te ouvir dizer isso. A Shaw deu a entender que quer ser pedida em casamento?

Meu irmão sacudiu a cabeça e deu um belo gole na cerveja. As luzes de neon dos anúncios da bebida que decoram o bar deixavam seu cabelo descolorido ainda mais radical.

– Não, ela é perfeita. Não me enche, não fica insistindo, confia em mim, por mais imbecil que eu seja. E nunca, nunca mesmo, joga o meu passado na minha cara. O que, vamos ser sinceros, ela poderia fazer tranquilamente. Para completar, me deixa louco na cama, não consigo tirar a mão dela. Essa garota é boa demais para ser verdade. Por que não iria querer passar o resto da vida com ela?

Achei que era fácil responder essa pergunta. A Shaw ama o Rule a vida inteira. Há muito mais tempo do que ele imagina. Meu irmão era o homem

certo para ela, sempre foi. Nunca vi o Rule inseguro daquele jeito. Abriu meus olhos. Meu irmão realmente amava essa menina tanto quanto ela o amava.

– Então pede logo. A Shaw vai dizer "sim". Ela te ama. Sempre foi apaixonada por você e nunca vai deixar de ser. E também acha que você é bom demais para ser verdade. Os dois têm muita sorte.

Aí o Rule afundou a cabeça nas mãos e soltou um suspiro. Vi a tatuagem que meu irmão tem com o nome da Shaw nos nós dos dedos e apontei para ela.

– Você já está com a Shaw para sempre. A aliança não vai fazer muita diferença.

– Preciso esperar a Shaw terminar a faculdade, no semestre que vem. Ela precisa se formar e se focar em conseguir a residência. Não quero que se preocupe comigo ou com o casamento nesse meio tempo. Para ser sincero, comecei a pensar nisso quando conheci o Lando. Deus me livre acontecer alguma coisa com a Shaw ou comigo. Quero que todo mundo na face da Terra saiba o que essa mulher significa para mim. Que mudou minha vida e me fez ter vontade de ser um homem melhor, só por causa dela.

Sacudi a cabeça quando o Asa formou uma fileira de doses no balcão e fez sinal para saber se eu queria uma. Estava conseguindo controlar bem a bebida. Tomava uma cerveja aqui, outra ali, uma dose mais forte com o Asa no fim da noite bem de vez em quando. Mas passo a maior parte do tempo tão ocupado com o movimento do bar e atendendo os fregueses que nem sinto a tentação. Além do mais, ter livre acesso à minha fadinha e ao jeito especial que ela tem de me ajudar a administrar o estresse é tão mais divertido – e apazigua minha alma muito mais –, que a vodca e a inevitável ressaca já não me atraem.

– Rule, a Shaw sempre vai fazer parte da família Archer. Pôr uma aliança no dedo dela é uma mera formalidade. Ninguém tem dúvida de quanto você gosta dela, de quanto está comprometido com essa garota e com ninguém mais. Foda-se aquela família detestável que ela tem e qualquer dor de cabeça que o pai e a mãe vão querer causar. Se você quer ficar com a Shaw para sempre, peça logo.

Meu irmão me olhou e fez uma cara de interrogação. Os *piercings* que ele tem na sobrancelha pareciam piscar para mim.

– E você? Não quer casar com a Cora? Vai só engravidar a garota e viver em

pecado?

Se eu tivesse ouvido essa de qualquer outra pessoa, teria ficado puto. Vindo do Rule, com aquele tom de sarcasmo, consegui suportar. Dei um empurrão nele, e ele riu.

– Não sei, quem sabe. Já é bem difícil fazer um relacionamento tão recente dar certo com um bebê vindo por aí.

– É. Como foi que isso aconteceu? Logo você, que colocava camisinhas no meu bolso quando eu saía escondido à noite. Você começou a enfiar essa ideia de sexo seguro na minha cabeça antes mesmo de eu ver os peitos de uma garota. Não é muito a sua cara se envolver em um acidente de tamanhas proporções.

Cruzei os braços e me apoiei no balcão novinho em folha. Olhei para as minhas mãos, cheias de cicatrizes, e respondi:

– O que tem que ser tem que ser. Nunca pensei em ter filhos, nunca pensei em qual era o tipo de mulher com quem queria casar, nunca pensei muito além da minha próxima missão. E, quando voltei para casa, parecia que estava vivendo o mesmo dia sem parar. Estava tudo meio cinza, e eu me sentia desaparecer na neblina. Achei que precisava de um objetivo, de alguma coisa que me definisse. Mas não. Não preciso. Posso ser um sujeito qualquer, um sujeito que faz merda. Desde que eu assuma, está tudo certo.

O Rule terminou a cerveja, me segurou nos ombros e olhou no meu olho.

– Você NUNCA vai ser um sujeito qualquer, Rome. Você é o melhor irmão que alguém pode ter na vida. É um herói, porra! Ninguém, ninguém mesmo me apoiou do jeito que você me apoiou. Você é uma pessoa incrível, lutando no meio do deserto ou assistindo ao jogo sentado no sofá. Não se esqueça disso.

O meu irmão estava falando sério, e isso era muito importante para mim. A gente sempre foi bem próximo. Mas, depois de descobrir o segredo do Remy e de achar que precisava entender como me encaixar na vida do Rule agora que ele tem a Shaw, deixei a distância e meu próprio orgulho nos afastar.

Bati meu copo na caneca de vidro do Rule e falei:

– Também me dei bem no quesito irmão. Acho que você vai ser um marido e tanto e o tio preferido do bebê.

Ele deu risada e se virou para o bar.

– Acho que vou ser o único tio. A Cora não é filha única?

– Isso são detalhes.

Fiquei na mesma posição que meu irmão, e ia tentar levantar alguma informação sobre o ex da Cora, mas a porta do bar se abriu, e nós dois gelamos. Agora que eu não estava embaixo da mesa de sinuca, conseguia reconhecer o Tocha e seus capitães do clube de motoqueiros direitinho. Não que desse para confundi-los, com aquelas roupas de couro e a *vibe* barra-pesada que eles emanavam.

– O Brite contou que te vendeu o bar, rapaz. Parabéns.

Apertei a mão dele porque, sei lá, que mais eu poderia fazer? Apresentei o Rule e inclinei a cabeça para o lado.

– Por que será que estou com a impressão de que esta não é só uma mera visitinha?

– Porque não é mesmo.

O presidente do clube fez sinal com a cabeça para os fundos do bar, onde ficam as mesas de sinuca. Balancei a minha cabeça e pedi para a Dixie não deixar ninguém ir para lá por alguns minutos. O Rule pôs a mão no meu braço, com uma cara preocupada.

– Você tem certeza de que sabe o que está fazendo? Esses sujeitos deixaram o Asa em coma, o abandonaram para morrer.

– Não exatamente esses. E, pelo que eu entendi, o Asa aprontou feio para as coisas chegarem a esse ponto. O Tocha, presidente da regional, é amigo de anos do Brite. Expulsou o sujeito que acabou com a minha Dodge e assaltou o bar do clube. Preciso ouvir o que ele tem a dizer.

Meu irmão não ficou muito feliz, mas também não me impediu de ir atrás do bando de motoqueiros.

– Esse lugar parece novinho em folha, rapaz.

– Trabalhei muito nele.

– Eu já imaginava que o bode velho ia fazer isso na hora em que me falou de você. O Bar é território do Filhos. Ou seja: a gente está aqui para te proteger, rapaz. Essa merda que aquele candidato a sócio aprontou não tem nada a ver

com a gente. Não é a nossa fazer esse tipo de coisa.

– Não se fode com o carro de um homem.

– Não mesmo. Você tem que saber que esse sujeito já era. Estava de olho nele desde que o Brite me ligou para falar do assalto, mas a gente não tinha nenhuma pista. O pai dele fazia parte de outro clube e ficou anos preso por uns crimes da pesada. O moleque tem seus contatos. Não é difícil para ele se esconder e pôr a mão em coisas que podem causar problemas para você e para a sua família. Está me entendendo, rapaz?

É. Estava entendendo bem. Aquele palhaço mirrado não estava só puto. Estava puto e armado até os dentes. Acho que o Asa teve sorte de ele só ter levado o dinheiro.

– Sei das histórias do pessoal que faz parte do Filhos. Sei que você é um bom rapaz. Também sei que você trouxe uma bagagem pesada lá do deserto. Você está bem para lidar com tudo isso e ainda ficar de olho na encrenca?

Acho que eu não queria saber como esse homem, esse líder de um bando de motoqueiros, ficou sabendo sobre o que rolava na minha cabeça. Mas não posso negar que ele parecia mais compreensivo do que a maioria das pessoas que tentaram conversar comigo sobre o assunto. Limpei a garganta e encostei o quadril na mesa de sinuca. Olhei nos olhos dele, porque é isso que a gente deve fazer quando está tentando levar um papo reto com um homem que não está só te oferecendo respeito, mas também proteção e aprovação. As trevas e o cinza não vão me engolir. Não com a Cora trazendo tanta cor para a minha vida.

– Passo boa parte do tempo bem. Tive alguns meses ruins, quase estraguei a melhor coisa que poderia ter me acontecido, antes ou depois da guerra. O Brite fez eu me sentir um bosta, então me passou o telefone do Neil e me mandou falar com ele. Quando não consigo dar conta sozinho, apareço lá. Caso contrário, a tal melhor coisa cuida de mim de tudo quanto é jeito, e não existe motivo melhor neste mundo para eu ficar de olho na encrenca.

O Tocha deu risada e balançou a cabeça.

– Já tive uma mulher assim. Só que fui um imbecil cabeça-dura e perdi. Você tem uma mulher que fica do seu lado quando acorda tremendo no meio da noite, banhado de suor, sem saber onde está. Não largue dela jamais.

Eu poderia causar inveja falando que não só a minha mulher fazia isso, mas também me chupava e subia em cima de mim até eu ficar torto antes de me fazer dormir, mas duvido que a Cora ia gostar que o motoqueiro mais fodão de todos soubesse tanto sobre a nossa vida sexual.

– Não tenho a menor intenção de largar dessa mulher. Nem de deixar esse moleque magoadinho chegar perto dela ou de mim. Esse assunto precisa ser encerrado. O quanto antes.

– A gente também pensa assim. Se mais alguma coisa acontecer, liga para mim, não para a polícia.

Não sei direito o que eu sentia por ter o número do Tocha gravado no meu celular, mas também não achei uma boa ideia dizer isso para ele. Depois de gravar o número, me afastei da mesa. Ele pôs a mão no meu ombro e falou:

– Todos nós já passamos por isso, rapaz. Dispensados do serviço, ficamos perdidos, tentando descobrir o que fazer. Para a maioria, a resposta surgiu do nada. A estrada, o companheirismo dos colegas de clube, a família. Era como voltar à ativa, mas de acordo com as nossas próprias regras, lutando pelas coisas que são importantes aqui.

Aí ele bateu a mão no peito, bem em cima do coração de motoqueiro coberto por uma jaqueta de couro e continuou:

– Alguns encontraram a resposta no amor de uma boa mulher e formaram uma família. Outros, como o Brite, ajudaram outras almas perdidas como as nossas a encontrar um caminho melhor. Seja lá qual for a sua resposta, rapaz, ela vai te encontrar, ou você vai dar de cara com ela. Não se torture por causa disso.

Depois desse conselho profundo, ele e seus companheiros intimidantes e agressivos saíram do bar. Levei um tempinho para pôr meus pensamentos no lugar e ponderar todas as viradas dramáticas que rolaram na minha vida esses últimos meses. Só aí consegui voltar para o balcão, onde meu irmão me esperava, todo nervoso.

– Está tudo bem?

Em outros tempos, eu teria ignorado, falado que aquilo era problema meu e que eu ia dar um jeito. Sempre fui o irmão mais velho, o protetor. Mas estava

começando a perceber que o que me definiu por tanto tempo precisava ser revisto, refinado. Porque a vida muda, e não sou mais o mesmo de quando a gente era criança.

– Parece que ninguém sabe onde o palhaço magoadinho está. O Tocha e o pessoal do clube disseram que o sujeito tem contatos, que pode estar armado e que está muito puto, porque foi expulso por causa da briga comigo. Falaram para eu tomar cuidado. O Tocha ficou preocupado que, com tudo que está rolando aqui dentro, eu não vá conseguir dar a atenção necessária a essa situação.

Bati na minha têmpora com dois dedos, e meu irmão franziu a testa para mim.

– E você está? Quer dizer, está bem para se cuidar?

– Acho que sim. Ter que me cuidar e sobreviver são um instinto básico para mim.

– Se você precisar de qualquer coisa, de mim ou dos rapazes, sabe que é só pedir, né?

– Sei, sim. Só fique de olho na minha garota. Não quero que ela fique preocupada, nem com o bebê nem com o e-mail que ela recebeu do ex e que a deixou toda estranha.

Os olhos claros do Rule assumiram uma expressão muito dura, e ele cerrou os punhos tatuados em cima do balcão.

– Aquele cuzão teve coragem de mandar e-mail para ela depois de todo esse tempo?

Fiz uma cara de resignação e me apoiei com os cotovelos de costas para o balcão. Não queria dar na vista que queria saber sobre o ex da Cora. Mas, como dizem, informação é poder. E, quanto mais eu tiver, mais fácil vai ser quebrar a muralha de medo que vejo no olhar multicolorido da Cora toda vez em que pronuncio a palavra "amor".

– Parece que a noiva estava traindo o babaca com outro tatuador do estúdio dele. Pelo jeito, o tal Jimmy se deu conta de como foi cuzão aprontando aquelas merdas com a Cora, e agora está todo querendo se redimir. Ela diz que são águas passadas. Mas tem horas em que fica quieta, e tenho certeza de que está

com a cabeça em outro lugar, mas não me fala nada.

O Rule soltou um monte de palavrões e ficou abrindo e cerrando os punhos.

– Aquele sujeito acabou com ela, Rome – falou. Aí soltou um suspiro e fez sinal para o Asa trazer mais uma cerveja. – Quando o Phil voltou de Nova York e disse que ia contratar uma nova gerente para o estúdio, a gente não sabia o que pensar. Mas aí a Cora apareceu, e ficou óbvio que precisava que alguém a salvasse. A garota estava definhando. Quer dizer, ela é magrinha, mas estava na cara que ela não estava comendo nem dormindo. Era quietinha, reservada. A gente tentava brincar com ela, tirar a menina daquela tristeza, mas nada funcionava. A Cora estava arrasada. Nunca vi nada parecido. Não era só uma garota triste porque tinha levado um pé na bunda. Ela estava morrendo.

Meu irmão respirou fundo, ele sacudiu a cabeça bem devagar e continuou a falar:

– O Rowdy sempre fala que ela ficou desse jeito porque o pai nunca estava por perto, e o Jimmy era a única pessoa constante na vida dela. Não sei se é o caso, mas sei que esse moleque magoou minha amiga de um jeito que tenho vontade de arrancar a pele dele e deixar as formigas comerem o cuzão vivo por dentro só para dar uma lição. Um homem não pode fazer isso com uma mulher que o ama, mesmo que não seja mais apaixonado por ela.

Senti um embrulho no estômago. Não estava gostando nada daquilo.

– E como ela saiu dessa? O que a impediu de se acabar?

O Rule deu um sorrisinho sem graça e mordeu o *piercing* que tem no lábio inferior.

– O Remy morreu – falou.

Comecei a piscar de surpresa.

– O Remy morreu, eu fui para o fundo do poço, e a Cora veio me salvar. Ficou tão focada em mim e nos meus problemas que acho que esqueceu do próprio sofrimento. Ela foi melhorando aos poucos e se segurou em mim. Eu estava em uma pior, mas consegui dar a volta por cima por causa da Cora. Ela é mais do que uma irmã mais velha para mim, é a minha voz do bom senso.

Dei risada e falei:

– Que nem a Tinker Bell para o Peter Pan.

– Exatamente, mas uma Tinker Bell que te fuzila com aquela língua afiada e consegue te pôr no seu lugar só com o olhar. Não deixa esse sujeito encostar as garras na Cora de novo, Rome. Vai ser uma desgraça.

Soltei um grunhido e respondi:

– Você conhece a Cora, Rule. Ela vai fazer o que bem entender. Só espero que o nosso lance seja forte o suficiente para o sujeito perceber que ficar com ela está fora de cogitação.

A gente se entendeu só com o olhar.

– Que bosta.

– Que bosta mesmo.

Ficamos em um silêncio constrangedor. A *jukebox* terminou de tocar Rolling Stones e começou uma música do Clash. Voltei para trás do balcão para ajudar o Asa a lavar a louça e para ter o que fazer com as minhas mãos.

– Você gosta daqui, Rome? Está a fim de ficar aqui e ser dono deste lugar ou só não tem outra coisa para fazer?

Tive que parar e pensar na resposta.

– Um pouco dos dois. Gosto do bar. Gosto dos fregueses antigos e do pessoal novo, de ter meu próprio horário e de ter levantado esse lugar com as minhas próprias mãos, tábua por tábua. Mas não faço ideia do que vai acontecer no futuro, o que faço ou deixo de fazer com todos os meus anos de treinamento. Por enquanto, estou me sentindo bem aqui, e acho que está mais do que bom.

– Não importa o que fizer, o que você quer ser a longo prazo, Rome. Estou muito feliz de ter voltado inteiro. Senti sua falta, todo mundo sentiu sua falta. Mesmo quando você estava um puta pé no saco. Só de saber que está aqui, que posso te ligar, que você vai me ajudar mesmo estando puto comigo... Você não tem noção do quanto preciso disso.

Pronto. Meu irmão ainda precisa de mim. Sim, o Rule tem a Shaw para cuidar dele. Sim, acabou virando um rapaz fodão, um homem que sabe se cuidar, mas ainda precisa do meu apoio. Precisa que eu seja a pessoa que olha para ele e sempre vê alguém que leva a vida de acordo com os seus princípios, que faz suas próprias regras e não o julga. Posso me enquadrar nessa nova

definição do meu relacionamento com o meu irmão. Estou tentando fazer a mesma coisa com os meus pais. Estou começando a me dar conta de que posso só ser o Rome, sem tirar nem pôr.

– Também senti sua falta, cuzão. E minhas sinceras desculpas por ter demorado tanto para pôr minha cabeça no lugar e deixar de ser um pau no cu.

O Rule balançou a cabeça, terminou a cerveja e voltou para a mulher dele. Foi uma noite, no mínimo, interessante. Depois daquele aviso cifrado que recebi do Tocha e do pessoal do clube, fiquei no bar com o Asa até fechar e vi ele sair não com uma, mas duas gatinhas. Quis me certificar de que todo mundo saísse do estacionamento em segurança, que não tinha ninguém rondando. Nunca vi alguém ser tão bom com as mulheres como o Asa. Se eu não estivesse indo para casa, onde ia encontrar uma fadinha muito *sexy* dormindo na minha cama, esperando por mim, teria ficado com uma pontinha de inveja.

O carro esportivo antigo do Nash não estava no estacionamento quando cheguei no prédio, mas o Mini Cooper da Cora estava lá. Comecei a ficar cansado de brincar de pular de galho em galho com ela. Queria uma casa só para nós. Só que, depois das revelações que o Rule me fez sobre o ex da minha garota, comecei a achar que tinha outros motivos por trás da nossa discórdia sobre como a casa nova deve ser. Peguei uma cerveja na geladeira e achei que ia tomar um banho rápido e deitar com ela. Mas, ao abrir a porta do quarto, qual não foi a minha surpresa ao encontrar o abajur que fica em cima do criado-mudo aceso e a cama, vazia. Franzi a testa, pus a cerveja no criado-mudo e fui tirando meus coturnos e a camiseta.

Fiquei preocupado, pensei que a Cora pudesse estar passando mal. Até ali, ela teve sorte com os sintomas da gravidez. Ela só fica enjoada de manhã quando está supersensível. Tem ficado muito cansada. Mas não me pede para ir buscar sorvete com *pickles* no meio da noite nem nada. Então achei que o resto da gravidez também ia ser tranquilo. Bati na porta e chamei por ela:

– Você está bem, Peso Pena?

Girei a maçaneta. A porta não estava trancada, e entrei no banheiro. A Cora estava pelada, com toda aquela pele tatuada e cheia de joias à mostra, se olhando no espelho grande que tem em cima do balcão. Estava com o cabelo

loiro todo espetado para cima. Parecia que tinha perdido o sono e estava mordendo os lábios. Estava perfeita. Tudo nela é simplesmente perfeito, caralho! Fiquei parado na porta, cruzei os braços por cima da cabeça e fiquei observando a Cora me observar. Ela passou os olhos lentamente pelo meu peito, pela minha barriga e parou na parte da frente das minhas calças, como sempre faz. Preciso lembrar de sempre tirar a camiseta quando chegar em casa. Ela fica sem conseguir pensar direito.

– Olha – falou, virando o rosto na minha direção.

Acho que ela queria que eu olhasse para outra coisa além daqueles peitos empinados e daquele ponto delicado entre as suas pernas. Mas eu sou homem, e ela estava pelada, então não deu muito certo.

– Olha o quê?

Minha vontade era de pegar ela no colo e levá-la para a cama. Queria lamber cada um daqueles *piercings* que enfeitam as suas costelas e percorrer aqueles lírios tatuados com os dentes.

– Olha o nosso bebê.

Ela espalmou as duas mãos em cima da barriga, ainda tão pequena. A Cora é tão magrinha que qualquer inchadinha já a deixa com mais curvas do que no dia anterior. Estava tão bonitinha, com aqueles olhos enormes cheios de encantamento.

– Apaguei faz umas horas e dormi de barriga para baixo, o que, aliás, é uma droga quando você não está aqui para me servir de travesseiro. E aí esse pensamento me acordou. Nunca tive barriga na vida, e agora tenho e tem uma pessoa minúscula dentro dela. É inacreditável.

Minha garota estava maravilhada, e eu não trocaria esse momento por toda a tranquilidade ou segurança do mundo.

Me afastei da porta e cheguei mais perto dela. Fiquei de pé, bem perto mesmo, e a Cora continuou a me observar. Repirou fundo e foi expirando devagar quando me ajoelhei à sua frente. Segurei seus quadris e a puxei para mim, colocando a boca sobre a pele macia acima do seu umbigo. A Cora ficou sem ar e enrolou os dedos no meu cabelo. Apertei a curva suave dos seus quadris.

– Fui eu que pus esse bebê aí, Cora. Quando quiser conversar sobre ele, dividir o seu encantamento, é só me chamar, tudo bem?

– Tudo bem, Rome.

Dei mais um apertão, só para ela ter certeza de que eu falava sério. Como eu já estava de joelhos, resolvi tirar proveito da situação. Enfiei a ponta da língua no seu umbigo, e a Cora tremeu.

– Eu te amo, Peso Pena. Amo esse bebezinho. Você entende como eu me sinto em relação a tudo isso?

A Cora balançou a cabeça, mas eu estava descendo a língua pelo seu corpo, e acho que ela perdeu o dom da fala. Dei uma sopradinha no meio das suas pernas e vi que ela estava ficando toda molhadinha, pronta para mim.

– Sei que a gente ainda não está na mesma página, Cora. Mas a gente está lendo o mesmo livro. Uma hora você vai ter que virar essa página, entende?

A Cora puxou meu cabelo com mais força e, na hora, me dei conta de que não ficaria de joelhos por nenhuma outra mulher da face da Terra. Só para essa menina bocuda de olhos diferentes. Faço qualquer coisa que ela me pedir. E ela não precisa me pedir nada.

– Entendo, Rome.

E entende mesmo. Essa garota pode fazer o que quiser comigo e eu podia provar isso para ela naquele mesmo instante, já que estava pelada e molhadinha.

CAPÍTULO 15

Cora

– Por que você simplesmente não admite que está mudando de assunto e que a gente só vai encontrar uma casa quando nosso filho já estiver caminhando?

O Rome parecia decepcionado, e eu não podia culpá-lo. A gente tinha ido olhar três casas naquela manhã, antes de eu ir trabalhar, e não gostei de nenhuma. Não conseguia explicar que tinha um ideal de como um lar deveria ser, que queria ficar com ele e criar nosso filho. Passei tanto tempo pulando de casa de parente em casa de parente quando meu pai servia no exterior que sabia exatamente o que queria e não ia me contentar com menos, por mais que o Rome fique mal-humorado. Não estava só procurando uma casa, estava procurando um lar para constituir a minha família. E ainda tinha que me livrar do medo que me impedia de ir fundo.

– Tenha paciência, grandão. A gente vai achar um lugar. Além do mais, essa última casa só tinha garagem para um carro, e você sabe tão bem quanto eu que não quer deixar a Harley estacionada na rua.

O Rome bufou, e fiz uma careta. Estava feliz porque a picape dele finalmente tinha voltado do conserto. Ele não queria que eu ficasse montada na moto nas minhas atuais condições, e era uma tortura para ele andar no meu carro. Pelo menos agora a gente não ia ter que brigar quando o Rome fosse me largar no estúdio a caminho do bar.

– Mas eu deixo a moto na rua.

– Só que fica reclamando o tempo todo. E olha que ainda nem começou a nevar.

Como o Rome sabia que eu tinha razão, só bufou de novo e ficou tamborilando os dedos no volante. Ele tem andando tão sem paciência comigo. Não abertamente, mas percebo que fica chateado toda vez que diz que me ama

e eu não falo nada. Só que não consigo. Quero muito. Tenho certeza de que amo esse homem mais do que já amei qualquer um, mas falar isso... Simplesmente não consigo. Ver esse homem, esse guerreiro, de joelhos na minha frente, pronto para me dar tudo o que eu sempre quis... Sei que preciso superar isso. Esquecer meu medo e saber que o Rome Archer nunca vai me magoar como o Jimmy me magoou. Não posso dizer isso para ele, mas sei que posso demonstrar meus sentimentos. E foi por isso que pedi emprestadas as plaquinhas dele de identificação do exército.

Eu estava mudando de assunto porque havia cansado de discutir por causa da casa, por mais que ele fique *sexy* assim, todo irritado.

– E aí? Você vai me emprestar ou não?

– Não entendo o que você quer com elas.

Me surpreende o fato do Rome não usar mais as plaquinhas. Elas foram parte do seu uniforme por tanto tempo. Pensei que, já que ele manteve o corte de cabelo e a rotina pesada de exercícios, continuaria a usá-las. Além do que, iam dar um charme naquele pescoço grosso. Acho que um dia vou pedir para ele pôr as plaquinhas. Só elas e nada mais.

– É segredo. Prometo cuidar bem delas, tratar com todo o respeito e reverência que merecem. Para de ser Capitão Sem Graça só porque a gente não concorda a respeito da casa e passa as plaquinhas para mim.

Tentei falar isso baixinho, com uma voz sedutora, mas não consegui fazê-lo mudar de humor.

O Rome me olhou de canto e parou a picape gigante na frente do estúdio. A sala de espera já estava lotada. O Nash estava do lado de fora, fumando um cigarro, e acenou para nós.

– Estão na minha gaveta das cuecas, dentro de uma caixa. Pode pegar a próxima vez que for lá em casa. Depois que usar, é só pôr no mesmo lugar.

Dei uma risadinha, abracei o pescoço dele e o puxei para perto de mim, para dar um beijo. Por mais que não estivesse lá muito feliz comigo, o Rome nunca me impedia de fazer carinho. É que nem os gigantes gentis das histórias infantis. Mas nunca vou ter coragem de dizer isso na cara dele.

– Por que você tem uma gaveta de cuecas? Você nunca usa cueca!

Ele encolheu os ombros e me deu um beijo.

– Tenho um lugar para guardar as cuecas justamente porque nunca uso uma.

– Você é muito esquisito.

Abri a porta e desci do carro. Ia mandar um beijinho ou, quem sabe, fazer um gesto obceno só de birra. Mas tinha esquecido a bolsa na picape, e o Rome fez a fofura de descer e trazer para mim. Aí só dei mais uns beijos no rosto dele. O Nash deu risada do escândalo que eu estava fazendo, e o Rome rosnou perto da minha boca e passou a mão na minha bunda. Então ouvi uma voz que pensei que nunca mais ia ouvir na vida:

– Cora?

Como estava na ponta dos pés, voltei para o chão, olhei por trás da parede humana que é meu namorado e vi a última pessoa que esperarava ver de novo na face da Terra. O Rome me apertou, como um reflexo, e o Nash chegou mais perto da gente. Meu homem me apertava cada vez mais, e me virei para encarar o pior dos meus erros. Atrás de mim, o corpo do meu namorado ficava cada vez mais tenso. Ainda bem que ele não falou nada. Dava para sentir a irritação dele cortar o ar, e o Jimmy deu um passo na nossa direção, meio hesitante.

O Jimmy envelheceu bem. Estava menos magrelo, mais cheinho. Tinha mais tatuagens no braço e no pescoço do que eu lembrava. Ficavam bem para ele. Aquele cabelo castanho-claro estava meticulosamente desarrumado, com um gorro de lã xadrez todo descolado. Parecia um típico gato do Brooklyn, e odiei ver uma expressão de arrependimento genuíno nos seus olhos castanho-escuros.

– Jimmy... O que você está fazendo aqui?

– Ãhn... Você não respondeu nenhum dos meus e-mails, e o seu pai se recusou a me passar seu telefone. Eu só... – aí ficou sem voz, e percebi que ele estava olhando para o Rome, não para mim. Soltou um suspiro profundo, sacudiu a cabeça e continuou: – Eu queria te ver. Só para encerrar esse capítulo e te falar que sinto muito, muito mesmo, pelo que te fiz passar. Sei que é meio tarde, mas precisava fazer isso, agora que sei quanto foi errado.

O Rome, que já estava com o corpo todo tenso, virou uma estátua. Me

soltei dos seus braços e cheguei mais perto do meu ex. Estava ficando surda, porque o sangue subiu para a minha cabeça. Meu passado ali, me olhando na cara, brilhava tanto que fiquei cega. Acho que o Nash me falou alguma coisa, acho que o Rome me chamou, mas só consegui ver o Jimmy, pensar em tudo o que eu queria ter feito com aquele cara, nas coisas que gostaria que ele tivesse se dado conta cinco anos atrás. Ver o Jimmy me mandou de volta para o passado, mesmo com aquelas mãos fortes tentando me segurar no presente.

Movida pela minha raiva antiga e pela vergonha, dei um soco no estômago dele, o mais forte que consegui. Estava devendo essa para ele, mas não me senti melhor. Para falar a verdade, toda a dor da traição que eu sentia estava começando a sumir, porque era simplesmente ridículo o Jimmy achar que eu queria ouvir o que ele tinha para me dizer. Ele soltou um gemido e se encolheu todo. Me deu vontade de dar um soco na cara dele também, mas o Nash me segurou e me entregou para o Rome, que estava rindo e segurou meus braços desajeitados. Senti o calor que subia pelos meus ouvidos diminuir um pouco. Eu devia estar morrendo de alegria de ter escapado daquela vida que ia levar se ficasse com um sujeito como o Jimmy. Só que toda aquela ambiguidade e dor tinham afetado minha habilidade de me entregar ao homem que era tudo para mim neste momento, e fiquei com raiva do Jimmy por causa disso.

– Vai se foder, Jimmy. Não preciso das suas desculpas. Não preciso de nada que venha de você. Na minha opinião, você levou exatamente o que merecia. E está perdendo seu tempo aqui.

O Rome soltou um urro, bem macho alfa *sexy*, e fez carinho no meu braço. Eu estava tremendo e fiquei puta de o Jimmy ainda conseguir mexer comigo daquele jeito. Pedir desculpas por ter despedaçado meu jovem coraçãozinho em mil pedaços era simplesmente ridículo. Até parece que existem palavras que podem fazer o tempo retroceder e curar todo o estrago que esse sujeito me fez e que poderiam dar um jeito nos meus problemas com o Rome.

– Você merece levar muito mais porrada. Mas, no estado em que a Cora está, não vou deixar ela bater mais em você.

O Rome parecia ainda mais irritado.

O Jimmy arregalou os olhos, depois baixou o olhar para a minha barriguinha

visível. Não estava enorme, mas estava mais redonda. Era visível que eu estava grávida. Me deu vontade de bater nele de novo quando ele olhou para o Nash e perguntou:

– Você engravidou ela?

O Nash quase engasgou de rir e apontou para o Rome com o dedão.

– Olhe para o homem que a está segurando, gênio. Não para mim.

Quando viu o ar protetor do Rome atrás de mim, o Jimmy arregalou ainda mais os olhos. Olhou para mim, para a minha barriga, depois olhou de novo para a expressão agressiva do homem que estava atrás de mim. Me irritou tanto ele ter achado que o Nash era o pai do meu filho, só por causa da aparência do meu amigo. Como é que eu nunca me dei conta de como é horrível e superficial? Como me apaixonei por ele? Que nojo!

– Sério, Cora? O que foi que te aconteceu, caramba? Isso não tem nada a ver contigo. Você era legal e divertida. A Cora que eu conheço me perdoaria em um piscar de olhos, e a gente teria ido tomar uma cerveja e dar risada, em nome dos velhos tempos. Você me amava.

Que desplante. Como é que pude pensar que um imbecil desses era o homem perfeito para mim? Entendi a indireta. A Cora de antigamente ficaria de quatro só para ter a oportunidade de ficar com ele de novo, e ele ia me usar em uma trepada rápida para aliviar o ego ferido. Eca! Não, obrigado.

– *Você* aconteceu, Jimmy. E ainda tem a coragem de falar que eu te amava? Que tal eu te falar que não consigo amar mais ninguém por sua causa? Cadê a desculpa, o arrependimento por isso?

Senti o Rome respirar fundo atrás de mim. Sabia que precisava parar, que estava correndo o risco de estragar tudo o que era importante para mim. Mas estava tão furiosa, presa naquele ciclo de passado e futuro, raiva e remorso, que não tinha como voltar atrás.

– Cora... – falou, esfregando a nuca e olhando para os próprios pés. – A gente era novo. Eu era imaturo. Nunca quis te magoar daquele jeito. Você foi meu primeiro amor. Não dá pra gente ir tomar um café e conversar? Sinto muito mesmo.

– Não. Não é porque você sente muito que sou obrigada a aceitar suas

desculpas. É uma bosta você ter vindo até aqui para se sentir absolvido, mas não sou eu que vou fazer isso. Não te devo nada. Nunca devi. Você foi um imbecil por não enxergar que eu estava te oferecendo tudo e resolveu jogar tudo fora. Nunca mais, Jimmy. Nunca mais vou fazer isso – baixei um pouco a voz, sentia meu peito ofegar. – A vergonha, perder a única família que eu achava que tinha... Fiquei perdida, fiquei procurando por uma perfeição que nunca vou encontrar. Por sua causa, não acredito mais em ser feliz para sempre.

Quando terminei de falar, o Jimmy tremeu, e me senti libertada. Mas minha satisfação foi breve. Se desintegrou quando me dei conta do que tinha acabado de dizer. Senti um aperto no peito, mas era tarde demais. Não podia mais retirar minhas palavras. Virei para o Rome e vi que seus olhos azuis tinham uma expressão distante e vazia. Seu rosto estava sério.

Por cinco anos, precisei daquele momento para poder esquecer. Só que, agora que a raiva estava começando a passar, me dei conta de que as palavras duras que disparei em um ataque de fúria tinham atingido o alvo errado.

O Rome me ofereceu o mundo mil vezes e, mesmo assim, fiquei com o pé atrás. Nunca falei claramente para ele por que tinha tanto medo de entregar meu coração e acabei confessando tudo justo para o sujeito que menos merece consideração no mundo. O Jimmy pode ter estragado minha capacidade de amar livremente, mas eu tinha que me responsabilizar pelo meu medo de me entregar para o Rome. Sei que a gente foi feito um para o outro e que não deixar esse homem se aproximar de mim era uma covardia só minha.

– Cora...

O Jimmy nem teve chance de dizer mais nada, porque a tolerância do Rome acabou. Ele passou por trás de mim muito mais rápido do que um homem daquele tamanho deveria conseguir e pegou o Jimmy pelo colarinho da camisa descolada com botões de pressão perolados. O Jimmy foi arrastando a ponta das botas moderninhas pela calçada, com os olhos arregalados. Engoliu em seco, e o Nash deu risada.

– Você não está ajudando, Nashville – falei.

– Nem quero, Tink. Deixa ele lutar com o urso. Está merecendo.

– A Cora disse que não tem mais nada para te dizer. Fim de papo. Se quiser

continuar a conversar, vai ter que ser comigo. Passou muito tempo para você, mas eu acabei de chegar. Não vou deixar você sujar minha história com ela nem ficar perturbando a cabeça da Cora – disse o Rome. Aí sacudiu o Jimmy como se ele fosse um boneco de pano, e tive que me segurar para não rir. – Ela vai ser mãe do meu filho. Amo essa mulher. E, nessa conjuntura, não tem espaço para você aparecer aqui e tentar fazer a Cora se sentir responsável pelo seu orgulho ferido nem pela sua mágoa. Se você não fosse tão cuzão, talvez não tivessem te fodido desse jeito. Fui claro?

Nunca tinha visto aquele lado do Rome. Ele sempre foi meio perigoso, meio tenso, como se tivesse pronto para começar uma briga a qualquer instante. Tenho que admitir que fiquei fascinada. E não me surpreendi de ver o Jimmy ficar sem ação diante da ameaça que o Rome representava. Duvido que muitos homens fariam diferente. O Jimmy só balançou a cabeça, e o meu namorado deu um empurrão nele. O Jimmy cambaleou na calçada e olhou para mim de novo.

– Se é que te interessa, agora eu entendo o quanto te magoei. Você sempre mereceu coisa melhor.

Bufei e disse:

– Eu só mereço o melhor e acabei de encontrar. Adeus, Jimmy.

Nós três ficamos observando ele ir embora. Eu, com uma nova clareza em relação aos meus sentimentos; o Nash, sem disfarçar a alegria. Quando olhei para o Rome, tudo o que senti foi medo de as minhas palavras duras terem se materializado no seu olhar sério. Ele estava bravo. Mais do que isso, estava magoado, e eu não podia culpá-lo. Queria fazer carinho nele, tentar aliviar a dor que causei sem intenção. Só que aqueles olhos cor de safira brilharam para mim, e senti que a raiva queimava nos seus músculos tensos e na sua expressão impassível. Dei um passo para trás e gelei quando ele fez a mesma coisa. Não era mais para existir essa distância entre a gente.

– O que foi isso que acabou de acontecer aqui, Cora? – perguntou ele, entredentes.

Pisquei de surpresa, e ele continuou:

– Achei que, esse tempo todo, não conseguia dizer que me ama e que estava

com dificuldade de encontrar uma casa para morar comigo porque ainda tentava lidar com o trauma que esse imbecil te causou quando te traiu. Achei que podia te esperar, que você me encontraria sozinha, e acabei de ver você aniquilar com a única desculpa que eu tinha para você não se entregar a mim. Você acabou de falar para aquele idiota que nunca vai conseguir amar outro homem por causa do que ele te fez. Ouvi em alto e bom som.

Estiquei o braço para tocar no Rome, minha mão tremia. O Nash se encolheu quando o Rome deu mais um passo para trás. Isso não podia estar acontecendo.

– Rome...

Tentei fazê-lo se acalmar, explicar minhas palavras, falar que ele não estava entendendo, mas o Rome não deixou. Sou muito boa com as palavras, mas elas tinham se tornado meu pior inimigo naquele momento. Se eu tivesse conseguido dizer que o amo, ele não estaria reagindo daquela forma. É claro que eu o amo. Só estava apavorada.

– Relaxa, amigo. A Cora acabou de ser emboscada pelo ex. E está grávida. Respira fundo e se acalma.

– Eu sei que ela está grávida, Nash. Acho que tenho alguma coisa a ver com isso. Mas não posso me entregar, mostrar meu lado ruim e machucado, se tudo o que for receber em troca será apenas o que você não tem medo de me dar. Não sou o Jimmy, não vou te decepcionar daquele jeito, e achei que tinha te provado isso um milhão de vezes. Se você não consegue se apaixonar por mim por causa do que aquele imbecil te fez há cinco anos, qual de nós dois não está completamente envolvido neste relacionamento, Cora?

Além da raiva no tom da sua voz, pude ouvir o seu coração se despedaçando. Por causa do meu medo e da minha hesitação. Não podia pôr a culpa em mais ninguém, só em mim mesma. Só que, por mais que eu tentasse, não conseguia pronunciar as palavras que ele precisava tanto ouvir. Eu amo mesmo o Rome, mas não era assim que eu queria revelar esse sentimento. Ele nunca iria acreditar em mim se eu falasse isso só para acabar com aquela briga feia.

Ouvi a porta do motorista bater, e o Rome foi embora roncando motor e

cantando pneu. Fiquei feliz por ele não estar de moto. Teria sido muito mais perigoso e assustador.

O Nash me puxou para perto, e encostei a cabeça no peito dele.

– O Rome vai se acalmar. Acho que ver o Jimmy foi um choque tão grande para ele quanto foi para você.

– Ele tem razão. Devia ter falado como me sinto há séculos. Só que eu não conseguia. Estava com medo de dizer que amo o Rome e tudo acabar. Eu ia ficar destruída se as coisas não dessem certo entre a gente. Ele vive me falando que eu encho o mundo dele de cor, mas ele faz a mesma coisa comigo. O que eu sentia pelo Jimmy era bege, o que sinto pelo Rome é uma caixa de lápis de cor inteira. Eu nunca deveria ter sido tão criança, deveria ter falado. Ele é o homem perfeito para mim, Nash.

O Nash soltou uns palavrões e se virou, para entrarmos no estúdio.

– Quando duas pessoas sentem isso uma pela outra, dão um jeito de ficar juntas. Que nem o Rule e a Shaw e o Jet e a Ayden. Vai dar tudo certo. Prometo. Aliás, foi um belo soco no estômago. Mas você devia ter acertado o nariz do imbecil.

Esse comentário teria me dado vontade de dar risada, mas sentia que tudo o que tinha de mais precioso estava girando naquela nuvem de ira que levou o Rome embora. Tem que dar certo, não tenho outra opção. Ele é o único homem que eu quero, só preciso parar de ser bobona e falar isso para ele. O Rome tem razão: pedi que se entregasse por inteiro, e ele fez isso sem pestanejar. E só queria uma coisa de mim, ouvir que o amo do jeito que ele me ama, e não consegui fazer isso. Sou uma bosta. Além do mais, estou de saco cheio do palhaço grandão sempre ter a última palavra nas nossas brigas. Isso é muito irritante.

– Queria ter certeza de que você vai conseguir cumprir essa promessa, Nash. Não fale nada para os meninos. Pode contar do Jimmy, porque vocês são mais fofoqueiros que menina adolescente, mas deixe a parte do Rome de fora. Preciso consertar essa burrada sozinha.

E vou consertar, porque não há outra opção. Nem para mim nem para o meu filho.

Quando passei pela porta, todo mundo queria saber o que tinha rolado. Deixei o Nash contar e perguntei se o Rule podia ir conversar comigo lá nos fundos.

Meu amigo foi atrás de mim, com uma cara de total confusão, mas fez a gentileza de não me interrogar.

– Aquele sujeito era o Jimmy.

– Foi o que eu pensei. Acho que o Rome deixou bem claro que é para ele te deixar em paz.

– É. Também deixou bem claro que, se eu não parar de me fechar toda, vou ficar sozinha.

Achei que o Rule ia ficar todo indignado por mim, mas não ficou. Espremeu aqueles olhos claros, e fiquei toda nervosa. Me senti um inseto sendo observado no microscópio.

– Que foi? Pare de me olhar desse jeito.

– De que jeito, Cora?

– Jeito de que está me julgando. Fiquei torcendo por você quando você estava todo perdido por causa da Shaw. Pode parar.

– O homem te ama, Cora. Não é piada. Meu irmão nunca se dedicou tanto a alguém que não fosse da família.

– Eu sei. Estou tentando melhorar, tá bom? Não quero viver sem ele.

– Você ama o meu irmão, Tink? Por que, se não, mesmo que isso o mate, você precisa cair fora agora. Não pode fazer isso com ele.

– Rule... – disse. Aí soltei um suspiro e comecei a andar para lá e para cá. – Eu queria um homem perfeito, achei que seria mais seguro, que ia evitar que meu coração fosse partido de novo. Só que isso só acabou me isolando, me deixando com medo de dizer para esse homem maravilhoso que eu o amo. Achei que conseguiria demonstrar meus sentimentos, que ele simplesmente saberia, sentiria que o que eu sinto sai por todos os meus poros. Ferrei tudo e não sei se ele vai me deixar consertar a situação.

Comecei a chorar. Meu amigo soltou um palavrão e me deu um abraço que quase esmagou minhas costelas.

– Tudo se conserta nesta vida. O Rome teve a mesma reação quando a Shaw

contou o segredo do Remy para nós. Só que, daquela vez, ele contou com a minha raiva idiota para continuar emburrado. Ele vai sair dessa, e sei quanto meu irmão precisa de você. O amor é algo muito assustador. É preciso ter nervos de aço para encarar, e todo mundo sabe que você tem.

Não queria dar risada, mas fui obrigada. Me afastei do Rule, passei a mão no rosto e falei:

– E eu que achava que era durona, mas seu irmão me transformou em uma montanha de geleia.

– Perto dele, todo mundo fica parecendo um *marshmallow*.

Endireitei minha blusa e tentei parecer apresentável antes de voltar ao salão.

– Quero que você desenhe uma tatuagem nova para mim. Foi para isso que te chamei aqui, não para ficar chorando em cima de você como uma criançona.

Meu amigo levantou a sobrancelha que tem um *piercing*, olhou para mim de cima abaixo e perguntou:

– Mais flores?

Falei que não, e expliquei o que eu queria. Fiquei feliz quando ele arregalou os olhos e um pouco do gelo de sempre derreteu para dar lugar a uma expressão de admiração.

– Vai ser uma honra. Só me avise quando você estiver pronta.

Inclinei a cabeça para o lado, dei uma piscadinha e respondi:

– Preciso fazer seu irmão me perdoar primeiro.

– Ele vai.

– Todo mundo fica falando isso. Só espero que vocês tenham razão.

CAPÍTULO 16

Rome

TODO MUNDO NO BAR estava ficando bem longe de mim. Cheguei cuspindo fogo Sabia que a minha raiva não era proporcional ao que tinha acontecido. Como o que aconteceu quando a Shaw contou o segredo do Remy. Mas não estava conseguindo me segurar. Parecia que estava perdendo o controle das coisas, como se o que eu estivesse tentando construir com a Cora começasse a desmoronar bem na minha frente. Estava nervoso daquele jeito por causa do meu orgulho ferido, do meu sentimento de perda, e sabia que estava prestes a surtar de vez.

Tentei me convencer de que a gente não conseguia encontrar uma casa que agradasse aos dois porque um era muito diferente do outro. Quando me dei conta de que a Cora não conseguia dizer que me ama, me convenci de que era porque ainda tinha medo, por causa do trauma que o Jimmy causou. Tentei acreditar que ela ficava assustada ao pensar em ficar comigo para sempre porque ainda estou instável e tentando me acertar com a minha família. Mas tentei mostrar para ela, em todas as minhas atitudes, toda vez que aparecia uma lembrança sombria ou que eu tinha um sonho torturante, que estou melhorando. Depois de a Cora encarar o ex, dispensar o imbecil dizendo que ele é insignificante, que não tem importância, que é irrelevante, minha garota não tinha mais uma muralha de desculpas para se esconder de mim. Não conseguia entender o verdadeiro motivo para a Cora não sentir por mim o que sinto por ela. Até ouvir que o sujeito a transformou em uma pessoa incapaz de amar de novo. Sabia que ela estava escondendo alguma coisa, entendia o medo, só que me senti impotente e furioso ao pensar que essa mulher me forçou a me expor, a revelar tudo o que tenho de pior, sem se arriscar nadinha. Não é justo. Isso não é jeito de a gente ficar junto.

Por mais que tenha me sentido tentado a pegar uma garrafa de vodca e ir para os fundos do bar afogar minhas mágoas, sabia que isso não ia me levar a lugar nenhum. Então resolvi me manter ocupado e tentei não descontar em ninguém. O Asa estava do meu lado e era uma boa influência para mim. Não sei por que todo mundo acha que ele tem um caráter duvidoso. Até agora, só me ajudou. Considero meu amigo. Quando recebi um torpedo da Cora, às dez horas, dizendo que estava no estacionamento e que queria conversar comigo, dei um sinal para o Asa, apesar de o bar estar lotado. O público de sexta era de dar orgulho, mas eu estava tão nervoso por causa de uma certa loira maluca que nem estava prestando atenção.

Sabia que a Cora não queria entrar no bar por medo de que eu fizesse uma cena ou preocupada que eu pudesse agir de modo intransigente e irracional. Já dei motivo para ela acreditar nisso, o que me faz sentir um completo imbecil. Minha garota não ia precisar ficar no estacionamento como uma covarde, como se tivesse feito alguma coisa errada. Se não sente por mim o que sinto por ela, eu ia ter que aceitar e seguir em frente. Se tem uma coisa que ela me ensinou é que não tem nada de errado em esperar aquilo que você acha que merece. Eu quero a Cora, quero viver com ela e o bebê, mas a garota precisa me querer também, o mesmo tanto. Se não, para mim não serve.

Enxerguei aquele carro verde parado do lado da minha picape. Quando a Cora viu que eu estava indo na sua direção, desceu e veio até mim. Ia dizer para ela entrar comigo, que ia pedir para a Darcy fazer um lanche enquanto a gente conversava. Mas não consegui, porque comecei a ouvir o ronco de uma Harley e pensei "ai, merda". Vi a Cora olhar em volta, senti o tempo parar, como acontece quando o perigo ronda o ar, e fiz o que fui treinado para fazer. Sei reconhecer o som de tiros. Sei não entrar em pânico, mas nunca tive tanto medo na minha vida. Já tomei muitos tiros. Só que nunca precisei me preocupar com a possibilidade de alguém que amo levar um. Nunca me movimentei tão rápido.

Eu corri pelo asfalto como se fosse feito de lava incandescente. Precisava alcançar a Cora antes que ela fosse atingida pela primeira bala. Joguei a cabeça para trás e, na mesma hora, começou a correr sangue pelo meu pescoço,

encharcando a gola da minha camiseta. A Cora arregalou os olhos, mas não deu tempo de eu dizer nada. Tive sorte de ela ser um alvo pequeno, porque o próximo tiro também foi certeiro, assim como o terceiro. Consegui derrubar a Cora no chão comigo. Já tinha tomado outros tiros, mas sempre estava com roupa à prova de balas para diminuir o impacto. A sensação daquelas balas entrando na minha pele desprotegida parecia a cauda do satanás entrando em mim. Minha carne queimava, e o ar fresco da noite logo começou a cheirar ao odor acre do meu sangue. Era muito sangue. Fluía de mim, manchava a Cora e o asfalto. Como pude me esquecer que tinha um motoqueiro raivoso querendo se vingar de mim? A Cora não devia ter ficado sozinha naquele estacionamento.

O corpo dela estava inteiro debaixo do meu. Dava para sentir a Cora tremendo e sussurrando meu nome perto da minha garganta. Rezei para não ter caído em cima dela com muita força, mas não conseguia me mexer para conferir. Para falar a verdade, eu sabia que tinha que sair de cima dela, para não esmagar a garota contra o chão, só que nem meus braços nem minhas pernas me obedeciam. Aquele rosto lindo aparecia e desaparecia na minha frente à medida que o ar entrava e saía dos meus pulmões, que pareciam cheios de cimento. Eu estava sufocando. Estava sangrando. Estava com dor no corpo todo, mas a Cora estava olhando para mim. Em estado de choque e com medo, mas viva. Tão cheia de vida e de cor, e só isso tinha importância.

– Cora...

Queria pedir desculpas para ela. Dizer que nunca ia deixá-la, nunca, mas não dava para fazer isso. Eu estava desmaiando. Sentia o sangue formar uma poça embaixo da gente. Sentia meu corpo imóvel queimar em vários pontos. Acho que a Cora gritou meu nome diversas vezes. Acho que ouvi o Asa dizer que ia ligar para a ambulância. Tenho quase certeza de que a minha fadinha se agarrou em mim com toda a força, mas eu não conseguia sentir nada. Também tinha quase certeza de que a minha namorada ia me ver morrer, e a última coisa que ouvi antes de apagar foi ela dizer que me amava sem parar.

– Você sempre tem que bancar o herói, né?

Ele falava em tom de brincadeira, mas fazia tanto tempo que eu não o via que só

consegui ficar de boca aberta, em estado de choque.

– Remy?

– Quem mais? Que confusão é essa em que você se meteu, hein?

Tentei sacudir a cabeça, esticar o braço e tocá-lo, mas só consegui olhar para o meu irmão, andando para lá e para cá na minha frente, com as mãos dentro do bolso da calça risca de giz impecável. Ele estava com a cara boa, bem melhor do que eu esperava de alguém que havia morrido há cinco anos.

– Você está bonito, irmão.

Ele sorriu para mim. Um sorriso tão diferente do sorriso do Rule. Senti um aperto no peito. Sinto tanta falta do meu irmão.

– Sempre fui bonito, Rome. A gente precisa ter uma conversa séria, irmão.

– Sobre o quê?

– Sobre você.

– Que tem eu, Remy?

– É sério que você duvida que eu sabia, sem sombra de dúvida, que você me amava, Rome? Que você tinha orgulho de mim?

Senti meu peito queimar, bem no lugar do coração.

– Eu devia ter te falado. Não devia ter te pedido para cuidar daqueles dois. Fui egoísta.

– Ah, Rome...

Suas palavras pareciam um suspiro, mas não sabia direito o que estava acontecendo nem onde eu estava. Pode ter sido só o ar escapando dos meus pulmões que já não funcionavam direito.

– Sempre ficava tão orgulhoso quando você me pedia para cuidar do Rule ou da Shaw. Queria dizer que você confiava em mim, que acreditava que eu podia ser tão bom quanto você nesse quesito. Essas palavras significavam muito mais para mim do que você pode imaginar.

Levei um minuto para processar essa informação e ouvi meu irmão dar risada. Ele parecia feliz, sem nenhum arrependimento.

– Essa menina, pela qual levou três tiros, é perfeita para você – como não era uma pergunta, não me senti obrigado a responder. – Você não acha que ela te ama? Não acha que está sofrendo neste minuto? Posso te garantir que não é porque está com medo de

criar essa criança sozinha. Ela está com medo por você. Com o coração partido por sua causa.

Tentei fazer uma careta, mas não tinha controle dos músculos do meu rosto.

– Ela nunca me disse nada.

– Mas você não sabe, mesmo assim, Rome? Eu também sabia que me amava, não tinha dúvidas. Nem sempre a gente precisa declarar o nosso amor. A Shaw sempre amou o Rule e nunca disse uma palavra. Mas, se ele tivesse se dado ao trabalho de olhar, teria visto esse sentimento brilhando nela como um farol. E a gente pode dizer o mesmo da sua pestinha. Está estampado na cara dela, Rome. Você só precisa enxergar através do medo, do seu e do dela, para perceber.

Àquela altura, o meu peito (pelo menos eu achava que era meu peito) estava ardendo. Entendo tudo de medo. Medo do desconhecido, de não ser bom o suficiente, de não ter nada a oferecer. Tinha a esperança de esconder bem esse sentimento, mas nunca parei para pensar que a Cora também podia estar se escondendo atrás de uma nuvem de terror. Nossas experiências nos tornam o que somos. O que fazemos com esse conhecimento define quem seremos. E, em algum momento, fiquei tão perdido pensando "e se..." que esqueci disso.

– Eu devia saber.

– Você ainda tem tempo de consertar as coisas.

– Tenho?

Meu irmão deu risada de novo, e senti um calor tomar conta de mim, um sentimento de tranquilidade pousando sobre meus ombros.

– Alguém tem que consertar essa situação. Sabia que conseguiria. O amor nunca é perfeito, irmão. O jeito com que você encara as imperfeições é que faz a brincadeira valer a pena.

– Conheci o Lando.

Ouvi de novo aquele som, que poderia ser um suspiro ou outra coisa.

– Foi com ele que eu aprendi que o amor incondicional existe, Rome. O Lando merecia coisa melhor que os meus segredos. Para ser sincero, todo mundo merecia. Estamos sempre mudando, nos transformando, crescendo. Logo você vai ser pai, marido, depois tio e, lá para frente, avô. Você nunca é a mesma pessoa. Isso é que é viver.

Se eu pudesse controlar qualquer parte do meu corpo, abraçaria meu irmão e não o

deixaria ir embora nunca mais. Mas, do jeito que eu estava, meu corpo começou a arder por dentro, e aqueles olhos claros foram ficando cada vez mais borrados e distantes, e eu queimava por dentro como se estivesse no meio de um incêndio.

– Ah, Rome...

Tentei focar minha atenção nele, mas estava ficando cada vez mais difícil. A dor começava a me torturar, e eu tinha vontade de gritar.

– Remy é um nome incrível, para menino ou menina. Não é por nada.

Mais senti do que vi ele desaparecer. O calor, a alegria que era meu irmão sumiu, e fiquei só com o meu corpo ardendo de tanta dor, sangrando onde não deveria sangrar.

CAPÍTULO 17

Cora

Não lembro muito bem o que aconteceu depois que caí no chão, com o peso todo do Rome me esmagando no asfalto duro. Em um segundo estava sentada no carro tentando resolver o que ia dizer para consertar aquela confusão e, no seguinte, estava acordada no meio de um dos pesadelos dele.

Mandei um torpedo para avisar que estava do lado de fora do bar, e aí fiquei esperando, ansiosa, ele me responder. Minha boca grande tinha magoado a única pessoa que eu não queria magoar, e precisava consertar aquilo. Mesmo que ele me ignorasse. Estava decidida a entrar naquele bar e obrigá-lo a falar comigo. Só que, no fim das contas, estava me torturando à toa, porque só levou um minuto para aquela silhueta inconfundível passar pela porta e vir andando na direção do meu carro. Eu estava nervosa mas, mais do que isso, estava cheia de remorso. Nunca devia ter me apegado tanto ao que o Jimmy fez comigo e usado isso como desculpa para blindar meu coração contra todas as coisas maravilhosas que o Rome estava me oferecendo.

Tinha acabado de passar pelo capô do meu carro quando, de repente, ouvi um ronco bem atrás de mim. Virei a cabeça para ver o que era, porque o som era muito alto. Mas, antes que eu conseguisse virar para trás completamente, fui atirada no chão e fiquei surda com um *bang-bang-bang* que parecia uma explosão de fogos de artifício muito mais barulhenta. Caí no chão com um grunhido e me agarrei no Rome, porque seus olhos azuis estavam arregalados, e um tufão de pânico e medo estava passando pelo seu rosto.

– Rome?

Chamei seu nome porque ele não estava se mexendo e senti uma coisa molhada e quente enxarcar a camiseta dele, bem onde eu estava segurando.

Ele mexeu os lábios. Disse meu nome, meio sufocado, mas o som não saiu.

Alguma coisa quente, com cheiro acre, pousou na minha bochecha. Veio escorrendo do pescoço dele e manchou meu rosto. Seus olhos brilharam, pareciam uma chama se apagando, e, quando vi, estava presa embaixo dele e ele tinha perdido todas as forças. Nós dois ficamos cobertos pelo sangue, que começava a formar uma poça no chão. Não conseguia pegar o celular, não conseguia me mexer. Apesar de inconsciente, apesar de estar furioso comigo, magoado pelas minhas palavras egoístas e sem consideração, ele ainda estava tentando me proteger e proteger nosso filho.

– Rome! – gritei, agarrada nele. – Você precisa abrir os olhos, meu amor. Anda, grandão.

Fiquei gritando seu nome sem parar, mas ele não se mexia, não tinha nenhuma reação. Sei que só levou um minuto, mas pareceu uma eternidade, até aquela cabeça loira do Asa aparecer por cima do corpo imóvel e falar que tinha chamado a polícia, que a ambulância já estava a caminho. Três fregueses precisaram ajudar a tirar o Rome de cima de mim, até porque eu não queria soltá-lo. Eu estava chorando e com as mãos tão ensanguentadas que ficava difícil segurá-lo enquanto tentavam nos separar e pressionar as feridas que faziam o líquido vital do Rome encharcar o chão.

Acho que o Asa passou a mão nos meus ombros, que não paravam de tremer, e tentou me dizer que ia ficar tudo bem, mas eu sabia que ele estava mentindo. Com o rosto cheio de lágrimas, todo manchado com o sangue do Rome, pude ver que ele ainda não mexia os olhos, e que aquele peito enorme não subia nem descia. Ele ia morrer bem na minha frente, e eu nunca mais ia ter a chance de dizer que o amo. Não podia deixar isso acontecer de jeito nenhum.

Me soltei do Asa e fui correndo até onde as outras pessoas estavam tentando desesperadamente fazer o Rome parar de sangrar. A lateral do pescoço dele parecia um hambúrguer cru, todo aberto, encharcando o chão de sangue. Caí de joelhos, sem me importar quando senti o asfalto me esfolar toda, e pus as mãos nas suas bochechas.

– Rome, por favor, abra os olhos, por favor. Te amo tanto. Preciso de você. Por favor, grandão.

Eu estava soluçando e acho que não falei coisa com coisa. Ouvi sirenes ao

longe, vindo na nossa direção. A ambulância estava muito distante para poder ajudar naquele momento.

– Eu te amo, eu te amo, eu te amo.

Fiquei falando sem parar, tentando fazê-lo respirar. Porque era verdade. O medo de entregar meu coração para ele porque não sabia direito o que aquele homem poderia fazer não chegava nem perto do medo asfixiante que eu tinha de ele não sobreviver. Ele sempre foi um herói e, naquele momento, eu o odiava tanto quanto o amava. Se o Rome não fosse tão perfeito, tão honrado, tão dedicado a mim e ao filho, não estaria ali, deitado em uma poça de sangue. Era tudo tão errado.

– Por favor, não parta meu coração, Rome. Não posso fazer isso sem você.

Em algum momento, a polícia e os paramédicos chegaram e, mais uma vez, tentaram me arrancar dele. Me abaixei e beijei sua boca. Chorei ainda mais quando senti que seus lábios estavam gelados.

Beijei o Rome, sentindo minhas lágrimas salgadas e o gosto de ferro do seu sangue, e sussurrei várias vezes que o amava. Tive que sucumbir às mãos impacientes da paramédica que me tirou de cima dele. Não conseguia tirar os olhos do seu rosto com ar de morto e do seu peito, que não se mexia.

– A gente cuida dele, querida.

Olhei para ela e falei:

– Ele tem que ficar bem.

– Vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para isso acontecer. Aquele gatinho loiro ali disse que você está grávida e pode ter se machucado. Precisamos dar uma olhada em você.

Sacudi a cabeça com veemência e respondi:

– Não. Só se preocupe com ele.

A médica abriu a boca para discutir comigo. Mas, de repente, ouvi um suspiro, e os olhos azuis do Rome se abriram e fecharam logo depois.

– Cora...

Foi só um sussurro, mas bastou para eu começar a gritar seu nome de novo e para todo mundo se movimentar mais depressa. Os paramédicos o colocaram em cima da maca e depois na ambulância, rapidinho.

Ninguém falou nada quando entrei na ambulância, meio cambaleando. Não ia ficar longe do Rome até ter certeza de que ele estava bem. Era tanto sangue, e ele não parava de sangrar pelos três buracos que tinha no lado direito.

A médica fez de tudo, colocou um soro no braço dele e começou a cortar as roupas do Rome para ver se conseguia estancar o sangue. Ficou falando com ele, repetindo que ele precisava lutar, que não podia me abandonar nem abandonar o bebê. Ficou falando do atirador e dos motoqueiros, mas mal consegui ouvir. Só queria que o Rome abrisse os olhos e olhasse para mim. Aí ela me pediu para eu segurar a mão dele, para o Rome saber que eu estava ali. E, mais uma vez, meu talento com as palavras me deixou na mão. Só conseguia olhar para o Rome e chorar. Aquele homem era tudo para mim, tudo o que eu sempre quis, e meu coração ia virar pedra se não conseguisse dizer isso para ele.

De repente, a paramédica soltou um palavrão e começou a se mexer em um ritmo frenético. Sua voz séria me tirou da minha nuvem de desespero. Falou que era melhor eu convencer o Rome a ficar acordado, porque o soldado cabeça-dura não estava dando ouvidos a ela. Apertei a mão dele, me inclinei em cima dele e beijei a cicatriz da sua testa. Falei tudo, implorei para ele abrir os olhos. Falei que tinha cumprido sua missão e lutado por mim e pelo bebê, e que agora estava na hora de lutar por si mesmo. Eu tiraria ele das garras da morte um milhão de vezes se fosse necessário. Achei que não estava adiantando nada, mas aí a ambulância parou no hospital, e ele abriu os olhos de novo. Não estava nada bem. Não precisava ser médico para ver que ele tinha perdido muito sangue, mas aqueles olhos brilhavam, olhando bem para mim. Então, fiz questão de dizer algo que realmente importava, caso aquela fosse a última vez que ele me visse. O Rome Archer não ia desmaiar de novo antes que eu falasse que o amo e que preciso dele. De jeito nenhum.

CAPÍTULO 18

Rome

– Pronto. Olha que olhos azuis mais lindos. Continue lutando, grandalhão. Estamos quase chegando ao hospital.

Não reconheci a voz da garota que disse isso. Ela pairava na minha cabeça, e não coseguia acompanhá-la. Meu corpo inteiro doía, e eu não conseguia respirar. Estava tentando fazer o ar entrar e sair, mas não estava funcionando. Ouvi vagamente as sirenes tocando em cima da minha cabeça e o barulho do rádio da ambulância. Só conseguia sentir a ardência da dor que ia do topo da minha cabeça até a ponta dos pés.

– Você tem uns amigos bem poderosos. O sujeito que atirou em você já está preso. Acho que ficou com medo do que os Filhos do Sofrimento iam fazer com ele se descobrissem que atirou em você. Então arrastou a bunda até a delegacia e se entregou. Imbecil. Aposto que não sabe quantos Filhos estão lá na cadeia cumprindo pena.

A garota não parava de falar enquanto se mexia ao meu redor. Não estava preocupado com o sujeito que atirou em mim, estava preocupado com a Cora. Não sabia se ela tinha sido atingida por uma das balas, não sabia se o impacto de quando a joguei no chão tinha sido muito forte, não sabia se o bebê estava bem... Os pensamentos ficavam girando na minha cabeça, e não consegui mais me segurar. A dor era muito forte. Não conseguia respirar e estava cansado. Tão cansado... Aí senti que o fogo que queimava minha pele começou a diminuir.

– Ei, soldado. Nada disso.

A moça levantou a voz e me bateu. Pensei ter ouvido outro som, um gemido ou choro de algum animal ferido, mas não conseguia virar a cabeça nem mexer os olhos para ver de onde vinha. Não conseguia nem abrir meus olhos. Senti alguma coisa segurar minha mão e apertar. Fiquei surpreso por conseguir

sentir isso no meio de todo aquele fogo que me consumia por dentro.

– Você não chegou são e salvo em casa para um imbecil qualquer te derrubar. Precisa lutar. Você tem que sair vencedor desta batalha. Lute.

A garota era boa. Se eu não estivesse às portas da morte, teria admirado muito mais seu trabalho. Não sei como sabia o que eu tinha a perder: minha mulher, meu filho, um futuro e uma família que eu estava finalmente, na pior hora possível, começando a entender que merecia. Valia mais do que a pena lutar por isso, mas estava tão cansado e precisava de ar. Era tão mais fácil fechar os olhos e deixar a dor e aquela ardência tomarem conta de mim.

– Droga, ele está desmaiando.

A voz estranha falou mais alto, e tudo ao meu redor começou a sumir de novo. Ouvi o Remy gritar comigo, dizendo para eu parar de ser imbecil, ouvi meu coração bater mais devagar e senti a dor me arrastar do fogo para um frio gelado.

– Querida, é melhor você convencer o seu namorado a continuar acordado, porque ele não está me dando ouvidos.

Senti uma pontada na lateral do meu corpo e no braço. A voz estranha desapareceu e foi substituída por aquela que eu estava procurando.

– Rome...

Parecia que a Cora estava chorando, mas eu não conseguia abrir os meus olhos.

– Anda, Capitão Sem Graça, preciso que você olhe para mim.

Ela parecia tão triste, tão assustada. Fiquei puto por não poder fazer nada para a Cora se sentir melhor. Queria olhar para a minha garota, mas era difícil. Meus olhos estavam tão pesados. Senti suas mãos macias passarem pelo meu maxilar, pela minha testa, por cima da cicatriz que tenho ali.

– Não tenho nem como agradecer por você ter salvado a minha vida se você não olhar para mim, grandão. Você nos salvou, eu e o bebê. Agora preciso que você se salve. Anda, Rome. Você não pode nos abandonar agora. Você precisa acordar para eu poder te dizer quanto eu te amo.

Nunca quis abandonar a Cora, nem quando eu estava bravo com ela e agindo feito um imbecil. Queria pedir desculpas por ter perdido o controle

como um esquentadinho qualquer, queria me certificar de que, se eu não sobrevivesse, minhas últimas palavras para ela seriam de amor, palavras que expressassem o quanto essa mulher me ajudou a me encontrar. Queria que ela soubesse que para mim ela é a mulher mais perfeita que eu poderia conhecer nesta vida. Mas simplesmente não conseguia. Meus olhos não se abriam. Meus braços e minhas pernas não funcionavam, e eu ainda precisava de ar, pois me sentia em um vácuo.

Uma coisa molhada e quente escorreu pelo meu rosto. Achei que era só mais sangue, mas aí ficou pingando, devagar e constantemente, e ouvi os soluços da Cora. Não queria que ela ficasse triste, por motivo nenhum. Queria que ficasse feliz e se sentisse segura, queria que soubesse que eu a amo. Precisei juntar todas as poucas forças que me restavam, todos os meus esforços, para abrir os olhos e olhar para ela. Quando fiz isso, a dor me atacou com tudo, tão forte que quase engasguei, e meus olhos se encheram de lágrimas. Nunca tinha sentido nada parecido. Me sentia virado do avesso e estava perdendo a noção da realidade muito rápido. Estava me afundando na dor e sufocando de falta de ar.

Seus olhos, o azul e o castanho, estavam úmidos. Ela estava chorando, e o cabelo estava manchado de rosa. Devia ser do meu sangue. Ela estava pálida como um fantasma e tocava meu rosto com as mãos trêmulas. Nossos olhares se cruzaram, e a Cora deu um sorriso vacilante.

– Por favor, fique bem. Você precisa ficar bem. Te amo tanto, Rome.

A Cora estava suplicando, mas eu não conseguia fazer nada para tranquilizar a minha garota.

A ambulância parou de se movimentar, e ouvi de novo aquela voz estranha.

– Chegamos. Precisamos levá-lo para a sala de cirurgia.

Me deu vontade de gritar quando os olhos exóticos da Cora foram substituídos pelos da moça. Estava me movimentando, mas queria ficar com a minha garota. O céu apareceu em cima da minha cabeça por um breve segundo, e depois só vi azulejos brancos e luzes industriais. Não vi mais a Cora, e ela era tudo o que eu queria.

– Achei que tinha dito para você parar de arrumar confusão com motoqueiros raivosos.

A enfermeira bonita de olhos cinzentos estava do lado da minha cama. Era mais conhecida, mas ainda não era quem eu queria.

– Estão prontos no centro cirúrgico. Podem levá-lo de volta. Precisamos nos preparar e sedá-lo como ontem.

Tinha vontade de gritar que queria minha garota, que ela precisava saber que eu ia ficar bem, mas me cutucaram e me espetaram mais. E aí não senti mais fogo nem gelo, só escuridão, e apaguei.

– ROME ARCHER, SE VOCÊ NÃO ACORDAR neste exato minuto para eu dizer que te amo juro que vou pôr nesta criança um nome ridículo, como Narciso ou Rover, e vou deixar seu irmão cortar o cabelo do bebê até ele ou ela ter idade para reclamar.

Estava conseguindo respirar de novo. Estava com dor. Muita, mas muita dor. Só que meus pulmões inflavam e desinflavam sozinhos. Abri um olho e, na mesma hora, me arrependi, porque a luz atrás da Cora me deu ânsia de vômito. Tentei falar alguma coisa, mas havia algo enfiado na minha boca, então só consegui olhar para ela e piscar. Ela era só uma mancha colorida na frente de um monte de coisa fora de foco.

A Cora ainda estava chorando. Ou, quem sabe, chorando de novo, mas tinha quase certeza de que tinha dito que me ama, então nem me importei. Senti a sua mão segurar a minha enquanto a enfermeira ruiva estava do lado dela, checando uma máquina que bipava bem em cima da minha cabeça.

– Aqui está ele. O senhor tem mais vidas do que um gato, sr. Acher. É mesmo um sujeito de sorte. Não é todo mundo que perde tanto sangue e consegue sobreviver. Falei para a sua namorada comprar vários bilhetes de loteria.

É claro que tenho sorte, mas não tem nada a ver com o fato de eu ter sido baleado e sobrevivido. Tem a ver com a mulher que segurava a minha mão e me olhava como se eu fosse uma espécie de milagre. A enfermeira se virou para a Cora e pôs a mão no ombro dela.

– Querida, ele acordou. Você precisa ir se cuidar, cuidar desse bebê. Essa é

uma vitória e tanto. Ainda não podemos tirar o seu namorado do respirador até termos certeza de que está estável. Ele não vai conseguir falar com você por enquanto. Além disso, a sala de espera está cheia de gente querendo vê-lo. O Rome não vai ficar sozinho. Prometo.

A Cora piscou. Estava péssima. Bom, estava maravilhosa e disse que me ama. Mesmo que fosse o efeito dos remédios para dor, tenho certeza de que ela disse isso, e já estava bom. A Cora sorriu para a enfermeira bonita e se abaixou para beijar minha têmpora.

A enfermeira deu um sorriso muito gentil. Era mesmo uma garota absurdamente bonita, e parecia que a sua bondade sincera transbordava por aqueles olhos cinzentos e suaves. Quando a Cora resmungou seu nome, meio irritada, achei que "Santa" combinava com ela. A moça tinha recebido a graça da paciência infinita.

– Eu sei, querida. Mas você não está ajudando ele, nem o seu bebê, ficando sem se cuidar. Já faz uns dois dias, bem. São ótimas notícias, pode acreditar. Ele não salvou sua vida para ter que ver você desmaiar e ficar em uma cama do lado dele. Confie em mim. Não é qualquer mulher que pode dizer que o namorado levou um tiro por ela – tinha uma certa inveja no tom da sua voz. – Você é tão sortuda quanto ele. Agora vai descansar um pouquinho. Eu cuido do seu amor.

Não consegui concordar nem discordar, mas aí a Cora ficou bem na frente da minha cara, e só consegui ver aqueles olhos de cores diferentes. O turqueza brilhava tanto que pensei ter visto seu coração ali. O castanho estava aveludado e quente, e vi meu futuro, claro como a luz do dia. Ela se abaixou e beijou a máquina de plástico que estava me ajudando a respirar. Acho que fiquei com ciúme do aparato médico. Passou o dedão na minha sobrancelha e sorriu para mim. O Remy tinha razão: as atitudes é que são importantes. Preciso prestar mais atenção.

– Você sempre ter a palavra final em todas as nossas brigas me deixava tão brava. Mas isso... Senhor Rome. Esse é um jeito meio radical de ter a última palavra – se eu estivesse em condições, teria dado risada. – Eu te amo. Preciso que você saiba disso. Por favor, saiba. O que eu disse para o Jimmy... foi imbecil e impensado. Banquei a burra, igualzinho a ele. Sempre te amei. Só era covarde

demais para admitir. Você é minha família, é tudo para mim, Rome. Você precisa saber disso.

Ela baixou um pouco a voz e ficou com os olhos cheios de lágrimas de novo. E eu só consegui piscar. Sabia disso muito antes de ela me dizer. Só estava sendo o mesmo sujeito teimoso e cego de sempre. A Cora me deu mais um beijo na testa, disse que voltava assim que pudesse e sumiu. Devia estar exausta, porque a minha garota não é de obedecer assim tão fácil.

A enfermeira voltou. Conferiu meus sinais vitais e escreveu no prontuário. Olhou para mim, deu um sorriso e disse:

– Essa sua namorada é um foguete. O pessoal da emergência estava tirando no palitinho para ver quem ia lá dar notícias suas para ela e para a sua família. Acho que ficaram com medo.

Era bem coisa da Cora.

– Uma bala atingiu seu pescoço e não perfurou sua carótida por milagre. Outra esmigalhou sua costela e perfurou seu pulmão. E a terceira se alojou na sua coxa, a poucos centímetros da artéria femural. Você está parecendo um queijo suíço, mas tem muita sorte de estar vivo.

Então pôs o prontuário na beira da cama e cruzou os braço. Levantou a sobrancelha ruiva e disse:

– Quando se sobrevive a uma coisa dessas, não dá mais para perder tempo. Espero que saiba disso. Se você quiser, posso pedir para o resto do seu fã-clube entrar, uma pessoa por vez.

Eu não queria resistir e não resisti à entrada do meu pai e da minha mãe, ao choro e aos xingamentos deles por cinco minutos. Meus olhos pesavam bastante e eu estava tomando muitos remédios para dor e para perda de sangue para aguentar. Então, mais uma vez, me deixei levar pelo torpor. Da próxima vez em que consegui abrir os olhos, acho que era tarde da noite. As luzes do quarto estavam apagadas, e o único som que eu ouvia era o bipe contínuo das máquinas que ficavam medindo minha frequência cardíaca. Tinham tirado o respirador, mas eu ainda estava cheio de tubos. Não tinha a menor vontade de mexer qualquer parte do meu corpo que não fossem meus olhos.

– Já estava na hora de acordar, cuzão. Faz uma semana que estou esperando

para te falar que estou puto contigo.

O Rule parecia mesmo muito puto, mas também triste e preocupado. Não sabia por que ele estava no meu quarto tão tarde, mas meu irmão nunca foi de deixar os outros ditarem seus atos.

– Entendo por que você fez isso, Rome. Entendo que você não podia deixar nada de mal acontecer com a Cora ou com o bebê. Mas, pelo amor de Deus, você parou para pensar no que ia acontecer comigo se tivesse que enterrar outro irmão? – ele ficou sem voz, e eu nunca quis tanto pedir desculpas para ele, oferecer algum tipo de conforto, mas só consegui piscar bem rápido. – Juro que, quando você melhorar, vou te encher de porrada, e você vai deixar.

Eu teria dado risada, mas achei que isso ia me virar do avesso.

– A Shaw e a Ayden tiveram que se juntar para convencer a Cora a ir para casa tomar um banho. Você devia ter visto o estado em que a garota ficou. Tinha mais sangue seu nela do que no seu corpo. Todo mundo ficou preocupado, achando que ela fosse desmaiar. Não deixou nenhuma das enfermeiras chegar perto e, se você tivesse morrido... – meu irmão teve que limpar a garganta para conseguir continuar –, se você não tivesse sobrevivido, Rome, não sei se ela teria. A garota estava um caco. Ela torcia tanto para você dar a volta por cima que todo mundo teve certeza de que não ia ter jeito de você não conseguir. Ainda bem que você é guerreiro, irmão. Eu não ia querer uma namorada sua puta e grávida me assombrando para o resto da vida.

Foi bom ouvir isso, mas ele nem tocou no assunto de que a Cora me ama. O Rule se levantou e ficou perto da beirada da cama. Aqueles olhos claros estavam vermelhos, e meu irmão estava com a barba por fazer há vários dias. Estava acabado. Queria contar que tinha visto o Remy, que entendia tudo agora, mas ainda não conseguia fazer minha boca e minha língua funcionarem. Meu irmão balançou um pouco a cabeça e passou os dedos tatuados com o nome do Remy nos meus.

– Obrigado por não ter morrido, meu irmão.

Não tinha de quê, mas ele ia ter que esperar até eu melhorar um pouco para ouvir isso.

O Rule ficou falando comigo por mais uma hora, mesmo sem eu falar nada.

Contou que o Brite apareceu assim que me levaram para a cirurgia. Pelo jeito, a Cora foi falar com ele no minuto em que ele apareceu. Minha garota ficou puta porque o atirador estava a salvo, protegido pelos braços da lei. Aquela coisinha sedenta de sangue queria uma vingança brutal no melhor estilo dos motoqueiros, mas o Brite a acalmou. Também chamou o Rule em um canto e garantiu que, preso ou solto, o imbecil ia pagar pelo que fez. O Tocha e o pessoal dele vão dar um jeito nisso. O Rule ficou tão puto e tão revoltado que aprovou essa vingança no estilo "olho por olho, dente por dente". Mas eu só fiquei feliz porque a ameaça não existia mais. Não ligo de levar um tiro pela minha mulher. Se tenho mesmo sete vidas, acho que gastei a última dando esse show.

Meu irmão me contou que a Shaw está fazendo de tudo para evitar que a minha mãe se afunde de novo. Eu ter levado um tiro quase acabou com toda a melhora que ela teve desde que começou a fazer terapia. Os rapazes se revezam para ficar de olho em mim. Ou melhor, para ficar de olho na Cora, se não ela exagera. Não quer ir para casa, mas eles a obrigam, agora que não corro mais risco de vida. Contou que ela arrancou o *piercing* que o Nash tem no nariz, puxou o cabelo do Rowdy e deu um soco no estômago dele quando tentaram fazer ela ir embora. Foi engraçado, e fiquei feliz de ouvir isso.

O Rule ficou falando comigo até eu pegar no sono de novo e, quando acordei, tinha um médico me fazendo um milhão de perguntas. Só conseguia responder sacudindo a cabeça ou levantando o queixo. Todo mundo achava que eu era o filho da puta mais sortudo da face da Terra, que foi um milagre eu ter sobrevivido. A enfermeira bonita apareceu umas duas vezes. Me cutucaram e me espetaram tanto que nunca mais quero saber disso na vida. E aí a Cora chegou, parecendo um anjo *punk*. Queria conversar com ela. Mas, sempre que eu tentava, tinha um ataque de tosse que fazia meu pulmão ferido parecer cheio de lâminas de barbear e de arame farpado. Nem consegui dizer que levaria um milhão de tiros se fosse preciso para ela me olhar daquele jeito. Minha garota me deu pedrinhas de gelo e ficou me tocando quando conseguia passar as mãos pela grade da cama. Me senti melhor com isso do que com os remédios que a ruiva pôs no meu soro. Queria dizer muita coisa. Mas enquanto não conseguia,

só fiquei escrevendo que eu estava bem, que a gente estava bem, no bloquinho que arrumaram para conversarmos.

Depois do almoço, a Shaw e a Ayden apareceram e tentaram convencer a Cora a ir comer alguma coisa, mas ela se recusou. Tiveram que chamar reforços e, quando vi, meu quarto estava cheio de gente. O Rule e o Nash chegaram juntos. Logo depois vieram o Rowdy e o Jet. Mais uns quinze minutos, e meus pais apareceram. Mais dez, chegaram o Brite e o Asa. O quarto estava lotado, mas todos estavam muito gratos por eu estar acordado e consciente, mesmo sem conseguir conversar ou interagir,... Dava para sentir naquele ar esterilizado do hospital. Era quase uma comemoração. Só que eu é que estava estragando a festa.

A Cora segurou a minha mão e encostou a testa na minha. Seus olhos estavam logo acima dos meus, e a respostas para todas as minhas perguntas sobre o meu futuro estavam escritas ali. Eu poderia olhar para aqueles olhos todos os dias e ter a certeza de que, qualquer decisão que eu tome para fazer essa mulher feliz, garantir a sua segurança, vale qualquer sacrifício ou sofrimento.

Todo mundo conversava alto, e achei estranho a enfermeira sumir justo quando o Nash apareceu. Vai ver, ela não gosta das chamas que ele tem tatuadas na cabeça. Elas são mesmo intimidadoras. Mas isso não justifica o fato de ela ter saído correndo assim que o Nash disse um simples "oi". Se eu conseguir fazer meu rosto funcionar, vou perguntar para a enfermeira depois que todo mundo for embora.

– Todo mundo que é importante reunido em um lugar só.

Olhei para o meu irmão, que se debruçou do outro lado da cama de hospital e olhou para mim. Balancei de leve a cabeça, e seus olhos brilharam. Ah, Deus. Eu sabia o que ele queria dizer com aquilo. Deu uns passos em direção ao outro lado do quarto, onde a Shaw estava parada entre a Ayden e a minha mãe, e ajoelhou diante dela. Todo mundo, que estava conversando e rindo, ficou em silêncio.

A Shaw pôs a mão trêmula em cima da boca, e minha mãe ficou sem ar.

– Não trouxe um anel nem preparei um discurso bonito. Só sei que te amo

mais do que a minha própria vida e quero que todo mundo neste quarto saiba que quero ficar com você para sempre, Shaw London. Te amo. Casa comigo – bem a cara do Rule: não pediu, mandou. – Quero que você seja uma Archer. Seja minha.

Lágrimas cristalinas desceram pelos olhos verdes e brilhantes da Shaw, e parecia que ela ia desmaiar de tão chocada. Todo mundo segurou a respiração, porque a Shaw ainda não tinha dado uma resposta. Ficou só olhando para ele, que gritou tão alto que duas enfermeiras vieram ver o que estava acontecendo. A garota estava chorando e rindo tanto que parecia louca. Ia ficar presa ao meu irmão pelo resto da eternidade.

A Shaw se atirou em cima dele com tanta força que os dois caíram. Um "ooooooh" coletivo encheu o ar quando a Shaw começou a beijar meu irmão no rosto todo. Ninguém tinha dúvida de que ela queria tanto casar com o Rule quanto ele com ela.

– Sempre sua, Rule. É claro que caso com você. Nada vai me fazer mais feliz do que ser da família Archer. Não preciso de anel nem de discurso. Só preciso de você.

Apertei a mão da Cora. Todo mundo gritou de novo, e o Rule beijou a Shaw como se os dois estivessem a sós, e não em um quarto de hospital, cercados de amigos e familiares. Como tudo o que eu vinha aprendendo, era simplesmente uma perfeição imperfeita. A Cora me olhou e me deu um beijo na testa. Todo mundo foi dar os parabéns para o Rule e para a noiva. Fiquei feliz pelo meu irmão, orgulhoso. Ele fez a escolha certa, escolheu a mulher certa.

– Não ligo para o local em que a gente vai morar, Rome. Só quero estar com você. Me esforcei tanto para tomar decisões que evitassem que eu me machucasse de novo... Fui fraca, e isso causou muito sofrimento desnecessário para nós. Persegui esse meu ideal de perfeição por tanto tempo que não soube o que fazer quando ela bateu na minha porta. Você tinha razão: você é o homem perfeito para mim, porque sou tão imperfeita quanto você. Mas estar com você é a mais pura perfeição. Acho que eu estava apavorada com o que poderia acontecer se eu te desse o meu amor e você resolvesse que não queria mais nada. Nada se compara à sensação de ver a vida correr por esses seus lindos

olhos azuis. Achei que tinha te perdido para sempre, grandão, e meu coração parou de bater. Não estava partido nem magoado, simplesmente parou de bater porque achei que ia ter que seguir em frente sem você. Eu te amo, Rome. Não tenho mais medo de me entregar por inteiro. Te dou tudo o que tenho e mais. Tudo o que eu tiver, grandão.

Era só isso que eu queria ouvir. Que pena que eu ainda estava muito dopado e não podia falar um monte de coisa melosa e maravilhosa para ela. A Cora já tinha me dado muito mais do que eu podia querer. Essa mulher me devolveu meu próprio ser, ia me dar um filho, ia se entregar para mim, e era disso que eu realmente precisava. Como o Remy disse e como a própria Cora tinha me falado há tantos meses, ela tinha que *saber*. Assim como eu *sabia*.

CAPÍTULO 19

Cora

A Shaw estava radiante. E não daquele jeito "trepei e foi tãããããão bom" de sempre. Seus olhos verdes estavam radiantes, e acho que o seu sorriso era contagiante porque a Ayden não conseguia parar de sorrir, e eu não parava de rir. Não tinha como não reparar no solitário de diamante elegante e absolutamente perfeito, montado em uma base simples de platina, no dedo dela. Minha amiga estava feliz, e o Rule tinha acertado muito na escolha do anel: era combinação perfeita de classe e pedra gigante.

– É lindo. Estou tão feliz por vocês.

A gente estava no deque da casa da Shaw e do Rule, aproveitando para fazer um churrasco de outono antes do frio de outubro chegar. Desta vez, as coisas foram muito mais tranquilas do que da última. O Rome ainda estava de mau humor, mas isso tinha muito mais a ver com o fato de estar de muleta e de saco cheio da fisioterapia do que com ele estar de mal com o mundo. Estava espichado em uma cadeira de praia perto da churrasqueira, discutindo com o Rule sobre a melhor maneira de assar uns bifes e tomar cerveja. Ele não costuma se soltar desse jeito. Foi legal vê-lo com um sorriso no rosto, mesmo escondido atrás de uma barba por fazer, porque ele se recusa a me deixar ajudar a tirar.

– E vocês? Estão dando mais sorte na busca pela casa?

Sacudi a cabeça, tomei um gole de água e respondi:

– Não. Achei que eu é que estava complicando, mas agora é ele que não consegue se decidir. Nenhum lugar é seguro, nenhum bairro é bom. Estou quase estrangulando o Rome, e não só porque ele é o pior paciente de todos os tempos.

O Rome é guerreiro. Sua recuperação está sendo tão rápida que os médicos

e as enfermeiras ficaram abismados. Ele falou que não quer mais ficar no hospital, que queria ir para casa comigo, que essa era sua motivação para ficar bom logo. A bala que atingiu a perna deixou sequelas. Rompeu os músculos e tendões, impossibilitando ele de se movimentar de imediato. A costela quebrada dificulta os movimentos na hora de deitar e também prejudicou os movimentos do braço direito. Então ele fica de mau humor, e acho que está sexualmente frustrado porque o médico exigiu abstinência de pelo menos seis semanas, e ainda não passou nem metade desse tempo. O Rome parece um urso de pelúcia grandão e ranzinza.

Outra coisa que o incomoda é não poder passar tanto tempo no Bar. O Brite está cuidando do lugar até ele se recuperar. Em segredo, acho que o velho marinheiro se sente culpado pelo Rome ter sido ferido, apesar da sua proteção. Os dois têm uma ligação muito forte, e fiquei muito feliz por meu namorado poder contar com ele. O Brite fez o Rome conversar com o seu amigo depois do ataque. Nem deu chance de ele mergulhar de novo nas trevas. Resultado: desde que foi baleado, o Rome acordou suando frio e tremendo uma vez só. Nós dois achamos que isso é uma vitória. Mal posso esperar até meu homem ficar bom de verdade, para eu poder cuidar dele do meu jeitinho todo especial, para voltarmos a dormir exaustos e felizes. O Brite também apareceu no hospital enquanto o Rome ainda estava inconsciente, passando a mão na barba e com cara de cachorro que fez arte. Parece que o atirador saiu da cadeia sob fiança, mas não apareceu no dia do julgamento e ninguém mais o viu. Não sou uma pessoa vingativa. Só que, depois de ter sido banhada no sangue do homem que amo, não descarto a possibilidade de uma justiça brutal à moda dos motoqueiros.

A Ayden limpou a garganta e tomou um gole de cerveja. Ficou me observando com aqueles olhos cor de âmbar e disse:

– Por que vocês não ficam na sua casa mesmo? O Jet está pensando em transformar uma parte do estúdio em um *loft*, para ficar mais perto do trabalho quando estiver em Denver. É bem no centro, perto do meu trabalho e da faculdade. Além do mais, se ele fizer isso mesmo, vou poder vê-lo muito mais vezes quando ele estiver por aqui e tiver tempo livre.

Olhei para a minha amiga, meio chocada, e falei:

– Sério?

– Sério. Quero ficar com ele todo o tempo possível. Estou pensando até em trancar a faculdade por um ano para podermos viajar juntos. Ele vai para a Inglaterra no começo do ano que vem, e quero ir com ele. A faculdade pode esperar. Conhecer o mundo com o Jet é uma oportunidade que talvez eu não tenha mais quando tiver um emprego fixo.

Adoro a minha casa, adoro o meu bairro e, se os outros quartos ficarem vagos, vai ter muito espaço para mim, para o Rome e o bebê. Mordi os lábios e inclinei a cabeça para o lado, para olhar bem a minha amiga.

– E como vão as coisas entre você e o Asa?

O irmão da Ayden não estava no churrasco. Como era fim de semana, e o bar ia ficar lotado, ele se ofereceu para trabalhar, assim o Rome poderia ficar comigo e com o resto dos vagabundos. Estava rolando um amor de irmão entre o meu namorado e o conquistador do sul. Não questiono. Sei que o Asa pode ser desonesto e aprontar, mas o Rome só enxerga um colega de trabalho e um amigo. Para ser sincera, é fofo ver os dois, e tenho certa pena das meninas que frequentam o bar e tentam atrapalhar essa amizade. Acho que o Asa foi uma das poucas pessoas que não encheu o saco do Rome quando ele não estava muito bem da cabeça. Ficou só esperando meu amor voltar a ser ele mesmo.

– O Asa ainda está meio de mal comigo. Age como se estivesse tudo bem, mas sei que ainda não me perdoou. Não posso culpá-lo. Ele aparece de vez em quando, mas fica só falando com o Jet e finge que eu não estou lá. É gentil quando a gente se encontra ou fala ao telefone, mas magoei muito o meu irmão naquele dia em que o bar foi assaltado. Não sei direito onde ele está morando, mas parece feliz, então não me meto.

Dava para ver que a minha amiga estava chateada, mas não sabia o que dizer para ela se sentir melhor.

– Que pena, Ayd. Isso é um saco. Vou perguntar para o Rome se ele pode ficar lá em casa. Ia ser uma merda se vocês se dessem ao trabalho de se mudar e o Asa não fosse junto.

A Ayden balançou a cabeça, e a Shaw bateu na minha mão esquerda com o

dedo:

– E vocês dois, Cora? Não estão pensando em se juntar às trincheiras dos noivos?

Pus a mão na minha barriga, que não para de crescer, e senti algo tremer. Não foi justo o que aconteceu com o Rome, mas sei que meu filho está são e salvo por causa do papai. E, sempre que penso nisso, meu coração se enche de amor. Não preciso de um anel de noivado nem de casamento para isso ficar melhor do que já é.

– A gente já teve muita emoção para um período muito curto. Acho que só queremos que as coisas se acalmem e ter uma vida normal por enquanto.

A Shaw jogou aquela cabeça loira para trás e deu risada. A Ayden revirou os olhos.

– Cora, nada na sua vida é normal.

A Shaw não estava errada e, por isso mesmo, joguei a tampinha da minha garrafa de água nela.

– Cala a boca. Além do mais, você sabe que o Rome precisa ficar bom para ser padrinho do Rule. A gente já tem um casamento para se preocupar. Não precisa de outro.

O Rule queria esperar a Shaw se formar para casar. Mas a minha amiga não queria. Os dois chegaram ao seguinte acordo: vão fazer a cerimônia em dezembro (um casamento natalino), antes dela e da Ayden fazerem o último semestre da faculdade, na primavera. Era pouco tempo para planejar um casamento. Só que todo mundo ia ajudar e, com a determinação que a Shaw tem para entrar para a família Archer, não tenho dúvida de que vai dar tudo certo e ser maravilhoso. Não estava nada animada para usar um vestido de dama de honra estando do tamanho de uma baleia. Mas, pela minha amiga, valia a pena.

– E como foi que seus pais receberam a notícia?

A Shaw olhou para o outro lado, mordeu o lábio e respondeu:

– Pode ser, talvez, que eu ainda não tenha contado para eles.

A Ayden sacudiu a cabeça, e eu revirei os olhos. Então deu uma olhada séria para o anel no dedo dela.

– Está meio difícil de esconder esse anel, gata.

Ela ficou se mexendo, toda nervosa.

– Eu sei, mas não quero ter essa briga agora. Nunca estive tão feliz. Nunca, mas nunca mesmo, pensei que o Rule ia querer fazer uma coisa tão tradicional quanto casar. E ninguém, NINGUÉM mesmo, vai estragar minha alegria.

Entendi o que ela queria dizer e não queria estar na pele dela. Essa briga ia ser desagradável, e acho que todo mundo sabia disso.

Olhei para cima, surpresa, quando o Rowdy apareceu e pôs as mãos nos meus ombros.

– Tink, é melhor ir lá dar uma olhada no seu homem. Acho que a cerveja misturada com os remédios para dor derrubaram ele.

Me virei e vi o Rome apagado na cadeira. O Rule e o Nash estavam em cima dele, tentando decidir se a situação era preocupante ou engraçada. Bati nas mãos tatuadas do meu amigo e fiquei de pé.

– Minha vez de salvar o herói.

E é isso que a gente faz. Salva um ao outro. O Rome me obrigou a ver que viver com medo não ia me levar a lugar nenhum e que ficar me apegando a um ideal inatingível de perfeição era uma bobagem. E eu fiz ele se dar conta de que ele podia ser o que bem entendesse, e que isso bastava. Que não precisa ser mais nada além disso. Ele não é perfeito, eu não sou perfeita. Mas o amor que a gente tem um pelo outro... Nada é mais perfeito do que isso.

Fui dando umas cotoveladas para me enfiar entre o Rule e o Nash e me abaixei para pôr a mão na bochecha peluda do Rome. Ele não fica mal de barba. Para ser sincera, fica quase macho demais. E a última coisa de que esse homem precisa é acentuar sua masculinidade bruta e inegável. Gosto do seu rostinho bonito, sinto falta dele, agora que está escondido atrás desse monte de pelos.

– Anda, Capitão Sem Graça. Está na hora de ir para casa.

Ele bateu os cílios escuros e abriu aqueles olhos azuis que me deixam sem ar. Era estranho vê-lo assim, tão vulnerável, tão aberto. Mas o Rome nunca se escondeu de mim e, pelo jeito, também não queria mais se esconder de si mesmo. Tudo isso ficava bem claro pelo jeito como ele me olhava. Dava para ver tudo o que ele é: um herói, teimoso, pé no saco, um homem com e sem

planos... E eu o amo ainda mais.

Os dois meninos tiveram que ajudar o Rome a se levantar, e ele foi andando devagar até a picape. Por mais que dê trabalho e que tenha que usar todos os palavrões que conhece, ele insiste em andar no próprio carro, em vez de usar o meu, o que, na minha opinião, seria bem mais fácil. Mas ele vai ter que esquecer o ódio que tem do meu possante porque, logo, logo, vai ser muito difícil para mim subir nesse 4 x 4 enorme. O Rome não discutiu quando estendi a mão para ele me dar as chaves e joguei as suas muletas na parte de trás. Percebi que ele estava com dor porque espremia os olhos, apesar dos remédios e da bebida. Parecia que ele tinha exagerado um pouco.

Estiquei o braço, dei um tapinha no seu joelho e falei:

– Bom, quero te fazer uma pergunta.

O Rome me olhou nos olhos e rosnou. O Capitão Sem Graça tinha chegado com tudo.

– A Ayden me falou que ela e o Jet estão pensando em se mudar. Ele quer reformar o estúdio. O que você acha de ir morar comigo, na minha casa?

O Rome ficou quieto, e eu fiquei nervosa. Olhei para ele e fiquei surpresa ao ver que ele estava de olhos fechados, com a cabeça encostada no vidro. Achei que podia estar dormindo e tive uma sensação de *déjà vu* quando pensei em como é que eu ia fazer para carregar o Rome para dentro de casa.

– A gente pode diminuir só um pouquinho o rosa do seu quarto para as minhas bolas não caírem?

O tom debochado da sua voz me deu vontade de rir, e parei o carro em frente de casa.

– Claro que dá, grandão.

O Rome soltou um suspiro e começou a mexer aquele corpão imenso para sair do carro.

– Adoro a sua casa, Cora. É colorida e fofa, que nem você. Além do mais, é alugada, e a gente pode ficar aqui até decidir que quer comprar um lugar para morar para sempre. Por mim, tudo certo.

Fiquei tão feliz que nem sabia direito como me controlar.

– Por mim, também. E vou ficar muito feliz.

Fui na frente abrir a porta de casa. Quando entrei, o Rome foi atrás de mim. Fomos até o quarto, para ele poder se atirar na cama.

– Se te deixa feliz, Peso Pena, não precisa nem perguntar. É só isso que quero – passou o braço que não estava machucado em cima dos olhos, suspirou e disse: – Eu te amo, Cora.

Toda vez que ele diz isso, guardo suas palavras no fundo da minha alma, como se fosse um tesouro. Tenho um canto especial dentro de mim, cheio de coisas preciosas. Mesmo que não estejamos juntos há muito tempo, tenho amor guardado nesse cantinho para durar uma vida inteira. Sentei na cama, do lado do Rome, e fiz carinho na barba dele.

– Também te amo, Rome.

Agora era fácil dizer isso para ele, fácil entregar tudo o que, por bobeira, tive medo de entregar. Agora me dou conta de que o amor não serve para nada se você guardá-lo dentro de você. Ele só faz sentido, só tem força, quando se tem coragem de entregá-lo para outra pessoa guardar.

– Eu sei.

O Rome sempre me diz isso: "eu sei". Como se soubesse o que eu sinto sem precisar de palavras. Perguntei sobre isso, e ele sorriu para mim e disse que precisou que alguém mostrasse isso para ele. Quando perguntei quem, só me perguntou o que eu achava de chamar o bebê de Remy. Adorei.

– Também adoro o seu rosto e estou cansada de procurá-lo no meio desse monte de pelos. Sei que você ainda não está conseguindo mexer o braço direito. Por que não me deixa te ajudar a fazer a barba?

Passei o dedo na curva delicada da sua orelha, e ele baixou a sobrancelha que tem a cicatriz. Tinha esperança de que os remédios para dor e a cerveja iam me ajudar a convencê-lo.

– Você não gosta?

– Tenho saudade do seu rosto. É bonito demais para ficar assim, todo coberto.

– É por isso que você não me beija?

Fiz careta e me abaixei para dar um beijo na sua boca emburrada.

– Não. Não estou te beijando porque te beijar sempre leva a algo mais, e o

médico disse para não fazer isso de jeito nenhum. Não quero te machucar.

– Ficar sem beijo machuca, e nem te conto o que ficar sem sexo faz comigo.

Eu fazia ideia. Afinal de contas, também estava na abstinência. Mas a saúde e o bem-estar do Rome são mais importantes do que alguns orgasmos, por melhor que sejam os que ele me proporciona. Dei mais um beijo nele e me levantei da cama. Pus as mãos nos quadris e não pude deixar de notar que o Rome ficou olhando para o meu peito.

– Vou te preparar um banho de banheira. Você vai relaxar, e eu te ajudo a abandonar esse visual de mini Brite. O que você acha?

O Rome resmungou, disse que homens de verdade não tomam banho de banheira, mas não discutiu nem tentou me impedir quando fui para o banheiro e liguei a água. Quando voltei, ele já tinha tirado a camiseta e desabotoado a calça. Eu podia ficar olhando para ele para sempre. Mesmo com a cicatriz enorme na lateral do pescoço e o machucado feio perto da costela, o Rome ainda é a coisa mais linda que já vi na minha vida. Fiquei de boca aberta como uma imbecil, até ele rir de mim e me mandar ajudá-lo a se levantar. Deu um certo trabalho e, quando ele finalmente se livrou da calça, não tive dúvida de que quase morrer não tinha afetado em nada a sua libido.

Olhei para aquela ereção que apontava para cima, perto da sua barriga sarada, e depois para ele. O Rome encolheu os ombros e disse:

– Meu pau está pouco se fodendo para as ordens do médico.

Dei risada e o ajudei a entrar na banheira cheia de vapor. Ele é tão grande que a água transbordou. O Rome me olhou com uma cara de "te falei", mas encostou os ombros largos e fechou os olhos. Fiquei fazendo carinho na sua bochecha e no traço forte do seu maxilar, cobertos com uma leve camada de pelos. Peguei uma toalha úmida e passei em seus ombros e pescoço, tomando cuidado com as suas novas cicatrizes de batalha.

– Rome...

Ele abriu aqueles olhos inacreditáveis e achei que ia me afogar naquele azul todo.

– A gente pode não ser perfeito, mas é tão perfeito um para o outro. Queria que você soubesse disso.

Ele pegou a minha mão e colocou meu dedão na boca. Entre o calor da sua boca e as cócegas que a sua barba me fazia, comecei a duvidar de que ia conseguir me segurar.

– Engraçado como as coisas aconteceram, né?

O Rome fez carinho no meu braço, passou a mão no meu cabelo. Quando vi, estava com metade do corpo quase dentro da banheira, toda encharcada, grudada no peito e na boca dele. Era interessante beijar o Rome assim, peludo. Acho que me precipitei quando pedi para ele se livrar da barba. Ele passou a língua na minha, mordeu delicadamente a parte de dentro do meu lábio inferior. E me dei conta de que tinha me deixado na posição que queria usando apenas a mão que não estava machucada. Soldado esperto.

Saí de cima dele e sacudi a cabeça para tirar o cabelo da cara.

– O médico disse que não pode.

– Eu digo que posso.

Eu deveria ter resistido quando o Rome pegou a minha mão e pôs embaixo da água para segurar aquela ereção gigante. Tinha me convencido de que não queria machucá-lo, mas a verdade é que eu estava com saudade dele, de sentir seu peso na minha mão e no meu corpo. Dei uma apertadinha naquele pedaço impressionante de carne e mordi o lábio, enquanto tinha um debate interior, considerando o que era certo e o que era errado agora.

– Anda, Peso Pena. Só estou com um lado funcionando, tenho mais buracos do que um campo de golfe, e faz muito tempo que você não me vê pelado. Entra aqui e me dá um motivo para sorrir.

Meu Deus, como eu queria. Só que estava com medo de machucá-lo e não sabia como ele ia reagir ao ver minha surpresinha. Achei que ia ter mais tempo para mostrar e para convencê-lo aos poucos se ele odiasse. Mas o Rome estava com a mão boa dentro da minha blusa, apertando com força meus mamilos. Assim ficava difícil pensar.

– Rome...

– Cora...

Nem sei por que achei que ia conseguir resistir. Não tenho forças para negar nada para esse homem. Levantei um pouco e fiquei na beirada da banheira, do

lado do seu braço machucado. Pedi para o Rome encostar o pescoço na banheira e lhe dei um beijo longo e ardente. Tinha gosto de cerveja e eternidade.

– Não vai surtar quando eu tirar a blusa.

Ele levantou a sobrancelha da cicatriz, deu uma risadinha e falou:

– Já vi seus peitos que, milagrosamente, não param de crescer, Cora. Acho que não vou ter problemas.

Fiz careta e tirei minha camiseta sem mangas. Não tinha como não entender do que eu estava falando. O Rome ficou sem ar e depois soltou um palavrão, porque sentiu dor no lado que ainda estava cicatrizando.

– Ai, meu Deus.

A tatuagem era bem grande. Começava no meu ombro. A corrente era tão detalhada e realista que parecia ser possível tirá-la da minha pele. O Rule tinha tatuado bolinhas de metal que formavam um coração. O desenho passava por baixo do meu braço e subia pelas minhas costelas. As plaquinhas de identificação com todos os dados do Rome ficavam uma do lado da outra, no meio dos meus peitos. Ele estava lá, gravado na minha pele para sempre. Não encontrei uma maneira melhor de mostrar quanto ele é importante para mim e, pelo jeito, consegui o efeito desejado. O Rome me olhou nos olhos e, pela primeira vez, esse homem que sempre tinha a última palavra ficou em silêncio.

– Era para isso que você queria as minhas plaquinhas – estava com a voz rouca, não tinha como não perceber que estava emocionado. – Cora, isso é lindo.

E o jeito que ele ficou tocando a minha tatuagem também foi lindo.

– Foi o Rule que fez. Achei que ia ter mais tempo para te fazer uma surpresa. Queria ter te mostrado na época que eu não conseguia te dizer que te amo também – passei o nó de um dos dedos no ponto do pescoço dele, que ainda estava inchado, machucado e vermelho. – Você tem uma marca permanente na sua pele por minha causa, Rome. Queria fazer a mesma coisa por você.

Ele passou o braço bom ao meu redor e me puxou completamente para dentro da banheira. Ficamos nos abraçando e muito mais.

– Cora... Esta é a maior perfeição que duas pessoas podem alcançar.

E o Rome tinha toda a razão. Ele estava excitado e sexualmente frustrado. Não demorou para aquele abraço terno virar uma coisa muito mais sensual. Ele enfiou os dedos na parte de trás do meu *short* molhado e começou a brincar com a pele sensível do meu pescoço com a boca.

– Você vai ter que fazer todo o trabalho, Peso Pena.

E isso não ia ser nenhum problema. Não com aquele pau pulsante praticamente me chamando pelo nome e aqueles dedos me pegando justo onde eu mais precisava.

– A gente vai inundar o banheiro.

Ele se levantou e me ajudou a tirar o *short* e a calcinha. Uma onda de água cascateou para fora da banheira e se esparramou pelo chão.

– E daí?

O Rome estava todo macho impaciente, me pegando. Ele é grande, mas a banheira, não. Deu um jeito de me pôr bem onde queria. Tinha mais água no chão do que cobrindo a gente. Tentei apoiar a maior parte do meu peso nos joelhos e me preparei, me apoiando na porcelana e não nele, como sempre faço. Os olhos dele se acenderam quando nossas partes íntimas se encaixaram. Mudei de opinião sobre a barba quando ele fechou a boca no bico de um dos meus peitos. Fiquei sem ar. Fazia cócegas, mas não de um jeito engraçado. De um jeito "ai, meu Deus, não para".

Não foi muito fácil. Mesmo tomando todo o cuidado e sendo muito delicada, não tinha como não perceber que seus gemidos de prazer eram misturados com suspiros de dor. Transar com alguém de costelas quebradas não é uma boa ideia, mas meu homem não ia desistir. Sua determinação e perseverança são duas das coisas que mais amo nele, especialmente quando servem para ele ficar todo criativo com a mão que não estava machucada, tentando me distrair só para eu não desistir e poupá-lo de uma dor desnecessária.

Encostei minha testa na dele e levantei os braços perto dos seus ombros. A água que rodeava o ponto em que a gente se unia de um jeito tão íntimo estava quente. E o Rome estava mais quente ainda. Cada vez que eu subia e descia, fazia questão de que o brilho dos meus olhos transmitisse como eu me sentia.

Não estava apenas vendo meu homem e tudo o que ele representa: para mim, o Rome é a única coisa neste mundo que vale a pena olhar. Tive certeza de que ele sentia a mesma coisa, pelo jeito que me olhava fixo com aquelas profundezas azuis. E isso era inegavelmente precioso.

A gente nunca tinha transado de um modo tão lento e tão agonizante. Era muito desejo, que pulsava incessante no meio das minhas pernas, no meu pescoço. Existia um respeito no jeito que a gente se tocava, como se soubéssemos que a gente tinha muita sorte de ainda poder se tocar. Cada vez que ele passava a boca na minha pele, cada mordida que dava na minha carne macia, eu lembrava que quase tinha perdido esse homem, e essa experiência mudou a minha vida, me fez gostar mais dela. A cada vaivém da minha pele excitada contra a sua carne pulsante, a veia no seu pescoço e os músculos ao lado da sua boca se repuxavam. Foi a melhor tortura do mundo e, provavelmente, fez mais bem para ele do que qualquer remédio. Por mais que o Rome goste de comandar a trepada, não tinha como negar que estava precisando daquilo.

Como sempre, aquele jeitinho sensual de esperar só durou alguns minutos. O Rome espremeu os olhos, me deu um sorrisinho malicioso e enfiou aqueles dedinhos talentosos no meio da gente, segurando meu *piercing* e pressionando meu clitóris. Não tinha como resistir a esse ataque sexual, e ele conseguiu o que queria. Esqueci que a gente tinha que maneirar e mandei ver. Gozamos em questão de minutos. Foi mais um orgasmo suave do que a explosão de sempre. Mesmo assim, fiquei com os braços e as pernas dormentes e o corpo satisfeito de prazer. Tudo o que esse homem quiser me dar sempre vai acabar com os dois sorrindo.

Dei uma risadinha e encostei o rosto no seu ombro. Ele soltou meu *piercing* e foi subindo o dedo pelas minhas costelas, fazendo carinho de leve na minha tatuagem nova. Traçou seu nome com a ponta da unha, mesmo sem conseguir enxergar, porque eu estava completamente em cima dele.

– Você está bem?

O Rome resmungou e sacudiu os dedos do lado machucado, para conseguir alisar a minha coxa.

– Bem é pouco. Esses médicos não sabem de nada. Sexo cura qualquer coisa.

Soltei um suspiro porque, apesar de ter sido ótimo, seus olhos tinham uma expressão mais sombria do que o normal, estavam enevoados de desconforto e espremidos de dor. Tentei sair de cima dele com todo o cuidado, e o resto da água da banheira foi parar no chão. Sacudi a cabeça e me enrolei em uma toalha fofa. O Rome balançava o lado machucado, e o músculo definido da sua perna esticava e repuxava involuntariamente. Ele estava com uma cara de satisfação, mas parecia não querer se mexer.

Ele passou a mão no rosto peludo, me olhou com cara de interrogação e disse:

– Achei que você queria que eu tirasse.

Olhei bem para o Rome por um instante, depois estiquei as duas mãos para ajudá-lo a se levantar. A gente quase caiu na banheira, porque o chão estava todo molhado, e ele é pesado. Não sei como, mas consegui fazê-lo ficar de pé e enrolei uma toalha na sua cintura malhada.

– Acho que quero que você continue barbudo até que fique bom.

Levei o Rome para a cama e fiquei zanzando pelo quarto. Vesti uma calça de moletom e uma camiseta gigante para dar um jeito no tsunami que a gente deixou no banheiro. Sentia seus olhos me seguindo enquanto eu me mexia.

– Por quê?

Gelei por um segundo e olhei para trás. Será que ele ia me fazer explicar? Pelo sorrisinho na sua cara, dava para ver que ele já sabia.

– Por que o quê?

– Por que você quer que eu deixe a barba se não gosta dela?

O Rome sempre tem que dar a última palavra. Sentei na cama ao lado dele, puxei os pelos compridos do seu queixo, olhei bem no seu olho e falei a verdade:

– Porque faz cócegas. Quero saber qual é a sensação quando você conseguir passar essa barba lá embaixo, no meio das minhas pernas. Mal posso esperar, grandão.

Aqueles olhos azuis brilharam tanto, com tanto calor, que achei que ia começar a sair vapor dos pontos de pele ainda molhados. Ri e me levantei da

cama, mas ele me segurou pelo pulso. Me olhou sério, mas falou com um tom suave:

– Você é tudo para mim, Cora.

Fala sério... E eu que achava que ele não era perfeito... Se foi isso que a imperfeição me trouxe, sou a mulher mais sortuda do mundo. Ia dizer que acho a mesma coisa, mas o Rome me puxou para cima dele, sorriu e me disse para eu subir na sua cara, porque ia me fazer cócegas a noite toda. Me deu vontade de rir, mas estava excitada e brava. Porque, de novo, ele conseguiu ter a última palavra.

EPÍLOGO

Rome

No Dia de Ação de Graças

– A GENTE PRECISA IR PARA O HOSPITAL.

Larguei a chave allen que estava usando para montar o berço e fiquei de pé em um pulo. A Cora estava na porta do quarto do bebê, enrolando as mãos, toda nervosa.

– É o bebê?

Eu não queria perguntar. O pior passou pela minha cabeça, apesar de a Cora ter acabado de fazer um *check-up* e ter se mostrado um exemplo de saúde. A gente já sabia que ia ter uma menina, o que me deixou em choque e em estado de pânico permanente.

– Não, é o Phil. O Nash acabou de ligar. É grave. Meu pai já está na picape nos esperando.

O Joe, pai da Cora, finalmente veio nos visitar. Eu e o velho marinheiro nos demos bem, o que foi um alívio. Em vez de ir para Brookside com o Rule e a Shaw passar o feriado com os meus pais, a gente ficou em Denver e resolveu comemorar só nos três. A Cora tentou convencer o Nash a trazer o Phil, tio dele, mas o sujeito estava meio estranho. Ainda estava evitando o sobrinho e não aparecia no estúdio. E foi por isso que o Nash planejou uma invasão surpresa de Ação de Graças na cabana de pescador do tio, nos arredores de Boulder, a uns cinquenta quilômetros de Denver.

– Que foi?

A Cora sacudiu a cabeça, e a preocupação estava estampada naquele rostinho lindo. Dei um abraço apertado nela. Ela imediatamente me agarrou pela cintura.

– O Nash não sabia. Achava que não tinha ninguém na cabana. Mas, quando chegou lá, viu a moto do Phil. Arrombou a porta e encontrou o tio no chão,

inconsciente. Precisou ligar para a Guarda Florestal para pedir ajuda. Parece que trouxeram o tio dele para cá de avião. Liguei para o Rule, e ele e a Shaw já estão voltando. O Rowdy, o Jet e a Ayden estão no bar com o Asa, ajudando na comemoração de Ação de Graças dos veteranos, mas a festa já está acabando. A Ayden disse que encontra a gente lá. Mas, se a coisa é tão grave quanto o Nash falou, acho que não vai querer esse monte de gente no hospital. Meu pai e o Phil são amigos há muito tempo, não tenho como dizer para ele não ir.

– Se eu precisar interferir, Peso Pena, pode deixar comigo.

A Cora me apertou e colocou sua armadura de proteção. Minha garota é uma verdadeira guerreira, sempre pronta para entrar no campo de batalha e proteger quem ela ama de qualquer coisa. Dei uma última olhada para o delicado berço branco e saí do quarto atrás dela. Desarmar uma bomba é bem mais fácil do que montar móveis de bebê. Esse monte de pecinha não foi feito para ser manipulado por um sujeito que tem as patas que eu tenho. Pelo menos a Cora morre de rir toda vez que me encontra xingando e ameaçando objetos inanimados de morte.

A gente montou o quarto do bebê no quarto que era do Asa, o único quarto livre, porque o Jet e a Ayden ainda vão passar uns meses reformando o estúdio. O Jet viaja muito, e a Ayden está correndo tanto com o trabalho e a faculdade que quase não vejo os dois. Para falar a verdade, além da minha garota e da minha família, que vejo no *brunch* de domingo, a única pessoa que encontro mais é o Asa. Estou ocupado com o bar, que vive lotado, e ele é meu braço direito. Não sei se a gente se dá tão bem porque os dois são os irmãos mais velhos ou se é porque nós dois somos homens tentando redefinir nossa própria imagem e a imagem que os outros têm da gente. Mas o fato é que eu e ele nos damos superbem. Sei que ele é metido a esperto e apronta. As duas últimas brigas que rolaram no bar aconteceram por causa de garotas que ele abandonou sem mais nem menos ou que, antes de ir para casa, não lembraram que tinham namorado o conquistador sulista. Ele é uma encrenca, sem dúvida. Mas o Rule também era. Sei como lidar com isso e gosto de tê-lo como amigo.

Ajudei a Cora a subir na cabine da picape e corri para o hospital. Ela estava quieta, e o pai, tenso. Não me dei ao trabalho de falar amenidades, porque dois

militares não precisam ficar se enganando. Ninguém sabia qual era a verdadeira situação, mas o comportamento estranho do Phil, o jeito como ele vinha fugindo de todo mundo que o ama, não era bom sinal. Segurei a mão da Cora, que estava trêmula. Minha garota estava com medo, mas ia encontrar forças para enfrentar aquilo, como sempre.

Entramos no hospital atrás do pai dela. Ele tem um jeito sem papas na língua muito parecido com o da Cora. Com ele, chegamos muito mais rápido no pronto-socorro do que teríamos chegado se a gente estivesse sozinho. Entramos na sala de espera, e não teve como não reparar no Nash. Ele estava com aquela cabeça raspada com chamas tatuadas dos dois lados baixa e olhava bem nos olhos cinzentos da bela enfermeira ruiva. Meio que considero essa garota um talismã e fiquei feliz de encontrá-la. A Cora chamou o Nash, e ele levantou a cabeça e olhou para nós. Me deu um aperto no peito quando vi que o seu rosto ainda estava úmido de lágrimas. Aqueles olhos lilases estavam molhados de dor e de tristeza.

A enfermeira passou a mão na bochecha do meu amigo, e ele a segurou pela cintura. A garota disse alguma coisa, e ele balançou a cabeça com ar solene. Aí ela tirou a mão do rosto dele e foi andando pelo corredor, na direção contrária. Fiz sinal com a cabeça na direção em que ela seguiu e dei um tapinha no cotovelo do Joe.

– É melhor você ir falar com a enfermeira. Pode deixar que sua filha cuida do Nash. A Cora sabe como lidar com os meninos dela.

O pai da Cora balançou a cabeça uma única vez e foi atrás da enfermeira. Minha garota se soltou de mim e foi abraçar o Nash. Ele, que é superalto, tremeu todo e enterrou o rosto no pescoço dela. Não sabia o que fazer. Quando o Nash olhou para cima, cruzou o olhar com o meu e disse:

– É câncer. Uma porra de um câncer no pulmão. Estão chamando um oncologista, mas é bem grave.

Fiquei sem ar e vi que a Cora estava tremendo. Essa notícia não era nada boa.

– Amigão, sinto muito.

O Nash ficou piscando, parecia estar em transe, e se afastou da Cora. Passou

as mãos com força na cabeça careca e começou a andar para lá e para cá, como um animal selvagem enjaulado. Abracei a Cora de novo e fiquei fazendo carinho nas suas costas. Ela tinha enfiado o rosto no meu pescoço, e senti suas lágrimas escorrerem pela minha pele.

– Eu sabia que alguma coisa estava errada. Fazia meses que o Phil estava estranho, que não retornava minhas ligações. Estava todo animado, querendo abrir outro estúdio, e de repente sumiu do mapa. E eu fui deixando para lá. Caramba! Achei que o Phil estava de namorada nova e não queria que ninguém descobrisse. Mas não. Era um filho da puta de um câncer. De tanto fumar. Tudo por causa da porra do cigarro.

– Calma, Nash. Você ainda não sabe se é grave mesmo, se tem tratamento. Não se apavora antes da hora.

Meu amigo soltou mais uns palavrões e continuou a andar para lá e para cá. Aquela energia nervosa parecia uma descarga elétrica e fez os pelos do meu braço ficarem arrepiados. Queria poder dizer que tudo ia ficar bem, que ia dar tudo certo. Só que, antes que eu pudesse falar qualquer coisa, chegou uma mulher baixinha, de cabelo preto, vestida como se tivesse acabado de sair de um evento fino. Estava acompanhada de um homem que, obviamente, usa terno todo dia e ganha a vida mandando nos outros. Não sabia quem eram aqueles dois, mas a Cora ficou dura, e o Nash parou de andar. A cara que ele fez assustaria uma manada de elefantes desgovernados, mas não aquela senhora. Ela deu um gritinho e falou:

– Nashville! Ai, querido. O hospital nos ligou. Você está bem?

A mulher abraçou meu amigo bem apertado e não pude deixar de perceber que ele também a apertou. Olhou para mim, para a mulher de novo e aí deu um passo para trás. Olhei para a Cora, que falou baixinho "é a mãe dele", e prestei atenção no drama familiar. Perto daquilo, os Archer pareciam a Família Dó-Ré-Mi.

– O que você está fazendo aqui, mãe? Por que o hospital te ligaria?

A senhora ficou mexendo na alça da bolsa. Era difícil reconhecer o Nash nela, uma mulher baixinha e de pele clara. Meu amigo pode ter herdado o cabelo preto da mãe, mas era só.

– O meu nome consta em todos os papéis do Phil, como parente mais próximo. O hospital tinha que me ligar. Sou procuradora dele também.

O Nash fez cara feia e falou:

– Mas por que você? Por que o Phil ia colocar o seu nome nisso tudo, mãe?

A mulher deu um passo tenso para trás, se afastando do filho que, obviamente, estava enraivecido e com os nervos à flor da pele.

– Ele ia passar tudo para o seu nome quando recebesse o resultado dos últimos exames.

A sala ficou tão silenciosa que teria sido possível ouvir um alfinete cair. A Cora ficou sem ar, e eu a soltei porque tive receio de precisar segurar o melhor amigo do meu irmão.

– Você sabia? Sabia que ele estava muito doente?

A voz do Nash ecoou pelas paredes do hospital como um tiro. O sujeito que estava acompanhava a mãe do Nash – o marido dela, presumi – foi na direção do meu amigo, mas estiquei a mão, sacudi a cabeça e falei:

– Melhor não fazer isso.

O sujeito franziu o nariz e olhou para a minha mão como se ela estivesse suja de merda.

– E o senhor é quem?

Levantei a sobrancelha e respondi:

– Não sou ninguém. Mas, se você acha que vai se meter no meio dessa situação, posso ser o homem que vai ficar feliz de impedir.

Ele olhou para o alto da minha cabeça, para os meus ombros, depois para o meu lado, de onde a minha fadinha estava mandando um olhar mortífero, bem protegida nos meus braços. Pelo jeito, ele entendeu que eu falava sério, porque bufou e cruzou os braços, como uma criança emburrada.

– Nash...

A mãe do meu amigo quase implorou, mas ele não quis nem saber.

– Quanto tempo faz, hein mãe? Quanto tempo faz que o tio Phil está doente? É grave?

A mulher virou o rosto e mordeu os lábios. O Nash a segurou pelos ombros franzinos e a sacudiu. Por um segundo, achei que os seguranças do hospital iam

aparecer, ou os enfermeiros. Mas ficamos só nós e o Nash, que via a própria vida passar diante dos seus olhos.

– O Phil ficou doente no final do ano passado. Tiveram que remover uma parte do pulmão dele. Ele não queria que ninguém soubesse. Os médicos acharam que tinham contido o câncer, mas o tumor desenvolveu metástase e se espalhou. Seu tio está no terceiro estágio da doença. É possível que o câncer tenha se espalhado pelo sistema linfático. O Phil está esperando o resultado dos exames. E não queria que você se preocupasse, Nash.

Meu amigo soltou um monte de palavrões, bem alto. A Cora se afastou de mim e foi consolá-lo.

– Me preocupar? E você nem pensou em me dar um toque? Teria sido legal ficar sabendo antes de eu dar de cara com ele no chão e achar que o Phil estava morto. Jesus Cristo, mãe!

– Você precisa se acalmar.

– A última coisa que eu preciso é me acalmar. Por que o tio Phil contou para você e não para mim? Eu sou da família. Caramba! Sou mais filho que sobrinho dele.

A mulher se encolheu toda, e o homem de terno deixou escapar um barulho vindo da garganta. A Cora espremeu os olhos para a mãe do Nash e, bem nessa hora, o Rule e a Shaw entraram correndo bem no meio daquele inferno. A enfermeira bonita voltou, e o pai da Cora veio atrás.

– Mãe?

A voz do Nash era assustadora. Ele é um tipo tranquilo, mas parecia ser capaz de derrubar aquele hospital tijolo por tijolo. O Rule tentou dar um passo na direção do amigo, só que sacudi a cabeça. A enfermeira foi até o outro lado do Nash e pôs a mão no seu ombro. Ele olhou para ela, e alguma coisa estranha passou por aquelas profundezas lilases.

– Ele acordou e está perguntando por você.

– Por mim?

A enfermeira inclinou aquela cabeleira flamejante para o lado, piscou para o Nash e respondeu:

– Perguntou pelo filho. Só pode ser você, né? Os dois são idênticos.

A mãe do Nash soltou um suspiro de espanto e parecia que estava prestes a desmaiar.

– Caralho! – soltou o Rule, que levou uma cotovelada no estômago da Shaw, mais uma olhada feia do sujeito de terno.

– Nash – disse a Cora, com um tom sério e decidido –, agora não é hora. Você pode ficar sabendo dos detalhes depois. Isso não tem importância. Precisa aproveitar que o Phil ainda está vivo e se preocupar com o momento presente – seus olhos brilharam para mim, depois se voltaram para o Nash. – Além do mais, você não pode bater na sua mãe e sair impune. Eu posso.

A Santa – ainda acho que esse nome combina perfeitamente com a garota – pegou o Nash pelo braço e puxou ele para longe daquela confusão, causada pela bomba que ela mesma soltou.

– Eu cuido de você, Nash.

O tom da voz dela era gentil e, em vez da expressão fria e profissional de sempre, tinha algum outro sentimento brilhando naqueles olhos cinzentos.

– Mesmo?

– Mesmo.

Os dois foram até o posto de enfermagem, e todo mundo se virou e ficou olhando para a mãe do Nash. A Cora cruzou os braços e bateu o pé no chão. Se aquela senhora metida estava achando que tinha sido salva pelo gongo, estava muito enganada.

– O Phil é o pai do Nash, aquele pai que, teoricamente, o abandonou quando ele era bebê?

A mulher olhou para o marido, depois para cada um de nós. O Rule rosnou entredentes e foi andando na direção dela, até ficar cara a cara com ela. Vi que a senhora ficou com medo, mas eu não ia me meter.

– Como é que você deixou o Nash acreditar nessa mentira? Isso acabou com ele, fez meu amigo se sentir perdido a vida inteira. O Nash amou o Phil como se fosse pai dele esse tempo todo. Caramba! Todos nós amamos. E nenhum de vocês dois se deu o trabalho de contar a verdade! Vai se foder. E que se foda esse bosta que você escolheu para casar e por quem resolveu abandonar seu filho. É melhor você rezar para o Phil sair dessa, Ruby. Se não, vou espalhar seus podres

por todo o estado do Colorado.

Aquela mulher baixinha se ouriçou de um jeito que só as pessoas que se julgam superiores conseguem fazer.

– Não te devo explicações, Rule. Não devo nada para nenhum de vocês, meninos.

O tal marido passou por mim e foi ficar do lado dela. Os dois ficaram olhando para nós, como se a culpa de esse segredo ter vindo à tona fosse nossa.

A Cora voltou para o meu lado e se aninhou em mim.

– Você está enganada. O Nash é nosso, não seu. A gente o ama, cuida dele, e é a gente que vai ajudar o Nash a superar isso. Você nunca o quis, a gente quer. Acho que a senhora precisa ir embora. Sua presença não é necessária nem desejada.

O casal se ouriçou, e deu para ver que iam nos enfrentar. Mas aí o pai da Cora saiu de trás da nossa multidão raivosa e ficou entre a gente e os dois.

– Sei que vocês não me conhecem. Meu nome é Joe Lewis, e sou amigo do Phil há muito tempo – o casal até podia não conhecer o marinheiro, mas já tinha ouvido falar dele. E ficou óbvio que os dois desistiram de nos enfrentar. – Sei tudo sobre você, Ruby, e sobre você também, Grant. Conheço a história dos dois, conheço seu filho. Pode acreditar em mim: se querem ter alguma chance de fazer algo de bom para esse rapaz, vão virar as costas e deixar que a família cuide dele. Fui claro?

Pelo jeito foi, porque os dois deram uma última olhada feia para nós, se viraram e saíram da sala de espera sem olhar para trás.

A Shaw deu um assobio e sussurrou de mentira:

– Seu pai é durão mesmo.

Eu abafei o riso e dei um beijo no cabelo bagunçado da Cora.

– Você teve a quem puxar.

– E agora? – perguntou a Shaw, sentando em uma daquelas cadeiras de plástico desconfortáveis e pegando o celular.

– Se o Phil sobreviver, os dois podem se acertar. Se não, não sei – respondeu o Rule, com a voz meio tensa.

A Cora me deu um beijo no rosto e foi se sentar do lado da amiga. Meu

irmão levantou a sobrancelha, me deu um cutucão com o ombro e comentou:

– E o que é que está rolando com a enfermeira gatinha? Os dois se conhecem?

– Vocês dois estudaram com ela.

– Ah... não. Eu não estudei. Se tivesse estudado com uma gata dessas, me lembraria. Não conta para a Shaw que eu disse isso.

Bufei porque esse comentário é bem típico do Rule.

– Ela é a Santa – falei.

Meu irmão ficou confuso e franziu a testa:

– Ela é uma santa?

– Não, o nome dela é Santa. Mas acho que ela é *uma* santa também.

Espero que seja mesmo, porque o Nash vai precisar de muita ajuda para lidar com essa confusão toda. Óbvio que ele tem a gente, mas não dá para negar que uma santa pode ser bem útil.

Playlist do Rome

Deer Tick: "Twenty miles"
Faça o favor de ouvir essa música antes de começar a ler o livro... É total a música do Rome para a Cora... É perfeita!
The Gaslight Anthem: "Boxer"
Essa não se encaixa muito no gosto que o Rome tem pelo rock clássico. Mas, quando eu estava escrevendo, por algum motivo, toda vez que ficava travada ou imaginando qual caminho o grandão ia tomar, essa música fazia sentido.
Creedence Clearwater Revival: "Fortunate son"
The Rolling Stones: "You can't always get what you want"
AC/DC: "You shook me all night long"
The Weeks: "Sailor song"
The Clash: "Should I stay or should I go"
Eagles: "Take it easy"
Neil Young: "Rockin' in the free world"
The Kinks: "You really got me"
Pink Floyd: "Comfortably numb"
Tom Petty: "Free fallin"

Playlist da Cora

Nikki Lane: "Walk of shame"
The Detroit Cobras: "Can't do without you"
Devil Doll: "You are the best thing and the worst thing"
Sleater-Kinney: "You're no rock'n'roll fun"
Le Tigre: "Nanny nanny boo boo"
Bikini Kill: "Rebel girl"
Spinnerette: "Ghetto love"
Pretenders: "I'll stand by you"
Naked Aggression: "Pros and cons of dying"

Agradecimentos

VÁRIOS PROFISSIONAIS ME AJUDAM A FAZER O QUE FAÇO: minha agente, a Stacey; minha editora, a Amanda. Tem toda uma equipe na editora Harper Collins dedicada a garantir que minhas criações sejam refinadas e levadas ao leitor da melhor maneira possível. Tem sido um processo interessante e, muitas vezes, desafiador aprender como o mundo editorial funciona. Tenho uma equipe de divulgação que trabalha comigo e tenta dar aos meus meninos todo o amor e a exposição que merecem. São mulheres maravilhosas, gentis, fáceis de trabalhar, divertidas, uma grande fonte de informação e apoio. Não tenho palavras para expressar minha gratidão por poder passar a bola para elas de vez em quando... Lembrem que sou meio bobona.

Sinceramente, há momentos em que me dá vontade de fugir, porque é tudo novo e intimidante. Mas também é uma lição de humildade impressionante ter tanta gente acreditando que tenho talento para criar algo memorável e significativo. Nunca vou conseguir expressar minha gratidão por todas as experiências empolgantes que essa jornada me proporcionou e pelas pessoas fabulosas com as quais tive a oportunidade de trabalhar. Tenho muita sorte e preciso me lembrar todos os dias de parar para curtir tudo isso, porque sou tão boba que deixo passar batido todas as coisas boas que acontecem quando a gente cai de paraquedas em uma experiência nova.

Quero agradecer à minha lista habitual de personagens, não vivo sem eles. Minha família, minha melhor amiga, minha querida amiga Melanie, que tem vários apelidos, faz um milhão de coisas e é a pessoa mais gentil e atenciosa que já tive a oportunidade de conhecer. Nem sempre concordamos, mas acredito na sua sinceridade. A Melanie é uma ótima intérprete para todos os personagens malucos e para as histórias que ficam passando pela minha cabeça. É e, provavelmente, sempre vai ser minha melhor amiga no quesito livros...

Simplesmente me entende. E me empresta seu marido e suas incríveis habilidades em *design*.

Preciso fazer um agradecimento especial à minha mãe, por ser tão companheira. Minha mãe me deixou arrastá-la por todos os Estados Unidos este ano, enquanto eu me acostumava a aparecer em público e conhecer os leitores. Odeio andar de avião... ODEIO. Ela é incrível, porque vem comigo e torna minhas viagens menos horrorosas. Também me aguenta quando fico com os nervos à flor da pele e me transformo em um monstro bocudo e sarcástico. É a melhor mãe do mundo. É tão bom saber que, depois de passar o dia trabalhando, conhecendo pessoas e andando para lá e para cá, sempre tenho alguém para me ajudar a não perder o foco e com quem tomar um drinque no bar do hotel. Isso mesmo: sou adulta, uma profissional que tem uma vida própria louca e atribulada, mas ainda preciso do colo da mamãe! :)

Não poderia fazer o que eu faço sem meus maravilhosos leitores. Acho que vocês são espetaculares e não tenho palavras para expressar minha gratidão sem parecer uma completa melosa. Sério: a única parte dessa carreira que escolhi que eu conhecia de cabo a rabo era o papel de leitora ávida. Adoro um bom livro, grandes personagens e momentos da história que te fazem parar para pensar. Toda vez que começo a escrever um livro ou a pensar em uma trama, avalio com minha mente de leitora e me pergunto se é algo que eu leria, se é uma história que merece ser contada. Se a resposta é sim, tento contar da melhor maneira possível. Muitos de vocês entraram em contato comigo ou deixaram resenhas incríveis. Isso sempre me emociona, me faz pensar que somos almas gêmeas. Nunca pensei que estaria do outro lado das páginas de um livro. Não tenham dúvida de que todos os leitores são muito valiosos para os escritores. Sem vocês, a gente não existiria. Vocês são demais!!!

Eu não fazia a menor ideia do que era um blog. De verdade. Agora sei que os blogs e os blogueiros são uma grande força, que impulsiona o sucesso boca a boca de um livro. Parece uma coisa muito altruística manter um blog só para dividir seu amor pela leitura e pelos livros com o resto do mundo, só porque se ama ler e ter contato com outros leitores. Trata-se de um espaço em que mentes parecidas podem se encontrar e conspirar. Queria saber da sua existência lá

atrás, quando queria conversar sobre alguns livros, e meus amigos olhavam para mim como se eu fosse uma louca. Não consigo nem pensar em dedicar tempo e energia em algo assim sem ser paga! De qualquer modo, agradeço a todos os blogueiros que contribuíram para os meus meninos fazerem sucesso, por darem um empurrãozinho na série e por quererem ter contato comigo. Sério mesmo. Foi um prazer trabalhar e aprender com vocês. Aqueles que me apoiaram desde o início sabem, e espero que minha gratidão seja evidente. Se não, quero dizer que amo vocês de coração e agradeço tudo o que fizeram por mim.

Por último, mando um salve para a minha matilha. Não importa quanto tempo eu fique na estrada, sentada na frente do computador, se deixo de passear ou de brincar. Eles simplesmente me amam de um jeito infinito. Meu dia fica melhor com eles, que aquecem meu coração. Realmente são minha família peluda.

Pode falar comigo se quiser. Sempre gosto de ouvir meus leitores:

 facebook.com/AuthorJayCrownover

 @JayCrownover

Não deixe de ler os livros anteriores da série!



Na sua pele - Rule

Vol. 1



Notas quentes - Jet

Vol. 2

Sua opinião é muito importante!

Mande um e-mail para
opiniao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo "Assunto".

Conheça-nos melhor em

vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr